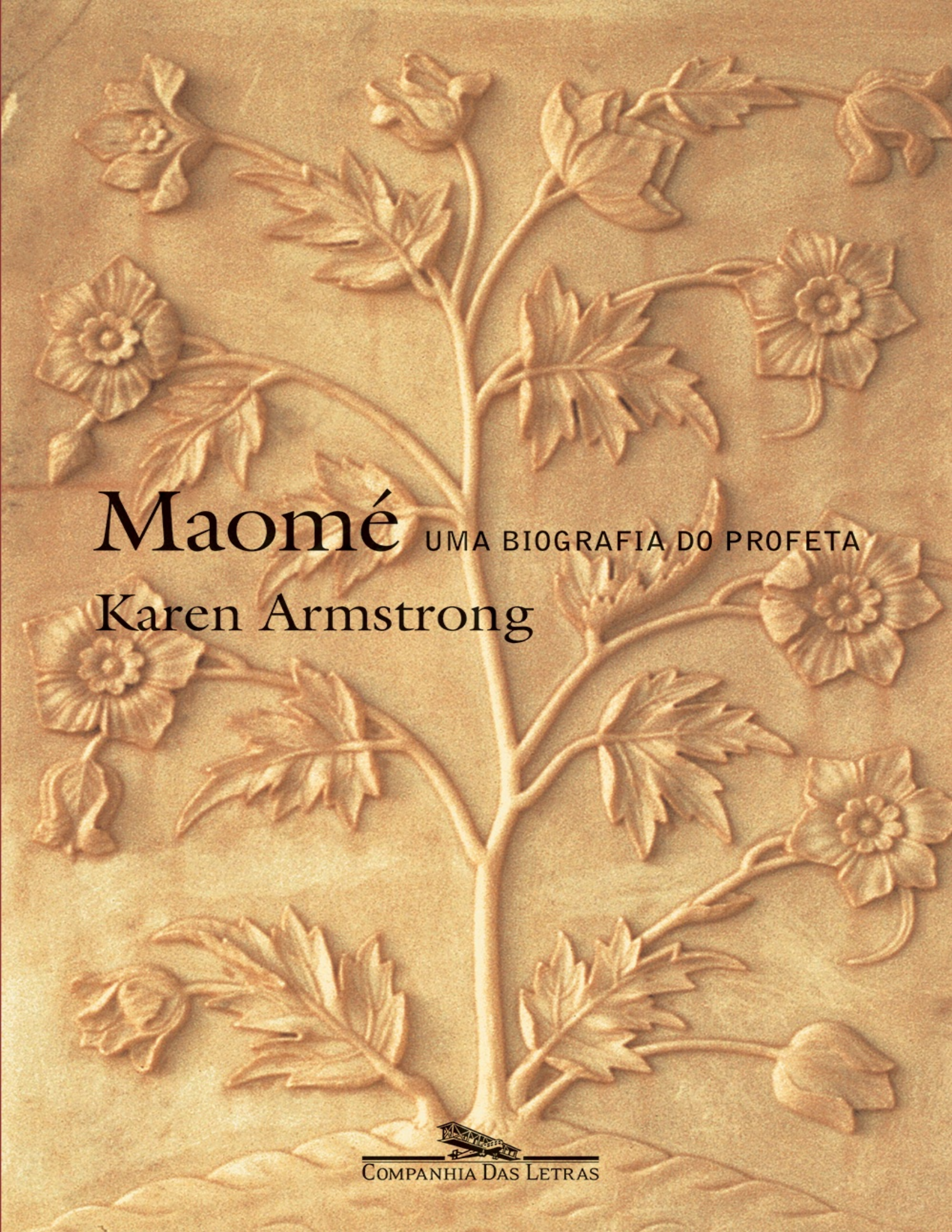


Maomé

UMA BIOGRAFIA DO PROFETA

Karen Armstrong

COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

KAREN ARMSTRONG

Maomé
Uma biografia do profeta

Tradução
Andréia Guerini
Fabiano Seixas Fernandes
Walter Carlos Costa



Sumário

Prefácio à edição de outubro de 2001
Introdução à 1ª edição

1. Maomé, o inimigo
2. Maomé, o homem de al-Llah
3. Jahiliyah
4. Revelação
5. O Guia
6. Os versículos satânicos
7. *Hijra*: um novo lar
8. Guerra Santa
9. Santa Paz
10. A morte do Profeta?

Notas
Bibliografia selecionada
Agradecimentos

Prefácio à edição de outubro de 2001

Escrevi esta biografia de Maomé há pouco mais de dez anos, durante o caso Salman Rushdie. Por muito tempo perturbou-me o preconceito contra o islã, que freqüentemente encontrava mesmo nos círculos mais liberais e tolerantes. Depois dos terríveis acontecimentos do século XX, pareceu-me simplesmente que não podíamos nos dar ao luxo de cultivar uma visão distorcida e imprecisa de uma religião seguida por 1,2 bilhão de muçulmanos, um quinto da população mundial. Quando o aiatolá Khomeini decretou sua famosa *fatwa* contra Rushdie e seus editores, o preconceito do Ocidente se tornou ainda mais patente.

Em 1990, enquanto eu escrevia este livro, ninguém no Reino Unido queria ouvir que, exatamente um mês depois da fatwa, numa reunião do Congresso Islâmico, 44 dos 45 Estados membros condenaram o regime do aiatolá como não-islâmico, deixando o Irã de quarentena. Só poucos ocidentais estavam interessados em ouvir de boa vontade que os xeques da Arábia Saudita, a Terra Santa do islã, e a prestigiosa *madrassa* al-Azhar, no Cairo, também haviam declarado que a *fatwa* violava a lei islâmica. Apenas uma minoria parecia preparada para ouvir de boa vontade os muitos muçulmanos no Reino Unido que, tendo se afastado do aiatolá, não viam motivo para desejar a morte de Rushdie, mas se sentiam profundamente afetados pelo retrato, que consideravam blasfemo, do profeta Maomé em seu romance. A *intelligentsia* ocidental parecia querer acreditar que todo o mundo muçulmano clamava pelo sangue de Rushdie. Alguns dos principais escritores, intelectuais e filósofos da Inglaterra descreveram o islã de uma forma que revelava surpreendente ignorância ou terrível indiferença para com a verdade. Para eles, o

islã era uma religião intrinsecamente intolerante e fanática, que não merecia nenhum respeito; e a suscetibilidade dos muçulmanos, que se sentiam feridos pela imagem de seu querido Profeta apresentada por Rushdie nos *Versos Satânicos*, não tinha importância.

Escrevi o livro porque lamentava que o retrato de Maomé, apresentado por Rushdie, era o único que a maioria dos ocidentais teria possibilidade de ver. Embora eu pudesse entender o que Rushdie tentou fazer no seu romance, pareceu-me importante que a verdadeira história do Profeta também se tornasse acessível, porque ele foi um dos homens mais notáveis que já existiram. Foi muito difícil encontrar um editor, pois muitos pressupunham que os muçulmanos se sentiriam ofendidos por uma infiel como eu ter a ousadia de escrever sobre o Profeta, e que, se publicasse o livro, eu logo teria de me esconder, como Rushdie. Mas no fim fiquei profundamente comovida pela calorosa e generosa acolhida que os muçulmanos deram ao meu livro nestes tempos difíceis. Na verdade, os muçulmanos e muitos islamistas importantes foram as primeiras pessoas a me considerar com seriedade e a acreditar que sou algo mais que uma freira desertora que gosta de criar problemas. Nesses dez anos, parece-me que a islamofobia endêmica do Ocidente começou a ceder. O velho preconceito pode brotar de tempo em tempo, mas cada vez mais as pessoas parecem mais bem preparadas para conceder aos muçulmanos o benefício da dúvida.

Aconteceu, então, o evento desastroso de 11 de setembro de 2001, quando extremistas muçulmanos destruíram o World Trade Center em Nova York e uma ala do Pentágono, matando cerca de 3 mil pessoas. Esse crime terrível pareceu confirmar todas as noções negativas do Ocidente sobre o islã, uma religião fanática, que incentiva os assassínios e o terror. Escrevi este prefácio cerca de um mês após o ataque. Foi um momento estranho. A idéia de que o islã tenha uma perigosa inclinação para a violência ainda está bem viva. Durante as infinitas discussões que se seguiram à tragédia, os críticos do islã não raro citaram fora do contexto as mais violentas passagens do Corão, argumentando que esses versículos poderiam simplesmente inspirar e aprovar o extremismo. Todos eles com freqüência ignoram o fato de que as Escrituras judaicas e cristãs podem ser igualmente belicosas. Na Torá, a parte mais sagrada da Bíblia hebraica, os israelitas são repetidamente conclamados a expulsar os cananeus da Terra Prometida, a destruir os seus

símbolos sagrados, e a não fazer nenhum tipo de acordo com eles. Uma parcela dos fundamentalistas judeus usa esses textos para justificar a violência contra os palestinos e a oposição religiosa ao processo de paz no Oriente Médio. Mas quase todos conhecem bastante bem o judaísmo para saber que essas passagens intransigentes não são totalmente representativas e que usá-las dessa maneira é ilegítimo. Do mesmo modo, Jesus normalmente é apresentado como pacifista, porém nos evangelhos ele com freqüência fala e se comporta com muita agressividade. Numa ocasião, chega mesmo a dizer que não veio para trazer a paz, mas a espada. Contudo ninguém citou esses textos quando os cristãos sérvios massacraram 8 mil muçulmanos em Srebreneca. Ninguém acusou o cristianismo de ser uma religião intrinsecamente perigosa e violenta, pois são muitos os que sabem da complexidade dessa religião para entender que seria muito impróprio fazer tal acusação. Mas a ampla maioria dos ocidentais tem uma compreensão tão insuficiente do islã que não está preparada para julgá-lo de modo justo ou discutir este assunto de forma proveitosa.

No entanto mesmo nestes dias negros, em que por vezes o esforço para promover um entendimento entre os muçulmanos e o Ocidente parece condenado ao fracasso, tem havido momentos luminosos. Primeiramente, fiquei impressionada pela maneira como o presidente George W. Bush e o primeiro-ministro Tony Blair fizeram o possível para deixar claro que os terroristas não representam a rica e complexa tradição do islã; fizeram questão de visitar mesquitas, para tranqüilizar os muçulmanos de que a guerra que estão prestes a desencadear no Afeganistão não é contra o islã, enfatizando que o islã é essencialmente uma religião pacífica. Isso é algo inteiramente novo. Nenhum líder político tinha feito essa distinção no caso Rushdie.

Logo, existe o fato alentador de que muitas pessoas parecem compreender que não podem mais permanecer ignorantes quanto à religião muçulmana. Nos Estados Unidos, o Corão está esgotado nas livrarias; a venda dos livros sobre o islã, inclusive alguns dos meus, aumentou. Mas onde, há doze anos, já muito pouca gente se interessava em conhecer a verdade a respeito da religião muçulmana, parece que após o choque de 11 de setembro ninguém está em condições de ouvir seja o que for sobre o islã, o Corão ou o Profeta. É inegável que há uma violenta reação antimuçulmana em muitos países ocidentais. Homens aparentando ser do Oriente

Médio foram mortos, incluindo um sikh, um cristão copta e, em Londres, um taxista afegão, provavelmente refugiado do Talebã, ficou paralisado do pescoço para baixo. As mulheres têm medo de sair de suas casas usando o *hijab*. Mesquitas foram atacadas. Mas há também uma preocupação generalizada acerca desses acontecimentos terríveis e o propósito de dar-lhes um fim. Tudo isso é positivo e, se as atrocidades de setembro levarem a uma nova compreensão e apreciação do islã no Ocidente, algo positivo pode resultar dessa tragédia.

Foi particularmente assustador para mim que os terroristas acreditassem estar seguindo os passos do profeta Maomé. Osama Bin Laden, o principal suspeito, seguiu uma ideologia fundamentalista baseada na carreira profética de Maomé. De acordo com esse programa fundamentalista, enunciado, primeiro, por Sayyid Qutb, um intelectual egípcio executado pelo presidente Jamal Abd Al Nasser em 1966, a vida do Profeta foi uma epifania, um programa divino, revelado por Deus; o único caminho para criar uma sociedade justa. O profeta Maomé teria lutado contra o que os muçulmanos chamam de *jahiliyah* (literalmente, a Idade da Ignorância), termo usado por eles para descrever a barbárie corrupta da Arábia pré-islâmica. Todas as épocas, segundo Qutb, tiveram sua *jahiliyah*, e os muçulmanos do século XX devem seguir o exemplo do Profeta e extirpar esse demônio da sua região. Primeiramente, devem se retirar do centro da sociedade *jahili* e criar uma vanguarda bem-disposta que um dia possa lutar em defesa dos muçulmanos, exatamente como fez Maomé quando começou a pregar em Meca. Cedo ou tarde, como Maomé, os verdadeiros muçulmanos teriam de se retirar por inteiro da *jahiliyah* e criar uma verdadeira sociedade islâmica, um enclave de fé pura, onde pudessem se preparar para a futura batalha. No último estágio do programa, os muçulmanos podem ser forçados a lutar a *jihad*, a guerra santa, confiantes no sucesso final, tal como Maomé quando conquistou Meca em 630 e unificou a Arábia sob as leis islâmicas.

Bin Laden claramente acredita nessa ideologia. Nas semanas seguintes ao dia 11 de setembro, ele usou com freqüência a terminologia de Qutb, e os seus campos de treinamento podem ser vistos como esses piedosos enclaves onde a sua dedicada vanguarda se preparou para a *jihad*. Os seqüestradores também tinham Maomé em mente quando embarcaram no avião condenado. "Seja otimista", diziam nos documentos supostamente encontrados nas bagagens, "o Profeta sempre foi

otimista."

Mas a própria idéia de que Maomé poderia ter encontrado algo para ser otimista em relação à matança de 11 de setembro é uma aberração, porque, como procuro mostrar nestas páginas, ele gastou parte de sua vida tentando impedir esse tipo de massacre indiscriminado. A própria palavra *islam*, que significa "submissão" existencial de todo o seu ser a Deus, exigida dos muçulmanos, está relacionada a *salam*, "paz". E, mais importante, Maomé de fato renunciou à violência e perseguiu uma ousada e inspirada política de não-violência, digna de Gandhi. Ao imaginar que a guerra santa era a culminação de sua carreira profética, os fundamentalistas distorceram por completo o significado de sua vida. Longe de ser o pai da *jihad*, Maomé foi um pacifista que arriscou a vida e quase perdeu a lealdade dos companheiros mais próximos porque estava decidido a promover a reconciliação com Meca. Em vez de lutar até a morte numa guerra intransigente, estava disposto a negociar e chegar a um acordo. Essa aparente humilhação e capitulação provou, nas palavras do Corão, ter sido uma grande vitória (*fat'h*).

Nós precisamos da história do Profeta nestes tempos perigosos. Não podemos permitir que os extremistas muçulmanos seqüestrem a biografia de Maomé e a distorçam para servir a seus próprios fins. Além disso, existem muitas coisas que podemos aprender com o Profeta sobre como nos conduzir neste mundo completamente mudado. Maomé não tinha programa e nenhum plano claro de ação quando deu início à sua missão. Qualquer plano inevitavelmente se enraizaria no antigo sistema de ataque, retaliação e contra-ataque que, ele sabia, precisava ser superado. Em lugar de elaborar um plano e segui-lo até o fim, Maomé observava com atenção, inteligência e sensibilidade o modo como os acontecimentos se desdobravam, seguia sua lógica interna, via além do que seus contemporâneos viam e agia de acordo. Assim, foi capaz de implementar na Arábia devastada pela guerra uma solução que teria sido inconcebível no começo. Nós também estamos lutando com uma mudança fundamental depois da tragédia de setembro. Também devemos nos dar conta de que não podemos, por exemplo, travar essa nova guerra com as armas e a ideologia da Guerra Fria. Precisamos de soluções novas para essa situação sem precedentes, e podemos aprender muito com a postura do Profeta. Mas, acima de tudo, podemos aprender com Maomé a alcançar a paz. Sua trajetória mostrou que a primeira prioridade é extirpar a avareza, o ódio e o desprezo de

nossos corações e modificar nossa própria sociedade. Somente então será possível construir um mundo seguro e estável, onde as pessoas possam viver em harmonia, respeitando a diferença de cada um.

No Ocidente, nunca fomos capazes de lidar com o islã; nossas idéias sobre essa religião têm sido cruéis, desdenhosas e arrogantes, mas agora aprendemos que não podemos permanecer numa atitude de ignorância e preconceito. No final desta biografia, citei o pesquisador canadense Wilfred Cantwell Smith, cujo trabalho tem sido uma inspiração constante para mim. Em 1956, ele observou que tanto o Ocidente como o mundo islâmico teriam que fazer um esforço maior se não quisessem fracassar no teste do século XX. Os muçulmanos teriam de aceitar a sociedade ocidental e o sucesso ocidental, porque são fatos da vida. Mas os ocidentais também devem aprender "que dividem o planeta não com inferiores, mas com iguais". Enquanto a civilização ocidental e a teologia cristã não puderem "tratar outros homens com um mínimo de respeito, terão, cada um a seu turno, falhado em se conciliar com as novas exigências do século XX". A tragédia do dia 11 de setembro mostrou que, embora alguns progressos tenham sido feitos, todos nós — o Ocidente e o mundo islâmico — falhamos no teste. Se quiserem melhores resultados no século XXI da era cristã, os ocidentais deveriam aprender a compreender os muçulmanos, com quem dividem o planeta. Devem aprender a valorizar e a respeitar sua religião, suas necessidades, angústias e aspirações. E não pode haver melhor ponto de partida para esse processo essencial do que um maior e mais apurado conhecimento da vida do profeta Maomé, cujo gênio e sabedoria podem iluminar estes tempos escuros e assustadores.

Introdução à 1ª edição

Ao nos aproximarmos do final do século XX, a religião, mais uma vez, é uma força a ser levada em conta. Estamos testemunhando uma renovação em larga escala, que pareceria inconcebível para muitos durante os anos 50 e 60, quando os leigos tendiam a pressupor que a religião era uma superstição primitiva, abandonada pelos homens civilizados e racionais. Alguns previram com segurança sua iminente desaparição. A religião era, quando muito, uma atividade marginal e privada, que não mais poderia influenciar os acontecimentos mundiais. Hoje, nos damos conta de que essa era uma falsa profecia. Na União Soviética, depois de décadas de ateísmo oficial, homens e mulheres reivindicam o direito de praticar a sua religião. No Ocidente, pessoas que demonstram escasso interesse por doutrinas convencionais e igrejas institucionais mostram uma nova consciência de espiritualidade e vida interior. De forma talvez mais dramática, uma religiosidade radical, comumente chamada de fundamentalismo, eclodiu na maioria das grandes religiões. É uma forma profundamente política de fé, e alguns o vêem como um grave perigo para o mundo e para a paz social. Os governos o ignoram por sua conta e risco. Mais uma vez, contudo, como aconteceu freqüentemente no passado, uma era de ceticismo é seguida por um período de intenso fervor religioso: a religião parece constituir uma importante necessidade humana, que não pode ser facilmente descartada ou colocada à margem, não importando o quanto nossa sociedade seja racional ou sofisticada. Muitos irão aclamar essa nova era de fé, outros irão deplorá-la, mas nenhum de nós pode desconsiderar a religião como algo irrelevante para os principais acontecimentos de nosso século. O instinto religioso é extremamente poderoso, pode ser usado para o bem e para o mal e, portanto,

devemos entender e examinar cuidadosamente suas manifestações, não somente em nossa própria sociedade, mas também em outras culturas.

Nosso mundo dramaticamente restrito revelou a inevitável conexão de uns com os outros. Não podemos mais pensar em nós mesmos como separados das pessoas de partes distantes do globo e abandoná-las a seus destinos. Temos uma responsabilidade mútua e enfrentamos os mesmos perigos. É possível, agora, fazer um balanço de outras civilizações, o que antes era inimaginável. Pela primeira vez, as pessoas do mundo todo estão encontrando inspiração em mais de uma religião, e muitas adotaram a religião de outra cultura. Assim, o budismo exibe grande expansão no Ocidente, onde o cristianismo outrora reinou soberano. Mas mesmo onde as pessoas permaneceram fiéis à religião de seus pais, elas, às vezes, têm sido influenciadas por outras tradições. Sir Sarvepalli Rudhakrishnan (1888-1975), o grande filósofo e estadista hindu, por exemplo, foi educado no Colégio Cristão de Madras e teve profunda influência sobre o pensamento religioso, tanto no Oriente como no Ocidente. O filósofo judeu Martin Buber (1878-1965), que escreveu sua tese de doutorado sobre dois místicos medievais cristãos, Nicolau de Cusa e Mestre Eckhart, é lido com entusiasmo pelos cristãos e tem influenciado profundamente suas idéias e sua espiritualidade. Os judeus tendem a demonstrar menos interesse por Buber que os cristãos, mas lêem o teólogo protestante Paul Tillich (1886-1965) e o pensador moderno Harvey Cox. As barreiras da distância geográfica, da hostilidade e do medo, que uma vez conservavam as religiões em compartimentos estanques, estão começando a cair.

Embora muito do velho preconceito permaneça, este é um fato que promete. É particularmente alentador, depois de séculos de virulento anti-semitismo cristão, ver estudiosos judeus e cristãos preocupados em chegar a um novo entendimento. Há uma percepção incipiente da profunda unidade da experiência religiosa da humanidade e a compreensão de que a tradição que "nós" antigamente depreciávamos tem algo a nos dizer sobre nossa própria condição e pode revitalizar nossa espiritualidade. A implicação disso pode ser profunda: nunca seremos capazes de ver da mesma maneira a nossa religião e as religiões de outras culturas. O possível resultado disso tem sido comparado à revolução que a ciência provocou na visão do mundo de homens e mulheres em toda parte. Muitas pessoas considerarão essa evolução extremamente ameaçadora e erguerão novas barricadas contra o

"Outro", mas outras já começam a vislumbrar novos horizontes e a perceber que são movidas por ideais religiosos que seus ancestrais teriam rejeitado com desprezo.

Mas uma religião parece estar fora desse círculo de boa vontade e ter conservado uma imagem negativa, ao menos no Ocidente. As pessoas que estão começando a encontrar inspiração no zen ou no taoísmo normalmente não se dispõem a olhar o islã com bons olhos, mesmo sendo a terceira religião de Abraão, e a que tem maior sintonia com nossa própria tradição judaico-cristã. O Ocidente tem longa história de hostilidade contra o islã, que parece tão profunda quanto nosso anti-semitismo, o qual, aliás, tem experimentado, em anos recentes, perturbador renascimento na Europa. Contudo, desde o holocausto nazista, muitas pessoas vêm alimentando um medo saudável a esse velho preconceito. Mas o velho ódio contra o islã continua a crescer dos dois lados do Atlântico, e as pessoas não têm muitos escrúpulos em atacá-lo, embora conheçam pouco sobre ele.

Essa hostilidade é compreensível, já que, desde o surgimento da União Soviética em nosso século, nenhuma ideologia ou entidade política desafiou de forma tão contínua o Ocidente como o islã. Quando o império muçulmano se estabeleceu no século VII, a Europa era uma região atrasada. O islã rapidamente invadiu boa parte do mundo cristão, tanto no Oriente Médio como na África do Norte, cuja grande Igreja tivera crucial importância para a Igreja de Roma. Esse brilhante sucesso era intimidador: teria Deus abandonado os cristãos e conferido seu favoritismo aos infiéis? Mesmo depois de a Europa se recuperar da Idade das Trevas e estabelecer sua grande civilização, permaneceu o velho medo do império muçulmano em constante expansão. A Europa não causava nenhum impressão a essa cultura poderosa e dinâmica: o projeto das cruzadas dos séculos XII e XIII acabou fracassando e, mais tarde, os turcos otomanos trouxeram o islã à sua soleira. Esse medo impossibilitou os cristãos ocidentais de ser racionais ou objetivos em relação à religião muçulmana. Ao mesmo tempo que teciam pavorosas fantasias sobre os judeus, desenvolviam uma imagem distorcida do islã, o que se refletiu nas suas próprias e ocultas ansiedades. Intelectuais ocidentais denunciavam o islamismo como uma religião blasfema e o seu profeta Maomé como o Grande Farsante, que fundou uma violenta religião da espada para conquistar o mundo. "Mahomet" se tornou um bicho-papão para os europeus, usado pelas mães para assustar crianças

desobedientes. Nas peças teatrais é apresentado como o inimigo da civilização ocidental, que lutou com o nosso bravo são Jorge.

Essa imagem inexata do islã se tornou opinião corrente na Europa e continua a afetar nossa percepção do mundo muçulmano. O problema tem se agravado pelo fato de que, pela primeira vez na história do islã, os muçulmanos começaram a cultivar um ódio veemente em relação ao Ocidente. Em parte isso se deve ao comportamento da Europa e dos Estados Unidos no mundo islâmico. É um erro imaginar que o islã é uma religião intrinsecamente violenta ou fanática, como às vezes se sugere. O islã é uma religião universal, e não há nada nele de agressivamente oriental ou antiocidental. Na verdade, quando os muçulmanos descobriram pela primeira vez o Ocidente colonial, durante o século XVIII, muitos ficaram impressionados com a sua moderna civilização e tentaram imitá-lo. Mas, em anos recentes, o entusiasmo inicial deu lugar ao ressentimento amargo. Também devemos lembrar que o fundamentalismo veio à tona em muitas religiões e parece ser uma resposta mundial ao peculiar estilo de vida do final do século XX. Hindus radicais foram para as ruas defender o sistema de castas e se opor aos muçulmanos da Índia; os fundamentalistas judeus fizeram assentamentos ilegais na Margem Ocidental e na faixa de Gaza e juraram expulsar todos os árabes de sua Terra Santa; a Moral Majority [Maioria Moral] de Jerry Falwell e a nova Christian Right [Direita Cristã], que via na União Soviética o Império do Mal, conquistaram um poder assustador nos Estados Unidos durante a década de 1980. É errado, portanto, supor que o extremismo muçulmano é típico do islã. Seria igualmente errado ver no aiatolá Khomeini a encarnação do islã, ou rejeitar a rica e complexa tradição do judaísmo por causa da política imoral do falecido rabino norte-americano Meir Kahane. Se o fundamentalismo parece predominar no mundo muçulmano, isso se deve à explosão populacional. Para dar apenas um exemplo: antes da Segunda Guerra Mundial, havia somente 9 milhões de iranianos; hoje, são 57 milhões, e a sua idade média é dezessete anos. O islã radical, com seu extremismo e soluções maniqueístas, é uma religião de jovens.

Muitos ocidentais não conhecem o suficiente sobre o islã tradicional para avaliar essa nova tensão e colocá-la numa perspectiva correta. Quando os xiitas, no Líbano, seqüestram pessoas em nome do "islã", as pessoas na Europa e na América, naturalmente, sentem repulsa pela religião em si, sem perceber que esse

comportamento viola a importante legislação corânica sobre a manutenção e o tratamento de prisioneiros. Lamentavelmente, a mídia e os jornais populares nem sempre prestam a ajuda de que precisamos. Muito mais cobertura, por exemplo, foi dada aos muçulmanos que clamorosamente sustentaram a *fatwa* do aiatolá Khomeini contra o autor britânico Salman Rushdie do que à maioria que se opôs a isso. As autoridades religiosas da Arábia Saudita e os xeques da prestigiosa mesquita de al-Azhar, no Cairo, condenaram a *fatwa* como ilegal e antiislâmica: a lei muçulmana não permite a um homem ser sentenciado à morte sem julgamento, e a lei muçulmana não tem validade fora do mundo islâmico. Na Conferência Islâmica de março de 1989, 44 dos 45 Estados membros rejeitaram unanimemente a decisão do aiatolá. Mas isso recebeu atenção apenas superficial da imprensa britânica, deixando em muitas pessoas a impressão errada de que todo o mundo islâmico estava clamando pelo sangue de Rushdie. Às vezes, a mídia parece trazer à luz nossos preconceitos tradicionais, como ficou claro durante a crise de petróleo de 1973 e a Opep. O imaginário utilizado em *cartoons*, propagandas e artigos populares enraizava-se no velho medo ocidental de uma conspiração dos muçulmanos para dominar o mundo.

Muitas pessoas acham que a sociedade muçulmana justifica a visão estereotipada que temos dela: a vida parece não valer nada; os governos, às vezes, são corruptos ou tiranos; as mulheres são oprimidas. É normal que se censure esse tipo de conduta no islã. Mas os estudiosos nos alertam para não supervalorizar o papel de nenhuma religião numa dada sociedade, e Marshall G. S. Hodgson, o notável historiador do islã, observa que os aspectos do mundo muçulmano condenados pelo Ocidente são próprios de sociedades pré-modernas: a vida aqui não teria sido muito diferente há trezentos anos. Mas, às vezes, parece haver o claro desejo de responsabilizar a religião em si pelos problemas do mundo islâmico. Assim, as feministas freqüentemente condenam o islã pela prática da circuncisão feminina, embora este seja, em verdade, um costume africano, nunca mencionado no Corão nem prescrito por três das quatro principais escolas jurídicas islâmicas, tendo sido assimilado pela quarta escola na África do Norte, onde já era uma realidade. É tão impossível generalizar sobre o islamismo quanto sobre o cristianismo; em ambos há uma ampla gama de idéias e ideais.

Exemplo claro de visão estereotipada é a suposição generalizada de que a prática

islâmica na Arábia Saudita é a forma mais autêntica de religião. Aparentemente mais arcaica, supõe-se que seja mais semelhante à prática das primeiras comunidades muçulmanas. Já que o Ocidente há tempo vem considerando detestável o regime da Arábia Saudita, tende igualmente a desconsiderar o islã. Mas o wahhabismo é apenas uma seita islâmica. Desenvolveu-se no século XVIII e era parecida com a seita dos puritanos cristãos, que floresceu durante o século XVII na Inglaterra, Holanda e Massachusetts. Tanto os puritanos como os wahhabitas diziam retornar à fé original, mas ambos eram, de fato, um fenômeno completamente novo e uma resposta às condições específicas de seu tempo. Tanto os wahhabitas como os puritanos exerceram importante influência no mundo muçulmano e cristão, respectivamente, mas é um erro considerar as duas seitas como normativas das respectivas religiões. Os movimentos de reforma em qualquer religião tentam retornar ao espírito original do fundador, mas nunca é possível reproduzir completamente as condições iniciais.

Não estou afirmando que o islã seja completamente isento de defeitos. Todas as religiões são instituições humanas e freqüentemente cometem sérios erros. Todas, em algum momento, expressam sua fé de maneira inadequada e, às vezes, abominável. Mas elas também têm sido criativas, possibilitando que milhares de homens e mulheres tenham fé no significado e no valor últimos da vida, apesar do sofrimento de que a carne é herdeira. Dessacralizar o islã e criar-lhe uma categoria à parte, ou aceitar que a sua influência tenha sido total ou predominantemente negativa, seria inexato e injusto. É uma deslealdade para com a tolerância e a compaixão que se supõem características da sociedade ocidental. De fato, o islã compartilha muitos ideais e visões que inspiraram o judaísmo e o cristianismo. Conseqüentemente, isso tem ajudado as pessoas a cultivar valores que fazem parte da nossa própria cultura. A tradição judaico-cristã não tem o monopólio do monoteísmo ou do interesse por justiça, decência, compaixão e respeito à humanidade.

De fato, a interpretação muçulmana da religião monoteísta tem caráter específico e coisas importantes a nos ensinar. Desde que o islã despertou minha atenção, tenho estado mais atenta para isso. Até alguns anos, eu era completamente ignorante sobre essa religião. O primeiro pressentimento que tive de que essa tradição teria algo a me dizer aconteceu durante umas férias em Samarcanda. Lá,

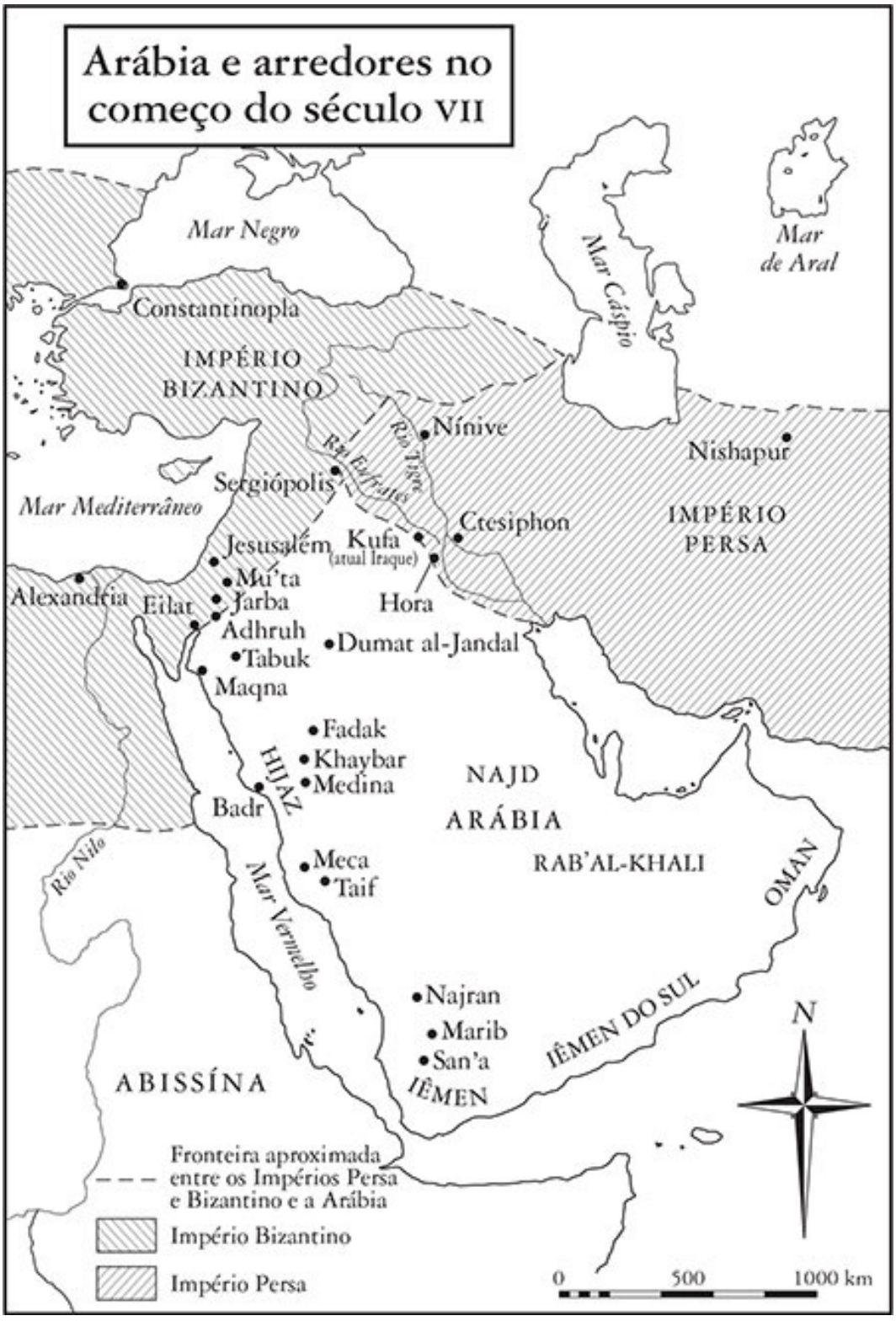
percebi que a arquitetura islâmica expressava uma espiritualidade que repercutia em meu próprio passado católico. Em 1984, tive de fazer um programa de televisão sobre o sufismo, o misticismo do islã, e fiquei particularmente impressionada com a apreciação sufista sobre as outras religiões — uma virtude que nunca encontrei no cristianismo. Isso abalou tudo o que eu supunha saber sobre o islã e quis aprender mais. Finalmente, durante um estudo sobre as cruzadas e o atual conflito no Oriente Médio, deparei-me com a vida de Maomé e o Corão, a Escritura que ele trouxe aos árabes. Já não sou mais crente ou praticante do cristianismo nem pertenço a nenhuma outra religião oficial. Mas ao mesmo tempo que revia minhas idéias sobre o islã, também estava reconsiderando a experiência religiosa em si. Em todas as grandes religiões, videntes e profetas conceberam visões surpreendentemente similares de uma realidade transcendente e suprema. Como quer que optemos por interpretá-la, essa experiência constitui uma realidade. De fato, os budistas negam existir nela algo sobrenatural: é um estado de espírito inerente à humanidade. As religiões monoteístas, contudo, chamam essa transcendência de "Deus". Acredito que Maomé teve tal experiência e deu uma contribuição inconfundível e válida para a experiência espiritual da humanidade. Se quisermos ser justos com nossos vizinhos muçulmanos, devemos considerar esse fato essencial, e foi por isso que escrevi este livro.

Surpreendentemente, existem poucas biografias de Maomé disponíveis ao leitor comum. Sou particularmente grata aos dois volumes de W. Montgomery Watt, *Muhammad at Meca* [Maomé em Meca], e *Muhammad at Medina* [Maomé em Medina] mas são livros para eruditos e pressupõem o conhecimento básico da vida de Maomé, que nem todos têm. *Muhammad: His life based on the earliest sources* [Maomé: sua vida baseada nas primeiras fontes], de Martin Lings, fornece grande quantidade de valiosas informações extraídas dos biógrafos de Maomé dos séculos VIII, IX e X. Mas Lings escreve para os convertidos. Um estranho terá muitas perguntas sobre questões de caráter mais básico, ou controvertidas, que Lings não abordou. A mais atrativa das biografias publicadas atualmente talvez seja *Mohammad*, de Maxime Rodinson. Rodinson usa sua considerável erudição de forma leve, e aprendi muito com esse livro, mas ele escreve como cético e leigo. Concentrando-se nos aspectos políticos e militares da vida do Profeta, realmente não nos ajuda a entender a visão espiritual de Maomé.

Minha abordagem é um tanto diferente. Conhecemos mais acerca de Maomé do que sobre o fundador de qualquer uma das grandes religiões, de modo que um estudo sobre sua vida pode aclarar de forma significativa a natureza da experiência religiosa. Todas as religiões constituem um diálogo entre a realidade inefável e absoluta e os eventos deste mundo. Na carreira profética de Maomé, podemos examinar esse processo mais de perto do que é normalmente possível. Podemos observar que a experiência espiritual de Maomé apresenta notável semelhança com a dos profetas de Israel, santa Teresa de Ávila e Juliana de Norwich. Também usei vários episódios da vida do Profeta para ilustrar os principais pontos da tradição muçulmana. As grandes religiões abordaram os mesmos temas, mas cada uma tem a sua própria visão. Assim, temos de considerar a razão pela qual os muçulmanos vêem a política como uma obrigação religiosa. Maomé conseguiu extraordinário sucesso político, e os cristãos vêem nesse triunfo terreno uma sacralidade questionável. Mas será o fracasso, ao estilo de Cristo, o único caminho para Deus?

Também examinei o Profeta do ponto de vista de uma pessoa com a visão preconcebida sobre o islã. Assim, quando vemos Maomé travando uma guerra contra a cidade de Meca, temos de indagar se ele realmente fundou uma religião da espada. Pode um homem de Deus estar preparado para lutar e matar? Quando consideramos a relação de Maomé com suas esposas e filhas, precisamos averiguar se ele era realmente um machista que fundou uma religião misógina.

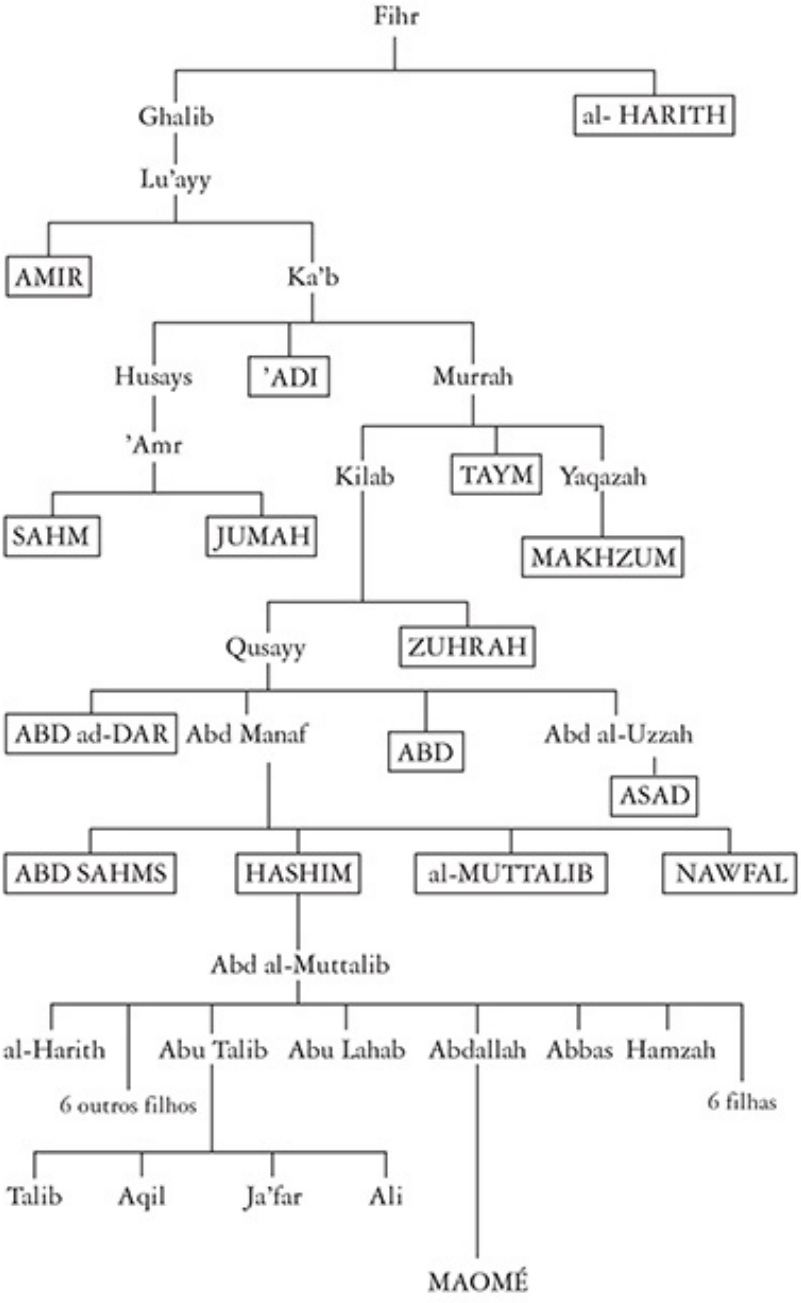
A Guerra do Golfo de 1991 mostrou que, queiramos ou não, estamos profundamente ligados ao mundo muçulmano. Apesar das alianças temporárias, está claro que o Ocidente há tempo perdeu a confiança das pessoas do mundo islâmico. A interrupção na comunicação nunca é culpa de apenas uma das partes, e se o Ocidente deseja recuperar a simpatia e o respeito de que já desfrutou junto ao mundo islâmico é necessário que examine o seu próprio papel no Oriente Médio e considere suas próprias dificuldades em relação ao islã. Essa é a razão pela qual o primeiro capítulo deste livro traça a história do ódio ocidental contra o Profeta do islã. Mas o quadro não é totalmente negro. Desde tempos remotos, alguns europeus foram capazes de elaborar uma visão mais equilibrada. Sempre foram minoria e tiveram seus defeitos, mas essas poucas pessoas tentaram corrigir os erros de seus contemporâneos e elevar-se acima dos lugares-comuns. Seguramente, é essa tradição mais tolerante, compassiva e corajosa que devemos estimular agora.


Arábia e arredores no começo do século VII
Mar Negro
Mar Cáspio
Mar de Aral
Constantinopla
IMPÉRIO BIZANTINO
Nínive
Rio Tigre
Rio Eufrates
Nishapur
Sergiópolis
Mar Mediterrâneo
Ctesiphon
IMPÉRIO PERSA
Jesusalém
Kufa
(atual Iraque)
Mu'ta
Alexandria
Eilat
Jarba
Hora
Adhruh
Dumat al-Jandal
Tabuk
Maqna
Fadak
Khaybar
HIJAZ
Medina
NAJD
Badr
ARÁBIA
Rio Nilo
Meca
RAB'AL-KHALI
Taif
Mar Vermelho
OMAN
Najran
Marib
IÊMEN DO SUL
San'a
ABISSÍNA
IÊMEN
N
Fronteira aproximada entre os Impérios Persa e Bizantino e a Arábia
Império Bizantino
Império Persa
0
500
1000 km

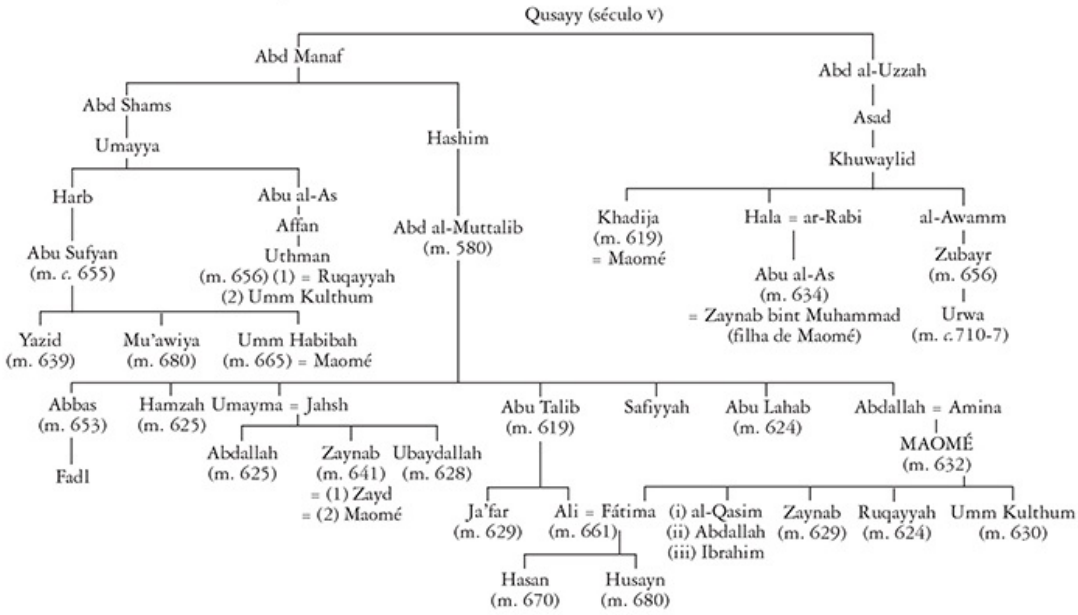

Arábia no começo do século VII
Bostra
SÍRIA
Jerusalém
PALESTINA
Mu'ta
Jarba
Adhruh
Eilat
Dumat al-Jandai
Tabuk
Maqna
N
Fadak
Khaybar
Badr
Medina (Yathrib)
Quba
Poço de Maunah
NAJD
EGITO
Mar Vermelho
Qudayd
Poço de Usfan
Hudaybiya
Nakhlah
Meca
Taif
ABISSÍNIA
0
100
300 km
Linha aproximada da fronteira bizantina
Império Bizantino

A tribo dos coraixitas do Vale, *circa* séculos V e VI

Nomes de fundadores de clãs em maiúsculas



Genealogia da família de Maomé e famílias colaterais



1. Maomé, o inimigo

Tem sido difícil para o Ocidente compreender a violenta reação muçulmana à representação romanceada de Maomé feita por Salman Rushdie nos *Versos satânicos*. Parece inacreditável que um romance possa causar tamanha fúria assassina, reação que tem sido vista como prova da incurável intolerância do islã. Foi particularmente perturbador para as pessoas na Inglaterra descobrir que comunidades muçulmanas, morando em suas próprias cidades, viviam de acordo com valores diferentes e aparentemente estranhos e prontas para defendê-los até a morte. Mas o incidente também trouxe desconfortáveis lembranças do passado ocidental. Terá sido o povo britânico capaz, ao assistir à queima do romance promovida pelos muçulmanos de Bradford, de relacionar o espetáculo às fogueiras de livros que arderam através dos séculos na Europa cristã? Em 1242, o rei Luís IX da França, canonizado pela Igreja Católica Romana, condenou o Talmude como um ataque perverso à pessoa do Cristo. O livro foi banido e teve cópias queimadas em praça pública na presença do rei. Luís não demonstrou nenhum interesse em discutir pacífica e racionalmente suas diferenças com as comunidades judaicas da França. Certa feita, disse que o único modo de argumentar com judeus era matando-os "com um bom furo na barriga, tão fundo quanto o pudesse fazer a espada".[1] Foi Luís quem chamou a primeira Inquisição para julgar os hereges cristãos e queimou não apenas seus livros mas também centenas de homens e mulheres. Além disso, tinha ódio aos muçulmanos e conduziu duas cruzadas contra o mundo islâmico. Nos tempos de Luís não eram os muçulmanos e sim os cristãos que achavam impossível coexistir com os demais. Na verdade, pode-se dizer que a amarga história das relações entre muçulmanos e ocidentais talvez tenha começado

com um ataque a Maomé na Espanha muçulmana.

Em 850, um monge de nome Perfectus foi fazer compras no *souk* de Córdoba, capital do estado muçulmano de al-Andalus. Lá, foi acossado por um grupo de árabes que perguntaram qual era o maior dos profetas, Jesus ou Maomé. Perfectus compreendeu na hora tratar-se de uma pergunta capciosa, pois insultar Maomé era uma ofensa capital no império muçulmano, e, de início, respondeu com cautela. Mas, de repente, ele se alterou e soltou uma torrente de impropérios, chamando o Profeta do islã de charlatão, pervertido sexual e o próprio Anticristo. Foi levado para a prisão imediatamente.

Esse tipo de incidente era pouco comum em Córdoba, onde as relações entre cristãos e muçulmanos eram em geral boas. Como aos judeus, aos cristãos era dada total liberdade religiosa dentro do império islâmico, e a maioria dos espanhóis tinha orgulho de pertencer a uma cultura tão avançada, anos-luz à frente do resto da Europa. Eram comumente chamados moçárabes ou arabizados.

> Os cristãos adoram ler os poemas e as novelas de cavalaria árabes; estudam os teólogos e filósofos árabes, não para os refutar mas para aprender um árabe correto e elegante. Onde está o leigo que agora lê os comentários em latim às Sagradas Escrituras, ou que estuda os Evangelhos, os profetas e os apóstolos? Ah! todos os jovens cristãos de talento lêem e estudam com entusiasmo os livros árabes.[2]

Paulo Álvaro, o leigo espanhol que escreveu, nessa mesma época, esse ataque contra os moçárabes, via o monge Perfectus como um herói da religião e da cultura. Sua denúncia de Maomé inspirara um estranho movimento minoritário em Córdoba, em que homens e mulheres se apresentavam diante do cádi, o juiz islâmico, e provavam sua lealdade cristã por meio de um ataque ácido e suicida contra o Profeta.

Quando chegou à prisão, Perfectus estava profundamente amedrontado, e o cádi decidiu não sentenciá-lo à morte por julgar que ele havia sido injustamente provocado pelos muçulmanos. Mas, poucos dias depois, Perfectus perdeu o controle uma segunda vez e insultou Maomé em termos tão brutais que o cádi não teve escolha senão aplicar a lei em todo o seu rigor. O monge foi executado e, rapidamente, um grupo de cristãos, que aparentemente vivia às margens da sociedade, desmembrou-lhe o corpo e começou a reverenciar relíquias do "mártir". Dias depois, outro monge, chamado Ishaq, se apresentou diante do cádi e atacou o

Profeta e sua religião com tamanha veemência que o cádi, julgando tratar-se de um bêbado ou de um perturbado mental, estapeou-o para que recobrasse o controle. Mas Ishaq insistiu nos insultos e o cádi não pôde continuar a permitir tão flagrante violação da lei.

A Córdoba do século IX não era como a Bradford de 1988. Os muçulmanos eram poderosos e confiantes. Ao que parece, estavam extremamente relutantes quanto a condenar aqueles cristãos fanáticos à morte, em parte por não parecerem em completo controle de suas faculdades mentais, mas também por perceberem que a última coisa de que precisavam era um culto a mártires. Os muçulmanos não eram contrários a ouvir falar de outras religiões. O islã nascera em meio ao pluralismo religioso do Oriente Médio, onde várias religiões coexistiram durante séculos. Da mesma maneira, o império cristão oriental em Bizâncio dava a grupos religiosos minoritários liberdade de culto e de gestão de seus assuntos religiosos. Não havia nenhuma lei no império islâmico contra a pregação cristã, desde que não atacasse a amada figura do profeta Maomé. Em algumas partes do império havia mesmo uma tradição de ceticismo e livre-pensamento, tolerada desde que se mantivesse dentro dos limites da decência e não fosse muito desrespeitosa. Em Córdoba, o cádi e o emir, o príncipe, eram contrários a condenar Perfectus e Ishaq à morte, mas não podiam tolerar esse tipo de infração da lei. Acontece que, dias após a execução de Ishaq, chegaram seis outros monges do mesmo mosteiro e fizeram mais um feroz ataque a Maomé. Naquele verão, aproximadamente cinqüenta mártires morreram por esse motivo. Eles foram denunciados pelo bispo de Córdoba e pelos moçárabes, todos extremamente alarmados com esse culto agressivo ao martírio. Mas os mártires acharam dois defensores: um padre chamado Eulógio e Paulo Álvaro argumentaram que os mártires eram "soldados de Deus" que haviam lutado bravamente por sua fé. Eles tramaram um complexo ataque moral contra o islã, com o qual as autoridades muçulmanas não sabiam ao certo como lidar, pois parecia que os errados eram eles.

Os mártires vinham de todas as camadas sociais: eram homens e mulheres, monges, padres, leigos, gente do povo e refinados intelectuais. Muitos deles pareciam estar à procura de uma clara e inconfundível identidade ocidental. Alguns aparentemente provinham de famílias mistas, de pais muçulmanos e cristãos; outros se viram forçados a uma assimilação muito próxima da cultura muçulmana

— receberam nomes árabes[3] ou haviam sido empurrados para uma carreira na administração pública — e se sentiam desorientados e confusos. A perda das raízes culturais pode ser uma experiência profundamente devastadora e, mesmo nos dias de hoje, pode produzir uma religiosidade agressiva e provocadora como forma de auto-afirmação de um eu sitiado. Talvez devêssemos nos lembrar dos mártires de Córdoba quando nos sentirmos perplexos diante do ódio e da hostilidade presentes em algumas comunidades muçulmanas no Ocidente e em outras partes do mundo onde a cultura ocidental representa uma ameaça aos valores tradicionais. O movimento de mártires comandado por Eulógio e Álvaro se opunha de modo igualmente ferrenho tanto aos moçárabes cristãos como aos muçulmanos, acusando-os de haverem traído sua cultura. Eulógio fez uma visita a Pamplona, nos limites da cristandade, trazendo de lá livros ocidentais: textos em latim dos Padres da Igreja e clássicos da literatura latina de Virgílio e Juvenal. Ele queria resistir à arabização de seus conterrâneos e criar uma renascença latina que olhasse saudosamente para o passado romano de seu país como um modo de neutralizar a influência da cultura muçulmana dominante. O movimento acabou quando o próprio Eulógio foi condenado à morte pelo cádi, que lhe suplicou para fazer uma submissão simbólica ao islã — ninguém iria depois tirar a prova de seu comportamento religioso —, em vez de se entregar a essa "autodestruição deplorável e fatal" como os demais "tolos e idiotas".[4] Eulógio lhe disse apenas que afiasse a espada.

Esse curioso incidente não era comum na Espanha muçulmana. Pelos seiscentos anos seguintes, os membros das três religiões do monoteísmo histórico foram capazes de viver em relativa paz e harmonia: os judeus, que estavam sendo perseguidos e mortos no resto da Europa, encontravam ali condições de desfrutar de uma renascença cultural própria. Mas a história dos mártires de Córdoba revela uma atitude que se tornaria comum no Ocidente. Naquele tempo, o islã era a grande potência mundial, ao passo que a Europa, invadida por tribos bárbaras, passara à periferia cultural. Mais tarde, o mundo inteiro pareceria ter se tornado islâmico, assim como hoje parece ser todo ocidental, e o islã foi um desafio constante para o Ocidente até o século XIX. Agora, tudo leva a crer que a Guerra Fria contra a União Soviética está prestes a ser substituída pela guerra contra o islã.

Eulógio e Álvaro acreditavam que a ascensão do islã era uma preparação para o

advento do Anticristo, o grande impostor descrito no Novo Testamento, cujo reinado anunciaria os Últimos Dias. O autor da segunda Epístola aos tessalonicenses explica que Jesus não retornará até que aconteça a Grande Apostasia: um rebelde estabelecerá seu reinado no Templo de Jerusalém e desencaminhará muitos cristãos com doutrinas sedutoras.[5] O Apocalipse também fala de uma grande Besta, marcada com o misterioso número 666, que, rastejando para fora do abismo, se entronará no monte do Templo e governará o mundo.[6] O islã pareceu se encaixar com perfeição nessas antigas profecias. Os muçulmanos conquistaram Jerusalém em 638, construíram duas esplêndidas mesquitas no monte do Templo e pareciam de fato estar controlando o mundo. Apesar de Maomé ter vivido depois de Cristo, quando não havia mais necessidade de revelações ulteriores, ele se declarara profeta, e muitos cristãos apostataram e se converteram à nova religião. Eulógio e Álvaro possuíam uma breve biografia de Maomé que lhes ensinara que ele havia falecido no ano 666 da era cristã, 38 anos depois do que normalmente se admite. Essa biografia de Maomé, datada do final de século VIII, fora escrita num mosteiro de Leyre próximo a Pamplona, nos confins do mundo cristão, que tremia diante do poderoso gigante islâmico. Além da ameaça política, o sucesso do islã levantava uma perturbadora questão de ordem teológica: como pudera Deus permitir a prosperidade dessa fé profana? Teria abandonado sua própria gente?

As diatribes contra Maomé proferidas pelos mártires de Córdoba foram baseadas nessa biografia apocalíptica. Nessa fantasia inspirada pelo medo, Maomé era um impostor e charlatão que se dissera profeta para enganar o mundo, um libertino que chafurdara em revoltante deboche e inspirara seus companheiros para fazer o mesmo e que forçara as pessoas a se converter à sua religião a fio de espada. O islã, portanto, não era uma revelação independente, e sim uma heresia, uma forma fracassada de cristianismo, a violenta religião da espada que glorificava a guerra e o assassínio. Após a derrocada do movimento dos mártires em Córdoba, algumas pessoas em outras partes da Europa ouviram sua história, mas houve pouca reação. Mesmo assim, mais ou menos 250 anos mais tarde, quando a Europa estava pronta para entrar novamente na cena internacional, as lendas cristãs reproduziriam essa representação fantástica de Maomé com assombrosa fidelidade. Alguns intelectuais sérios procurariam uma visão mais objetiva do Profeta e de sua religião, mas a

imagem ficcional desse "Mahound" persistiu no imaginário popular. Ele se tornou o grande inimigo da identidade ocidental emergente, representando tudo aquilo que "nós" esperávamos não ser. Vestígios dessa antiga fantasia sobrevivem até hoje. Ainda é comum que os ocidentais pressuponham que Maomé simplesmente "usou" a religião para conquistar o mundo ou que o islã é a violenta religião da espada, mesmo havendo muitos estudos sérios e objetivos do islã e de seu Profeta que refutam o mito de Mahound.

Por volta do fim do século XI, a Europa começava a se reerguer sob a orientação do papa e a empurrar para trás as fronteiras do islã. Em 1061 os normandos iniciaram o ataque aos muçulmanos no Sul da Itália e na Sicília, conquistando a região em 1091; os cristãos do Norte da Espanha deflagraram as guerras da Reconquista contra os muçulmanos de al-Andalus e conquistaram Toledo em 1085; em 1095, o papa Urbano II conclamou os cavaleiros da Europa a libertar o Santo Sepulcro em Jerusalém numa expedição que mais tarde ficaria conhecida como a Primeira Cruzada. Em 1099, após anos de dificuldades incríveis, os cruzados conseguiram conquistar Jerusalém e estabelecer as primeiras colônias ocidentais no Oriente Próximo. Esse novo sucesso ocidental tomou a forma de uma guerra generalizada contra o islã, mas, em princípio, ninguém no Ocidente tinha ódio à religião muçulmana ou a seu Profeta. Estavam mais preocupados com seus próprios sonhos de glória e com a expansão da Europa papal. A *Chanson de Roland*, composta durante o período da Primeira Cruzada, demonstra uma ignorância significativa da natureza essencial da fé islâmica. Os inimigos muçulmanos de Carlos Magno e Rolando são retratados como adoradores de ídolos curvando-se perante a trindade dos "deuses" Apolo, Tervagant e Maomé, embora fossem valentes soldados com quem dava gosto lutar. Quando os exércitos da Primeira Cruzada enfrentaram os turcos pela primeira vez na Ásia Menor, também demonstraram profundo respeito e admiração por sua coragem:

> Que homem, não importa quão experiente, se atreveria a descrever as habilidades e as proezas e a coragem dos turcos se pensasse que iriam infligir medo aos francos como fizeram com os árabes, sarracenos, armênios, sírios e gregos, pela ameaça de seus arcos? Contudo, graças a Deus, seus homens jamais serão tão bons quanto os nossos. Eles costumam dizer que são da mesma linhagem dos francos e que nasceram para ser cavaleiros. Isso é verdade e ninguém o pode negar, se ao menos fossem firmes na fé cristã e se dispusessem a aceitar o Deus Uno em três Pessoas [...] não se achariam soldados melhores ou mais valentes ou mais habilidosos; ainda assim, pela Graça de Deus, nossos homens os derrotaram.[7]

Os francos demonstraram camaradagem para com os soldados muçulmanos durante a batalha de Dorylaeum em 1097, mas, dois anos mais tarde, quando os cruzados conquistaram Jerusalém, foram incapazes de reconhecer que os muçulmanos eram gente como eles. Assassinaram os habitantes da cidade a sangue frio, num massacre que chocou muitos de seus contemporâneos. Depois disso, os muçulmanos foram vistos como vermes a ser exterminados dos lugares sagrados: a palavra oficial para designá-los no jargão das Cruzadas era "imundície".

Antes de 1100 não houve praticamente nenhum interesse por Maomé na Europa, mas por volta de 1120 todo mundo sabia quem ele era. Pela mesma época em que se desenvolviam no Ocidente os mitos de Carlos Magno, do rei Artur e de Robin Hood, o mito de Mahound, o inimigo e sombra da cristandade, estava firmemente arraigado no imaginário do Ocidente. Como explica R. W. Southern em sua monografia *Western views of Islam in the Middle Ages* [Visões ocidentais do islã na Idade Média]:

> Não há dúvida de que, no momento de sua formação, acreditava-se que essas fantasias representavam um relato mais ou menos fiel daquilo que se prestavam a descrever. Mas tão logo foram criadas adquiriram uma vida literária própria. Na poesia popular, a figura de Maomé e seus sarracenos mudava muito pouco de geração para geração. Assim como personagens benquistos de ficção, esperava-se deles que apresentassem certas características, e os autores as reproduziram com fidelidade por centenas de anos.[8]

O status fictício de Mahound no Ocidente talvez tenha tornado ainda mais difícil para as pessoas vê-lo como uma figura histórica digna do mesmo respeito que Napoleão ou Alexandre, o Grande. Na representação de Mahound nos *Versos Satânicos*, reverberam ainda os mitos que se estabeleceram no Ocidente.

Para explicar o sucesso de Maomé, as lendas afirmam que era um mágico que simulara falsos "milagres" para ludibriar os crédulos árabes e destruir a Igreja na África e no Oriente Médio. Uma das lendas fala de um touro branco que aterrorizara a população e que finalmente aparecera com o Corão, a Escritura que Maomé trouxera aos árabes, flutuando milagrosamente entre os chifres. Dizia-se também que Maomé treinara uma pomba para bicar ervilhas em suas orelhas de modo a parecer que o Espírito Santo sussurrava-lhe ao ouvido. Suas experiências místicas eram explicadas pela afirmação de que era epiléptico, o que, naqueles tempos, era equivalente a dizer que era possuído por demônios. Sua vida sexual era cuidadosamente escrutinada: acreditavam-no capaz de todas as perversões

conhecidas pelo homem e dizia-se que atraíra fiéis para sua religião ao encorajá-los a sucumbir a seus instintos mais primários. Não havia nada legítimo nos dizeres de Maomé: ele fora um impostor de sangue-frio que ludibriara praticamente todo o seu povo. Aqueles dentre seus seguidores que percebiam as motivações de suas idéias absurdas silenciavam devido a suas próprias ambições. O único modo para os ocidentais explicarem a visão religiosa fascinante e bem-sucedida de Maomé era negar-lhe uma inspiração independente: o islã era uma ruptura com o cristianismo, a heresia das heresias. Dizia-se que um tal Sergius, um monge herege, que fora justamente forçado a abandonar a cristandade, encontrou Maomé na Arábia, onde o instruiu em suas visões distorcidas do cristianismo. Sem a espada, o "maometismo" jamais teria vingado: os muçulmanos ainda eram proibidos de discutir religião livremente no império islâmico. Mas Maomé teve seu devido fim: durante uma de suas possessões demoníacas, foi estraçalhado por uma vara de porcos.

Alguns aspectos dessa fantasia refletem as ansiedades cristãs sobre sua própria identidade emergente. O islã foi estigmatizado como "a religião da espada" durante as cruzadas, uma época em que os próprios cristãos devem ter tido alguma preocupação oculta a respeito de sua religiosidade agressiva e sem nenhuma relação com a mensagem pacifista de Jesus. Numa época em que a Igreja impunha o celibato a seu próprio clero relutante, os surpreendentes relatos da vida sexual de Maomé dizem mais da repressão sexual dos cristãos que da vida do Profeta. Há uma nota evidente de inveja mal escondida na representação do islã como uma religião condescendente e acomodada. Finalmente, foi o Ocidente, e não o islã, que proibiu a discussão de assuntos religiosos. Durante as cruzadas, a Europa parecia obcecada pelo desejo de conformidade intelectual e punia desvios com um zelo até hoje único na história das religiões. A caça às bruxas promovida pelos inquisidores e a perseguição mútua entre protestantes e católicos foram inspiradas em opiniões teológicas abstrusas que tanto o judaísmo como o islã vêem como opcionais e pessoais. Nem o judaísmo nem o islã compartilham com o cristianismo a noção de heresia, que eleva as idéias humanas acerca do divino a um nível intoleravelmente alto e quase faz delas uma forma de idolatria. O período das cruzadas, quando se estabeleceu a figura fictícia de Mahound, foi também uma época de muita tensão e negação na Europa. Isso é claramente expressado pela fobia contra o islã.

Estava se tornando evidente que os cristãos ocidentais não seriam capazes de abrigar diferentes comunidades e ideologias religiosas dentro de seus limites com o mesmo sucesso que os muçulmanos e os bizantinos. A única outra religião estranha em solo europeu era o judaísmo, e as cruzadas começaram sua jornada rumo ao Oriente Médio pelo extermínio das comunidades judaicas ao longo do vale do Reno nos primeiros massacres em massa da Europa. O anti-semitismo, durante o período das cruzadas, se tornaria uma doença européia incurável e, ao mesmo tempo que os cristãos criavam seus mitos sobre Mahound e os sarracenos, alimentavam também fantasias aterradoras sobre os judeus. Dizia-se dos judeus que matavam criancinhas para misturar seu sangue no pão da Páscoa, que profanavam a Eucaristia e que estavam envolvidos numa vasta conspiração para derrubar o cristianismo. Não há nada semelhante a esses mitos no mundo islâmico; eles revelam distúrbios e doenças na psique ocidental. Mas, após as conquistas na Espanha, ao Sul da Itália e na Sicília, havia dezenas de milhares de muçulmanos dentro das fronteiras da cristandade. O único modo de o sistema conseguir lidar com esses estrangeiros era impor uma política oficial de apartheid, proibindo os cristãos de ter qualquer contato com seus vizinhos muçulmanos e judeus. Leis especiais da Igreja associaram os dois grupos como um inimigo comum durante os Concílios de Latrão em 1179 e 1215. Os cristãos estavam proibidos, sob pena de excomunhão e do conseqüente confisco de bens, de se empregar em casas de judeus ou muçulmanos, de tomar conta de suas crianças, de negociar e mesmo de comer com eles. Em 1227 o papa Gregório IX adicionou à lei as seguintes cláusulas: muçulmanos e judeus devem usar roupas inconfundíveis; não devem aparecer em público durante as festividades cristãs nem realizar culto público em países cristãos; os muezins estão proibidos de ofender os ouvidos cristãos conclamando os muçulmanos à oração do modo tradicional.

O papa Clemente V (1305-14) declarou que a presença dos muçulmanos em solo europeu era um insulto a Deus. Os cristãos já haviam começado a lavar essa obscenidade. Em 1301, Carlos de Anjou, rei da França, exterminara os últimos muçulmanos na Sicília e no Sul da Itália, na reserva de Lucera, descrita por ele como "um ninho de pestilência... escurecida pela poluição... a teimosa praga e a suja infecção de Apúlia".[9] Em 1492, o último foco de resistência islâmico na Europa foi destruído quando Fernando e Isabel conquistaram Granada: por toda a Europa,

os sinos das igrejas repicavam em alegria pela vitória cristã sobre os infiéis. Anos mais tarde, aos muçulmanos espanhóis foram dadas duas escolhas: conversão ou deportação. Muitos preferiram deixar a Europa, mas alguns se converteram ao cristianismo, e seus descendentes foram perseguidos pela Inquisição espanhola por mais trezentos anos. O espírito dos mártires de Córdoba tomara o lugar da antiga tolerância e os cristãos espanhóis eram agora assombrados pelo medo de criptomuçulmanos vivendo em seu meio como inimigos ocultos da sociedade.

A atitude doentia do Ocidente com relação ao islã se mostrou muitas vezes de modo esquizofrênico. Assim, o imperador Frederico II, do Santo Império Romano-Germânico, era um islamófilo que se sentia muito mais em casa no mundo muçulmano que na Europa cristã e, no entanto, sistematicamente assassinou e deportou os muçulmanos de sua Sicília natal. Enquanto alguns cristãos carneavam muçulmanos no Oriente Próximo, outros sentavam-se aos pés dos intelectuais muçulmanos na Espanha. Estudiosos cristãos, judeus e moçárabes cooperaram com um vasto projeto de tradução, trazendo o conhecimento do mundo islâmico para o Ocidente e devolvendo à Europa a antiga sabedoria clássica que se perdera durante a Idade das Trevas. Os filósofos muçulmanos Ibn Sina e Ibn Rushd eram aclamados como sumidades culturais, ainda que se tornasse mais cada vez difícil encarar o fato de que eram muçulmanos. O problema é evidenciado na *Divina comédia* de Dante: Ibn Sina e Ibn Rushd (conhecidos na Europa como Avicena e Averróis) estão no Limbo, juntamente com os virtuosos pagãos fundadores da cultura intelectual que eles auxiliaram o Ocidente a adquirir: Euclides, Ptolomeu, Sócrates, Platão e Aristóteles. Mesmo assim, o próprio Maomé está no oitavo círculo do Inferno, com os cismáticos. Lá, ele sofre uma punição particularmente odiosa:

> Nem um tonel, se aduela rebenta,
> fende-se como alguém que vi, rasgado
> desde a garganta até lá onde se venta,
>
> co'as entranhas à vista e, pendurado
> entre as pernas, levando o ascoso saco
> no qual fezes se torna o que é tragado.[10]

Nem mesmo Dante consegue atribuir a Maomé uma visão religiosa independente. Ele não passa de um cismático que se desconectou da fé original. A imaginação

escatológica revela a repulsa que o islã inspirava aos cristãos mas também nos diz da cisão na psique ocidental, que vê o islã como tudo aquilo que o Ocidente não consegue digerir dentro de si mesmo. O ódio e o medo, que são negações absolutas da mensagem de amor de Jesus, também representam profundas feridas na integridade da cristandade ocidental.

Mas houve quem tentasse atingir uma visão mais objetiva. Numa época em que judeus e muçulmanos estavam sendo fundidos pelo imaginário cristão num inimigo comum da civilização, é interessante notar que um dos primeiros retratos positivos de Maomé no Ocidente veio de Pedro Alfonso, um judeu espanhol que se convertera ao cristianismo em 1106 e que então vivia na Inglaterra como o médico de Henrique I. Ele era hostil ao islã mas apresenta-o como uma escolha que uma pessoa não compromissada com a "verdadeira" fé poderia razoavelmente fazer. Por volta de 1120, quando o ódio antiislâmico estava em seu auge, William de Malmesbury foi o primeiro europeu a distinguir o islã do paganismo: "Os sarracenos e os turcos adoram o Deus Criador e veneram Maomé não como Deus, e sim como profeta".[11] Essa é uma visão que muitos ocidentais têm tido dificuldade em aceitar: alguns ainda ficam verdadeiramente surpresos ao ouvir que os muçulmanos adoram o mesmo Deus que os judeus e os cristãos: eles imaginam que "Alá" seja uma divindade completamente diferente, como o Júpiter do panteão romano. Outros pensam que os "maometanos" veneram seu Profeta do mesmo modo que os cristãos a Cristo.

Essa dificuldade em separar fato e ficção é evidente na *História de Carlos Magno* do pseudo-Turpin, escrita um pouco antes de 1150. Essa novela de cavalaria apresenta os sarracenos como idólatras que veneram Maomé juntamente com Apolo e Tervagant, à maneira das *chansons de gestes*. Mas, no decorrer da trama, há um debate entre Rolando e o gigante muçulmano Ferracutus, que reconhece que os muçulmanos adoram o Deus único. Por essa mesma época, o cronista Otto de Freising negou o mito da idolatria muçulmana:

> [...] é sabido que os sarracenos adoram o Deus único e aceitam a lei do Antigo Testamento e o rito da circuncisão. Também não atacam a Cristo ou aos apóstolos. Há apenas um ponto que os afasta da salvação — eles negam que Jesus Cristo seja Deus ou o Filho de Deus e veneram o sedutor Maomé como o grande profeta do Deus supremo.[12]

Em meados do século XII, como se vê, uma visão mais apurada do islã começava a se difundir, mas toda essa objetividade não era suficiente para expurgar os mitos da hostilidade. Fato e ficção viviam tranqüilamente lado a lado e, mesmo quando as pessoas tentavam genuinamente ser justas, o antigo ódio aparecia em algum momento. Maomé ainda é um impostor e um cismático, ainda que Otto tenha proposto uma visão mais racional de sua religião.

A mais importante dentre as tentativas do século XII de encontrar uma visão mais objetiva do islã foi levada a cabo por Pedro, o Venerável, o humano abade de Cluny. Em 1141, ele fez uma excursão pelos mosteiros beneditinos da Espanha cristã e reuniu um grupo de estudiosos cristãos e muçulmanos sob a liderança do inglês Roberto de Ketton para traduzir alguns textos islâmicos, projeto concluído em 1143. Eles realizaram a primeira tradução latina do Corão, uma coleção de lendas muçulmanas, uma história muçulmana do mundo, uma explicação do ensino islâmico e um trabalho polêmico chamado *Apologia de al-Kindi*. Foi um feito notável; pela primeira vez, os ocidentais tinham condições de realizar um estudo sério do islã. Mas muito pouco foi conseguido. Nesse período os cruzados começavam a sofrer grandes derrotas no Oriente Próximo. Havia uma rajada de sentimento antiislâmico, orquestrado por Bernardo, abade de Claraval. Não era a melhor hora para se começar um estudo sério do Corão. Pedro escrevera seu próprio tratado, dirigindo-se aos muçulmanos de forma gentil e afetuosa: "Eu me aproximo de vocês não como em geral fazem os homens, com espadas, mas com palavras; não com a força mas com a razão, não com ódio mas com amor... Eu os amo, e é amando que escrevo a vocês, e é escrevendo a vocês que os convido à salvação".[13] O tratado se chamava *Resumo das heresias da diabólica seita dos sarracenos*. Muito poucos muçulmanos, mesmo que fossem capazes de ler o texto em latim do abade de Cluny, achariam essa abordagem simpática. Mesmo o gentil abade, que em outras ocasiões demonstrara sua oposição ao fanatismo de seu tempo, mostrava por vezes sinais da mentalidade esquizofrênica da Europa quando o assunto era o islã. Quando o rei Luís VII da França comandou a Segunda Cruzada para o Oriente Médio em 1147, Pedro escreveu-lhe dizendo que esperava que matasse tantos muçulmanos quanto Moisés (*sic*) e Josué mataram amoritas e cananeus.[14]

No início do século XIII, outro cristão piedoso fez uma tentativa de se comunicar

com o mundo muçulmano no contexto das cruzadas. Durante uma calmaria na desastrosa Quinta Cruzada (1218-9), Francisco de Assis apareceu no acampamento cristão junto ao delta do Nilo, atravessou as fronteiras inimigas e pediu para ser levado ao sultão al-Kamil. Diz-se que passou três dias com ele, explanando a mensagem dos Evangelhos e insistindo que al-Kamil se tornasse cristão. Como não insultara a memória do profeta Maomé, os muçulmanos estavam dispostos a ouvi-lo e, ao que tudo indica, ficaram impressionados com aquele camarada esfarrapado e sujo. Quando partiu, al-Kamil lhe disse: "Reze por mim, para que Deus se disponha a me mostrar qual lei e qual fé lhe são mais aprazíveis". Francisco foi enviado de volta para o acampamento cristão "com todo o respeito e em completa segurança".[15]

Mas, antes de retornar ao leste, Francisco de Assis enviara um grupo de frades menores para pregar aos muçulmanos na Espanha e na África, e estes abordaram o islã com espírito bem diferente. Chegando a Sevilha, recorreram às técnicas dos monges de Córdoba. Primeiramente, tentaram invadir a mesquita durante as preces de sexta-feira e, ao serem afastados, começaram a insultar aos gritos o profeta Maomé diante do palácio do emir. Não havia nenhum traço de amor ou compaixão nos apelos feitos aos sarracenos nessa primeira empreitada missionária ao islã. Os franciscanos não estavam interessados em convertê-los, mas sim em usá-los para obter as glórias do martírio. Eles passaram a gritar tão alto que as autoridades, bastante constrangidas pelo incidente, se viram forçadas a prendê-los e, para evitar escândalos, transferiam-nos constantemente de uma prisão para outra. Estavam relutantes em aplicar a pena de morte, mas os cristãos moçárabes temiam que aqueles fanáticos pusessem em risco sua própria posição e então pediram às autoridades que se livrassem deles. Os franciscanos acabaram sendo deportados para Ceuta, no Marrocos, e, ao chegarem, foram direto para a mesquita, e mais uma vez vociferaram contra Maomé enquanto as pessoas se reuniam para as preces de sexta-feira. Enfim as autoridades foram forçadas a executá-los. Quando Francisco de Assis foi informado disso, acredita-se que tenha exclamado com alegria: "Agora sei que tenho cinco frades menores".[16]

Ao que parece, essa se tornou uma atitude característica dos monges franciscanos. Em 1227, outro grupo foi executado em Ceuta; eles escreveram para casa dizendo que o principal objetivo daquela missão era "a morte e a condenação

dos infiéis".[17] Outros se dirigiram à Terra Santa. James de Vitry, bispo de Acre, que não aprovava os métodos empregados, explicava:

> Os sarracenos ouvem com atenção aos frades menores quando estes falam da fé cristã e dos ensinamentos contidos nos Evangelhos. Mas quando suas palavras contradizem abertamente a Maomé, a quem chamam em seus sermões de um pérfido mentiroso, eles os atacam sem respeito e, se Deus não os protege de forma maravilhosa, quase os assassinam, e os expulsam de suas cidades.[18]

Assim, durante a Idade Média, mesmo quando as pessoas tentavam ser justas e objetivas ou se aproximavam do mundo muçulmano levando a mensagem cristã, a hostilidade vinha à tona, às vezes de forma violenta. Ao final do século XIII, o estudioso dominicano Riccoldo da Monte Croce viajou por países muçulmanos e ficou impressionado com a natureza da devoção muçulmana: os cristãos deveriam se envergonhar diante dos muçulmanos, escreveu. Mas quando retornou para escrever a *Disputatio contra Saracenos et Alchoranum*, simplesmente repetiu os antigos mitos. A imagem ocidental do islã começava a ter uma autoridade mais forte que qualquer contato real com os muçulmanos, não importa quão positivo. Durante a época das cruzadas, o Ocidente encontrou sua identidade. A maioria de nossas paixões e entusiasmos característicos pode ser retraçada até esse período. Como assinala Umberto Eco em seu ensaio *Sonhando com a Idade Média*:

> De fato, tanto americanos como europeus são herdeiros do legado ocidental e todos os problemas do Ocidente vêm da Idade Média: as línguas modernas, as cidades mercantis e o capitalismo econômico (juntamente com seus bancos, cheques e a *prime rate*) são invenções da sociedade medieval. Na Idade Média, testemunhamos a criação dos exércitos modernos, do conceito moderno de Estado-nação, assim como do ideal sobrenatural de federação (sob a bandeira de imperador germânico eleito pela Dieta que funcionava como uma convenção eleitoral); a luta entre ricos e pobres, o conceito de heresia ou desvio ideológico e mesmo nossa noção contemporânea de amor como uma felicidade infeliz e devastadora. Poderia acrescentar ainda o conflito entre Igreja e Estado, os sindicatos trabalhistas (embora num modo corporativo) e a transformação tecnológica do trabalho.[19]

Ele também poderia ter acrescentado: os problemas com o islã. Após a Idade Média, o Ocidente daria continuidade a muitas das mitologias medievais. Muito mais tentativas foram feitas no sentido de ganhar uma posição mais positiva e objetiva, mas, lado a lado com o consenso crescente entre os intelectuais de que o islã e seu Profeta não eram o monstruoso fenômeno que se imaginava, prosseguia o tradicional preconceito.

A visão apocalíptica do islã promovida pelos mártires de Córdoba continuou durante o período das cruzadas, embora não em grandes proporções. Em 1191, quando Ricardo Coração de Leão viajava para a Terra Santa com a Terceira Cruzada, encontrou o aclamado místico italiano Joaquim de Fiori em Messina, na Sicília. Joaquim disse a Ricardo que ele com certeza derrotaria Saladino. Estava errado, mas fez algumas outras observações interessantes. Ele acreditava que o fim do mundo estava próximo e que o islã ressurgente era um dos principais instrumentos do Anticristo, mas acrescentou que o Anticristo em pessoa já vivia em Roma e estava destinado a se tornar papa. Quando na Europa as pessoas se tornaram mais críticas em relação a sua própria sociedade, o islã passou a ser associado ao inimigo interno. Os reformadores fizeram a mesma identificação entre o papado sem fé (seu arquiinimigo) e o islã. Dessa forma, nos últimos escritos do reformador inglês do século XIV John Wycliffe, as principais culpas do islã eram as mesmas da Igreja ocidental de então: orgulho, ganância, violência e um desejo ardente de poder e posse. "Nós, os Maomés do Ocidente", escreveu, referindo-se à Igreja ocidental como um todo, "embora sejamos uns poucos no corpo da Igreja, pensamos que o todo será controlado por nossos julgamentos e deverá tremer diante de nosso comando."[20] Até que a Igreja retornasse ao verdadeiro espírito dos Evangelhos e à pobreza neles prescrita, esse espírito "islâmico" cresceria no Oriente e no Ocidente. Essa é uma variação sutil do antigo hábito de fazer do islã e de seu Profeta o oposto de tudo aquilo que "nós" esperávamos (ou temíamos) ser.

Wycliffe acreditou em muita informação não confiável, mas leu o Corão traduzido e pensou haver encontrado os pontos de comparação entre Maomé e a Igreja Romana. Como a Igreja, argumentou, Maomé fora muito desrespeitoso para com a Bíblia, aproveitando dela o que lhe servia e jogando fora o resto. Como as ordens religiosas, Maomé fizera inovações que impunham fardos extras aos fiéis. Acima de tudo, como a Igreja, Maomé proibira qualquer discussão livre sobre religião. Wycliffe lera o antigo preconceito em algumas passagens do Corão, que não condena a discussão religiosa *per se* mas indica que certos tipos de discussão teológica foram divisionistas em ambas as religiões anteriores do Deus único, separando-as em seitas hostis. Algumas idéias a respeito de Deus não passam de especulação: ninguém, por exemplo, pode provar a doutrina da encarnação, que parecia a Maomé haver sido adicionada por alguns cristãos à mensagem original do

profeta Jesus. Wycliffe, contudo, comparou a assim chamada intolerância islâmica à atitude da Igreja em relação a doutrinas problemáticas como a da Eucaristia, que dizia aos cristãos que acreditassem cegamente em coisas que não conseguiam entender.

Lutero e os demais protestantes da Reforma deram continuidade a esse hábito. No fim da vida, confrontado pelas atemorizantes invasões dos turcos otomanos na Europa, Lutero participou do pesadelo dos mártires de Córdoba e acreditou que o cristianismo pudesse ser completamente tragado pelo islã. Em 1542, publicou sua tradução da *Disputatio* de Riccoldo da Monte Croce. No prefácio, menciona que a lera anos atrás, mas achara impossível aceitar que as pessoas acreditassem em semelhante teia de mentiras. Era seu desejo ler o Corão mas não conseguira encontrar uma tradução para o latim — como aponta R. W. Southern, esse é um claro indício do baixo nível dos estudos islâmicos no século XVI —, até que finalmente uma cópia chegou a suas mãos e então percebeu que Riccoldo dissera a verdade. Ele se perguntava se Maomé e os muçulmanos seriam de fato o Anticristo e respondera que o islã era muito grosseiro para cumprir tão terrível destino. Os verdadeiros inimigos eram o papa e a Igreja Católica e, enquanto a Europa ainda se apegasse a esse inimigo interno, estaria vulnerável ao perigo da derrota nas mãos dos "maometanos". Zwinglio e alguns dos outros reformadores desenvolveram idéias semelhantes, vendo Roma como a "cabeça" do Anticristo e o "maometismo" como seu corpo. As idéias dos protestantes nos mostram que o islã havia sido interiorizado por muitos na Europa e se tornado o símbolo do mal absoluto no panorama emocional. Como explica Norman Daniel em seu arguto estudo *The Arabs and Medieval Europe* [Os árabes e a Europa medieval], o islã não era mais uma realidade exterior histórica que pudesse ser criticamente examinada. Os reformadores "introduziram a idéia do islã como um estado interior que pode ser atribuído aos inimigos da doutrina pura (qualquer que seja ela). Com efeito, ao fazê-lo, admitiram a interiorização do islã como o 'inimigo' (indiferenciado) que fora durante tanto tempo na imaginação européia".[21] Daniel nos dá exemplos de católicos e protestantes que comparam seus oponentes com o islã, mas sem muita compreensão do que a comparação acarretava. O missionário católico do século XVII M. Lefebvre via os muçulmanos como "protestantes maometanos" que acreditavam na justificação pela fé: "Eles têm esperança na remissão dos pecados,

desde que creiam em Mahomet". Mas o escritor viajante protestante do século XVIII L. Rauwolff via os muçulmanos como "católicos maometanos": "Eles seguem sua própria e inventada devoção às boas obras, às esmolas, às orações, ao jejum, à redenção de cativos etc. para satisfazer a Deus".[22] Na Idade Média, os cristãos só foram capazes de ver o islã como uma versão fracassada do cristianismo e criaram mitos para demonstrar que Maomé fora instruído por um herege. Mais tarde, à luz das recentes divisões da cristandade, os ocidentais continuaram a ver Maomé e sua religião em termos essencialmente cristãos; não pareciam se preocupar com a verdade histórica nem lhes passou pela cabeça que os muçulmanos tivessem interesses próprios que não poderiam ser adequadamente definidos ao se fazer referência às práticas cristãs.

Mas durante o Renascimento outros ocidentais tentaram chegar a uma compreensão mais objetiva do mundo islâmico. Eles deram continuidade à tradição e às aspirações de Pedro, o Venerável, retomadas no século XV por intelectuais como João de Segóvia e Nicolau de Cusa. Em 1453, logo após a conquista do império cristão de Bizâncio pelos turcos, trazendo o islã à soleira da Europa, João de Segóvia apontava para o fato de que uma nova forma de se lidar com a ameaça islâmica teria de ser encontrada, porque jamais seria derrotada pela guerra ou pela ação missionária convencional. Ele começou a trabalhar numa nova tradução do Corão em colaboração com um jurista muçulmano de Salamanca e também propôs uma conferência internacional na qual poderia haver troca de idéias entre muçulmanos e cristãos. João morreu em 1458, antes que qualquer de seus projetos fosse completado, mas seu amigo Nicolau de Cusa se entusiasmara com a nova abordagem. Em 1460, escreveu o *Cribratio Alchoran* [A depuração do Corão], não conduzido pela abordagem tradicional e polêmica, mas pelo sistemático exame literário, histórico e filológico do texto que João de Segóvia considerara essencial. Durante o Renascimento, os estudos árabes foram instituídos, e essa abordagem cosmopolita e enciclopédica conduziu os estudiosos à avaliação mais realista do mundo muçulmano e ao abandono das atitudes típicas das cruzadas. Mas, como na Idade Média, a crescente apreciação dos fatos não bastava para neutralizar as antigas imagens de ódio, que tinham enorme poder sobre o imaginário ocidental.

Podemos ver isso claramente em 1697, quando, no início do Iluminismo, dois trabalhos fundamentais foram publicados. O primeiro é a *Bibliothèque orientale* de

Barthélmy d'Herbelot, a mais importante e confiável referência aos estudos islâmicos e orientais na Inglaterra e na Europa até o começo do século XIX. Foi descrita como a primeira *Enciclopédia do islã*. D'Herbelot fez uso de fontes árabes, turcas e persas e se esforçou no sentido de realmente ampliar a limitada abordagem cristã, publicando, por exemplo, relatos alternativos dos mitos da criação correntes no Oriente. Essa abordagem só podia ser positiva e dava sinal de uma atitude mais saudável. Mas, no verbete "Mahomet", encontramos uma informação tristemente familiar:

> É o famoso impostor Mahomet, Autor e Fundador de uma heresia a que se deu o nome de religião e a que chamamos Maometana. *Ver* Islã.
>
> Os intérpretes do Corão e outros Doutores da Lei Muçulmana ou Maometana atribuíram a esse falso profeta todos os elogios que os Arianos, Paulicianos ou Paulianistas e outros Heréticos atribuíram a Jesus Cristo, privando-o [contudo] de sua Divindade [...][23]

Mesmo sabendo o verdadeiro nome da religião, d'Herbelot continuou a chamá-la "maometana", por ser o nome que "nós" usamos; de modo semelhante, o mundo cristão ainda não conseguia ver o Profeta como algo mais que uma versão inferior do "nós".

No mesmo ano, o orientalista inglês Humphry Prideaux publicou seu importante *Mahomet: The true nature of imposture* [Maomé: a verdadeira natureza da impostura]. Basta o título para ver que ele havia assimilado o antigo preconceito medieval — de fato, cita Riccoldo da Monte Croce como sua principal referência —, mesmo afirmando haver alcançado uma visão mais racional e esclarecida da religião que a possível na ignorante e supersticiosa Idade Média. Homem racional que era, Prideaux argumentava que o islã era mera imitação do cristianismo e um bom exemplo do tipo de idiotice a que todas as religiões, o cristianismo incluído, estavam sujeitas se não se ancorassem firmemente na rocha da razão. A Idade da Razão teria, supõe-se, libertado as pessoas do debilitante preconceito do tempo das cruzadas, mas Prideaux repete todas as obsessões irracionais do passado. Ele escreveu sobre Maomé:

> Na primeira parte da vida ele seguiu pelos caminhos da perversidade e da libertinagem, deleitando-se no roubo, na pilhagem e no derramamento de sangue, segundo os costumes dos *árabes*, que em sua maioria seguiam esse estilo de vida, estando continuamente em guerra tribo contra tribo, para roubar e tirar umas das outras tanto quanto pudessem...

> Suas maiores paixões eram a *ambição* e a *luxúria*. O caminho que seguiu para formar o Império dá testemunho da primeira; a infinidade de mulheres com que se relacionou, da segunda. De fato, elas perpassam a estrutura de sua *religião*, não havendo praticamente nenhum capítulo em seu *Corão* que não traga alguma Lei de Guerra e do Derramamento de Sangue para garantir a primeira; ou então que conceda liberdades para o usufruto das mulheres neste ou no outro mundo, para a satisfação da segunda.[24]

Mas durante o século XVIII as pessoas tentaram promover uma visão mais apurada do islã. Assim, em 1708, Simon Ockley publicou o primeiro volume de sua *History of the saracens* [História dos sarracenos], desapontando muitos de seus leitores por não apresentar o islã como a religião da espada, tentando, ao contrário, ver a *jihad* do século VII do ponto de vista muçulmano. Em 1743, George Sale publicou sua notável tradução inglesa do Corão, até hoje vista como correta, ainda que um tanto insípida. Em 1751, Voltaire publicou *Les mœurs et l'esprit des nations* [Os costumes e o espírito das nações], no qual defendeu Maomé como profundo pensador político e fundador de uma religião racional e ressaltou o fato de a comunidade muçulmana ter sido sempre mais tolerante que a cristã. O orientalista holandês Johann Jakob Reiske (m. 1774) foi um incomparável estudioso de árabe capaz de ver a presença do divino na vida de Maomé e na criação do islã (mas era perseguido por alguns de seus colegas por seu trabalho). Durante o século XVIII, difundia-se o mito que apresentava Maomé como um sábio e racional legislador do Iluminismo. Henri, conde de Boulainvilliers, publicou sua *Vie de Mahomed* [Vida de Maomé] (Paris, 1730; Londres, 1731), onde retratava Maomé como um precursor da Idade da Razão. Com isso, Boulainvilliers virou toda a tradição de ponta-cabeça, mas concordava com os medievais que Maomé criara uma religião para conquistar o mundo. Diferentemente do cristianismo, o islã era uma tradição natural, não revelada, e isso era muito admirável. Maomé fora um grande herói militar, como Júlio César e Alexandre, o Grande. Trata-se de mais uma fantasia, pois Maomé certamente não era nenhum deísta, mas é ao menos uma tentativa de ver o Profeta sob uma luz positiva. Ao final do século XVIII, Edward Gibbon, no capítulo 50 de *The decline and fall of the Roman empire* [Declínio e queda do Império Romano], elogiou o sublime monoteísmo do islã e demonstrou que a empresa muçulmana merecia um lugar na história da civilização.

Mas o antigo preconceito estava tão arraigado que muitos desses escritores não podiam resistir à tentação de dar um safanão gratuito no Profeta vez por outra,

demonstrando que a imagem tradicional não estava morta. Assim, Simon Ockley descreveu Maomé como "um homem muito sutil e habilidoso, que conseguia aparentar todas essas boas qualidades, enquanto os princípios de sua alma eram a ambição e a luxúria".[25] George Sale concordou na introdução à sua tradução que "[o Corão] era certamente uma das provas mais convincentes de que o maometismo não passa de uma invenção humana e que deve seu progresso e estabelecimento inteiramente à espada".[26] Ao final de *Les mœurs* [Os costumes], Voltaire conclui sua descrição positiva do islã com a observação de que Maomé fora "visto como um grande homem por todos os que sabiam que era um impostor, e reverenciado como profeta pelos demais".[27] Em 1741, em seu drama *Maomé ou o fanatismo*, Voltaire tirou proveito do preconceito corrente para usar Maomé como exemplo de todos os charlatães que escravizaram seus povos pela religião, usando truques e mentiras: não achando algumas das antigas lendas suficientemente grosseiras, ele, feliz da vida, criou mais algumas. Tampouco Gibbon perdeu muito tempo com Maomé em si, dizendo que ele havia convencido os árabes a segui-lo com as iscas da pilhagem e do sexo. Quanto à crença muçulmana na inspiração divina do Corão, Gibbon declarou com ar de superioridade que era impossível a uma pessoa civilizada acreditar nisso:

> Este argumento tem mais poder sobre o devoto árabe, cuja mente é afeita à fé e ao êxtase, cujo ouvido se encanta com a musicalidade dos sons e cuja ignorância o torna incapaz de comparar as produções do gênio humano. A harmonia e a riqueza do estilo não atingirão, na tradução, o europeu infiel; ele lerá com minuciosa atenção e impaciência a incoerente e interminável rapsódia de fábulas e preceitos e declamações, que raras vezes incitam algum sentimento ou alguma idéia, que ora rasteja na poeira, ora se perde entre as nuvens.[28]

Isso demonstra a nova confiança ocidental. O Ocidente não mais se intimidava diante da ameaça islâmica; ao contrário, ele olha a religião muçulmana com deleitosa condescendência, concluindo que se "nós" não entendemos o Corão então é porque não há o que entender. Em 1841, Thomas Carlyle também desconsideraria com desprezo o Corão em sua palestra sobre Maomé, "The hero as prophet" [O herói como profeta]. Era, contudo, uma justificativa fervorosa de Maomé e a rejeição das velhas fantasias medievais. Quase pela primeira vez na Europa, alguém tentava ver Maomé como um homem genuinamente religioso. Mas o Corão foi condenado como o livro mais maçante do mundo: "Uma

desordem enfadonha e confusa, crua, incôndita, repetitiva, verborrágica, enrolada; resumindo, uma coisa bruta e desordenada de uma estupidez insuportável".[29]

No fim do século XVIII um incidente significativo demonstrou a direção para a qual tendia a nova confiança européia. Em 1798, Napoleão rumou para o Egito, acompanhado por grande número de orientalistas do Institut d'Égypte. Ele pretendia utilizar os novos conhecimentos para subjugar o mundo islâmico e desafiar a hegemonia britânica na Índia. Assim que chegaram, Napoleão despachou os intelectuais na condição de, por assim dizer, batedores, dando a seus oficiais ordens expressas para seguir seus conselhos. Eles, por certo, fizeram seu dever de casa muito bem. Napoleão discursou cinicamente à multidão egípcia em Alexandria: "Nous sommes les vrais musulmans" [Nós somos os verdadeiros muçulmanos]. Fez que trouxessem a seu quartel, e com todas as honras militares, sessenta xeques de al-Azhar, a grande mesquita do Cairo. Cuidadosamente, elogiou o Profeta, discutiu com eles o *Mahomet* de Voltaire e, ao que parece, conseguiu argumentar com os instruídos *ulema*. Ninguém o levou muito a sério como muçulmano, mas sua simpática compreensão do islã abrandou um pouco a hostilidade. A expedição não deu em nada: ele foi derrotado pelos exércitos ingleses e turcos e retornou à Europa.

O século XIX foi caracterizado pelo espírito colonial, que deu aos europeus a crença patológica de serem superiores às demais raças: era sua tarefa redimir os mundos bárbaros da Ásia e da África em uma *mission civilisatrice*. Isso inevitavelmente afetou a visão ocidental do islã, e franceses e ingleses lançavam olhares cobiçosos ao decadente Império Otomano. No apologista cristão francês François René de Chateaubriand, por exemplo, podemos ver o ressurgimento do ideal das cruzadas adaptado às novas circunstâncias. Ele se impressionara com a expedição de Napoleão, vendo-o como um cruzado-peregrino. Os cruzados tentaram levar o cristianismo ao Oriente, argumentou. De todas as religiões, o cristianismo era uma das "mais favoráveis à liberdade", mas, durante a investida das Cruzadas, ela se chocou contra o islã: "Um culto inimigo da civilização, sistematicamente favorável à ignorância, ao despotismo e à escravidão".[30] Nos entusiasmados dias após a Revolução Francesa, o "islã" se tornou mais uma vez o contrário de "nós". Durante a Idade Média, época de mentalidade hierarquizada, alguns críticos do islã acusavam Maomé de dar poder demais a serviçais, tais como

escravos e mulheres. Esse estereótipo agora se invertia, não devido a um mais completo conhecimento do islã, e sim por se encaixar às "nossas" necessidades e servir de contraste contra o qual podíamos medir nosso sucesso.

Em seu best-seller *Viagem de Paris a Jerusalém e de Jerusalém a Paris* (1810-1), Chateaubriand aplica suas fantasias sobre as cruzadas à situação da Palestina. Os árabes, escreveu, "têm um ar de soldados sem líder, de cidadãos sem legislador, de uma família sem pai". Eram um exemplo do "homem civilizado caindo em estado de selvageria".[31] Estavam, portanto, clamando pelo controle do Ocidente, já que para eles era impossível cuidar de seus próprios interesses. No Corão não havia "nenhum princípio civilizatório, nenhum preceito que possa elevar o caráter". Diferentemente do cristianismo, o islã não prega "nem o ódio à tirania nem o amor à liberdade".[32]

O influente filólogo francês Ernest Renan esboçou uma explicação científica dos novos mitos racistas e imperialistas. Argumentava que o hebraico e o árabe eram línguas degradadas, desvios da tradição ariana, que se tornaram irremediavelmente defeituosas. Essas línguas semíticas podem ser estudadas somente como exemplo de evolução interrompida, sem o caráter progressivo dos "nossos" sistemas lingüísticos. Por isso, judeus e árabes são "une combinaison inferiéure de la nature humaine" [uma combinação inferior da natureza humana].

> Tudo na raça semítica faz com que a vejamos como incompleta em virtude de sua simplicidade. Esta raça — se posso usar semelhante analogia — é para a família indo-européia o que o esboço é para a pintura; falta-lhe a variedade, a amplitude, a abundância de vida que é condição da perfectibilidade. Como aqueles indivíduos que possuem tão pouca fecundidade que, após graciosa infância, desenvolvem a mais medíocre virilidade, as nações semíticas tiveram maior desenvolvimento em sua primeira etapa e nunca foram capazes de atingir a verdadeira maturidade.[33]

Novamente judeus e árabes se confundiam numa única imagem que nos proporciona uma elogiosa descrição de "nossas" virtudes. O novo racismo, claro, teve conseqüências desastrosas para toda a comunidade judaica européia. Hitler, incapaz de tolerar a presença de uma raça estranha em puro solo ariano e europeu, baseou-se nos antigos padrões cristãos de ódio para sua cruzada secular contra os judeus.

Não havia mais muçulmanos na Europa, mas, durante o século XIX, os ingleses e os franceses começaram a invadir suas terras. Em 1830, os franceses colonizaram a

Argélia e, em 1839, os ingleses o Aden; dividiram entre eles e tomaram a Tunísia (1881), o Egito (1882), o Sudão (1898) e a Líbia e o Marrocos (1912). Em 1920, mesmo tendo prometido aos povos árabes que teriam a independência após a derrota do Império Turco, a Grã-Bretanha e a França repartiram o Oriente Médio entre si por meio de mandados e protetorados.

Hoje em dia os muçulmanos associam o imperialismo ocidental com o trabalho missionário cristão durante as cruzadas. Não estão errados ao fazê-lo. Quando o general Allenby chegou a Jerusalém em 1917, anunciou que as cruzadas estavam agora completas e, quando os franceses chegaram a Damasco, o comandante marchou até o túmulo de Saladino na Grande Mesquita e gritou: "*Nous revenons, Saladin!*" [Estamos de volta, Saladino!]. O esforço missionário cristão apoiava os colonialistas, tentando minimizar a cultura muçulmana nos países conquistados, e aos grupos cristãos locais, como os maronitas no Líbano, foi dado um papel desproporcional na administração do protetorado. Os colonialistas alegariam estar trazendo o progresso e o conhecimento, mas seus esforços eram modelados pelo desprezo e pela violência. A pacificação da Argélia, por exemplo, levou anos, e qualquer resistência era brutalmente reprimida por reides. O historiador francês contemporâneo M. Baudricourt nos dá uma idéia de como foi um deles:

> Nossos próprios soldados, na volta da expedição sentiam vergonha [...] cerca de 18 mil árvores foram queimadas; mulheres, crianças e velhos foram mortos. As infelizes mulheres excitaram de forma particular a cobiça graças a seu hábito de usar argolas de prata nas orelhas, nas pernas e nos braços. Essas argolas não tinham fechos como os braceletes franceses. Presos aos membros das garotas ainda na infância, não podiam ser retirados quando cresciam. Para tirá-los os soldados costumavam cortá-las na carne, deixando-as vivas e mutiladas.[34]

Os colonialistas davam mostra de seu fundamental desprezo pelo islã. No Egito, lorde Cromer censurou a tentativa do intelectual liberal Muhammad Abduh (m. 1905) de repensar algumas das noções tradicionais do islã. O islã, declarou, não era capaz de se reformar, e os árabes não eram capazes de reformar sua própria sociedade. Como explicou em seu magistral trabalho em dois volumes, *Modern Egypt* [O Egito moderno], os "orientais" eram irremediavelmente infantis e diametralmente opostos a "nós":

> Certa vez Sir Alfred Lyall me disse: "A mente oriental é refratária à exatidão. Todo anglo-indiano deve sempre se lembrar disso". A falta de rigor, que facilmente degenera em falsidade, é na verdade a principal

característica da mente oriental.

O europeu tem o raciocínio aguçado; suas afirmações são desprovidas de qualquer ambigüidade; é um lógico por natureza, mesmo que não tenha estudado lógica; é um cético por natureza e exige provas antes de aceitar qualquer proposição como verdadeira; sua inteligência treinada trabalha como um mecanismo. A mente do oriental, por sua vez, assim como suas pitorescas ruas, carece de simetria. Seu raciocínio é todo desalinhado. Embora os antigos árabes houvessem adquirido em grau um pouco maior a ciência da dialética, seus descendentes são singularmente desprovidos dessa faculdade lógica. São, no mais das vezes, incapazes de extrair as conclusões mais óbvias de premissas simples, cuja verdade admitem.[35]

Mesmo que os intelectuais ocidentais continuassem a buscar uma visão mais objetiva do mundo árabe e muçulmano, a superioridade colonial levava muitos a acreditar que o islã estava aquém de uma atenção mais séria.

Certamente essa atitude ofensiva do Ocidente conseguiu alienar o mundo muçulmano. Hoje, os sentimentos de hostilidade ao Ocidente parecem dominantes no islã, mas a situação é inteiramente nova. O Ocidente pode ter mantido suas fantasias sobre Maomé como inimigo, mas, de fato, a maioria dos muçulmanos não tinha nenhum conhecimento do Ocidente até duzentos anos atrás. As cruzadas foram fundamentais na história da Europa e tiveram influência na formação da identidade ocidental, como demonstrei em outra ocasião.[36] Mas, embora tenham obviamente afetado de maneira profunda a vida dos muçulmanos no Oriente Próximo, seu impacto no resto do mundo islâmico, para quem representaram somente remotos incidentes de fronteira, foi pequeno. No coração do império islâmico, o Irã e o Iraque permaneceram incólumes em relação à agressão do Ocidente medieval. Não o tinham, portanto, no conceito de inimigo. Quando os muçulmanos pensavam no mundo cristão, não pensavam no Ocidente, e sim em Bizâncio; naquele tempo, a Europa ocidental era uma região bárbara e pagã, muito atrás do resto do mundo civilizado.

Mas a Europa recuperou o atraso, e o mundo muçulmano, que estava ocupado com seus próprios problemas, não se deu conta do que estava acontecendo. A expedição de Napoleão ao Egito serviu para abrir os olhos de muitas pessoas atentas no Oriente Próximo, que ficaram muito impressionadas com o comportamento confiante e à vontade dos soldados franceses desse exército pós-revolucionário. Os muçulmanos sempre estiveram prontos a considerar as idéias de outras culturas, e muitos se sentiram atraídos pelo pensamento modernizante e radical do Ocidente. Na virada do século, quase todos os principais intelectuais do

mundo islâmico eram liberais e ocidentalizantes. Esses liberais talvez odiassem o imperialismo, mas imaginavam que os liberais europeus ficariam ao lado deles, opondo-se a pessoas como lorde Cromer. Admiravam a qualidade de vida do Ocidente, que parecia dar grande importância a muitos valores básicos para a tradição islâmica. Nos últimos cinqüenta anos, contudo, perderam a boa-fé. Uma das razões da alienação do mundo muçulmano tem sido a gradual descoberta da hostilidade e do desprezo por seu Profeta e sua religião, tão enraizados na cultura ocidental e que, segundo eles, ainda afetam suas políticas em relação aos países muçulmanos no período pós-colonial.

Como aponta a escritora síria Rana Kabbani em sua *Letter to Christendom* [Carta à cristandade]:

> Será que a consciência ocidental não é seletiva? O Ocidente é simpático aos mujahedin afegãos, sustentados pelo serviço secreto norte-americano, assim como os Contras da Nicarágua, mas não aos militantes muçulmanos que não estão lutando na Guerra Fria mas têm interesses próprios. Enquanto escrevo, palestinos estão morrendo diariamente nos territórios ocupados — aproximadamente seiscentos segundo os últimos cálculos, mais de 30 mil feridos e 20 mil presos sem julgamento [...] E, no entanto, Israel continua sendo uma democracia aos olhos do Ocidente, um posto avançado da civilização ocidental. O que dizer de tamanha parcialidade?[37]

O Ocidente tem de assumir, em alguma medida, a responsabilidade pelo fortalecimento da nova facção radical do islã, que, de modo tenebroso, se aproxima de nossas antigas fantasias. Hoje em dia, muitos muçulmanos rejeitam o Ocidente como ímpio, injusto e decadente. Alguns estudiosos ocidentais, como Maxime Rodinson, Roy Mottahedeh, Nikk R. Keddie e Gilles Kepel, têm tentado entender o novo estado de espírito islâmico. Mas, como sempre, essa busca por uma compreensão mais objetiva e empática da crise atual no mundo muçulmano é preocupação de uma minoria. Outras vozes mais agressivas demonstram pouco interesse em compreender e promovem as formas tradicionais do ódio.

A nova facção radical do islã, contudo, não é simplesmente inspirada no ódio ao Ocidente. Nem se caracteriza como um movimento homogêneo. Os muçulmanos radicais preocupam-se primeiramente em pôr a casa em ordem e abordar o deslocamento cultural que muitos têm sentido nos tempos modernos. É realmente impossível generalizar a respeito do surgimento dessa forma extrema de religião. Não só ela difere de país para país, mas de cidade para cidade e de vila para vila. As

pessoas se sentem desligadas de suas raízes: a cultura ocidental invadiu os interstícios de suas vidas. Mesmo a mobília de suas casas sofreu mudanças significativas e se tornou um sinal de dominação e de perda cultural. Ao se voltar para a religião, muitos estão tentando voltar às raízes e recobrar uma identidade que se encontra profundamente ameaçada. Mas em cada área o tipo de islã é inteiramente diferente e idiossincrático, profundamente afetado por tradições e condições locais não inteiramente religiosas. Em seu clássico *Recognizing Islam, religion and society in the Middle East* [Reconhecendo o islã: religião e sociedade no Oriente Médio], Michael Gilsenan nos diz que as diferenças são tão grandes de uma região para outra que termos como "islã" ou "fundamentalismo" simplesmente não têm serventia para definir os atuais esforços no sentido de articular as experiências das pessoas no Oriente Médio durante o período pós-colonial. O fenômeno é certamente muito mais complexo do que a mídia sugere. Muitos muçulmanos nessa região bem podem ter experimentado mais ou menos o mesmo sentimento de medo e perda de identidade dos mártires de Córdoba, que sentiram que sua cultura e seus valores tradicionais estavam sendo corroídos por uma força estranha.

Nós constantemente produzimos novos estereótipos para expressar nosso enraizado ódio ao islã. Nos anos 70, éramos assombrados pela imagem dos ricos xeques do petróleo; nos anos 80, pelo aiatolá fanático; desde o caso Salman Rushdie, o islã se tornou uma religião que sentencia à morte a criatividade e a liberdade artística. Mas nenhuma dessas imagens reflete a realidade, infinitamente mais complexa. Isso não impede, porém, que as pessoas façam julgamentos violentos e imprecisos. Rana Kabbani cita dois comentários hostis de Fay Weldon e Conor Cruise O'Brien. Em *Sacred cows* [Vacas sagradas], sua contribuição ao debate sobre Rushdie, Weldon escreve:

> O Corão não é alimento para o não-pensamento. Não é um poema em que uma sociedade possa se embasar de forma sensível e segura. Ele fornece armas e força à polícia-do-pensamento — e a polícia-do-pensamento se põe rápido em marcha, e ela assusta [...] Eu o vejo como um texto limitado e limitante quando se trata do que entendo por Deus.[38]

Só o que posso dizer é que esse comentário não coincide com a minha própria experiência ao estudar o Corão e a história do islã. Mas Conor Cruise O'Brien, voltando à tradição que vê qualquer respeito pelo islã como traição cultural, diria

que sou hipócrita. A sociedade muçulmana, escreve, "parece profundamente repulsiva [...] ela parece repulsiva porque é repulsiva [...] Um ocidental que diz admirar a sociedade muçulmana e continue adepto dos valores ocidentais é um hipócrita ou um ignorante ou um pouco dos dois". E conclui: "A sociedade árabe é doente e tem estado doente por um bom tempo. No século passado, o pensador árabe [*sic*] Jamal al-Afghani escreveu: 'Todos os muçulmanos são doentes e sua única cura está no Corão'. Infelizmente, a doença piora ao se tomar o remédio".[39]

Mas nem todos os críticos aderem a essa linha. Muitos estudiosos de nosso século vêm tentando aumentar a compreensão ocidental do islã: Louis Massignon, H. A. R. Gibb, Henri Corbin, Annemarie Schimmel, Marshall G. S. Hodgson e Wilfred Cantwell Smith. Eles seguem os passos de homens como Pedro, o Venerável, e João de Segóvia e vêm usando o conhecimento para desafiar o preconceito de seu tempo. A religião vem por séculos possibilitando aos membros de determinada sociedade a produção séria de conhecimento. Nem sempre as pessoas expressam seus sentimentos religiosos da melhor maneira, mas eles têm ajudado a construir noções de justiça, benevolência, respeito e compaixão, para que possamos construir padrões com os quais medir nosso próprio comportamento. Um estudo sério do islã mostra que por 1400 anos os ideais do Corão contribuíram em grande escala para o bem-estar espiritual dos muçulmanos. Alguns estudiosos, como o destacado intelectual canadense Wilfred Cantwell Smith, chegam mesmo a dizer que "o segmento muçulmano da sociedade humana só pode prosperar se o islã tiver força e vitalidade, se for puro e criativo e sadio".[40] Parte do problema ocidental é ter visto Maomé durante séculos como a antítese do espírito religioso e o inimigo da civilização decente. Talvez devêssemos, contudo, tentar vê-lo como um homem de fé que conseguiu trazer paz e civilização a seu povo.

2. Maomé, o homem de al-Llah

Por volta do ano 610, durante o mês do ramadã, um mercador árabe da cidade de Meca, no Hedjaz, teve uma experiência que, em última instância, transformaria a história do mundo. Todos os anos, Muhammad ibn Abdallah fazia um retiro espiritual com a mulher e a família numa caverna do monte Hira, no vale de Meca. Essa era então uma prática comum na península arábica: Maomé passaria o mês em oração e distribuiria esmolas e comida aos pobres que fossem visitá-lo durante o período sagrado. Do diminuto e escarpado topo da montanha via-se com clareza a próspera cidade de Meca na planície abaixo. Como todos os habitantes de Meca, Maomé tinha grande orgulho de sua cidade, que se tornara um centro financeiro e a aglomeração urbana mais poderosa da Arábia. Os comerciantes de Meca haviam se tornado os árabes mais ricos do Hedjaz e desfrutavam de uma segurança que teria sido impensável duas gerações antes, quando ainda viviam a árdua vida nômade das estepes. Acima de tudo, os habitantes de Meca tinham imenso orgulho da Caaba, o antigo santuário em forma de cubo situado no centro da cidade, que muitos acreditavam ser de fato o templo de al-Llah, o Deus Supremo dos árabes. Era o santuário mais importante da Arábia e, todos os anos, peregrinos de todas as partes da península vinham para a peregrinação do *hajj*. A tribo dos quraysh [coraixitas], tribo de Maomé, fora a responsável pelo sucesso comercial de Meca e sabia que grande parte de seu prestígio junto às demais devia-se ao fato de ter o privilégio de guardar o enorme cubo de granito e de assegurar que sua sacralidade fosse preservada.

Alguns árabes acreditavam que al-Llah, cujo nome quer dizer tão-somente "o Deus", era a mesma divindade adorada por judeus e cristãos.[1] Mas, diferentemente

dos Povos do Livro, como chamavam a essas duas veneráveis religiões, os árabes tinham dolorosa consciência de que ele jamais lhes enviara revelação ou Escritura própria, mesmo seu santuário estando entre eles desde tempos imemoriais. Os árabes que entravam em contato com judeus e cristãos sentiam um agudo senso de inferioridade: era como se Deus os houvesse excluído de seu plano divino. Mas isso mudou na décima sétima noite do ramadã, quando, na caverna da montanha, Maomé foi arrancado de seu sono e se sentiu tomado pela devastadora presença divina. Mais tarde, ele explicaria essa experiência inefável dizendo que um anjo o envolvera num terrível abraço que o fez sentir como se o ar estivesse sendo expelido para fora do corpo. O anjo deu-lhe uma ordem seca: *"iqra!"* — "Recita!". Maomé, em vão, alegou que não sabia recitar; ele não era um *kahin*, um dos profetas extáticos da Arábia. Mas, disse ele, o anjo simplesmente o abraçou de novo até que, quando pensou haver chegado ao limite da resistência, sentiu saírem-lhe boca afora as palavras divinamente inspiradas de uma nova Escritura. A Palavra de Deus falava pela primeira vez em solo árabe, e Deus havia finalmente se revelado aos árabes em sua própria língua. O livro sagrado se chamaria *qu'ran*: a Recitação.

As conseqüências desse estranho evento foram imensas. Quando Maomé começou a pregar a Palavra em Meca, toda a Arábia encontrava-se num estado de desunião crônica. Cada uma das numerosas tribos beduínas da península era uma lei à parte, estando constantemente em guerra contra outros grupos. Para os árabes, a união parecia impossível, e isso significava que eram incapazes de fundar uma comunidade política que lhes permitisse ocupar seu lugar no mundo. O Hedjaz parecia condenado ao barbarismo selvagem e vivia à parte do mundo civilizado. Vinte e três anos depois, quando Maomé morreu, em 8 de junho de 632, havia conseguido reunir praticamente todas as tribos em sua nova comunidade muçulmana. Claro, essa ainda era uma situação precária. Muitos beduínos, Maomé bem o sabia, ainda se apegavam em segredo ao antigo paganismo. Mas, contrariando todas as expectativas, a unidade árabe foi preservada. Maomé tinha grande habilidade política: transformou inteiramente as condições de vida de seu povo, resgatando-o da violência estéril e da desintegração e dando-lhe nova e orgulhosa identidade. Agora, estavam preparados para fundar sua própria cultura, e os ensinamentos de Maomé liberaram tamanha energia que, num prazo de cem anos, o império árabe se estenderia de Gibraltar ao Himalaia.

Se essa façanha política tivesse sido a única conquista de Maomé, ele já teria direito à nossa admiração. Mas seu sucesso dependeu da visão religiosa que trouxe aos árabes e que foi aceita com entusiasmo pelos súditos do império, vindo claramente ao encontro de uma profunda necessidade espiritual. Maomé e os primeiros muçulmanos não obtiveram triunfo fácil, como às vezes se imagina. Eles estavam engajados numa árdua e desesperada luta e, a menos que a religião fosse prioritária para o Profeta e seus companheiros mais próximos, não teriam sobrevivido. Ao longo desses anos de perigo, Maomé acreditou receber inspiração direta de Deus, mas também teve de lançar mão de todos os seus dons inatos. Os muçulmanos tinham consciência do excepcional talento de seu Profeta e de que ele havia mudado o curso da história. Quatro grandes historiadores escreveram sobre sua vida na era clássica do islã. Muhammad ibn Ishaq (m. *c*. 767), Muhammad ibn Sa'd (m. 845), Abu Jafar at-Tabari (m. 923) e Muhammad ibn Ummar al-Waqidi (m. *c*. 820), que se concentrou na campanha militar do Profeta. Estas são referências importantíssimas para qualquer biografia de Maomé, e constantemente farei menção a elas. Esses historiadores não estavam apenas confiando em suas próprias idéias, e sim intentando uma séria reconstrução histórica. Eles incluem documentos antigos em suas narrativas, retraçam tradições orais até suas fontes originais e, mesmo que reverenciassem Maomé como um homem de Deus, não estavam escrevendo hagiografia desprovida de senso crítico. Assim, Tabari registra o agora famoso caso dos versículos satânicos, que aparentemente nos mostra Maomé cometendo um erro. Tanto Ibn Sa'd como Ibn Ishaq incluem tradições e histórias nem sempre elogiosas: particularmente Aisha, esposa de Maomé, era uma mulher bastante franca, e seus afiados comentários a respeito do marido foram escrupulosamente registrados. Nessas biografias, suficientemente confiantes na qualidade de seu objeto para não se darem ao trabalho de encobrir nada com panos quentes, temos um retrato fascinante e realista desse homem extraordinário.

Naturalmente, os primeiros biógrafos não escrevem do mesmo modo que os historiadores ocidentais modernos: eram homens de seu tempo, e não raro incluem histórias de natureza milagrosa que hoje interpretaríamos de forma diferente. Mas estão conscientes da complexidade de seu material e da natureza elusiva da verdade. Veremos mais adiante que o espírito muçulmano é profundamente igualitário. Na arte islâmica, o arabesco, composto por motivos continuamente

repetidos, não dá destaque a nenhum de seus elementos por intermédio da perspectiva ou do relevo. Seu efeito é obtido pelo padrão como um todo e pelo intricado relacionamento que existe entre as partes iguais. Encontramos espírito semelhante em nossos quatro historiadores. Não é de seu feitio promover uma teoria ou interpretação dos eventos à custa de outras. Às vezes, colocam lado a lado duas versões significativamente diferentes sem fazer nenhum esforço no sentido de esclarecer a discrepância. Veremos, por exemplo, que Tabari dá duas versões diferentes da história dos versículos satânicos e que Ibn Ishaq justapõe duas versões mutuamente excludentes da conversão de Umar ibn al-Khattab, sem sequer comentar a aparente contradição. Em cada caso, os historiadores listam suas fontes conscienciosamente, mesmo que sua "corrente" de autoridades (*silsilah*) não satisfaça nossas exigências atuais. Eles fazem o melhor possível para dar peso igual a cada versão dos acontecimentos. Nem sempre concordarão com todas as tradições que citam. Esse fato, por si só, demonstra que, apesar de sua reverência ao Profeta, esses primeiros historiadores tentaram contar sua história de modo tão honesto e verdadeiro quanto lhes foi possível.

Há lacunas em seus relatos. Não sabemos quase nada sobre a vida de Maomé antes que começasse a receber as revelações, aos quarenta anos. Inevitavelmente, surgiram lendas piedosas sobre o nascimento, a infância e a juventude de Maomé e elas foram devidamente registradas, mas não há nada mais sólido para se tomar como base. Também há pouco material sobre o início da carreira profética de Maomé em Meca. Naquele tempo, quando ainda era uma figura relativamente obscura, ninguém achou que valesse a pena escrever sobre sua missão. Mas, durante os dez últimos anos de sua vida, após a emigração para Medina, os muçulmanos tiveram consciência de que a história estava se fazendo diante de seus olhos atônitos e os incidentes são relatados com mais pormenores.

Os historiadores se basearam em tradições orais que foram passadas pelos primeiros companheiros do Profeta às gerações posteriores. No século IX, estudiosos como Muhammad ibn Ismai'il al-Bukhari e Muslim ibn al-Hijjaj al-Qushayri examinaram cuidadosamente a linhagem de cada tradição (*hadith*) para se certificar de sua legitimidade. Qualquer tradição cuja corrente de autoridades não fosse digna de confiança, seja porque continha lacunas preocupantes, seja porque as autoridades tinham reputação religiosa duvidosa, era prontamente descartada da

grande coleção de tradições (*ahadith*), não importando quão edificante ou elogiosa fosse ao Profeta ou aos primeiros muçulmanos. Como veremos, as *ahadith* se tornaram a principal fonte da Shari'ah, a Lei Sagrada islâmica, e a edição das tradições mostra que os muçulmanos foram capazes de adotar um ponto de vista crítico em relação aos primórdios de sua história. Essa objetividade é também evidente no trabalho dos primeiros historiadores, e nem eles nem as gerações posteriores de muçulmanos consideraram todas as tradições preservadas como igualmente válidas ou confiáveis.

Nossa principal fonte de informação é o próprio Corão. Claro, ele não é um relato da vida de Maomé: ele revela antes o Criador que seu mensageiro. Mas, de forma indireta, fornece-nos material inestimável sobre a história da comunidade muçulmana inicial. O Corão é um livro difícil para os ocidentais. Discutirei isso mais adiante, mas talvez seja importante explicar desde já o que é essa Escritura revelada e como devemos encará-la. Maomé disse receber durante 23 anos mensagens diretas de Deus, que foram coletadas e recolhidas num livro que se chamou Corão. O Corão não desceu dos céus de uma vez só, como a Tora, ou a Lei, que, segundo o relato bíblico, foi revelada a Moisés durante um encontro no monte Sinai. O Corão veio a Maomé linha por linha, versículo por versículo, capítulo por capítulo. Algumas vezes, a mensagem trata de uma situação específica em Meca ou Medina. No Corão, Deus parece responder aos críticos de Maomé; Ele explica à comunidade muçulmana o significado verdadeiro de uma batalha ou de um conflito interno. Cada nova mensagem revelada a Maomé (de quem se diz que, como muitos árabes no Hedjaz, era analfabeto) era recitada em voz alta, e os muçulmanos a memorizavam; os que sabiam escrever a escreviam. Os árabes acharam o Corão espantoso: ele não se assemelhava a nenhum tipo de literatura que tivessem visto antes. Alguns, como veremos, converteram-se instantaneamente, acreditando que só a inspiração divina era capaz de responder por aquela linguagem extraordinária. Os que se recusavam a se converter ficavam perplexos e não sabiam ao certo como lidar com aquela revelação perturbadora. Os muçulmanos ainda acham o Corão profundamente comovente. Dizem que, quando o ouvem recitado, sentem-se envolvidos por uma dimensão divina de som, mais ou menos como Maomé, no monte Hira, ao ser abraçado pelo anjo ou, mais tarde, ao ver aquele ser sobrenatural enchendo todas as direções do céu, não

importa para onde olhasse.

Os ocidentais acham isso muito difícil de compreender. Vimos que mesmo homens como Gibbon ou Carlyle, razoavelmente simpáticos ao islã, frustraram-se com o Corão. Claro, isso não é nenhuma surpresa. É sempre difícil apreciar os livros sagrados de outras culturas. Há uma conhecida história sobre turistas japoneses visitando o Ocidente pela primeira vez. Seu inglês era razoavelmente bom e, como sempre gostavam de conhecer algo sobre a religião dos países que visitavam, respeitosamente se sentaram e começaram a ler a Bíblia. Ela os deixou imensamente confusos e, chegando aos Estados Unidos, contaram suas dificuldades a um conhecido estudioso. Realmente haviam se esmerado em ler o livro, explicaram, mas não conseguiam ver nele, palavra de honra, nenhuma religiosidade! O estudioso, bastante surpreso, concordou que, a menos que se abordem as Escrituras num certo estado de espírito, era de fato difícil encontrar algo de religioso ou transcendente nos relatos da vida do antigo povo judeu.

No caso do Corão, há também o problema da tradução. As mais belas passagens de Shakespeare normalmente soam banais em outra língua devido ao fato de que muito pouco de sua poesia pode ser vertido em língua estrangeira; e o árabe é uma língua particularmente difícil de se traduzir. Os árabes acham as traduções de poemas e histórias que apreciam no original árabe irreconhecíveis em outra língua. Há algo no árabe particularmente incomunicável em outra língua: mesmo os discursos dos seus políticos soam pomposos, artificiais e esquisitos numa tradução para o inglês. Se isso é verdade do árabe corrente, do falar cotidiano ou da literatura convencional, é duas vezes mais certo a respeito do Corão, escrito numa linguagem altamente complexa, densa e alusiva. Mesmo árabes que falam fluentemente inglês dizem que, ao ler o Corão em tradução inglesa, sentem-se como se lessem livro completamente diferente. Farei citações constantes do Corão, mas peço ao leitor que não espere se sentir tão encantado quanto os primeiros muçulmanos.

Isso não significa que devemos desconsiderar arrogantemente o Corão. Ele não se presta ao mesmo tipo de leitura que outros livros. Se abordado da maneira correta, dizem os muçulmanos, ele desprende uma sensação de presença divina. É difícil para uma pessoa criada em meio à tradição cristã entender isso, pois os cristãos não têm uma língua sagrada, como o sânscrito, o hebraico e o árabe são sagrados para os hindus, judeus e muçulmanos. É o próprio Jesus, e não o texto das

Escrituras, que constitui a revelação, e não há nada sagrado no grego do Novo Testamento. Os judeus terão maior facilidade em entender a espiritualidade muçulmana, pois reverenciam de modo semelhante a Torá (os primeiros cinco livros daquilo que os cristãos chamam Antigo Testamento). Quando estudam a Torá, os judeus não passam simplesmente os olhos sobre a página para adquirir informação. Eles repetem as palavras em voz alta, saboreando a linguagem que o próprio Deus usou ao se revelar a Moisés, até que as saibam de cor (expressão essa bastante significativa). Freqüentemente, balançam o corpo para a frente e para trás ao recitar, como se impulsionados pelo sopro do espírito de Deus. Obviamente, portanto, ao ler a Torá desse jeito, os judeus vivenciam um livro completamente diferente do dos cristãos, que em geral acham a maior parte do Pentateuco uma coleção extremamente aborrecida de leis obscuras. Os muçulmanos também encontram um senso de *barakah* (bênção) nas sagradas palavras de Deus no Corão. Como a Eucaristia, ele representa a verdadeira presença do divino em nosso meio; nele, Deus se expressou de forma humana. O poder do Corão pode ser atestado pelo fato de que muitos povos no império islâmico abandonaram suas línguas para adotar a língua sagrada do livro sagrado.

Do modo como está organizado, o Corão não apresenta as várias suras na ordem em que foram proferidas por Maomé. Quando a primeira compilação oficial foi feita, por volta de 650, cerca de vinte anos após a morte de Maomé, os editores colocaram as suras mais longas no começo e as mais curtas, que incluem as primeiras reveladas ao Profeta, no final. Isso não é tão arbitrário quanto pode parecer, pois o Corão não apresenta nenhuma narrativa ou argumentação que precise de uma ordem seqüencial. Em vez disso, traz pronunciamentos e reflexões sobre vários temas, como a presença de Deus na natureza, as vidas dos profetas e o Juízo Final. Os ocidentais acham o Corão tedioso e repetitivo por lhes parecer que ele repisa de novo e de novo o mesmo assunto, mas o livro não se destina à leitura solitária, e sim à recitação litúrgica. Quando os muçulmanos ouvem uma sura sendo recitada na mesquita, ela os relembra, de uma só vez, de todos os princípios essenciais de sua fé. Não-muçulmanos, contudo, acharão o Corão uma valiosa fonte de informações sobre Maomé. Mesmo que só tenha sido compilado depois de sua morte, ele pode ser considerado autêntico. Os estudiosos modernos, que foram capazes de datar as suras com considerável exatidão, apontam para o fato de, por

exemplo, as mais antigas se referirem aos problemas que Maomé enfrentou enquanto sua religião ainda era uma pequena seita buscando se firmar, mas foram esquecidas mais tarde, quando o islã se estabeleceu como religião triunfante. No Corão, portanto, encontramos um comentário contemporâneo à carreira de Maomé, único na história das religiões: ele nos possibilita ver as dificuldades particulares com que teve de lidar e como sua visão se desenvolveu para se tornar mais profunda e universal em seus objetivos.

Em contraste, pouco sabemos sobre Jesus. O primeiro escritor cristão foi são Paulo e sua primeira epístola foi divulgada cerca de vinte anos após a morte de Jesus. Paulo, contudo, não tinha interesse na vida terrena de Cristo e se concentrou quase inteiramente no significado de sua morte e ressurreição. Mais tarde, nos Evangelhos, os evangelistas se basearam na tradição oral, que se ateve, mais que Paulo, à vida de Jesus na Palestina e memorizou suas palavras. Marcos, o primeiro evangelista, escreveu cerca de quarenta anos após a morte de Jesus, nos anos 70; Mateus e Lucas escreveram na década de 80 e João por volta do ano 100 d.C. Mas os relatos dos Evangelhos diferem substancialmente das primeiras biografias de Maomé feitas pelos historiadores árabes. Eles se preocupam mais com o significado da vida de Jesus que com os fatos históricos e freqüentemente expressam antes as necessidades, preocupações e crenças das igrejas primitivas que os eventos originais. Os estudiosos do Novo Testamento, por exemplo, assinalam que os relatos da paixão e morte de Jesus contidos nos Evangelhos são irremediavelmente confusos; fatos foram mudados. Os cristãos desse período estavam ansiosos por se dissociar dos judeus e então culparam a eles, e não aos romanos, pela morte de Jesus. Muito poucas das verdadeiras palavras de Cristo foram registradas. Isso, contudo, não significa que os Evangelhos não sejam verdadeiros. Eles expressam uma importante verdade religiosa. Jesus prometeu enviar a seus discípulos seu Espírito, então as inspirações mais profundas em certo sentido viriam dele.

Maomé chega até nós muito diferente da figura idealizada e numinosa do Cristo dos Evangelhos. Os muçulmanos elaboraram uma devoção simbólica a Maomé, como explicarei no capítulo 10, mas jamais afirmaram que ele fosse divino. Na verdade, é uma figura bastante humana em suas primeiras histórias. Também não se parece muito com um santo cristão — apesar de, claro, uma vez que se penetra o véu da hagiografia, mesmo os santos se tornam bastante humanos. Maomé se

parece mais com as coloridas figuras do Antigo Testamento — Moisés, Davi, Salomão, Elias e Isaías —, homens apaixonadamente religiosos mas não exemplares. É um esforço doloroso o de encarnar, nas limitadas e trágicas condições da vida humana, a realidade transcendente e inefável que alguns chamam "Deus". Maomé não é nenhum santo. Ele viveu numa sociedade violenta e perigosa e às vezes adotou métodos que nós, que temos a sorte de viver num mundo mais seguro, acharemos perturbadores. Mas, se deixarmos de lado nossas expectativas cristãs de santidade, encontraremos um ser humano apaixonado e complexo. Maomé tinha grandes dons espirituais e políticos — que nem sempre andam juntos — e estava convencido de que todas as pessoas religiosas têm a responsabilidade de criar uma sociedade justa e boa. Ele podia ficar furioso e ser implacável, mas também sabia ser terno, compassivo, vulnerável e imensamente gentil. Nunca lemos sobre Jesus rindo, mas com freqüência encontramos Maomé sorrindo e brincando com as pessoas que lhe eram próximas. Nós o veremos brincando com crianças, tendo problemas conjugais, chorando copiosamente quando da morte de um amigo e exibindo seu novo bebê feito um pai coruja.

Se pudéssemos ver Maomé como vemos qualquer outra figura histórica importante, certamente o consideraríamos um dos maiores gênios da história da humanidade. Criar uma obra-prima literária, fundar uma das maiores religiões do mundo e uma nova potência mundial não são realizações comuns. Mas, para apreciar seu gênio de maneira plena, devemos examinar a sociedade em que nasceu e as forças com que teve de se defrontar. Ao descer do monte Hira para levar a palavra de Deus aos árabes, Maomé estava prestes a tentar o impossível. Uns poucos árabes na Península inclinavam-se em direção ao monoteísmo, mas ainda não tinham sentido intensamente as implicações da crença num Deus único. Isso não é nenhuma surpresa. Levou séculos para os judeus acreditarem que havia apenas *um* Deus. Os antigos israelitas provavelmente praticavam a monolatria: quer dizer, eles concordaram em adorar somente a Iahweh, mas acreditavam na existência de outros deuses. Mesmo Moisés talvez não tenha sido um monoteísta ferrenho. Os Dez Mandamentos que trouxe a seu povo pressupõem a existência de outros deuses: "Não terás outros deuses diante de mim".* Cerca de setecentos anos se passaram entre o êxodo do Egito sob a liderança de Moisés (*c.* 1250 a.C.) e o inequívoco monoteísmo do profeta usualmente conhecido como Segundo Isaías,

que viveu entre os judeus exilados na Babilônia por volta de 550 a.C. E, no entanto, Maomé se propôs a fazer uma mudança gigantesca que foi alcançada em meros 23 anos! Veremos que os árabes suplicaram-lhe que adotasse uma solução monolátrica e aceitasse o culto a outros deuses, enquanto ele e seus seguidores adoravam somente al-Llah; mas Maomé recusou qualquer acordo.

Proclamar a crença no Deus único não era uma simples anuência de ordem conceitual e cerebral. Exigia uma mudança de consciência. A Bíblia mostra que os antigos israelitas achavam a tentação do paganismo irresistível e, como veremos, os árabes consideravam extremamente dolorosa a possibilidade de perder seus deuses e deusas ancestrais. Talvez não seja surpreendente que tenha sido durante o exílio na Babilônia que os judeus finalmente abandonaram o paganismo. Como todas as grandes religiões, o monoteísmo é, em certo sentido, produto da civilização. Em um império, as pessoas adquirem uma perspectiva mais ampla e uma visão inteiramente nova do mundo, que faz com que os deuses locais pareçam pequenos e inadequados. Os antigos impérios garantiam a ordem e a segurança necessárias para o desenvolvimento da civilização, e as pessoas começaram a ver que o universo em si era ordenado e poderia estar sujeito a um controle unificado. Nas grandes cidades, as mudanças culturais se aceleravam e a consciência individual nasceu conforme as pessoas foram tomando conhecimento de que suas ações poderiam afetar as gerações futuras. Mas em sociedades mais primitivas, como a Arábia do século VII, tal perspectiva era praticamente impossível. Era quase impossível acreditar em uma divindade onipotente e benevolente quando a vida era perigosa e o destino parecia arbitrário, quando havia comunalismo em vez de individualismo e muito pouca segurança social. Num mundo primitivo e pagão, as várias divindades representam fontes de poder e influência, e parecia simplesmente perverso dar as costas a uma fonte potencial de ajuda ao se optar por um Deus único. É verdade que alguns árabes, como os habitantes de Meca, viviam em cidades, mas o deserto era ainda memória recente e o desesperado etos tribal permanecia dominante.

Um dos aspectos mais notáveis das conquistas de Maomé foi o seu isolamento. Ele sabia algo sobre os judeus e cristãos mas seu conhecimento era muito limitado. Diferentemente dos profetas de Israel, Maomé não estava trabalhando em prol da difícil solução monoteísta com o apoio de uma tradição estabelecida, dotada de

força e visão próprias e que podia prover diretrizes éticas consolidadas através dos séculos. Jesus e são Paulo estavam inseridos no judaísmo, e os primeiros cristãos vieram do povo judeu e de seus seguidores nas sinagogas, os Tementes a Deus. O cristianismo se enraizou no Império Romano, onde a existência de comunidades judaicas preparara as mentes dos pagãos. Mas Maomé teve de começar virtualmente do zero e trabalhar a seu modo rumo a uma espiritualidade monoteísta própria. Ao começar sua missão, um observador isento diria que ele não tinha nenhuma chance. Os árabes, poderia argumentar o observador, não estavam prontos para o monoteísmo: eles não estavam suficientemente preparados para uma visão tão sofisticada. De fato, tentar introduzi-la em larga escala naquela sociedade violenta e aterradora poderia ser extremamente perigoso, e Maomé teria sorte se escapasse com vida.

Com efeito, Maomé esteve em constante perigo e foi quase um milagre que tenha sobrevivido. Mas conseguiu. Ao final de sua vida, havia cortado pela raiz a violência tribal crônica que assolava a região, e o paganismo já não era mais uma preocupação corrente. Os árabes estavam prontos para embarcar em nova fase de sua história. Para apreciar essa realização única, temos de entender as condições de vida na Arábia antes da chegada do islã — um período a que os muçulmanos chamam *jahiliyah*, a Idade da Ignorância.

---

* Êxodo 20, 3. (N. T.)

3. Jahiliyah

Hoje a Arábia é uma das regiões mais ricas do mundo e as grandes potências protegem avidamente os interesses petrolíferos que possuem ali. Mas quando Maomé nasceu na cidade de Meca, por volta do ano 570, nenhuma das potências mundiais se importava com a Arábia. A Pérsia e Bizâncio estavam imobilizados numa desgastante luta entre si que terminou pouco antes da morte de Maomé. Ambos os reinos estavam ansiosos para estreitar laços com os árabes ao sul da península, na região onde hoje é o Iêmen. O reino da Arábia do Sul era diferente do resto da região: como tinha o auxílio das chuvas trazidas pelas monções, era uma região rica e fértil, detentora de uma cultura antiga e sofisticada. Mas as intratáveis estepes da Arábia eram um ermo aterrador, habitado por uma raça de gente selvagem a quem os gregos chamavam "sarakenoi", o povo que vive em tendas. Nem a Pérsia nem Bizâncio pensavam em invadir aquela região desolada e ninguém poderia sequer imaginar que nela estava prestes a nascer uma nova religião que logo se tornaria uma grande potência mundial.

De fato, a Arábia era considerada uma região sem Deus, e nenhuma das religiões mais avançadas, associadas à modernidade e ao progresso, havia conseguido entrar nela. É verdade que havia umas poucas tribos judaicas de proveniência duvidosa nos assentamentos agrícolas de Yathrib (futura Medina), Khaybar e Fadak, mas esses judeus, cuja religião era de natureza algo rudimentar, eram praticamente indiscerníveis de seus vizinhos pagãos e árabes. Nas terras civilizadas, muitos árabes se converteram ao cristianismo e, no século IV, formaram sua própria Igreja Siríaca. Mas, em geral, os beduínos árabes da Arábia Deserta desconfiavam tanto do judaísmo como do cristianismo, mesmo percebendo que essas religiões eram mais

sofisticadas que a sua. Sabiam que as grandes potências, Pérsia e Bizâncio, estavam prontas para usá-las como forma de controle imperial. Isso havia ficado tragicamente aparente no reino da Arábia do Sul, que perdeu para sempre sua independência em 570, ano do nascimento de Maomé. O império cristão de Bizâncio fez da Abissínia, hoje Etiópia, um Estado-cliente quando ela se converteu a uma forma herética de cristianismo, o monofisismo, que reconhecia em Cristo apenas a natureza divina. Bizâncio perseguira os hereges em casa mas não era contrário a fazer uso deles para satisfazer suas ambições imperialistas. Ao se afiliar à Abissínia, Bizâncio encorajou seu governante, o negus, a invadir o Iêmen, para submetê-lo à suserania de Constantinopla. Em vez de resolver o problema sozinhos, os árabes do sul pediram auxílio à Pérsia contra a ameaça abissínia, auxílio que os sassânidas persas ofereceram com muito gosto. Os persas também fizeram uso da religião como arma ideológica na busca pelo poder, favorecendo o judaísmo contra o cristianismo bizantino. Em 510, Yusuf As'ai, rei da Arábia do Sul, converteu-se ao judaísmo e passou a ser conhecido como Dhu Nuwas (Cachinhos Pendentes). Mas esse apelo à tutela persa malogrou quando o reino judeu foi vencido pela Abissínia em 525: o jovem e belo rei, diz-se, cavalgou em desespero em direção ao mar até cavaleiro e cavalo desaparecerem entre as ondas. A Arábia do Sul tornara-se simples província da Abissínia e seu povo clamava constantemente à Pérsia por socorro. Finalmente, em 570, o rei Cosroés invadiu a região e o orgulhoso reino do sul se tornou colônia da Pérsia. Dessa vez foi a heresia cristã do nestorianismo (que afirmava a existência de duas naturezas em Cristo, uma humana e outra divina), protegida pela Pérsia, que se tornou religião oficial. Os árabes beduínos de Hedjaz e Najd tinham imenso orgulho de seus vizinhos ao sul da Arábia e viram sua queda como uma catástrofe. Inevitavelmente, o judaísmo e o cristianismo se tornaram suspeitos.

A desconfiança em relação às duas religiões avançadas havia sido exacerbada pelos eventos ao norte, onde as duas grandes potências ansiavam por assegurar suas fronteiras uma contra a outra e contra os selvagens sarracenos, que periodicamente invadiam as terras ocupadas durante os anos de maior seca. Ambas usaram as tribos árabes do norte, convertidas a formas heréticas do cristianismo. Bizâncio encorajara os árabes das fronteiras a se converter por meio da construção de mosteiros e centros de culto. A tribo dos ghassan, que invernava na fronteira de Bizâncio,

acabou se convertendo ao cristianismo monofisista e se tornou confederada dos bizantinos. Eles construíram seu acampamento de inverno ao sul, do lado de fora de Rusafa, em Sergiópolis, onde havia um esplêndido salão real, em estilo bizantino, cujas ruínas podem ser vistas hoje. Os ghassanidas formaram um estado-tampão de Bizâncio cuja função, supõe-se, era proteger o império cristão do império zoroastrista da Pérsia.[1] Mas a Pérsia conseguiu retaliar. Os árabes lachmidas, a leste da Síria, tornaram-se nestorianos, uma fé também favorecida pelos árabes nas regiões mesopotâmicas do império persa. Os sassânidas, por conseqüência, também indicaram os árabes lachmidas como governantes de um estado-tampão, com capital em Hira, para proteger suas próprias fronteiras. Mas tanto a Pérsia como Bizâncio se retiraram dos estados árabes: como medida econômica, o imperador Heráclio cortou os subsídios aos ghassanidas durante a guerra contra a Pérsia, por volta de 584, e o rei Cosroés deu fim ao regime lachmida por volta de 602, designando governantes persas para substituir os árabes. Quando, cerca de trinta anos depois, após a morte de Maomé, os exércitos muçulmanos invadiram a região, encontraram os árabes profundamente ressentidos com os poderes locais e prontos para tentar a sorte com o islã.

Mas tudo isso ainda é futuro. No começo do século VII, os árabes da Arábia Central estavam cercados por facções dissidentes do cristianismo: no Sul, estava a majestosa igreja cristã de Najran, que os beduínos tanto admiravam, embora mantivessem sua desconfiança em relação a esses sistemas religiosos e estivessem decididos a continuar independentes das grandes potências. Ao mesmo tempo, havia um sentimento de insatisfação. Os árabes se sentiam inferiores tanto religiosa como politicamente. Até que conseguissem se unir para criar um Estado beduíno e tomar as rédeas de seu destino, ainda estariam vulneráveis à exploração, correndo mesmo o risco de perder a independência, como acontecera aos árabes do sul. Mas parecia haver poucas chances de formação de um Estado beduíno unificado. Durante séculos, os árabes do Hedjaz e Najd viveram agrupados em tribos nômades e em constante pé de guerra. Com o passar dos anos, desenvolveram um modo de vida altamente especializado, que se tornara comum na península pelo século VI d.C. Mesmo os árabes que viviam em cidades e assentamentos organizavam-se de acordo com o antigo etos pastoral: ainda criavam camelos e viam-se como filhos do deserto.

A ética tribal exigia certas habilidades técnicas e sociais, assim como atributos pessoais, cuidadosamente cultivados. Os árabes na península não foram sempre nômades. O camelo, que tornara sua vida possível, só foi domesticado cerca de 2 mil anos antes de nossa era. Esse animal, com sua capacidade única de estocar água, podia viajar longas distâncias no deserto a uma velocidade excepcional. Originalmente, os árabes haviam sido agricultores nas terras mais urbanizadas do Crescente Fértil. Após longa experiência com a criação de animais para o transporte, os mais aventureiros dentre eles se dirigiam às regiões áridas e inóspitas das estepes, durante os períodos de estiagem e seca.[2] Ganhar a vida em tão difíceis circunstâncias era um gesto de rebeldia e um desafio à sorte cruel, exibindo, talvez, a vontade de provar que os árabes podiam sobreviver nessas circunstâncias praticamente impossíveis. Gradualmente, foram entrando nas regiões mais desertas e se distanciando dos centros urbanos. No verão, seus camelos pastavam em frente dos poços de que cada tribo se apropriava e, no inverno, vagavam pelas estepes, cobertas com rica vegetação que, após as chuvas, era uma bênção para seus animais. Bebiam leite de camela e comiam a carne dos animais que caçavam. Mas os nômades não podiam sobreviver sozinhos: precisavam do auxílio dos agricultores, que lhes forneciam trigo e tâmaras, essenciais para o complemento de sua magra dieta. Conforme os nômades gradualmente penetravam as regiões desertas do Crescente Fértil e da península arábica, eram seguidos por agricultores pioneiros que se estabeleciam nos oásis, irrigavam as proximidades e, até certo ponto, faziam o deserto florescer. Por sua vez, os agricultores dependiam da maior mobilidade dos nômades, que os abasteciam com produtos e mercadorias de outras regiões. Como eram guerreiros mais hábeis, os nômades asseguravam a proteção das comunidades assentadas, em troca de uma parte da colheita.

A vida nas estepes era extremamente precária. Os nômades estavam quase sempre famintos e sofrendo de subnutrição; também competiam ferozmente uns contra os outros para garantir a satisfação de suas necessidades básicas. O único modo de sobreviver era pertencer a um grupo bastante unido; sozinho, um indivíduo não tinha nenhuma chance. Assim, os nômades se juntavam em grupos autônomos, agrupados por laços de sangue e parentesco. Uniam-se por intermédio de uma ancestralidade comum, real ou mítica, e se chamavam, por exemplo, *bani* kalb ou *bani* asad (os filhos de Kalb ou de Asad). Esses grupos se aliavam a outros,

formando associações maiores e mais tênues; no Ocidente, geralmente chamamos os grupos menores "clãs" e os maiores "tribos". Os árabes, contudo, em geral não faziam tal distinção e usavam o termo *qawm* (povo) para se referir tanto aos grupos pequenos como aos grandes. Para evitar que as tribos se tornassem muito grandes e difíceis de controlar, os grupos constantemente se reconfiguravam. Era essencial cultivar uma ardente e absoluta lealdade ao *qawm* e a seus aliados. Somente a tribo poderia garantir a sobrevivência dos indivíduos, e isso quer dizer que não havia lugar para o individualismo, do modo como o concebemos, nem para os direitos e deveres que a ele associamos. Tudo tinha de ser subordinado aos interesses do grupo. Para cultivar esse espírito comunitário, os árabes desenvolveram uma ideologia chamada *muruwah*, que os estudiosos ocidentais em geral traduzem por "hombridade", mas cujo significado é muito mais complexo e extenso. A *muruwah* implica coragem na batalha, paciência e resistência ao sofrimento, dedicação às obrigações cavalheirescas de vingar o mal feito à tribo, proteger os membros mais fracos e afrontar os fortes. Cada tribo se orgulhava de seu tipo especial de *muruwah*, que se acreditava ser hereditário. Para preservar a *muruwah* do grupo, cada membro deveria estar pronto para sair em defesa de seu companheiro de tribo e obedecer ao chefe sem questionar. Fora da tribo, findava a obrigação. Durante esse estágio do desenvolvimento árabe, não havia nenhuma noção de lei natural e universal.

A *muruwah* supria muitas funções de uma religião, dando aos árabes uma ideologia e uma visão que os capacitava a encontrar sentido em sua perigosa existência. Era uma religião, contudo, totalmente terra-a-terra. A tribo era o valor sagrado; os árabes não tinham a noção de vida após a morte e o indivíduo não tinha um destino único e eterno. A única imortalidade que um homem ou uma mulher poderia obter estava na tribo e na continuação do espírito desta. Cada um tinha a obrigação de cultivar a *muruwah* como forma de garantir a sobrevivência da tribo. Assim, a tribo tomava conta de si mesma. Esperava-se de seu chefe que cuidasse dos membros mais fracos do grupo e distribuísse os bens e as posses de modo igual. A generosidade era uma virtude importante: um chefe demonstrava poder e confiança (logo, o poder de sua tribo) por meio da hospitalidade larga e generosa para com os membros da tribo e seus confederados de outros grupos. Hospitalidade e generosidade ainda são virtudes supremas para os árabes. Havia, certamente, o

aspecto pragmático. Uma tribo hoje rica poderia estar na miséria amanhã, e se fosse sovina durante os bons tempos quem a auxiliaria em sua hora de necessidade? Mas o cultivo da generosidade também ajudava os árabes a se elevar acima da árdua luta pela sobrevivência, não se preocupando com o amanhã. Ela estimulava a indiferença aos bens materiais, o que era essencial numa região onde não havia o bastante para todos, nem mesmo o essencial. Essa abordagem também delineava o profundo fatalismo da *muruwah*: o *darh* (tempo ou destino) era uma dura realidade e tinha de ser aceito com dignidade. A vida seria impossível se as pessoas não aceitassem que alguns desastres são inevitáveis. Os árabes, portanto, acreditavam firmemente que nada podia ser feito para prorrogar o término (*ajal*) da vida de um homem ou para assegurar provisões (*rizq*) suficientes de comida.

Para proteger a tribo e seus membros, o chefe tinha de estar preparado para vingar toda e qualquer ofensa. Não havendo lei imposta por uma autoridade centralizada, o único modo de preservar um mínimo de segurança social era por meio da rixa de sangue ou vendeta. A vida valia pouco, e não havia nada de imoral no gesto de matar *pro se*: só era errado matar os membros de sua própria tribo ou de tribos aliadas. A tribo tinha de vingar a morte de um de seus membros com a morte de um indivíduo da tribo do assassino. Esse era o único modo de um chefe dar segurança à tribo: se não retaliasse, ninguém teria respeito por seu *qawm* e todos se sentiriam livres para matar impunemente. Já que era fácil para um indivíduo desaparecer na Arábia sem deixar rastros, não havia obrigação de punir o próprio assassino. Em vez disso, a tribo ofensora seria enfraquecida pela perda de um de seus membros. É aqui que vemos com mais clareza a mentalidade comunitária: um membro da tribo vale tanto quanto qualquer outro para tal propósito. Uma vez que superamos há muito esse tipo de organização social, achamos hoje a vendeta inaceitável, porém, na falta de uma força policial moderna, era o único modo de se assegurar um pouco de ordem pública. O sistema também assegurava um equilíbrio de poder, já que a perda de uma tribo fazia com que a tribo ofensora fosse enfraquecida na mesma proporção. Ao mesmo tempo que isso significava que nenhum grupo poderia se destacar facilmente sobre os demais, tornava impossível a união dos árabes. Em lugar de juntar os poucos recursos de que dispunham, os árabes pareciam presos num ciclo de violência em que uma vendeta causava outra, caso a tribo sentisse que a vingança havia sido

desproporcional.

Outro modo consagrado de preservar o equilíbrio de forças era o *ghazu* ou reide, uma ocupação constante e quase um esporte nacional. Em épocas de dificuldade, os membros de uma tribo fariam um assalto ao território inimigo na esperança de roubar camelos, rebanhos e outros bens. O derramamento de sangue era evitado sempre que possível, pois provocaria a vendeta. O roubo não era considerado imoral, a menos que se roubasse de seus confederados ou parentes. O *ghazu* garantia uma razoável redistribuição de riqueza e também significava que a comida e os bens existentes eram, de modo rudimentar, divididos entre os grupos que por eles competiam.

Brutal como sem dúvida era, a *muruwah* tinha seus aspectos positivos, e alguns se tornariam importantes valores do islã. Não conhecendo nenhuma outra forma de organização social, Maomé formaria a comunidade muçulmana segundo os preceitos tribais. Apesar do novo individualismo que o islã ajudou os muçulmanos a cultivar, o ideal de comunidade e fraternidade continuou sendo crucial. Também a igualdade era vital na visão muçulmana, já que no sistema tribal não havia espaço para uma classe privilegiada. Não havia nada semelhante à aristocracia ou aos cargos hereditários. Um chefe não passava a chefia para o filho, pois a tribo precisava de seu melhor homem para o serviço, independentemente de parentesco ou privilégio. Esse profundo e forte igualitarismo caracterizaria o espírito muçulmano e animaria suas instituições religiosas, políticas e mesmo artísticas e literárias.

Mas essa continuava sendo uma ética selvagem. Apenas os fortes sobreviveriam, e isso queria dizer que os fracos eram eliminados e podiam ser duramente explorados. O infanticídio era o modo habitual de controle populacional: bebês do sexo feminino sobreviviam à infância mais freqüentemente que os do masculino e, já que nenhuma tribo podia sustentar mais que certo número de mulheres, as menininhas eram mortas sem remorso. Na verdade, as mulheres, como os escravos, não tinham direito algum, sendo consideradas mera propriedade. Eram tratadas com crueldade e não podiam esperar nenhuma melhoria de sua sorte. Os homens podiam casar com quantas mulheres quisessem. Já que, com mais freqüência, a descendência reconhecida era a matrilinear, a propriedade era herdada oficialmente pelas mulheres, mas isso não lhes dava nenhum poder ou influência.

Às vezes, os homens as desposavam simplesmente para se apropriar de suas heranças.

Não é surpresa que os árabes tivessem pouco tempo para a religião, no sentido mais convencional do termo. Eles não podiam se dar ao luxo de sustentar uma casta de sacerdotes ou xamãs responsáveis pelas tradições mitológicas tribais. Ao contrário, os poetas cantavam as glórias da tribo, supremo valor árabe, imortalizando-a em seus versos. Em lugar de recontar histórias sobre os deuses e suas lutas cósmicas, ou de explorar os complexos caminhos da alma em suas lendas e contos, os poetas descreviam batalhas e conquistas da tribo, lamentando suas desgraças e concitando seus membros a apreciar as virtudes da *muruwah*. A poesia era uma prática importantíssima, muito valorizada pelos árabes. Como o analfabetismo era a regra na península, os poetas recitavam seus versos em voz alta. Eles se sentiam possuídos por um *jinni*, um dos espíritos que, conforme se acreditava, freqüentavam a paisagem e, de fato, não só a poesia era considerada sobrenatural, mas também pensava-se que tinha qualidades mágicas. A maldição de um poeta inspirado podia ter conseqüências desastrosas para o inimigo. A sensação de ser possuído por um poder estranho é comum às pessoas que se sentem inspiradas, e, na Arábia, o poeta desempenhava muitas das funções próprias dos sacerdotes e profetas em outras comunidades. Ele se abria para os desejos e esperanças inconscientes da tribo e, dessa forma, quando as pessoas ouviam as palavras que proferia, reconheciam-nas como sendo suas, vindas do fundo do coração. Os poetas tinham, assim, uma importância muito grande na vida política e social da Arábia. Deles já se disse que assumiam a função da imprensa em nossa própria sociedade, disseminando informações e alimentando outras tribos com a interpretação dos acontecimentos, versão às vezes fundamental na guerra propagandística.

Havia, contudo, outros indivíduos possuídos que não eram tão respeitados no tempo de Maomé. Os *kahins*, ou profetas extáticos, assemelhavam-se aos videntes peripatéticos dos livros mais antigos da Bíblia. Não eram profetas no sentido grandioso que o termo irá assumir, mas antes adivinhos, consultados se alguém perdia um camelo ou queria que lhe lessem a sorte. Os *kahins* com freqüência tinham de ocultar sua ignorância por meio de ambigüidades, de modo que seus "oráculos" eram normalmente uma versalhada incoerente ou ininteligível. Maomé,

como veremos, não perdeu tempo com os *kahins*, considerando suas profecias triviais, daninhas e sem sentido.

Mas os árabes tinham, sim, uma vida espiritual que lhes era muito cara. Muitos lugares, tidos como sagrados, mantinham santuários, com seus próprios e antigos rituais dedicados a determinada divindade. O mais importante era a Caaba, situada junto à fonte sagrada de Zamzam, em Meca. De granito, em forma de cubo, parece ser extremamente antigo e semelhante a outros santuários que não sobreviveram. Incrustada na ala oeste, ficava a Pedra Negra sagrada, que pode ter sido um brilhante meteorito que cruzara o firmamento, ligando os céus à terra. Na época de Maomé, a Caaba era oficialmente dedicada ao deus Hubal, uma divindade importada pela Arábia do reino dos nabateus, a atual Jordânia. Mas a preeminência do santuário, assim como a crença comum em Meca, sugerem que pode ter sido originalmente dedicado a al-Llah, o Deus Supremo dos árabes. Em volta da Caaba havia uma área circular onde os peregrinos se reuniam para a cerimônia da *tawwaf*, sete circunvoluções em torno do santuário, seguindo a direção do sol. O santuário era cercado por 360 ídolos ou efígies dos deuses, que podem ter sido os totens de todas as diferentes tribos que lá iam prestar-lhes culto, no mês apropriado. A terra ao redor de Meca (um raio de 32 quilômetros a partir do centro da Caaba) era uma área sagrada, uma terra santa onde era proibido todo tipo de violência.

Isso soa estranho para pessoas criadas numa sociedade mais secular, mas santuários como a Caaba e os rituais ali praticados parecem ter respondido a importantes necessidades religiosas e psicológicas na Arábia. Veremos que Maomé sentiu a misteriosa atração da Caaba durante toda a vida e que as circunvoluções rituais, tão arbitrárias e tediosas para um espectador, foram extremamente importantes na vida do povo de Meca. Não era uma obrigação enfadonha que as pessoas executavam de má vontade ou negligentemente. Ao que parece, gostavam de fazê-la e a consideravam parte de sua rotina diária. Gostavam de encerrar um dia agradável de caça fazendo as voltas à Caaba antes de retornar para casa; podiam estar se dirigindo ao mercado próximo para beber vinho com amigos e então decidir, em vez disso, passar o fim de tarde repetindo o ritual, quando seus companheiros não apareciam. O que tornava esse ritual tão compulsivo e o que pensavam as pessoas obter por meio dele?

Aparentemente, santuários eram comuns no mundo semítico. O círculo, os

quatro cantos (representando os quatro cantos do mundo) e os 360 símbolos em redor parecem ter vindo da antiga religião suméria. O ano sumério era composto por 360 dias, mais cinco dias santos adicionais, passados, por assim dizer, "fora do tempo", na realização de cerimônias especiais que ligavam o céu à terra. Em termos árabes, esses cinco dias especiais talvez fossem representados pela peregrinação do *hajj*, que acontecia uma vez por ano e era feita por todos os árabes da península. O *hajj* começaria na Caaba e se encaminharia aos vários santuários fora de Meca, possivelmente dedicados a outros deuses. O *hajj* originalmente acontecia durante o outono, e já se sugeriu que as várias cerimônias podem ter sido um modo de acompanhar o sol poente para que viessem as chuvas do inverno. Os peregrinos iriam em grupo até o vale de Muzdalifa, morada do Deus Trovão; fariam uma vigília noturna na planície em volta do monte Arafat, a aproximadamente 25 quilômetros de Meca; atirariam pedras nos três pilares sagrados de Mina e, finalmente, ofereceriam um sacrifício animal. Hoje ninguém entende qual o significado desses ritos e, no tempo de Maomé, é provável que os próprios árabes já tivessem esquecido o significado original, embora continuassem fervorosamente ligados à Caaba e aos outros santuários da Arábia e realizassem seus rituais com devoção.

Todos precisamos de algum lugar afastado onde nos retirar de vez em quando: isso ajuda a nos orientar e a nos tornar mais criativos. Na Arábia, onde a vida era uma luta constante, o santuário deve ter sido uma necessidade. Lá, os árabes podiam se encontrar despreocupadamente, sabendo que as regras das vendetas tribais não teriam validade enquanto ali estivessem. Em termos práticos, isso significava que podiam negociar sem medo de ser atacados por tribos inimigas. Santuários como Meca eram em geral importantes mercados onde se realizavam feiras anuais. Mas o santuário e seus rituais provavelmente também proporcionavam um repouso espiritual essencial. A *tawwaf* parece ter sido recreativa, ajudando os árabes a se encontrar e a descobrir, na simbologia dos gestos, uma dimensão eterna de suas vidas.

Talvez o santuário em si, com seus quatro cantos irradiados a partir do centro, representasse o mundo. O círculo parece ser um arquétipo: é encontrado em quase todas as culturas como símbolo da eternidade, do mundo e da psique. Representa, em termos temporais e espaciais, a totalidade: traçar um círculo ou andar em

círculo — prática comum em muitas religiões — implica voltar constantemente ao ponto de partida; descobre-se que no fim está o começo. O centro do círculo, o pequeno ponto imóvel em torno do qual o mundo gira, é a eternidade, o significado último e inefável e, dando voltas e voltas, o peregrino aprendia a se reorientar e a encontrar o seu centro em relação ao mundo. A circunvolução se tornaria uma forma de meditação: ao que tudo indica, era realizada numa espécie de trote, possivelmente não muito diferente do *pas gymnastique*. Ela exigia concentração física talvez tediosa mas que tornava possível à mente se desprender. A maioria dos lugares sagrados, em todas as tradições, é considerada o centro do mundo e o primeiro lugar criado pelos deuses. Para o peregrino, o lugar está investido do encanto de todo começo, e assim sentia estar de algum modo se aproximando do centro do poder.

Todos precisamos de rituais que nos ajudem a desenvolver uma postura interior: os ritos de cortesia, por exemplo, ajudam-nos a cultivar o hábito de respeitar os demais. Em uma sociedade mais secular muitas pessoas não mais tomam parte nesse tipo de atividade simbólica, de modo que ela parece arbitrária ou tola. Em nosso mundo, é o artista o responsável por criar nossos símbolos, de modo a podermos descobrir outra dimensão na vida. Em ritos como a *tawwaf* ou os rituais do *hajj*, os árabes estavam criando um tipo especial de arte prática, por meio da qual descobriam sentido ou relevância que não se podem descrever em palavras com facilidade. Provavelmente, tinham consciência, em algum nível profundo, embora inarticulado, da natureza simbólica e figurativa daquilo que estavam fazendo — um estado de espírito que muitos perderam no Ocidente. Talvez seja particularmente difícil para os protestantes apreciar isso, devido ao fato de algumas formas do protestantismo encararem o ritual com profunda — quase supersticiosa — suspeita e hostilidade.

A Caaba era o santuário mais importante, mas havia outros. As circunvoluções e o tipo de culto correntemente praticado no monte Arafat durante o *hajj* pré-islâmico eram elementos essenciais em toda a península. Também o era o pedaço de terra (*hima*) afastado do uso profano e com direito a servir de asilo a todos os seres vivos. Nenhum dos demais santuários sobreviveu, mas sabemos de outros templos como a Caaba, em Najran, no Iêmen, e em al-Abalat, ao sul de Meca. Porém, os de importância essencial a nossa história são os três santuários próximos

a Meca dedicados às três filhas de al-Llah (*banat al-Llah*). Na amuralhada cidade de Taif ficava o santuário de al-Lat, cujo nome quer dizer tão-somente a Deusa, sob a responsabilidade da tribo dos thaqif; também era chamada al-Rabba, a Soberana. Em Nakhlah ficava o santuário de al-Uzza, a mais popular das três, cujo nome quer dizer a Poderosa, e, em seu santuário costeiro na cidade de Qudayd, estava Manat, deusa do destino. Essas deusas não eram como as do panteão greco-romano. Não eram personagens como Juno ou Palas Atena, com histórias, mitologia e personalidade próprias, nem tinham qualquer esfera específica de influência, como o amor ou a guerra. Os árabes não desenvolveram uma mitologia que explicasse a importância simbólica desses seres divinos e, embora fossem chamadas "filhas de Deus", isso não quer dizer que fizessem parte de um panteão sofisticado. Os árabes às vezes usam termos de parentesco para denotar relações abstratas, de modo que, por exemplo, *banat al-dahr* (literalmente, "as filhas do tempo/do destino"), quer dizer tão-somente infortúnios ou vicissitudes. As *banat al-Llah* talvez fossem apenas "seres divinos". Em seus santuários, não eram representadas por estátuas ou figuras, e sim por grandes pedras, como os símbolos de fertilidade utilizados pelos cananeus, freqüentemente mencionados na Bíblia. Quando os árabes veneravam essas pedras, não o faziam de modo rudimentar e simplista, mas as viam como focos de divindade. Também se sugeriu que as deusas tinham relação com as deusas semíticas da fertilidade, Anat e Ishtar, de modo que seu culto talvez tenha começado antes de os árabes iniciarem a vida nômade, quando ainda eram agricultores e viviam do cultivo do solo.[3]

Talvez os árabes não adorassem al-Lat, al-Uzza e Manat de um modo personalizado, no entanto, como veremos, tinham por elas um sentimento profundo. Seu culto estava confinado em seus santuários, de modo que as pessoas não as adoravam em seus lares como faziam os gregos e os romanos.[4] Mas eram parte essencial do clima espiritual da vida dos beduínos no Hedjaz, que viam Nakhlah, Taif e Qudayd como lugares sagrados e santuários onde os árabes podiam encontrar um centro. A antigüidade das deusas era outra razão para o culto. Quando adoravam em seus santuários, os árabes se sentiam em contato com seus antepassados, que também tinham venerado as *banat al-Llah* naqueles mesmos lugares, e disso provinha uma sensação de saudável continuidade. Seus santuários não eram tão importantes quanto a Caaba, porém, assim como outros lugares

sagrados da Arábia, eram um modo inventivo de se tomar posse da região e de dar relevância espiritual às áridas estepes árabes. Eram parte integrante da identidade fundamental de muitos árabes, que se sentiriam profundamente ameaçados pela degradação de um culto tão antigo.

Outros árabes, contudo, estavam insatisfeitos com a antiga religião e durante a última fase da *jahiliyah* parece ter havido certo desassossego e mal-estar. O sistema tribal e o antigo paganismo haviam servido bem aos beduínos por séculos, mas, durante o século VI, a vida havia mudado. Mesmo que a maior parte da península arábica estivesse fora da civilização dominante, os árabes começavam a ter consciência de algumas das idéias e motivações dessa civilização. Alguns talvez tivessem ouvido falar, por exemplo, na noção religiosa de vida após a morte, que faz da vida do indivíduo um valor supremo. Como se ajusta isso ao antigo ideal comunitário do tribalismo? Os árabes que haviam começado a travar relações comerciais com os países civilizados voltavam com histórias impressionantes, e os poetas descreviam as maravilhas da Síria e da Pérsia. Mas parecia que os árabes não poderiam aspirar a tanto poder e esplendor. O sistema tribal impossibilitava-os de juntar os poucos recursos de que dispunham e encarar o mundo como o povo unificado que tinham apenas vaga consciência de ser. As tribos pareciam presas num ciclo sem fim de guerras e vendetas: uma rixa de sangue levava inevitavelmente a outra, ao mesmo tempo que novos indícios de individualismo minoravam sensivelmente o valor do etos comunitário.

Os árabes que se sentiam mais desorientados eram os sedentários. Durante o século VI, uma tribo emigrara da problemática região da Arábia do Sul para o oásis de Yathrib, estabelecendo-se junto às tribos judaicas. Prosperaram com a agricultura e, no entanto, achavam que o sistema tribal simplesmente não funcionava quando não estavam percorrendo vastos territórios, e sim vivendo juntos e em estreita intimidade. No começo do século VII, oásis inteiros pareciam imersos num ciclo crônico de violência e guerra. Mas em Meca, a tribo dos coraixitas [*quraysh*], na qual nascera Maomé por volta de 570 e que se tornara a mais poderosa da Arábia, vivia um tipo de mal-estar mais sombrio, já que também sentia que a antiga ideologia não a tinha preparado para a vida urbana.

Os coraixitas estabeleceram-se em Meca por volta do fim do século V. Seu ancestral, Qusayy, juntamente com o irmão Zuhrah e o tio Taym, assentaram-se

no vale de Meca próximo ao santuário. Makhzum, filho de outro tio, e seus primos Jumah e Sahm estabeleceram-se ali juntamente com Qusayy e eles e os clãs que formaram ficaram conhecidos como os *quraysh do vale*.[5] Os parentes mais remotos de Qusayy se estabeleceram pelos campos próximos e ficaram conhecidos como os *quraysh do arrabalde*. Conta a lenda que Qusayy viajara pela Síria e de lá trouxera as três deusas al-Lat, al-Uzza e Manat para o Hedjaz e entronizara o deus nabateu Hubal na Caaba. Em uma campanha que combinou astúcia e força, os coraixitas conseguiram tomar o controle de Meca e expulsar os Khuza'ak, a tribo guardiã acusada de ter falhado no cumprimento da obrigação sagrada. Após a morte de Qusayy, seus filhos Abd ad-Dar e Abd Manaf entraram em conflito, e os efeitos de sua briga continuaram nos descendentes e afetaram a política interna de Meca até o tempo de Maomé. Abd ad-Dar fora o filho predileto de Qusayy e tinha o apoio de Makhzum, Sahm, Jumah, de seu tio Adi e de suas famílias. Eles ficaram conhecidos como os Ahlaf, os Confederados. Abd Manaf, o filho mais moço de Qusayy, contestou a herança e foi apoiado por seu sobrinho Asad, por Zuhrah, Taym e o venerável al-Harith ibn Fihr. Eles selaram a aliança na Caaba, lavando as mãos num vaso de perfume e foram apelidados de Mutayyabun, os Perfumados. Mas nenhum dos dois lados queria um conflito em larga escala, e um acordo foi feito segundo o qual Abd ad-Dar e os Confederados obtiveram privilégios nominais, enquanto o poder de fato ficaria com Abd Manaf e os Perfumados. Seus descendentes e os clãs a que deram nome se inclinavam a manter a antiga aliança.

Os coraixitas começaram a se interessar pelo comércio, combinando a nova atividade com a tradicional criação de animais. Meca ficava no lugar ideal para empreendimentos comerciais a longo prazo. O prestígio da Caaba trazia muitos árabes para o *hajj* todos os anos e o santuário criava um clima favorável ao comércio. Meca estava convenientemente localizada na encruzilhada de duas das maiores rotas comerciais da Arábia: a Rota do Hedjaz, que corria próxima à costa leste do mar Vermelho e ligava o Iêmen à Síria, Palestina e Transjordânia, e a Rota do Najr, que ligava o Iêmen ao Iraque. Os coraixitas obtiveram grande sucesso e garantiram a segurança da cidade fazendo alianças com os beduínos da região. Os nômades eram melhores soldados que os coraixitas e, em troca de ajuda militar, tinham participação em várias companhias de Meca. Cultivando uma astuta e calculada diplomacia, conhecida como *hilm*, os coraixitas se tornaram a mais

poderosa tribo da Arábia durante o século VI.

Eles se deram conta de que não deveriam deixar-se explorar pelas grandes potências; então, para evitar o destino do reino do Sul, permaneceram estritamente neutros no conflito entre a Pérsia e Bizâncio. Mas as relações com os bizantinos regrediram muito por volta de 560,[6] quando a Arábia do Sul ainda era província da Abissínia, Estado-cliente de Bizâncio. Ao que parece, Abraha, o governador abissínio da Arábia do Sul, ficou com inveja do sucesso comercial de Meca e tentou invadir a cidade. O incidente recebeu adornos lendários, mas parece que Abraha se dera conta de que a Caaba havia sido fundamental para o sucesso de Meca. Para desviar os peregrinos para a Arábia do Sul, e assim atrair maior comércio, construiu um magnífico templo cristão de mármore listado em Sana'a e, diz-se, quando acampou do lado de fora de Meca com seu exército, sua intenção declarada era destruir a Caaba. Mas, ao chegar às portas da cidade, parece que o exército foi atacado por uma praga e forçado a bater em ignominiosa retirada. A libertação providencial naturalmente fez com que os coraixitas pensassem nela como milagrosa. Os abissínios haviam trazido um elefante e os habitantes de Meca ficaram fascinados com aquele animal tão grande e tão diferente. Mais tarde se disse que, ao chegar ao solo sagrado nas imediações da cidade, o elefante caiu de joelhos, recusando-se a se mexer; a seguir, Deus enviou uma revoada de pássaros vindos da costa, que jogaram pedras venenosas nos abissínios, afugentando-os e cobrindo-os com horríveis queimaduras. O Ano do Elefante se tornou extremamente popular entre os coraixitas. Como explica Muhammad ibn Ishaq (m. *c*. 767), após o milagre os beduínos passaram a mostrar grande respeito pelos coraixitas, dizendo: "Eles são o povo de Deus; Deus lutou por eles e frustrou o ataque inimigo".[7] O próprio Maomé se sentiu tocado pela história do elefante, recontada na sura 105 do Corão.

Depois disso, os coraixitas ficaram muito cuidadosos no sentido de preservar sua independência e, no começo do século VII, tinham se tornado mais ricos do que poderiam ter sonhado em seus dias de nômades. Naturalmente, passaram a ver o dinheiro e o capitalismo como sua salvação, já que pareciam tê-los resgatado de uma vida de pobreza e perigo e lhes proporcionado uma segurança quase divina. Não mais passavam fome, nem eram importunados por tribos inimigas. O dinheiro passou a ter valor quase sagrado, como veremos mais adiante. Mas o capitalismo selvagem não era compatível com a antiga ética comunitária da tribo. Ele

naturalmente estimulava uma ganância cada vez maior, e o individualismo. Os muitos clãs passaram a competir ferozmente e, no tempo da infância de Maomé, já haviam se dividido em três grandes grupos. Alguns clãs mais fracos, incluindo o dos Hashim, a que pertencia Maomé, não obtiveram o mesmo sucesso e sentiam que estavam sendo deixados para trás. Em vez de dividir as riquezas de maneira eqüitativa, segundo a antiga ética tribal, os indivíduos ajuntavam grandes fortunas pessoais. Usurpavam os direitos de viúvas e órfãos, sugando suas heranças, e não tomavam conta dos membros mais fracos e mais pobres da tribo, conforme exigia o antigo costume. A nova prosperidade rompera o elo dos valores tradicionais, e muitos dos coraixitas não tão bem-sucedidos sentiam-se desorientados e perdidos. Naturalmente, os comerciantes, banqueiros e financistas mais bem-sucedidos encantavam-se com o novo sistema. Acumulavam agressivamente mais e mais capital com zelo quase religioso. Há apenas duas gerações da penúria da vida nômade, acreditavam que o dinheiro e os bens materiais poderiam salvá-los e desejavam quantos bens pudessem acumular. Mas algumas gerações mais novas estavam se desencantando e pareciam à procura de uma nova solução espiritual e política para o mal-estar e a inquietação da cidade.

Diz-se com freqüência que o islã é uma religião do deserto, mas isso não é verdade. O antigo sistema tribal teve influência sobre a mensagem corânica, porém a nova religião foi recebida primeiro pelos árabes de Meca, em meio a uma atmosfera de capitalismo selvagem e altas finanças. Como todas as grandes religiões confessionais e o racionalismo filosófico da Grécia, o islã é produto da cidade. Isso parece estranho àqueles dentre nós acostumados a pensar num Jesus de Nazaré abnegado, o epítome do espírito religioso. Não esperaríamos que um profeta surgisse na City de Londres ou em Wall Street. Mas o hinduísmo, o budismo, o jainismo e o confucionismo surgiram todos na praça pública. Os filósofos gregos ensinavam na ágora e os grandes profetas de Israel pregavam nas cidades, no tempo em que os israelitas começavam a deixar para trás a vida nômade. Todas essas grandes religiões mundiais se desenvolveram em meio à atmosfera comercial da vida nas cidades, em tempos em que os comerciantes começavam a arrancar um pedaço do poder antes pertencente somente ao rei e às camadas sacerdotais e aristocráticas da sociedade. A nova prosperidade chamava a atenção das pessoas para a disparidade entre ricos e pobres e as deixava profundamente preocupadas

com problemas de justiça social. Todos os grandes líderes religiosos e profetas abordaram tais problemas e ofereceram suas próprias soluções. No começo do século VII, quando os coraixitas e outras tribos abandonavam a antiga vida nômade e tomavam consciência dos problemas sociais da vida sedentária, o Profeta do islã trouxe uma nova mensagem aos árabes.

As pessoas já tateavam o caminho rumo a uma religião monoteísta e alguns estavam prontos a ouvir a mensagem de Maomé de que havia um único Deus. Quando Maomé começou a pregar em Meca, era reconhecido por todos que a Caaba era dedicada a al-Llah, o Deus Supremo dos árabes pagãos, a despeito da efígie de Hubal. Por volta do começo do século VII, al-Llah se tornara mais importante que nunca na vida religiosa de muitos árabes. Muitas religiões primitivas mantêm a crença num Deus Supremo, às vezes chamado Deus do Céu. Acreditava-se que tivesse criado o céu e a terra e depois se retirado, como que exaurido pelo esforço. As pessoas perdiam o interesse nesse ser transcendente, que desaparecera de vista, e seu lugar era tomado por divindades mais atrativas e acessíveis. Deusas da fertilidade, em particular, afetavam de modo mais imediato as vidas de homens e mulheres, depois que se estabeleciam e começavam a cultivar a terra. Podemos ver isso nas Escrituras judaicas. Os antigos israelitas, ao se estabelecerem em Canaã, começaram a render culto a Baal, Anat e Ashtaroth, paralelamente a seu deus Iahweh. Parecia estupidez negligenciar essas divindades, que conheciam a terra muito melhor que eles. Mas em tempos de perigo se voltavam uma vez mais para Iahweh.

Durante o período de vida nômade, as funções de fertilidade das deusas árabes provavelmente tinham sido esquecidas, de modo que al-Llah, o Deus Supremo, tornou-se mais importante. O Corão deixa claro que todos os coraixitas acreditavam que al-Llah havia criado os céus e a terra. Isso era algo dado por pressuposto: "E se lhes perguntares [aos coraixitas]: "Quem criou os céus e a terra, e submeteu o sol e a lua?'. Responderão: 'al-Llah'.".[8*] Mas mantinham o culto a outros deuses, que continuavam a ter grande importância para eles. Como os antigos israelitas, os árabes se voltavam para al-Lat, al-Uzza e Manat em tempos de prosperidade, mas, quando em crise, instintivamente se voltavam para al-Llah, o único que tinha o poder de ajudá-los em épocas de grande perigo. O Corão nos mostra que quando os árabes viajavam por mar, atividade que talvez achassem

arriscada, invocavam com freqüência al-Llah até que estivessem fora de perigo, contudo ao chegar à terra firme novamente voltavam-se às demais divindades.[9]

Mas alguns deles, ao que parece, estavam dispostos a ir mais longe. No início do século VII, a maioria dos árabes passou a acreditar que al-Llah, o Deus Supremo, era o mesmo deus adorado por judeus e cristãos. Os árabes convertidos ao cristianismo chamavam seu Deus de "al-Llah" e parece que faziam o *hajj* juntamente com os pagãos. Mas os árabes tornavam-se cada vez mais conscientes de que al-Llah não lhes enviara uma Escritura. Podemos ver pelas primeiras biografias de Maomé que os árabes pagãos sentiam grande respeito pelo Povo do Livro, detentor de um conhecimento que eles não possuíam. Alguns deles decidiram procurar uma religião autêntica e não associada às grandes potências nem corrompida por sua conexão com o imperialismo e com o controle estrangeiro. Já no século V, o historiador cristão palestino Sozomenus nos conta que alguns árabes haviam redescoberto a religião de Abraão e continuavam a praticá-la. Abraão, a rigor, não havia sido nem judeu nem cristão. Ele viveu antes que Moisés trouxesse a Torá ao povo de Israel. Na Arábia, durante o período em que Maomé recebeu as revelações, encontramos alguns árabes tentando praticar a religião de Abraão.

Em sua biografia, Ibn Ishaq nos diz que, pouco depois de Maomé começar sua missão, quatro coraixitas decidiram se desligar do culto pagão na Caaba para procurar a verdadeira religião. Fizeram um pacto secreto e disseram aos de sua tribo que eles

> haviam corrompido a religião de seu pai Abraão e que a pedra em volta da qual giravam não tinha nenhum valor; não podia ouvir, nem ver, nem ferir, nem ajudar: "Encontrem uma religião para vocês", disseram, "pois, por Deus, vocês não têm nenhuma". Então, seguiram seu caminho, procurando a *Hanifiyyah*, a religião de Abraão.[10]

Alguns estudiosos ocidentais consideram a seita da *Hanifiyyah* antes uma lenda piedosa que simboliza o desassossego espiritual característico da última fase da *jahiliyah* que um fato histórico. Mas ela deve ter alguma base factual. Três de seus membros figuram na vida de Maomé como seus companheiros mais antigos, e o quarto, Uthman ibn al-Huwayrith, havia sido personagem importante em Meca no tempo em que Maomé estava pelos vinte anos. Mercador coraixita, converteu-se ao

cristianismo e tentou persuadir os de sua tribo a aceitá-lo como rei. Prometeu conseguir melhores condições comerciais com os bizantinos, que provavelmente queriam fazer de Meca um Estado-cliente. Sua proposta foi de pronto rejeitada: como todos os árabes, os coraixitas se opunham radicalmente à idéia de ter um rei.

Os outros *hanifs* eram todos bastante conhecidos pela primeira comunidade muçulmana. Ubaydallah ibn Jahsh era primo de Maomé. Ele se tornou muçulmano, mas depois se converteu ao cristianismo. No próximo capítulo veremos que Waraqa ibn Naufal, que também se tornou cristão, era primo da primeira esposa de Maomé, e seu estímulo lhe foi de grande valia quando começou a receber as revelações que acreditava virem de Deus. Mas o último membro dessa seita possivelmente legendária continuou sua busca durante toda a vida e jamais se converteu oficialmente a nenhuma religião estabelecida. Zayd ibn' Amr não só abandonou o culto na Caaba como também é tido como um crítico aberto da religião pagã. Seu meio-irmão Khattab ibn Nufayl era pagão devoto e ficou tão escandalizado pela apostasia e pelo desrespeito aos deuses de Zayd que acabou expulsando-o da cidade. Diz-se que organizou um grupo de jovens zelotes pagãos para patrulhar as montanhas em torno de Meca, onde Zayd se escondia, a fim de impedi-lo de retornar ao santuário. Então Zayd abandonou o Hedjaz e viajou por países civilizados em busca da verdadeira fé. Chegou até Mosul no Iraque e daí foi para a Síria, perguntando sobre a religião de Abraão a todo monge ou rabino que encontrava. Finalmente encontrou um monge que lhe disse que estava prestes a surgir em Meca um profeta que pregaria a religião que ele estava procurando. Assim, Zayd rumou de volta para casa, mas foi atacado e morto na fronteira sul da Síria e jamais fez contato com Maomé.

Essa história é instrutiva. Ela expressa de modo eloqüente o espírito de busca de alguns árabes daquela época. Mas também mostra o tipo de oposição que qualquer um que ameaçasse a religião pagã estaria sujeito a enfrentar. Havia muitos coraixitas que, como Khattab ibn Nufayl, eram devotados à religião de seus pais e não toleravam que se falasse contra os antigos deuses e deusas. Eles não sentiam necessidade de mudança: a religião da Caaba fazia sentido e era o foco da união dos coraixitas em sua cidade. Veremos que o filho de Khattab, Umar, partilhava fervorosamente do amor do pai à antiga fé. Mas o desejo por uma religião alternativa continuava. Há uma história que conta que, certo dia, antes de haver

sido forçado a deixar Meca, Zayd estava parado próximo à Caaba, encostado no santuário e dizendo aos coraixitas que faziam as circunvoluções: "Ó coraixitas, por Aquele em cujas mãos está a alma de Zayd, nenhum de vocês segue a religião de Abraão além de mim". Mas então acrescentou: "Ó Deus, se eu soubesse como desejas ser adorado, assim eu te adoraria; mas não sei".[11] Em breve, contudo, as preces do árabe seriam respondidas.

---

* Algumas mudanças tiveram de ser efetuadas para adequar a tradução utilizada do Alcorão [ver notas] ao texto. Na citação acima, por exemplo, onde está *al-Llah* lê-se *Deus*. (N. T.)

4. Revelação

Pouco sabemos sobre o começo da vida de Maomé. O relato mais confiável de sua vida antes de aceitar a vocação profética, aos quarenta anos de idade, vem do Corão: "Não te encontrou órfão e te amparou? Não te encontrou errante e te guiou? Não te encontrou pobre e te enriqueceu?."[1]

Mais tarde, tradições muçulmanas embelezariam a crueza dos fatos com detalhes lendários, mais ou menos como os Evangelhos de Mateus e Lucas acrescentam histórias lendárias ao nascimento e à infância de Jesus, versões poéticas de verdades teológicas: elas refletem sobre a natureza da missão de Cristo e indicam que ele já estava desde o útero materno destinado à grandeza. Tanto Jesus como Maomé tornaram-se heróis, quase no sentido clássico da palavra. Ambos abriram novos campos de experiência, defrontaram-se com situações de grande perigo e ofereceram a seus povos a dádiva que transformou suas vidas, como Prometeu, que roubou o fogo dos deuses e o trouxe à terra para iluminar a vida dos homens. Histórias a respeito da infância de tais heróis normalmente os apresentam preparados para seu destino excepcional por forças além de nossa compreensão. Jesus se tornou um curandeiro carismático, e o milagre foi um elemento notável de sua vida adulta. Maomé, por outro lado, não operou milagres: ele sempre disse que a revelação do Corão era em si um milagre e sinal suficiente de sua origem divina. Insistia ser "um homem como outro qualquer" e o Corão o confirma: na passagem citada, revela que Maomé era um "errante" quando Deus se revelou.[2] As histórias milagrosas a respeito da gravidez de sua mãe e de sua infância não são características do resto de sua vida, e sim reflexões poéticas sobre a natureza de sua profecia e revelam a convicção futura que teriam os muçulmanos de que ele era "o

esperado das nações": mesmo judeus e cristãos esperavam ansiosos sua vinda.

Acredita-se que um monge cristão tenha profetizado a vinda do profeta árabe para Zayd ibn' Amr, o *hanif*. Este é um tema recorrente nos primeiros anos da vida de Maomé e da comunidade muçulmana. Na verdade, os árabes do Hedjaz tinham muito pouco contato com os cristãos e não sabiam quase nada a respeito do cristianismo. Foi somente após a morte de Maomé que os muçulmanos se depararam com prósperas e ativas igrejas na Síria e na Palestina; o Corão mostra uma compreensão muito limitada da fé cristã, mas não é antagônico à religião de Jesus. Ele vê a revelação de Maomé como a continuação e a confirmação da fé mais antiga. Cristãos árabes da Igreja Siríaca traduziram uma passagem dos Evangelhos* de um modo que indicava que estavam à espera da mensagem de Maomé. Jesus disse que após sua morte enviaria a seus discípulos um Consolador (o Paráclito), que os lembraria de tudo o que ele lhes ensinara e os ajudaria a entender seu ensinamento.[3] No lecionário siríaco, "Paráclito" foi traduzido por *munahhema*, palavra que, após o ocorrido, soava muito próxima a "Muhammad". Outros cristãos árabes leram, em lugar de "Paráclito", *periklytos*, que em árabe pode ser traduzido por "Ahmad". Esse era um nome comum na Arábia e significa, como "Muhammad", "o louvado". Maomé certamente ouviu falar dessa tradução, pois o Corão faz referência à crença de que Jesus predissera que um outro profeta, de nome "Ahmad", viria depois dele e confirmaria sua mensagem.[4]

Também se acredita que os judeus da Arábia, que viviam nos assentamentos agrícolas ao norte, estivessem à espera de um profeta que surgiria na península. Pode ser que então tenha ocorrido um ressurgimento do messianismo, que manifestava em termos tradicionalmente judaicos a inquietação dominante na Arábia no período final da *jahiliyah*. De fato, um rabino de grande devoção emigrara da Síria para Yathrib. Quando perguntado sobre o motivo pelo qual trocara uma terra gentil e fértil por outra "de privações e fome", respondera que queria estar no Hedjaz quando "o Profeta" viesse. "Sua hora chegou", disse ele às tribos judias em Yathrib, "e não deixem que ninguém se aproxime dele antes de vocês, ó judeus, pois que será enviado para derramar sangue e tornar cativas as mulheres e as crianças daqueles que se lhe opuserem. Não deixem que isso os afaste dele."[5] A efervescência messiânica teve grande impacto sobre os árabes de Yathrib, que sentiam que sua religião era inferior e inadequada se comparada à revelação

que os judeus possuíam em suas Escrituras. Mais tarde, um deles recordaria a tensão existente entre judeus e árabes no oásis:

> Nós éramos politeístas adorando ídolos, enquanto eles [os judeus] vinham do povo do Livro, detentor de um conhecimento que não tínhamos. Havia constante inimizade entre nós e quando levávamos a melhor sobre eles e incitávamos seu ódio, diziam: "O tempo chegou em que será enviado um profeta. Com a ajuda dele, nós os mataremos, assim como pereceram as tribos de Ad e Iram". Sempre os ouvíamos dizer isso.6

No capítulo 7, veremos que isso preparou os árabes de Yathrib para Maomé e que, quando o encontraram, reconheceram-no imediatamente como aquele que estava por vir. Também os Evangelhos falam de um sentimento de intensa expectativa na Palestina, onde, ao que parece, havia um clima messiânico semelhante. O profeta que fala em nome de Deus é também, em sentido profundo, o porta-voz de seu povo, expressando suas esperanças e medos. Compartilhará com eles o desassossego e a perturbação de seu tempo, mas será capaz de abordá-los em maior profundidade. As histórias sobre as expectativas de judeus e cristãos refletem o desconforto espiritual na Árabia no começo do século VII, mas também demonstram o poderoso efeito que heróis como Jesus ou Maomé têm tanto em sua geração como em gerações futuras: o que conseguiram é tão notável e tão em sintonia com as necessidades de suas épocas que parecem ter sido predestinados de forma misteriosa a satisfazer as aspirações religiosas do passado.

Maomé tinha aguda consciência do mal-estar que afligia a sociedade de Meca, apesar de seu recente e espetacular sucesso. Ele nascera por volta de 570 no clã dos Hashim, cujo poder declinara e que então se sentia em desvantagem. Hashim ibn Abd Manaf, avô dos coraixitas, fora em seu tempo uma figura importante em Meca. Foi ele quem primeiro equipou as duas caravanas que iam todos os anos de Meca à Síria e ao Iêmen e dele se diz que tinha boas relações com o negus da Abissínia e com o imperador de Bizâncio. Em princípio, o clã que fundara continuou a obter sucesso. O filho de Hashim, Abd al-Muttalib, era uma figura carismática que, segundo se acreditava, redescobrira a fonte sagrada de Zamzam, em Meca, que havia sido encoberta pelos ímpios predecessores dos coraixitas. Por isso, o clã Hashim tinha o privilégio de dar de beber a água de Zamzam aos peregrinos que vinham fazer o *hajj*. Abd al-Muttalib também era um rico mercador cujo enorme rebanho de camelos sugere que dera continuidade a algumas das antigas ocupações

nômades. Teve dez filhos e seis filhas, cada um mais belo que o outro. O historiador Muhammad ibn Sa'd lembra a impressão que os filhos de Abd al-Muttalib causavam ao povo de Meca: "Dentre os árabes não havia homens mais notáveis ou dignos, nem de tão nobres feições. Seus narizes eram tão grandes que bebiam antes que os lábios".[7] O filho mais novo, Abdallah, era particularmente caro a Abd al-Muttalib e diz-se que era ainda mais bonito que seus irmãos: Abdallah é o pai de Maomé.

Esses foram anos cruciais para os coraixitas, e a situação de seus clãs estava em constante mudança. Durante a infância de Maomé, um incidente significativo reacendeu a rivalidade entre os Ahlaf (os Confederados) e os Mutayyabun (os Perfumados), mostrando quão dramaticamente a riqueza dos Hashim decrescera durante a velhice de Abd al-Muttalib. Um mercador do Iêmen vendera algumas mercadorias ao mais importante homem do clã dos Sahm, que fora um dos Confederados. Mas ele se recusou a pagar e então o mercador fez um apelo à tribo dos coraixitas como um todo para que justiça fosse feita. O chefe do clã dos Taym, um dos Perfumados, convocou uma reunião, convidando todos aqueles que se interessassem por justiça e pela probidade nos negócios. Os clãs dos Hashim, al-Muttalib, Asad e Zuhrah — todos pertencentes ao grupo dos Perfumados — foram à reunião e fizeram um pacto que, mais tarde, ficou conhecido como Hilf al-Fudul, a Liga dos Virtuosos.[8] Foram todos à Caaba e juraram ficar sempre ao lado dos injustiçados e oprimidos. Diz-se que Maomé, então menino, esteve presente à cerimônia e que falou com ternura e palavras de aprovação sobre a cavalheiresca associação. Mas é provável que a Hilf tivesse também interesses comerciais. Os clãs que a compunham estavam naquele momento em desvantagem em relação aos clãs dos Confederados, que monopolizavam o comércio de Meca e deixavam os outros para trás. A Hilf pode bem ter feito que os monopolistas se unissem em defesa de seus interesses.

As circunstâncias da infância de Maomé mostram que sua família passava por tempos difíceis. Quando chegou o momento de o jovem Abdallah tomar uma esposa, Abd al-Muttalib decidiu casar-se de novo para aliar-se com o clã dos Zuhrah. Ele e seu filho mais novo noivaram respectivamente com Hala bint Wuhayb e Amina bint Wahb, mãe de Maomé, ambas aparentadas com um dos principais comerciantes dos Zuhrah. Uma lenda sobre a concepção de Maomé está

em aberto contraste com a concepção de Jesus, como contada por Mateus e Lucas. O islã nunca deu muita importância ao celibato e não houve nascimento virginal para o seu Profeta. Abd al-Muttalib e seu filho Abdallah andavam juntos pelas ruas de Meca, indo visitar suas novas esposas, quando uma mulher saiu às pressas à rua e convidou Abdallah a se deitar com ela. Os árabes, ao que tudo indica, podiam ter quantas mulheres quisessem durante o período pré-islâmico e, apesar de ser o dia de seu casamento, Abdallah parece não ter achado que a sugestão fosse das piores. Respondeu simplesmente que teria de ficar junto com seu pai mas tinha intenção de visitá-la na manhã seguinte. Ao chegar à casa do pai de Amina, consumou-se imediatamente o casamento e Maomé foi concebido. Mas, na manhã seguinte, ao procurar a mulher que o havia convidado, ela não estava mais interessada. Disse que no dia anterior ardia uma luz brilhante nos olhos de Abdallah, a indicar que estava prestes a ser pai do Profeta de seu povo. A luz havia desaparecido e outra mulher já concebera o Mensageiro de Deus.

Abdallah morreu enquanto Amina ainda estava grávida e a família passava então por momentos de tamanha dificuldade que não lhe pôde deixar mais que cinco camelos e uma jovem escrava chamada Bahira. Diz-se que Amina não passou nenhum desconforto enquanto esperava Maomé. Ao contrário, ouviu uma voz lhe dizer que estava carregando o senhor dos árabes e viu irradiar-se de sua barriga uma luz na qual podia divisar os castelos de Basra, na Síria, futuros destinatários da luz do islã. Maomé nasceu no dia 12 de Rabi'u al-awwal e Amina imediatamente mandou dizer a Abd al-Muttalib que um dia o bebê seria um grande homem. Cheio de alegria e gratidão, o velho levou o novo neto à Caaba. Diz-se que ele mesmo foi avisado do grande futuro à espera de Maomé: um *kahin* profetizou que um de seus descendentes governaria o mundo e, certa noite, sonhou que uma árvore crescia às costas da criança; seu topo atingiu os céus e seus galhos se estenderam a leste e a oeste. Da árvore vinha uma luz, que era adorada por árabes e persas, os quais, mais tarde, aceitaram o islã.

Com freqüência davam-se as crianças a pais de criação no deserto, por se acreditar que era mais saudável que a cidade. As mulheres beduínas se dispunham a aceitar um bebê coraixita para criar porque podiam esperar presentes da família, mas, devido à evidente pobreza de Amina, ninguém se interessava por Maomé. Aquele fora um ano particularmente ruim na Arábia e muitas tribos passavam

fome. A tribo dos Bani sa'd estava desesperada, mas Halima bint Abu Dhuayb, pertencente a uma das famílias mais pobres, decidiu levar Maomé assim mesmo, já que não conseguira encontrar outra criança de peito. Halima estava tão malnutrida que não tinha leite nem para seu próprio bebê, o leite de sua camela secara e mesmo a jumenta em que viajara até Meca estava nas últimas. Mas eis o que aconteceu assim que tomou nos braços o bebê Maomé:

> Eu o levei até minha bagagem e, assim que o pus para mamar, meus seios transbordaram de leite, que ele bebeu até estar satisfeito, assim como seu irmão de criação. Então ambos adormeceram, ao passo que antes não conseguíamos dormir com ele. Meu marido se levantou e foi até a velha camela e, vejam só!, seus úberes estavam cheios; ele a ordenhou e bebemos leite até ficarmos satisfeitos e tivemos uma noite tranqüila. Pela manhã, meu marido disse: "Sabe, Halima, você trouxe uma criatura abençoada". Eu disse: "Por al-Llah, eu espero que sim". Então nos pusemos a caminho; eu fui montada em minha jumenta e o trazia comigo. Ela ia tão rápido que os outros jumentos não conseguiam acompanhá-la, de modo que meus companheiros me disseram: "Com os diabos! pare e espere por nós. Não é essa a jumenta em que você veio?". "Claro que sim", respondi. Eles disseram: "Por al-Llah, algo extraordinário aconteceu". Então chegamos à nossa casa, no território dos Bani sa'd, e não conheço lugar mais desolado que esse.
>
> Quando o tínhamos conosco, meu rebanho dava leite em abundância. Tiramos leite e bebemos, enquanto outros não tinham sequer uma gota nem conseguiam achar algo nos úberes de suas camelas, de modo que nosso povo dizia a seus pastores: "Ai de vocês! Mandem seu rebanho pastar onde pasta o rebanho da filha de Abu Dhuayb". Mesmo assim, seus rebanhos voltavam famintos e sem uma gota de leite, enquanto os meus tinham leite em abundância.[9]

Não é de causar surpresa que Halima relutasse em devolver Maomé e suplicasse a Amina que a deixasse ficar com ele mais um pouco. E então um aterrador mas premonitório incidente fez com que mudasse de idéia.

Conta a história que um dia os irmãos de criação de Maomé voltaram correndo para junto dos pais, gritando apavorados que dois homens vestidos de branco pegaram Maomé e abriram-lhe a barriga. Halima correu até o local e achou o menino estendido no chão e muito fraco: mais tarde, ele explicou que os homens retiraram-lhe o coração para fora do corpo e o lavaram com neve; depois, colocaram-no numa balança e declararam que pesava mais que todos os árabes juntos. Por fim, um dos homens beijou-o na testa e disse com brandura: "Ó amado de Deus, em verdade você jamais terá medo, e se apenas soubesse o que de bom lhe foi preparado, ficaria muito feliz".[10] Essa história é semelhante às lendas de outras culturas que descrevem uma iniciação: simboliza a pureza necessária, se o iniciado está para receber uma infusão do divino, sem distorcer a mensagem

sagrada. Alguns escritores muçulmanos situam o incidente pouco antes da Viagem Noturna (a experiência mística suprema da vida de Maomé, discutida no capítulo 7), o que demonstra que estavam bastante conscientes de seu verdadeiro significado.

Mas a pobre Halima e seu marido al-Harith nada sabiam sobre isso, e é compreensível que estivessem apavorados. Temendo que Maomé tivesse sofrido um ataque, levaram-no imediatamente a Meca, antes que aparecesse qualquer seqüela. Mas Amina acalmou-os, fez com que lhe contassem toda a história e os tranqüilizou: aquela era uma criança excepcional e um grande futuro havia sido previsto para ela. Amina decidiu ficar com Maomé em Meca, mas, quando ele tinha seis anos, ela morreu. Maomé ficou órfão pela segunda vez e foi morar na casa de seu avô Abd al-Muttalib, que, parece, tinha-o como favorito. O avô tivera dois filhos de seu casamento tardio e Maomé foi criado junto a seus tios Abbas e o jovial Hamzah, mais ou menos da sua idade. Todavia, Abd al-Muttalib já estava muito velho e sua morte estava próxima. Ele gostava que levassem sua cama até a Caaba, onde podia deitar-se à sombra do santuário cercado por seus filhos mais velhos. Maomé costumava pular confiante sobre a cama e sentar-se ao lado do avô, que o fitava com ternura, afagando-lhe as costas. Ele morreu quando Maomé tinha cerca de oito anos de idade e o garoto passou a viver em companhia de seus primos Talib e Aqil na casa de seu tio Abu Talib, que se tornara o chefe dos Hashim.

Abu Talib era um homem bom e muito respeitado em Meca, apesar do declínio de seu clã. Ele foi sempre gentil com o sobrinho órfão, ainda que a situação financeira fosse cada vez mais difícil. Houve um ano em que deixou Maomé acompanhá-lo numa viagem de negócios à Síria e, para a surpresa dos coraixitas, quando chegaram a Basra o monge Bahira se precipitou para fora da cela e os convidou para comer. Ele em geral ignorava a caravana, mas naquele ano vira-a envolta numa nuvem brilhante que fez com que entendesse que o Profeta havia muito aguardado estava presente. Essa história é o equivalente muçulmano da de Jesus perdido no Templo, mas os relatos antigos nos mostram que essas primeiras fontes eram ainda bastante ignorantes em relação ao cristianismo: o nome do monge, Bahira, foi confundido com o título siríaco *bhira*, "reverendo". Os cristãos diriam que foi Bahira quem instruiu Maomé na heresia a que chamaram "maometismo".

Por ser o mais novo, Maomé ficou do lado de fora tomando conta da mercadoria enquanto os coraixitas aceitavam o convite de Bahira. Durante a refeição, o monge estudou cuidadosamente os mercadores mas nenhum deles correspondia à descrição do Profeta que encontrara em seus livros. Não havia mais ninguém com eles? Os coraixitas então sentiram-se envergonhados por deixarem o neto do grande Abd al-Muttalib do lado de fora feito um escravo. Trouxeram-no para dentro e o monge observou-o atentamente. Terminada a refeição, Bahira chamou Maomé à parte e pediu-lhe que jurasse em nome de al-Lat e al-Uzza, as deusas de seu povo, dizer a verdade ao que lhe perguntasse. "Não me peça para jurar em nome de al-Lat e al-Uzza", protestou Maomé, "pois, por al-Llah, não há para mim nada mais odioso que essas duas." Em vez disso, jurou somente em nome de al-Llah e respondeu às perguntas de Bahira sobre sua vida. O monge examinou seu corpo e encontrou a marca especial da profecia entre as omoplatas. "Leve seu sobrinho de volta para sua cidade e guarde-o muito bem contra os judeus", aconselhou Bahira a Abu Talib, "pois, por al-Llah, se o virem e souberem o que sei sobre ele, irão lhe fazer mal; um grande futuro está à espera de seu sobrinho, portanto, leve-o depressa para casa."[11]

Mas até os 25 anos, aproximadamente, houve poucos sinais de grandeza na vida de Maomé, mesmo sendo um jovem bastante habilidoso. Em Meca, era conhecido como al-Amin (o Confiável): durante toda a vida, teve o dom de inspirar confiança aos outros. Tornara-se um belo rapaz, de corpo compacto e sólido e de estatura mediana. Seus cabelos e barba eram espessos e encaracolados e tinha uma expressão luminosa particularmente notável mencionada por todas as fontes. Seu caráter era decidido e franco, o que fazia com que desse total atenção a tudo o que estivesse fazendo, e isso era também demonstrado por sua postura. Assim, nunca olhava por sobre os ombros, mesmo que seu manto ficasse preso num arbusto espinhento; mais tarde, seus homens podiam falar e rir à vontade atrás dele, certos de que não se viraria e daria de frente com eles. Ao se virar para falar, nunca se inclinava um pouco, mas se virava de todo e encarava de frente. Ao apertar a mão de alguém, nunca era o primeiro a retirá-la. Seus tios providenciaram-lhe um bom treinamento militar e ele se tornou hábil arqueiro, competente espadachim e lutador. Entretanto, jamais seria tão bom no campo de batalha quanto seu tio Hamzah, um gigante dotado de prodigiosa força física. Seu tio Abbas se tornara

banqueiro, e Maomé, comerciante, cujo trabalho era levar caravanas à Síria e à Mesopotâmia. No Ocidente, ele era freqüentemente chamado de condutor de camelos, descrição pejorativa desse cargo administrativo de grande responsabilidade. Contudo alguns estudiosos ocidentais contemporâneos questionam essa profissão, alegando que ele não demonstra nenhum conhecimento de primeira mão da Síria ou de outras terras civilizadas e que o Corão nunca faz menção das procissões e outros espetáculos e atrativos da cristandade siríaca, que inspiraram poetas seus contemporâneos na península.[12] Mas parece um tanto forçado questionar a tradicional visão da profissão de Maomé como mercador, já que é difícil ver por que alguém inventaria uma coisa dessas.

Apesar de suas capacidades, a condição de órfão o impedia de progredir. Isso deve ter sido doloroso, e veremos que, durante toda a vida, ele se preocupou com a condição e o cuidado dos órfãos. Sua baixa posição fez com que fosse difícil achar uma esposa. Certa vez, quis desposar Fakhita, uma filha de Abu Talib que tinha mais ou menos a sua idade. Mas Abu Talib teve de lhe dizer que ainda não estava em condições de casar e conseguiu para ela um pretendente mais vantajoso no aristocrático clã dos Makhzum. Por mais gentil e tático que tenha sido Abu Talib, isso deve ter sido profundamente doloroso. Maomé era um homem que amava as mulheres e precisava delas. Nisso, difere de muitos contemporâneos. Mais tarde, alguns companheiros mais próximos, que claramente acreditavam que a mulher deve ser mantida em seu lugar, observaram que a maioria dos habitantes de Meca menosprezava o sexo feminino. Vimos que as mulheres não tinham nenhum status durante a *jahiliyah,* e mesmo alguns dos mais preeminentes muçulmanos tratavam suas esposas e filhas com dureza. Mas Maomé deve ter apreciado realmente a companhia do sexo feminino e precisado de carinho e intimidade. Posteriormente, sua gentileza e indulgência para com as mulheres deixariam perplexos muitos companheiros. Maomé não foi o libertino perverso das lendas ocidentais: ele precisava de uma mulher que fosse tanto uma amiga querida como amante.

Por volta de 595, contudo, sua sorte mudou drasticamente. Uma parenta distante, Khadija bint Khuwaylid, pediu-lhe que levasse suas mercadorias à Síria. A vida urbana oferece muitas vezes às mulheres a oportunidade de se destacar nos negócios e no comércio: durante o século XII, na Europa, houve um número significativo de mulheres banqueiras, mercadoras e lojistas que obtiveram excelente

sucesso e parece ter acontecido o mesmo em Meca. Khadija, casada duas vezes e com alguns filhos, pertencia ao clã dos Asad, mais poderoso que o dos Hashim no começo do século VII, e foi capaz de viver muito bem como comerciante. Maomé concordou em levar sua encomenda e iniciou uma viagem decisiva. Um tal Maysara, que o acompanhou, viu muitas coisas estranhas que depois contou a Khadija. Relatou ter sido chamado à parte por um monge que lhe disse que Maomé era o profeta cuja vinda estava sendo tão aguardada na Arábia. Mais tarde, e com grande espanto, viu dois anjos protegendo Maomé do sol intenso. Ao ouvir essas histórias, Khadija foi imediatamente consultar seu primo Waraqa ibn Naufal, o *hanif* que havia se convertido ao cristianismo e estudado as Escrituras. Waraqa também aguardava ansioso pelo profeta árabe e, ao ouvir as novas trazidas por Khadija, exclamou: "Se isso for verdade, Khadija, com certeza Maomé é o profeta de seu povo!".[13]

Khadija propôs casamento a Maomé, motivada não apenas pelo entusiasmo de Waraqa, mas também pelos atributos pessoais de seu jovem parente. Apesar da diferença de idade, ela precisava de um marido e Maomé era uma escolha adequada. "Gosto de você por causa de nosso parentesco", ela lhe disse, "e de sua boa reputação entre seu povo, sua confiabilidade, bom caráter e sinceridade."[14] Reza a tradição que Khadija tinha então quarenta anos, mas, como lhe deu pelo menos seis filhos, é provável que fosse mais moça, embora ainda bem mais velha que seu novo marido. É comum no Ocidente fazer pouco-caso desse casamento com uma viúva mais velha e rica. Sugeriu-se que Maomé aceitou a união por interesse. Mesmo Maxime Rodinson, em sua benévola biografia, sugere que talvez Maomé tenha achado o casamento sexual e emocionalmente frustrante. Mas, ao que tudo indica, deu-se justamente o contrário. Durante os primeiros anos de sua missão profética, ele não teria conseguido ir adiante sem seu apoio e aconselhamento espiritual. Khadija era uma mulher notável. Ela era, diz Ibn Ishaq, "determinada, nobre e inteligente". Sempre que Maomé era atacado por seus inimigos ou abalado pela força de sua experiência mística, recorria à esposa em busca de conforto. Khadija foi a primeira pessoa a reconhecer o dom extraordinário do marido, "deu-lhe forças, aliviou seu fardo, atestou sua verdade".[15] Maomé era uma homem apaixonado e, enquanto esteve casado com Khadija, não tomou outra e mais jovem esposa — fato a que deveriam atentar aqueles que o criticam por sua

poligamia em anos posteriores. Na verdade, após a morte de Khadija, Maomé costumava enfurecer suas esposas ao louvar-lhe infinitamente os méritos, e certa feita empalideceu de pesar ao pensar ter ouvido sua voz. Esse não foi um casamento de conveniência: Maomé deu grande parte dos lucros aos pobres e fez sua própria família levar uma vida frugal.

Apesar da austeridade, esse deve ter sido um lar feliz. Khadija deu a Maomé pelo menos seis filhos: dois homens — al-Qasim e Abdallah — que morreram ainda bebês, e quatro mulheres, Zaynab, Ruqayyah, Umm Kulthum e Fátima. Maomé adorava crianças: durante toda a vida ele as abraçaria e beijaria e brincaria com elas. Foi sempre um pai atencioso com as filhas. É um costume árabe receber um nome honorário, conhecido como *kunya*, quando do nascimento do primeiro filho e, a partir de então, Maomé foi com freqüência chamado Abu al-Qasim (o pai de Qasim), nome que o enchia de satisfação. Khadija seria chamada Umm al-Qasim, a mãe de Qasim.[16] Em certa medida, Maomé foi capaz de compensar a morte dos filhos. No dia de seu casamento, Khadija o presenteou com um jovem escravo de uma tribo árabe do norte, a tribo dos Kalb. Zayd ibn Hadith tornou-se tão apegado a seu senhor que quando a família finalmente conseguiu localizá-lo e foi até Meca com o dinheiro do resgate, pediu para ficar com Maomé. Em troca, Maomé deu-lhe a liberdade e adotou-o. Anos mais tarde, quando sua caçula Fátima tinha quatro anos, houve mais um acréscimo à família. Abu Talib passava por dificuldades financeiras e, naquele ano de fome particularmente aguda, seu capital minguou ainda mais. Para aliviá-lo, Abbas levou seu irmão mais moço Ja'far, e Maomé ficou com o caçula de Abu Talib, Ali, de cinco anos. Maomé, ele próprio um órfão, levava a paternidade adotiva muito a sério. Sempre que seus pais de criação beduínos o vinham visitar, ele os presenteava com comida ou ovelhas. Zayd e Ali prosperaram sob sua custódia; ambos tornaram-se líderes importantes na comunidade muçulmana inicial e Ali, em particular, parecia ter o dom de inspirar uma profunda devoção aos seus amigos.

Nesses anos de calmaria, antes que Maomé recebesse o chamado, sua posição em Meca melhorou. Ele era particularmente conhecido em Meca por sua bondade para com os pobres e os escravos. Olhando retrospectivamente, um incidente parece ter sido premonitório. Em 605, quando Maomé contava 35 anos, os coraixitas decidiram reconstruir a Caaba: muitas pedras estavam soltas, ela

precisava de um teto novo e pouco tempo antes havia sido vandalizada por ladrões. Mas a santidade da construção tornava a empresa arriscada e delicada. Na maioria das sociedades, as coisas sagradas são tabu e têm de ser manuseadas com muito cuidado. Os coraixitas estavam muito nervosos com a demolição do grande santuário; mesmo assim, tocaram o projeto. Walid ibn al-Mughira, chefe dos Makhzum e um dos mais influentes homens de Meca, aproximou-se dela cuidadosamente com sua picareta e disse: "Ó Deus, não tenha medo, queremos apenas fazer o melhor". O trabalho pôde então começar e cada clã se responsabilizou por uma área, de modo que o trabalho fosse verdadeiramente um esforço conjunto de toda a tribo. Ao chegarem às fundações, contudo, diz-se que a cidade inteira ficou chocada e os coraixitas decidiram deixá-las intactas.

As novas paredes foram erguidas, mas uma discussão acirrada começou quando chegou a hora de colocar a Pedra Negra de volta no lugar, pois todos os clãs queriam ter essa honra. Passados cinco dias, seguia ainda a disputa, claro indício da feroz competitividade que corroía a unidade tribal de Meca. Por fim, em sua desesperada tentativa de chegar a um acordo, os clãs decidiram acatar a decisão da primeira pessoa que passasse. Aconteceu de essa pessoa ser Maomé, que acabara de retornar de uma viagem de negócios e, como de costume, se dirigia imediatamente à Caaba para fazer as circunvoluções rituais. Ele foi saudado com alívio: "Eis que chega al-Amin", disseram todos, "estamos em boas mãos".[17] Maomé pediu-lhes que trouxessem um manto, colocassem a pedra sagrada em seu centro e, então, fez com que um representante de cada clã pegasse uma ponta para que, juntos, a colocassem de volta no lugar. Maomé procederia a uma reconstrução ainda mais fundamental da Caaba ao fazer dela o centro do mundo muçulmano; e também estava destinado a restaurar a unidade coraixita em torno do santuário de al-Llah.

Como vimos, por volta dos quarenta anos, Maomé começou a fazer retiros espirituais. Sua futura esposa Aisha disse que ele começara a passar mais e mais tempo sozinho, em adoração a Deus. Começou a ter sonhos que pareciam iluminados por promessas e esperanças "como a luz da aurora". Durante a reclusão, praticava exercícios espirituais, chamados *tahannuth* pelos árabes, e distribuía comida aos pobres: tanto as orações como a esmola se tornariam práticas essenciais à religião de al-Llah. É provável que tenha passado muito tempo em meio a pensamentos aflitivos. Sabemos pelo curso de sua carreira que diagnosticou

com clareza o problema de Meca. Devia estar se sentido profundamente frustrado: ninguém em Meca o levaria a sério, e a posição inferior de seu clã o impedia de exercer liderança na cidade. Mesmo assim, devia intuir que possuía capacidades extraordinárias que não estavam sendo aproveitadas. O Corão vez por outra reflete sobre o fato de Deus nunca ter mandado um profeta aos coraixitas, embora os tenha enviado aos demais povos da terra. É provável que Maomé acreditasse que um mensageiro de Deus pudesse dar jeito nos problemas de sua cidade, mas sabemos pelo Corão que jamais imaginara que seria *ele* o Profeta.[18] Em todo caso, ele, como Moisés, subira ao topo da montanha e foi no topo da montanha que, na décima sétima noite do ramadã de 610, encontrou-se com Deus.

Não sabemos muito sobre os *tahannuth*, mas é provável que consistissem em exercícios disciplinares, existentes na maioria das tradições religiosas, para ajudar seus adeptos a transcender os limites da experiência quotidiana. Mais tarde, Maomé expressaria essa vivência do inefável dizendo que foi visitado por um anjo que apareceu a seu lado na caverna e lhe deu ordens de recitar. Como alguns dos profetas hebraicos, que também relutaram em proclamar a Palavra de Deus, Maomé recusou. "Eu não sei recitar!", insistiu, achando que o anjo o havia tomado por um *kahin*, um adivinho da Arábia. Mas o anjo apenas "envolveu-me num abraço até que atingisse o limite de minha resistência",[19] ao final do qual Maomé se surpreendeu dizendo as verdadeiras primeiras palavras do Corão:

> Recita em nome do Deus que te criou, criou o homem de sangue coagulado. Recita. E teu Senhor é o mais generoso, que ensinou com a pena, ensinou ao homem o que não sabia.[20]

Maomé voltou a si num estado de terror e desgosto. A idéia de que, contra sua vontade, houvesse se tornado um *kahin*, um possuído pelos *jinn*, encheu-o de desespero, diz-nos Tabari, o historiador, que não mais desejou continuar vivendo. Precipitando-se para fora da caverna, começou a escalar o topo da montanha para dali se atirar para a morte. Mas, na encosta da montanha, teve outra visão que, mais tarde, identificaria com Gabriel:

> Quando estava a meio caminho na montanha, ouvi uma voz vinda do céu que dizia: "Ó Maomé! Você é o apóstolo de Deus e eu sou Gabriel!". Ergui então a cabeça em direção ao céu para ver quem me falava e eis que era Gabriel em forma de homem com os pés fincados nos dois lados do horizonte. [...] Eu o fitava sem

> me mover para a frente ou para trás; então, desviei o rosto, mas, para onde quer que olhasse, eu o via como antes.[21]

Esse não era um anjo naturalista e bonitinho como os que às vezes vemos na arte cristã. No islã, Gabriel é o Espírito da Verdade por intermédio do qual Deus se revela aos homens. Essa é a avassaladora e poderosa sensação de uma Presença espalhada por todo o horizonte e da qual é impossível fugir. Maomé tivera a mesma apreensão poderosíssima de uma realidade numinosa que devastara profetas e videntes na maioria das tradições. No cristianismo ela foi descrita como sendo um *mysterium terribile et fascinans* e no judaísmo ela é chamada *kaddosh*, "santidade", a alteridade terrível de Deus.

As várias tradições fornecem relatos conflitantes da visão original de Maomé; algumas dizem que ela se resume à visão na caverna; outras, à visão do anjo no horizonte. Mas todas enfatizam o horror e o medo de Maomé. Os profetas hebreus também clamavam contra a visão da santidade, julgando que sua morte se aproximava: "Ai de mim!", gritou Isaías ao ter a visão de Deus no Templo, "estou perdido!". Até os anjos protegiam-se com suas asas da presença divina, mas ele encarara o Iahweh dos Exércitos com seus próprios e impuros olhos.[22] Jeremias sentiu Deus como uma dor agonizante que lhe assolava cada membro; como Maomé, ao ser abraçado pelo anjo, ele teve a experiência da revelação como uma espécie de estupro divino.[23] Ela o invadiu com uma temerosa força, violentando seu ser natural, que não havia sido feito para suportar tal impacto divino. O que todos esses profetas viveram chama-se transcendência, uma realidade além de qualquer conceito e a que os monoteístas chamam "Deus". Sua experiência é *terribile,* pois leva cada um dos profetas a um território desconhecido, muito além dos consolos da normalidade, onde tudo é um profundo choque. Mas ela é também *fascinans*, exercendo uma atração irresistível, por ser de certa forma a lembrança de algo já conhecido e intricadamente ligado ao mais profundo eu. Mas, diferentemente de Isaías ou Jeremias, Maomé não teve o consolo de uma religião estabelecida que o apoiasse e o ajudasse a interpretar sua experiência. Parecia haver se abatido sobre ele sem ser solicitada, fazendo com que se sentisse desesperado e desejasse o suicídio. Ele havia sido impelido a uma esfera que nunca antes imaginara e agora tinha de prestar contas dela a si mesmo. Em meio ao isolamento e ao terror, voltou-se instintivamente para a esposa.

Rastejando, com a parte superior do corpo tremendo convulsivamente, Maomé se atirou ao colo de Khadija. "Me cubra! Me cubra!", gritava, suplicando-lhe que o protegesse da presença aterradora. Apesar de seu desprezo por *kahins*, que sempre se cobriam com seus mantos ao dizer um oráculo, Maomé instintivamente adotara a mesma postura. Tremendo, esperou que o terror diminuísse e então Khadija o envolveu em seus braços, confortando-o e tentando fazer com que deixasse de ter medo. Todas as fontes enfatizam a forte dependência de Maomé em relação a Khadija durante a crise. Posteriormente, ele teria mais visões na encosta da montanha e após cada uma delas se dirigiria a Khadija, pedindo-lhe que o embalasse e o envolvesse em seu manto. Mas Khadija não se reduz a uma figura materna consoladora; foi também a conselheira espiritual de Maomé. Ela foi capaz de dar-lhe o tipo de apoio que outros profetas e videntes encontram numa religião estabelecida. Quando o medo passou naquela primeira vez, Maomé perguntou-lhe se havia se tornado um *kahin*; era a única forma de inspiração que conhecia e, apesar da imponente santidade, essa também pareceu ser incomodamente semelhante à dos que na Arábia eram possuídos pelos *jinn*. Assim, Hassan ibn Thabit, um poeta de Yathrib que posteriormente se converteria ao islã, diz que, quando recebeu a vocação poética, seu *jinni* apareceu diante dele, jogou-o ao chão e obrigou as palavras inspiradas a saírem boca afora.[24] Maomé não tinha muito respeito pelos *jinn*, que às vezes eram caprichosos e cometiam erros. Se era essa a paga que lhe dava al-Llah por sua devoção, ele não queria mais viver. Ao longo de sua vida, o Corão demonstra quão sensível era Maomé a qualquer sugestão de que fosse tão-somente um *majnun*, um possuído por um *jinni*, e cuidadosamente distingue os versículos do Corão da poesia convencional árabe.

Khadija prontamente o consolou. Deus não age de forma assim tão cruel e arbitrária. Maomé tentava honestamente viver do modo como pedia Deus e em troca Deus não permitiria que ele fracassasse: "Você é bom e tem consideração para com seus parentes. Você ajuda os pobres e os desamparados e carrega seus fardos. Você luta para recobrar as altas qualidades morais que seu povo perdeu. Você honra seus hóspedes e socorre os necessitados. Isso não pode ser, meu querido".[25] Para tranqüilizá-lo ainda mais, ela sugeriu que procurassem Waraqa, que estudara as Escrituras e podia aconselhá-los com mais propriedade. Waraqa não teve nenhuma dúvida: "Santo! Santo!", disse ele, "se o que você me diz é verdade, ó

Khadija, então veio até ele o mesmo *namus* que outrora veio a Moisés e ele é o profeta de seu povo".[26] No próximo encontro com Maomé na Caaba, o cristão Waraqa correu até o novo profeta do Deus único e o beijou na testa.

Devemos agora fazer uma pausa e refletir sobre a natureza dessa experiência. Nós não mais descartamos automaticamente uma visão desse tipo como sendo histeria ou má-fé. Em todas as culturas, a inspiração foi sempre vista como uma forma de possessão benigna, em termos tanto artísticos como religiosos. O poema ou mensagem parece falar a seu criador com força imperativa e parece se declarar. Freqüentemente, pensadores verdadeiramente criativos também se sentem inspirados desse modo: é como se, de alguma forma, houvessem tocado ou descoberto uma realidade incriada dotada de existência independente. O mais famoso caso é o de Arquimedes, que pulou de sua banheira quando descobriu seu famoso princípio gritando "Eureka! Encontrei!". Achando-se relaxado, ele se pôs num estado de espírito receptivo, e a resposta pareceu vir espontaneamente, como se tivesse uma existência independente da própria mente. Todo pensamento verdadeiramente criativo é, em certo sentido, intuitivo; ele exige um mergulho no obscuro mundo da realidade incriada. Vista dessa forma, a intuição não abdica da razão, mas antes a acelera, encapsula-a num instante, de modo que a solução vem sem as trabalhosas preliminares lógicas de costume. Um gênio criativo retorna dessa terra não descoberta como um dos heróis da Antigüidade, que tomara à força algo de volta dos deuses e o entregara à humanidade. Talvez seja possível pensar na experiência religiosa de um modo similar.

O poeta que "escuta" um poema que lhe parece uma realidade externa está, claro, escutando seu inconsciente. Ele se torna o portador de uma mensagem ou dádiva daquilo a que se chamou musas ou deuses. Numa pequena sociedade como Meca, o inconsciente das pessoas tinha muito em comum. Falando em termos estritamente seculares, Maomé havia alcançado o mais profundo nível do problema com que seus contemporâneos se deparavam e lhes trouxe algo que poucos deles estavam prontos para ouvir. Veremos que, conforme ia trazendo à luz o Corão, versículo por versículo, sura por sura, e o recitava a seu povo, muitos deles o reconheceram em um nível profundo. Ele foi capaz de sobrelevar seus preconceitos, inquietudes e objeções ideológicas e propor uma solução social inventiva e espiritual em que ninguém antes havia pensado mas que respondia a

seus desejos e aspirações mais profundos. Em cada religião, a idéia de Deus ou da Realidade Última é condicionada culturalmente. Ao que parece, os árabes no Hedjaz estavam à procura de uma nova solução religiosa que fosse adequada às suas próprias necessidades. Eles não queriam, por exemplo, a idéia cristã de Deus, marcada pela filosofia e pelos ideais racionalistas da Grécia antiga. Maomé instintivamente retornara ao cerne da experiência religiosa dos profetas hebreus, mais adequada ao povo do Oriente Médio. É tentador pensar na popularidade do islã entre os povos da Síria, da Mesopotâmia, do Irã e da África do Norte como rejeição de uma noção de Deus inspirada nos gregos e um retorno a uma visão mais semítica.

Mas Maomé não fazia idéia de que estava fundando uma nova religião mundial. Essa era para ser uma religião dos árabes, que pareciam ter sido excluídos do plano divino. Deus enviara aos judeus e cristãos uma Escritura — no Corão eles são chamados *ahl al-kitab*, os Povos do Livro —, mas não se revelara aos árabes. A revelação que Maomé começara a recitar no monte Hira sob inspiração divina era uma *qu'ran* árabe. Era uma mensagem que respondia às mais profundas necessidades dos árabes: Maomé conseguira de algum modo chegar a um novo nível de consciência, diagnosticando o que havia de errado em sua sociedade e dando pouco a pouco aos árabes sua própria solução.

Muitas vezes usamos o termo "revelação" para descrever um pensamento ou visão inteiramente original. Mas a etimologia do termo nos mostra que se trata de algo que foi "desvelado", "des-coberto". Por natureza, nenhuma visão ou conceito religioso pode ser original, uma vez que intenta chamar a atenção para uma realidade fundamental e preexistente. Maomé compreendeu e expressou essa verdade de forma mais clara que muitos outros líderes religiosos. Não há nada novo na revelação no monte Hira. É simplesmente a antiga religião de Deus, que havia sido repetidamente revelada e que fora confiada a Maomé para que ele a levasse aos árabes. A religião de al-Llah que Maomé dentro em pouco começaria a pregar em Meca não tivera início no monte Hira, e sim no primeiro dia da Criação. Deus fizera de Adão seu *kalipha* ou vice-regente na terra, após o que enviou profeta atrás de profeta a todos os povos na face da Terra.[27] A mensagem fora sempre a mesma, de modo que todas as religiões são essencialmente uma. O Corão nunca declarou cancelar as revelações anteriores, mas, em princípio, um culto, uma

tradição, uma Escritura eram tão bons quanto outro.[28] O que importa é a qualidade da submissão do indivíduo a Deus, e não a uma mera expressão humana de sua vontade. As pessoas não têm por que "desejar outra religião que não seja a de Deus".[29] Todos os profetas haviam confirmado e continuado a progressiva revelação de Deus. Assim, ao se referir à crença de que Jesus havia profetizado a vinda do Paráclito (termo que foi, como vimos, traduzido por alguns árabes como "Ahmad", uma variação do nome Muhammad), o Corão diz: Jesus, o filho de Maria, disse: "Ó filhos de Israel, sou o Mensageiro que Deus vos enviou. Corroboro tudo quanto está na Torá e anuncio a chegada de um Mensageiro que virá depois de mim, chamado Ahmad".[30] A única diferença da revelação de Maomé era o fato de, pela primeira vez, Deus haver enviado aos coraixitas um mensageiro e uma Escritura em sua própria língua.

Há, portanto, uma atitude despreocupada com relação às formas históricas da revelação. É bom enfatizar esse ponto, pois tolerância não é uma qualidade que hoje os ocidentais costumam associar ao islã. Mas, como apontam os próximos capítulos, a intolerância do islã não surge do mesmo tipo de conflitos doutrinários que dividiram os cristãos, e sim de fontes completamente diferentes. Após a morte de Maomé, nunca se exigiu que judeus e cristãos se convertessem ao islã, e lhes era dada liberdade de culto dentro do império islâmico. Mais tarde, zoroastristas, hindus, budistas e sikhs foram todos incluídos entre os Povos do Livro. Para o islã nunca foi problema coexistir com povos praticantes de outras religiões. O império islâmico serviu de morada a judeus e cristãos durante séculos; mas a Europa ocidental achou praticamente impossível tolerar a presença de judeus e muçulmanos em território cristão.

A revelação no monte Hira em 610 foi obviamente um evento importante na história do islã, mas foi apenas o começo. O milagre do Corão, segundo muitos muçulmanos hoje em dia, não é a forma de sua revelação original a Maomé no monte Hira, em Meca e, mais tarde, em Medina, e sim sua contínua habilidade de dar a milhões de homens e mulheres em todo o mundo fé em um sentido e valor últimos da vida. A religião islâmica vem tendo de ser continuamente inventiva e criativa em sua aplicação da visão original a um mundo em constante mudança: como qualquer outra fé, ela tem de responder à modernidade.

No Corão, Maomé é muitas vezes chamado de o profeta *ummî*, o profeta

iletrado, e a tese de seu analfabetismo dá ênfase à natureza milagrosa de sua inspiração. Alguns estudiosos ocidentais, contudo, afirmam que o título *ummî* não deve ser interpretado como "iletrado" e que, como comerciante, Maomé provavelmente tinha noções básicas de escrita. Acreditam que ele dizia ser o profeta do povo "iletrado" que não havia recebido uma Escritura de Deus. Em outras palavras, *ummî* quer dizer "Profeta dos gentios". Outros escritores, partindo dessa afirmação, supuseram incorretamente que o termo *ummî* está relacionado a *umma*, comunidade, e que o título significa "o profeta do povo". A bem da verdade, *ummî* e *umma* não têm nenhuma relação entre si, e os muçulmanos consideram essa interpretação ofensiva. Vimos que, por aproximadamente mil anos, os ocidentais não foram capazes de acreditar que Maomé tivesse uma vocação profética genuína. Esta parece outra tentativa de justificar essa visão. Na verdade, parece retorcido questionar a interpretação muçulmana tradicional de *ummî*. Não há nenhuma menção de Maomé lendo ou escrevendo nos relatos mais antigos. Quando precisava enviar um carta, ele a ditava para alguém como Ali, que sabia ler e escrever. Esconder sua capacidade de ler e escrever durante toda a vida teria sido a suprema fraude. Além de atípica, é um tipo de fraude de muito difícil manutenção, dado que ele e sua gente viviam em grande proximidade. A interpretação de *ummî* como "iletrado" é de fato muito antiga: também é de grande importância para os muçulmanos. Tem um significado mais ou menos semelhante ao da concepção virginal para o cristianismo, enfatizando a pureza que se exige de um homem ou de uma mulher que traga a Palavra de Deus à humanidade: a revelação não pode ser tomada como uma contribuição puramente humana.

Não obstante, seria erro imaginar Maomé agindo de forma passiva, como um telefone que conecta Deus aos homens. Como outros profetas, ele muitas vezes tinha de fazer esforço para compreender as revelações, que nem sempre vinham de forma clara e verbalizada. Eventualmente vinham em forma de visões, e não de palavras.[31] Como vimos, a futura esposa de Maomé, Aisha, disse que as revelações mais antigas vinham em forma de imagens. Consistiam em indícios vagos e ricos de um significado poderoso e transfigurante: "O primeiro sinal da profecia concedido ao apóstolo eram verdadeiras visões, à semelhança da claridade da alvorada [*falaq as-subh*]".[32] A expressão nos diz da súbita transformação do mundo quando o brilho do sol atravessa a escuridão nessas terras do leste, onde não há crepúsculo. O que

Maomé experienciava era antes a surpreendente visão da esperança que uma mensagem específica.

As tradições muçulmanas mostram que converter as mensagens em palavras nunca foi tarefa fácil. Maomé certa feita disse: "Nunca recebi uma revelação sem ter a sensação de que minha alma era arrancada de mim".[33] Era um angustiante processo de criação. Algumas vezes, ele disse, o conteúdo verbal era bastante claro: sentia como se visse o anjo em forma de homem e ouvisse suas palavras. Outras vezes, no entanto, o processo era mais dolorido e incoerente: "Às vezes ela vem a mim como as reverberações de um sino, e essas são as mais difíceis de suportar; as reverberações cessam quando já sei qual é sua mensagem".[34] Nós o veremos voltar-se para dentro de si e vasculhar a própria alma por uma solução para seus problemas, assim como um poeta escuta um poema que gradualmente traz à luz. O Corão avisa-o para ouvir o significado inarticulado com atenção e aquilo a que Wordsworth chamou *wise passiveness* [passividade sábia]. Não se deve correr para colocar a mensagem em palavras antes que estas venham à tona no tempo apropriado:

> Não precisas movimentar demais a língua para apressar a recitação do Corão. A nós compete compilá-lo e recitá-lo. Quando o recitamos, acompanha atentamente a recitação.[35]

A Voz Divina não estava trovejando uma mensagem dos céus; Deus não era uma realidade externa e claramente delimitada. Chegava-se a ele ao se olhar para dentro. Mais tarde os sufis, os místicos do islã, desenvolveriam a noção de Deus como o fundamento de nosso próprio ser. Alguns ouviriam uma voz divina dizendo-lhes: "Não há outro deus senão você".

Também não sabemos quantas revelações Maomé recebeu no início de sua carreira. Sabemos, contudo, que Maomé, Khadija e Waraqa nada disseram a esse respeito. Maomé não era o ávido propagandista de si mesmo descrito por seus inimigos ocidentais. Após as primeiras revelações, no entanto, Maomé passou por um período de silêncio de aproximadamente dois anos. Foi uma época de grande desolação, e alguns historiadores muçulmanos atribuem a esse período seu desespero suicida. Haveria ele se enganado? Ou Deus o considerara inadequado como portador da mensagem e o abandonara? O silêncio parecia catastrófico, quando então veio a sura 93 — a sura da Manhã — com uma eclosão de luminosa

confiança:

> Pelo esplendor do meio-dia, e pela noite quando serena, teu Senhor não te abandonou nem te odeia. A última porção será melhor para ti que a primeira. Teu Senhor te cumulará, e estarás satisfeito.
>
> Não te encontrou órfão e te amparou? Não te encontrou errante e te guiou? Não te encontrou pobre e te enriqueceu?
>
> Por tua vez, o órfão, não oprimas; e o mendigo, não repilas; e as graças de teu Senhor, divulga.[36]

Maomé estava prestes a começar sua missão. Ele aprendera a ter fé em sua experiência e acreditava então que ela vinha diretamente de Deus. Ele não era um *kahin* ludibriado. O ato de fé exigia coragem, mas estava então decidido a dar um passo que exigiria dele ainda mais resignação. Resolvera aceitar a interpretação de Waraqa a respeito de sua experiência: ele fora chamado para ser o Profeta dos coraixitas. Teria então de se apresentar diante de seu povo. Waraqa o alertou de que isso não seria fácil. Ele estava velho e talvez não vivesse muito tempo, disse a Maomé, mas desejava viver ainda o bastante para poder ajudá-lo quando seu povo o expulsasse. Maomé ficou horrorizado ao ouvir isso. Iriam mesmo expulsá-lo?, perguntou em desalento. Waraqa respondeu-lhe com tristeza que um profeta nunca é honrado em sua própria terra. Como veremos, Maomé usou de muita cautela ao iniciar sua pregação. Sabia que sua mensagem podia ser ridicularizada. Poderiam achar que era um agente dos bizantinos, como o *hanif* Uthman ibn al-Huwayrith, ou poderiam acusá-lo de traição e de falta de fé na religião tradicional. No entanto, Maomé estava pronto para aceitar sua perigosa missão. Ela o levaria a uma direção que jamais imaginara.

---

* João 14:26. (N. T.)

5. O Guia

Maomé se debatera contra uma experiência aterradora, embora, no fim das contas, iluminada, no monte Hira, assim como Jacó lutara contra o anjo. Agora, deveria levar a seu povo a mensagem que arrancara ao reino divino. A sura da Manhã dera-lhe uma ordem de natureza claramente social: homens e mulheres devem cuidar dos membros menos favorecidos da tribo. Não há nada novo nisso. Isso fora crucial para o antigo ideal da *muruwah*, mas os coraixitas pareciam tê-lo perdido de vista. O Corão diz que essa mensagem fora fundamental nas revelações de todos os profetas anteriores espalhados mundo afora. A tradição muçulmana conta 124 mil profetas, um número simbólico que sugere sua infinitude. Deus não deixara a humanidade sem o conhecimento do modo correto de se viver, mesmo que as pessoas tivessem, em geral, ignorado obstinadamente a mensagem divina. Mas agora Deus finalmente mandara um profeta aos coraixitas, que nunca tinham tido semelhante mensageiro entre eles. Em 612, no começo de sua missão, Maomé tinha uma modesta concepção de seu papel. Não era nenhum salvador ou messias; sua missão não era universal — a essa altura ele nem sequer sentia que devesse pregar aos demais árabes da península. Teria tão-somente de divulgar a mensagem a Meca e imediações, como o último de uma longa linha de profetas.[1] Não devia exercer nenhuma função política.[2] Era apenas o *nadhir*, o Guia. A concepção de Maomé de sua vocação mudaria, mas, ao começar, acreditava simplesmente que havia sido enviado para avisar os coraixitas dos perigos inerentes ao curso que recentemente vinham tomando:

> Ó tu, emantado, levanta-te e admoesta, e teu senhor enaltece, e tuas vestes purifica, e de tudo que macula afasta-te.[3]

Mas isso não quer dizer que Maomé houvesse começado com uma mensagem apocalíptica. O Juízo Final é mencionado apenas brevemente nas suras, ou capítulos, mais antigas do Corão, mas sua mensagem inicial era essencialmente alegre. Ele queria que todo homem e mulher de Meca tomasse consciência da bondade de Deus, que podia ser vista no mundo natural. Ele os havia criado, Ele os guiara e preservara a ordem do universo em seu proveito. Ao contemplar os "sinais" (*ayat*) da atividade de al-Llah no mundo, que todos os coraixitas sabiam ter sido criado por Ele, começariam a perceber abundante generosidade dele e sua própria e perversa ingratidão:

> Morra o homem como é ingrato! De que Deus o criou? De uma gota de esperma. Criou-o e formou-o. Depois, facilitou-lhe o caminho. Depois, fá-lo morrer e sepulta-o. E quanto Lhe apraz, ressuscitá-lo-á. Contudo, não cumpre as Suas ordens!
>
> Que o homem considere sua alimentação: como vertemos chuvas em abundância, e abrimos fendas na terra, e dela fazemos brotar cereais, e videiras, e juncos, e oliveiras, e tamareiras, e jardins frondosos, e fruteiras, e pastos: um gozo para vós e vossos rebanhos.[4]

Ainda assim, o homem se recusava a viver do modo como Deus queria.

Contudo Maomé não expedia uma longa lista de exigências. Em grande parte, ele se satisfaria em reformar o antigo código de honra árabe, com o qual os coraixitas estavam familiarizados. O Corão pede apenas que os homens se empenhem em construir uma sociedade justa, onde os mais fracos sejam tratados de forma decente. Esse é o fundamento da mensagem corânica. Se os muçulmanos hoje nos parecem intolerantes, devemos nos dar conta de que eles nem sempre são intolerantes a visões opostas da realidade, como tem sido o cristianismo. Ao contrário, são intolerantes à injustiça, seja ela cometida por um de seus próprios governantes, como o xá Muhammad Reza Pahlavi, do Irã, ou o presidente Anwar al-Sadat, do Egito, seja pelos poderosos países ocidentais. A mensagem inicial do Corão é bem simples: é errado acumular riquezas para construir uma fortuna pessoal, mas é bom dar esmolas aos pobres e distribuir as riquezas da sociedade.

Os estudiosos ocidentais nos advertem de que é errado ver Maomé como socialista. Apontam para o fato de ele nunca ter criticado o capitalismo, que, no final das contas, fizera maravilhas pelos coraixitas, e que não tinha a intenção de acabar de uma só vez com a pobreza, o que seria uma tarefa impossível numa sociedade do século VII. Maomé talvez não estivesse de acordo com todos os atuais

conceitos do socialismo, do modo como ele se desenvolveu no Ocidente, mas, num sentido mais profundo, ele era, sem dúvida, socialista, e isso deixou uma marca definitiva no etos do islã. É verdade que ele não condenou a riqueza e as posses como Jesus: os muçulmanos não foram compelidos a dar tudo o que tinham mas deviam ser generosos com suas riquezas e dar determinada parcela de sua renda aos pobres. A esmola (*sakat*) se tornaria um dos cinco "pilares" (*rukn*) do islã.[5] Algum tipo de doação de esmolas era exigido pela ética da comunidade islâmica inicial.[6] Os muçulmanos não deviam acumular dinheiro ou alimentar uma rivalidade compulsiva para adquirir mais que os outros.[7] Deviam cuidar dos pobres e não enganar os órfãos e se apossar de suas heranças ao administrar suas propriedades, como faziam muitos dos coraixitas.[8] Esse etos prevaleceu, mesmo quando os muçulmanos se tornaram uma potência mundial, quando muitos deles enriqueceram bastante. O igualitarismo do islã implica que a Lei Santa gradualmente destituía o califa de qualquer poder político real, tornando-se mero símbolo de unidade. A corte talvez fosse abastada, mas os muçulmanos devotos em todos os setores da vida religiosa do império islâmico — dos juristas aos místicos — declaravam que tal ostentação de riqueza era antiislâmica. Quando um líder local queria comprovar suas credenciais de muçulmano, uma das primeiras coisas que tinha de fazer era mostrar que levava vida frugal e conforme os ideais de igualdade. Assim, no tempo das cruzadas, tanto Nur ad-Din como Saladino, o organizador da contra-ofensiva muçulmana, deram a maior parte de suas posses aos pobres e levaram vidas simples e austeras, lado a lado com seus companheiros. Desse modo, tocaram as pessoas, provando que eram melhores muçulmanos que qualquer dos governantes do Oriente Próximo. Eles construíram impérios baseados na aclamação popular, e o povo os via como [líderes] autênticos por levarem vidas tão semelhantes à do Profeta.

O próprio Maomé sempre levou vida simples e frugal, mesmo após se tornar o mais poderoso *sayyid* da Arábia. Ele detestava o luxo e com freqüência não havia em sua casa nada para comer. Nunca teve mais que um jogo de roupas e se recusava, sempre que urgido por seus companheiros, a usar vestes cerimoniais mais finas, preferindo a vestimenta grossa e áspera da maioria do povo. Quando recebia presentes ou butim, distribuía-os entre os pobres e, como Jesus, costumava dizer que os muçulmanos pobres entrariam no Reino dos Céus antes dos ricos. Não é

nenhuma coincidência que muitos de seus primeiros convertidos estivessem entre os habitantes menos afortunados de Meca: tanto escravos como mulheres reconheciam que essa religião lhes trazia uma mensagem de esperança. Como veremos, é verdade que ele atraiu convertidos dos clãs mais ricos, mas a maior parte dos coraixitas aristocratas e poderosos manteve distância: quando os muçulmanos se juntavam na Caaba, escarneciam da gentalha com quem o neto do grande Abd al-Muttalib sentia prazer em andar. Quando o islã se tornou mais poderoso, seus companheiros mais próximos não foram os mais ricos muçulmanos da classe alta, e sim os convertidos de origem plebéia, vindos dos clãs mais pobres dos coraixitas. Nada disso era uma simples questão de escolha pessoal. Maomé sabia que tinha de dar o exemplo aos primeiros muçulmanos e que al-Llah odiava a injustiça e a exploração. Uma sociedade decente que refletisse o desejo de Deus devia cultivar um modo de vida estritamente igualitário.

Um secularista moderno poderia, talvez, perguntar: então por que é que ele se importava com Deus? Em vez de passar por toda aquela angustiante experiência no monte Hira, por que Maomé não começou simplesmente uma campanha de reforma social? Ele sabia que o problema tinha uma causa mais profunda e que tais reformas seriam apenas superficiais. Seriam ineficientes a menos que os coraixitas colocassem outro valor transcendente no centro de suas vidas. Ele se dera conta, num nível mais profundo que qualquer um de seus pares, de que a raiz do mal-estar de Meca era uma atitude não salutar e irrealista de presunção (*yatqa*) e auto-suficiência (*istaqa*).[9] Nos velhos tempos, quando a tribo vinha em primeiro lugar, os árabes haviam percebido, por força da necessidade, que todos os seus membros dependiam uns dos outros. Nas estepes árabes, sempre tiveram de encarar a possibilidade de extinção, mas seu sucesso os protegera dos perigos comuns à vida árabe normal. Em conseqüência, e muito compreensivelmente, fizeram do dinheiro uma nova religião. Acreditavam ser os donos de seu próprio destino. O Corão nos dá indícios de que alguns acreditavam que o dinheiro poderia lhes dar certa imortalidade,[10] o que, nos velhos tempos, seria assegurada pela tribo. Sua sociedade fora, contudo, baseada no ideal comunitário. Agora, os clãs lutavam entre si e alguns deles, como os Hashim, sentiam que sua própria sobrevivência estava em perigo. A antiga unidade da tribo estava se esfacelando, e isso queria dizer que estava prestes a se desintegrar. A própria carreira de Maomé justifica essa visão. No

final, uns vinte anos mais tarde, ele derrotaria os coraixitas não apenas devido a sua própria competência — ainda que ela fosse considerável —, mas porque eles foram incapazes de se opor a ele de forma unificada. Quando Maomé iniciou sua missão, um individualismo cruel usurpava o lugar da antiga ética comunitária: o Corão retrata isso no horripilante exemplo daquele que estava disposto a sacrificar todos os parentes mais próximos para se salvar no Juízo Final[11] — atitude impensável na época em que os laços de sangue eram considerados sagrados.

Para corrigir esses excessos, os coraixitas teriam de criar dentro de si mesmos um novo espírito. A maioria das soluções políticas inovadoras naquele tempo era religiosa. Quando Maomé pediu-lhes que examinassem as implicações de sua crença em al-Llah, o Criador do céu e da terra, não estava propondo nada novo. O ateísmo no sentido moderno parece ter sido psicologicamente impossível antes do século XVIII, e isso só no Ocidente. Todos os coraixitas tinham uma crença implícita na existência do Deus Supremo. Muitos passaram a acreditar que al-Llah era o mesmo Deus adorado por judeus e cristãos. Agora, Maomé fazia com que pensassem nas conseqüências de sua fé. Ele não provou a existência de al-Llah, mas apontou para o fato de que, se os coraixitas realmente acreditavam no que diziam, teriam muito em que pensar. Judeus e cristãos acreditavam que Deus ressuscitaria os homens no dia do Juízo Final — uma idéia negada pelo antigo fatalismo árabe, mas que tinha conseqüências drásticas para cada alma individual: mesmo os membros mais fracos da tribo tinham um destino eterno e, portanto, uma importância sagrada. Se os coraixitas realmente acreditavam que al-Llah criara o mundo, talvez devessem olhar sua criação com novos olhos.

Durante os primeiros anos de sua missão, quando Maomé pregava somente para um seleto grupo de pessoas, ele recordou-lhes muitas crenças valiosas e pediu que as reconsiderassem e as aplicassem à atual situação. Como o culto da auto-suficiência se encaixava em sua orgulhosa memória do Ano do Elefante, quando Deus salvara a cidade da destruição operando um dramático milagre que aumentara imensamente o prestígio da tribo? Esse também era um outro "sinal" a ser cuidadosamente considerado:

> Não viste como o Senhor tratou os proprietários do elefante? Não lhes desbaratou os ardis? Não soltou contra eles bandos de pássaros que os agrediam com tijolos endurecidos? Depois, deixou-os como restolhos após a ceifa.[12]

Pelo modo como se gabavam desse evento, os coraixitas confessavam que não haviam alcançado seu sucesso e poder apenas por esforço próprio.

O Corão não estava revelando nada novo: ele dizia ser um "Orientador"[13] de coisas que todos já sabiam. Ele estava tão-somente aclarando antigos fatos, dando-lhes mais nítido relevo. Freqüentemente, o Corão introduz um novo tópico com palavras como "Não viste?" ou "Não consideraste?". A Palavra de Deus não estava trovejando ordens arbitrariamente lá de cima, e sim convidando os coraixitas para o diálogo, lançando um desafio que não destruía o passado, mas que se construía a partir das antigas visões e tradições árabes. Por exemplo, o Corão recordou-lhes que a Caaba, de que tanto se orgulhavam, era a casa de al-Llah e uma das principais razões de seu sucesso. Esta fora a causa da invasão abissínia no Ano do Elefante. Sem seu santuário, que lhes havia sido dado por al-Llah, não teriam organizado um comércio tão bem-sucedido, sua cidade correria constante risco de ataque por outras tribos e não teriam se livrado da doença árabe da fome: "A prosperidade de *quraysh* [coraixita] depende das expedições do inverno e do verão. Que adorem, pois, o Senhor desta Casa, o qual os alimentou nos dias de fome e os protegeu de todos os perigos".[14]

O Corão não exigia que ficassem quietos e deixassem tudo por conta de Deus — muito pelo contrário, como veremos. Pedia, contudo, que reconsiderassem algumas de suas crenças fundamentais à luz de sua presente condição. Os coraixitas gostavam de fazer as voltas sagradas em torno da Casa de al-Llah, mas, ao pôr seu próprio sucesso material no centro de suas vidas, pareciam ter se esquecido do significado dos antigos ritos. A "compostura" (*ilaf*), a unidade dos coraixitas em torno desse lugar sagrado, havia sido prejudicada pelo fato de estarem cindindo o antigo ideal comunitário sem nenhuma consideração pelos clãs mais fracos, pelos órfãos, pelas viúvas, pelos pobres, pelos velhos e pelos fracos. Se continuassem a agir assim, perderiam de todo a noção de seu verdadeiro lugar no mundo.

Nesse estágio inicial, o Corão tentava fazer com que vissem o quanto ainda deviam a al-Llah, apesar de seu sucesso recente e da aparente segurança. Eles deviam procurar os evidentes sinais de sua bondade e de seu poder onde quer que olhassem no mundo natural. Se falhassem em reproduzir essa benevolência em sua própria sociedade, estariam excluindo a si mesmos da real natureza das coisas:

> O Clemente, revelou o Corão, e criou o homem, e ensinou-lhe a expressar-se. O sol e a lua giram conforme cálculos. A estrela e a árvore prostram-se diante d'Ele.
> Levantou o céu e estabeleceu a balança para que não sejais transgressores. Pesai, pois, com correção e não falsifiqueis as medidas. E a terra, Ele a criou para todos os homens. Nela há frutas e tamareiras com cachos; e há cereais com suas espigas, e plantas aromáticas. qual dos benefícios de vosso Senhor renegais, tu, o homem, e tu, *jinni*?[15]

Todas as demais criaturas aceitaram a Deus e se ajoelharam perante ele, reconhecendo-o como sua causa primeira, como a fonte de toda existência sem a qual não poderiam prosseguir. Deus é a força ou energia essencial que constitui todas as coisas e as mantém ativas e poderosas. Ele criou o equilíbrio que mantém todas as coisas em relação umas com as outras e, a menos que os coraixitas recriassem esse equilíbrio em sua própria sociedade, dando o devido peso e medida a suas relações uns com os outros, estariam descompassados quanto à natureza das coisas. Para ajudar os primeiros convertidos a adquirir essa atitude de aceitação responsável de Deus, Maomé pediu que se curvassem diante dele em oração ritual duas vezes ao dia, como as estrelas e as árvores. Essa oração (*salat*) tornou-se outro dos cinco pilares do islã. O gesto exterior ajudaria os muçulmanos a cultivar uma postura interior e a reorientar as próprias vidas num nível mais profundo.

A religião de al-Llah trazida por Maomé acabou ficando conhecida como *islãm*, o ato de sujeição existencial que se espera que cada convertido faça a Deus: um *muslim* [muçulmano] é "aquele que sujeita" seu ser inteiro ao Criador. Inicialmente, os crentes chamaram sua religião *tazaqqa*. Esse é um termo obscuro e de difícil tradução. Por meio do cultivo da *tazaqqa*, os convertidos de Maomé deveriam revestir-se das virtudes da compaixão e da generosidade; deveriam usar sua inteligência para cultivar um espírito caridoso e responsável, que os faria querer dar graciosamente do que tinham às criaturas todas de Deus. Por meio de uma inteligente ponderação dos mistérios da natureza, os muçulmanos aprenderiam a ser gentis, e sua atitude generosa denotaria refinamento espiritual. Al-Llah era o grande exemplo. Pedia-se aos muçulmanos que contemplassem seus "sinais" para que pudessem apreciar sua benevolência para com todo o mundo natural. Como conseqüência de sua generosa inteligência, havia ordem e fertilidade em lugar do caos e da barbárie egoísta. Se se submetessem às suas leis, teriam as próprias vidas transfiguradas por um refinamento semelhante.

Todas as demais criaturas eram *muslims* por natureza, não tendo outra escolha senão obedecer ao desejo de Deus e se sujeitar ao plano divino.[16] Apenas o homem tinha a liberdade de fazer um ato voluntário de *islãm* e moldar sua vida de acordo com a fonte e sustentação de seu ser. Ele não está se submetendo a um tirano arbitrário, e sim às leis essenciais que governam o universo.

E quanto à crueldade da natureza e aos desastres naturais a que chamamos "atos de Deus"? O Corão não os ignora. Os versículos a que há pouco fiz menção continuam:

> Outro sinal para eles: reunimos sua descendência na arca sobrecarregada. E criamos outros barcos iguais, nos quais podem navegar. E se quiséssemos, afogá-los-íamos; e ninguém os socorreria, e nenhum deles se salvaria. A não ser por Nossa misericórdia, e para um gozo temporário.[17]

Ninguém conhecia a dureza do mundo melhor que os árabes. No paganismo e nas tradições religiosas orientais, os vários deuses eram tão-somente manifestações de uma força primordial suprema, a *rerum natura*, inescrutável e, em certa medida, impessoal. Algumas dessas divindades simbolizavam suas características benevolentes e personificavam o amor, a fertilidade, a lei ou a sabedoria, enquanto outras expressavam os aspectos mais sombrios da vida vividos por homens e mulheres no mundo. Eram os deuses da guerra e da violência e às vezes possuíam características malignas. A tradição hindu diria que o mal é uma das máscaras da realidade transcendente e impessoal de Deus. A visão pagã, com seus deuses e deusas antagônicos entre si, era uma expressão trágica, embora corajosamente verdadeira, do conflito que todos sentiam existir tanto no mundo como dentro de si mesmos. No paganismo, o conflito não tem resolução possível. Na Arábia, o significado original dos antigos deuses se havia perdido durante o período nômade, e a religião árabe não possuía uma mitologia desenvolvida que exprimisse essa visão pagã. Mas é possível ver elementos dela no Corão, onde os "sinais" de Deus no mundo expressam o inescrutável mistério de Deus já antes simbolizado pelos deuses de outros sistemas.

No Corão, al-Llah é muito mais impessoal que o Iahweh das Escrituras judaicas ou que o Deus Pai encarnado em Jesus Cristo. Na antiga religião tribal dos hebreus, Iahweh impingia catástrofes ou concedia benefícios aos homens como uma expressão — por vezes um tanto arbitrária — de seu bel-prazer. Mas quando al-Llah

faz com que, de algum modo, as pessoas se afoguem, por exemplo, não está agindo inspirado por um *animus* pessoal. Ele está mais próximo tanto da *rerum natura* como do Deus sublime dos profetas tardios dos hebreus, que transcendem absolutamente os conceitos humanos de bem e mal, de certo e errado:

> Com efeito, meus pensamentos não são os vossos pensamentos, e os vossos caminhos não são os meus caminhos, oráculo de Iahweh. Quanto os céus estão acima da terra, tanto os meus caminhos estão acima dos vossos caminhos, e os meus pensamentos acima dos vossos pensamentos.[18]

Só podemos nos admirar com o gênio espiritual de Maomé, que não tinha quase nenhum contato com judeus ou cristãos praticantes e cujo conhecimento dessas revelações mais antigas era, portanto, bastante rudimentar, mas foi capaz de chegar ao cerne da experiência monoteísta. O Corão enfatiza que Deus escapa aos pensamentos humanos e que só podemos falar Dele por sinais e símbolos, que meio revelam e meio escondem Sua natureza inefável. O tom do discurso corânico é todo simbólico; ele fala constantemente das grandes "semelhanças" que oferece para serem consideradas pelos muçulmanos. Não há doutrinas a respeito de Deus que definam o que Ele é, apenas "sinais" de natureza sacramental, nos quais podemos experienciar algo Dele.

No Ocidente, as pessoas freqüentemente interpretam mal a natureza metafórica da teologia corânica, já que hoje lemos livros para obter informação. Mas, na Idade Média, os cristãos desenvolveram um método inteiramente simbólico de leitura das Escrituras não muito diferente do modo como os muçulmanos abordam o Corão. Mesmo alguns dos eventos que descreve — as vidas dos profetas ou a aproximação do Juízo Final — são representações essencialmente simbólicas de verdades divinas e não devem ser tomados ao pé da letra. Assim como os budistas vêem seus diversos deuses e deusas como aspectos de si mesmos, também os muçulmanos falam do "Moisés em nossa alma" ou do "José em nosso coração", vendo o conflito tão freqüentemente descrito no Corão entre o bem e o mal como o conflito espiritual que tem lugar continuamente dentro de si mesmos. Ao recitar o Corão, portanto, os muçulmanos tomam consciência, antes, da história de seus próprios seres, mais que de uma história objetiva da salvação. Eles fazem um esforço imaginativo no sentido de criar sua própria experiência interna da luta pelo retorno à Fonte da criação e contra o mal dentro de si.

Desde o início, o Corão estimulou homens e mulheres a adquirir essa atitude simbólica e inventiva. Isso fica especialmente claro nas grandes descrições dos "sinais" da natureza. No cristianismo, há por vezes uma visão um tanto pessimista do mundo natural, que se acredita haver perdido sua perfeição original devido ao pecado do homem. Mas, como o judaísmo, o islã não acredita na queda do homem ou no pecado original no sentido cristão: a morte, a dor e o sofrimento não são punições pela falta original do homem, e sim, sempre, partes do inescrutável plano divino. O mundo físico não é decaído, mas a epifania reveladora de uma experiência do sublime que as línguas e os modos de pensamento humanos normais não podem conter. Ver o poder total da criação original *por intermédio* desse mundo fragmentário vem sendo sempre tarefa da imaginação, da arte e da religião. O Corão compele os muçulmanos a fazer um esforço imaginativo e intelectual no sentido de olhar para o mundo ao redor de modo simbólico:

> Para os que refletem, quantas provas existem na criação dos céus e da terra, na alternância do dia e da noite, na embarcação que sulca os mares em benefício dos homens, na água que Deus envia do céu e que vivifica a terra depois de morta, os animais de toda a espécie que se multiplicam nela, na mutação dos ventos, nas nuvens suspensas entre o céu e a terra.[19]

A tradição muçulmana deu ênfase à importância da imaginação: o grande filósofo sufi Muid ad-Din al-Arabi (m. 1240) fala da imaginação como sendo a capacidade dada por Deus de criar uma teofania, pessoal ou manifestação de Deus no mundo ao nosso redor. Essa extraordinária capacidade humana torna homens e mulheres capazes de sobreviver aos choques e às tragédias de que a carne é herdeira. Mas o Corão não pede aos muçulmanos que abdiquem da razão. Os sinais estão ali "para as pessoas que têm *discernimento*", "para as pessoas que *sabem*": os muçulmanos são compelidos a "procurar" os sinais no mundo natural e a examiná-los cuidadosamente.[20] Essa atitude também os ajudou a cultivar o hábito da curiosidade inteligente, que tornou possível o desenvolvimento de uma excelente tradição em ciências naturais e matemática. Nunca houve conflito entre o racionalismo científico e a religião na tradição islâmica, como o que ficou evidente no século XIX quando os cristãos sentiram que as descobertas de Lyell e Darwin irrevogavelmente minavam o valor de sua fé. Na verdade, alguns místicos das seitas radicais xiitas fizeram uso da ciência e da matemática como prelúdio à

contemplação.

Assim, quando Maomé pede aos coraixitas que aceitem sua revelação como vinda de Deus, não estava exigindo que anuíssem a um credo ou a um conjunto de opiniões teológicas. Como no judaísmo, no islã não há nenhum culto à ortodoxia, e os conceitos e idéias a respeito de Deus têm caráter essencialmente privado. Na verdade, o Corão suspeita da especulação teológica, que vê como mera projeção humana para a satisfação de seus desejos. Tal pensamento doutrinário, se aplicado à transcendente realidade de al-Llah, só pode ser uma "conjetura" (*zanna*): o hábito da especulação inútil sobre assuntos inefáveis dividira o Povo do Livro em seitas hostis.[21] Em lugar de promover a ortodoxia ou a doutrina correta, o islã e o judaísmo insistem na "ortopraxia", num conjunto de práticas costumeiramente observadas. No Corão, portanto, um "crente" não é aquele que anui a uma lista de proposições, como os vários Credos ou os 39 Artigos. É aquele que teve a apreensão imediata e avassaladora da realidade divina à qual se sujeitou, expressando sua *islãm* por meio das práticas gêmeas da oração (*salat*) e da esmola:

> Crentes são aqueles cujos corações estremecem quando é mencionado o nome de Deus, e cuja fé aumenta quando Seus versículos lhe são recitados, e que põe sua confiança em seu Senhor. Crentes são os que praticam a oração e gastam dos bens que lhes concedemos. Esses são os crentes verdadeiros.[22]

Em contraste, o "descrente" (*kafir bi na'mat al-Llah*) não é aquele que se recusa a acreditar na existência de al-Llah ou que adota a teologia errada, e sim aquele "que é ingrato a Deus". O Corão deixa claro em seu uso do radical *KFR* que essa atitude é de uma perversidade deliberada: os *kafirs* de Meca sabiam em seus corações qual o significado dos "sinais" mas arrogantemente opuseram-se a Deus em vez de reorganizar suas vidas.[23]

Apesar de, no início de sua carreira, Maomé ter feito tudo o que estava a seu alcance para apelar para as paixões básicas dos coraixitas, como a Caaba, instintivamente sabia que sua mensagem encontraria grande oposição. E foi muito cuidadoso com relação às pessoas que abordou. Durante os três primeiros anos de sua missão, exerceu um ministério privado e a palavra se difundiu em surdina. Mas ele conseguiu juntar um pequeno grupo de crentes fervorosos, que reconheceram logo a importância daquilo que dizia. O grupo se encontrava todas as manhãs e ao entardecer para a prece ritual. Ao que parece, a *salat* inspirou grande repulsa aos

coraixitas: eles ficaram horrorizados com a idéia de que árabes, após séculos de feroz independência beduína, se prontificassem a inclinar-se até o chão, feito escravos. A reação demonstra que Maomé, sem dúvida, pusera o dedo num ponto sensível: a profunda obediência desafiava o novo orgulho e a nova auto-suficiência dos coraixitas, de tal maneira que se tornou impossível para os muçulmanos fazer a *salat* em público, que, para isso, retiravam-se para os estreitos vales em volta da cidade. Também, devem ter instituído alguma forma de dar esmolas, vista como prática de purificação moral, e se levantavam no meio da a noite para fazer vigílias durante as quais recitavam o Corão.

Essa prática provavelmente deriva das vigílias noturnas dos monges cristãos do deserto sírio, que costumavam se levantar a altas horas da madrugada para recitar os salmos. Isso influiu o conceito sobre qual deve ser o significado da Escritura: não é um livro destinado à leitura solitária, e sim um texto que pode ser cantado em voz alta em culto litúrgico. Embora hoje os muçulmanos obviamente o estudem sozinhos, ainda afirmam que seu total impacto só é experimentado quando recitado em voz alta e com o uso de um tipo especial de salmodia. O som tem seu próprio e misterioso significado e faz com que a linguagem do Corão aspire à condição de música, que proporciona uma experiência do transcendente mais poderosa e completa que qualquer outra arte. Foi o Corão que impediu que al-Llah fosse um Deus remoto, que vive "lá em cima". Os primeiros biógrafos descrevem constantemente as conversões dizendo que o islã "entrara nos corações". Examinarei o papel do Corão, e a experiência dos primeiros muçulmanos por ele convertidos, com mais detalhes no próximo capítulo. Mas, ao que parece, a extraordinária beleza do árabe recitado tocava algo que se encontrava profundamente enterrado e ressoava os desejos e as aspirações inconscientes daqueles que o ouviam. Todos tivemos experiência similar ao ouvir um poema ou uma música que parece nos deixar em suspensão por um instante, para além de nós mesmos, sugerindo uma realidade mais ampla. Proferir a Palavra não foi experiência fácil para Maomé. As revelações continuavam a vir enquanto executava suas tarefas diárias. Ele costumava desfalecer e transpirar profusamente, mesmo em dias frios. Outras autoridades dizem que sentia um peso enorme, uma emoção semelhante à aflição, e que, enquanto ouvia as palavras divinas, colocava a cabeça entre os joelhos.

Quais foram os primeiros muçulmanos? Khadija aceitara a veracidade das revelações desde o começo, e os demais integrantes da casa de Maomé seguiram-na: Ali, Zayd e as quatro filhas do Profeta. Mas, para grande decepção de Maomé, seus tios Abu Talib, Abbas e Hamzah não se interessaram. Abu Talib disse-lhe que não conseguia imaginar-se abandonando a religião de seus pais, e expressava a mesma reserva de muitos outros coraixitas. Maomé tinha consciência de que, apesar de estar enraizada na antiga tradição pagã, sua revelação vinda de al-Llah seria ameaçadora para os coraixitas mais conservadores, sendo essa uma das razões pela qual evitou chamar muita atenção durante os três primeiros anos de sua missão. Mas Abu Talib tinha grande respeito pessoal por Maomé e, mesmo quando se tornou difícil fazê-lo, continuou a agir como seu protetor oficial. Como chefe dos Hashim, o apoio de Abu Talib era fundamental para Maomé: o antigo etos tribal podia estar caindo aos pedaços, mas a sobrevivência do indivíduo ainda era impossível se não estivesse sob a proteção de seu clã.

Mas outros membros da família de Maomé aceitaram-no como seu profeta, incluindo o outro filho de Abu Talib, Ja'far, seu primo e grande amigo Abdallah ibn Jahsh e sua irmã Zaynab, e seu irmão Ubaydallah. Ubaydallah fora um dos *hanifs* em busca de uma forma alternativa de monoteísmo. As esposas de Abbas e Hamzah não compartilharam da timidez dos maridos: Umm Fadl e Salamah tornaram-se muçulmanas, assim como a esposa de Ja'far, Asma, e a tia de Maomé, Safiyah bint Abd al-Muttalib. Umm Ayman, escrava liberta de Maomé, também se juntou ao grupo: ela havia sido a pequena escrava que Abdallah, pai de Maomé, deixara para Amina junto com os cinco camelos. Maomé disse certa feita a seu respeito: "Aquele que deseja desposar uma mulher do povo do Paraíso, que despose Umm Ayman".[24] Ao ouvir isso, Zayd ficou bastante impressionado e pediu a mão dela a Maomé, mesmo sendo anos mais velha que ele. Umm Ayman concordou e o casal teve Usamah, o primeiro neto de Maomé e uma das primeiras crianças a nascer no islã.

Mas nesses primeiros dias, Maomé obteve fora da família uma conversão muito importante, quando seu amigo Attiq ibn Uthman, mais conhecido por seu *kunya*, Abu Bakr, entrou para o islã. Acredita-se que, mais tarde, Maomé teria dito: "Nunca convidei ninguém a aceitar o islã que não tivesse demonstrado sinais de relutância, suspeita e hesitação, exceto Abu Bakr. Quando o convidei, ele não resistiu nem

hesitou".[25] Poucos dos outros convertidos tinham influência em Meca, mas, diz Ibn Ishaq, Abu Bakr

> era um homem cuja companhia era desejada, benquisto e afável. Sabia mais sobre a genealogia dos coraixitas que qualquer um, assim como de suas faltas e méritos. Era um mercador de bom caráter e benevolente. Seu povo costumava procurá-lo para discutir com ele muitos assuntos, devido a seu amplo conhecimento, sua experiência com o comércio e sua natureza sociável. Ele começou a chamar para Deus e para o islã todos em quem confiava dentre os que iam ter com ele e com ele se sentavam.[26]

Abu Bakr trouxe muitos jovens de Meca para a religião de al-Llah, incluindo alguns dos clãs mais poderosos. Ele era conhecido por sua habilidosa interpretação de sonhos e, um dia, Khalid ibn Sa'id, filho do importante financista Abd Shams, foi até ele em grande aflição. Havia sonhado que se encontrava à beira de um abismo profundo e cheio de fogo, e qual não foi seu espanto ao perceber que seu pai tentava empurrá-lo para dentro dele. Foi quando percebeu duas mãos em torno de sua cintura trazendo-o de volta à segurança. Quando estava próximo de acordar, virou o rosto para ver seu salvador, que não era outro senão Maomé. O sonho, do modo como chegou a nós, demonstra o obscuro, embora urgente, senso de perigo pessoal que muitas pessoas das gerações mais jovens sentiam. Para eles, a dureza do deserto era uma realidade mais distante, e pareciam estar menos entusiasmados pelo novo capitalismo que seus pais, com os quais havia um silencioso e profundo conflito. Maomé tocava nas emoções cruas e escondidas nesses jovens, que sentiam o mal-estar de Meca com bastante agudeza. Khalid tornou-se muçulmano, mas manteve sua religião escondida do pai por tanto tempo quanto pôde.

Outra conversão por sonho ilustra um aspecto mais positivo do impacto corânico. O jovem aristocrata Uthman ibn Affan, outro membro do clã dos Abd Shams, retornava de uma viagem de negócios quando ouviu em sonho uma voz gritando sozinha no ermo: "Acordem, dorminhocos!, pois que, em verdade, Ahmad chegou enfim a Meca!".[27] Uthman ficou impressionado e confuso com essa voz, que calava fundo nele, mesmo que não entendesse o que as palavras queriam dizer: a experiência da *islãm* fazia com freqüência com que os muçulmanos se sentissem como acordados de um longo torpor. No dia seguinte, contudo, Uthman encontrou pelo caminho outro jovem comerciante, Tallah ibn Ubaydallah, dos Taym, primo de Abu Bakr. Tallah também voltava da Síria e disse a Uthman que lá encontrara um monge que lhe falou sobre o profeta Ahmad, que logo surgiria no Hedjaz, mas

acrescentou a espantosa novidade que "Ahmad" era, na verdade, Muhammad ibn Abdallah, dos Hashim. Os jovens correram de volta a Meca tão rápido quanto puderam e foram de pronto ao encontro de Abu Bakr.

O historiador Ibn Shihan al-Zuhri, que nasceu em Meca cerca de quarenta anos após a morte de Maomé e dedicou a vida inteira à pesquisa dos primórdios da comunidade muçulmana, diz-nos que Maomé imediatamente obteve bastante sucesso:

> O Mensageiro de Deus (Deus o abençoe e o tenha junto a si) convidava ao islã abertamente e em segredo e responderam a Deus quem lhe aprouve dentre os jovens [*ar-dath ar-rijal*] e os fracos [*du'afar ar-nas*], de modo que eram numerosos os que nele acreditavam, e os coraixitas não criticavam o que dizia. Quando passava por eles, enquanto estavam sentados em grupos, eles o apontavam dizendo: "Eis o jovem do clã de Abd al-Muttalib que diz coisas vindas do céu".[28]

Ibn Ishaq também confirma o sucesso inicial,[29] mas al-Zuhri deixa claro que os convertidos vinham de dois grupos em particular: os jovens e os "fracos". Havia pessoas extremamente humildes na nova seita, atraídas obviamente pelos ensinamentos de ordem social, e que se tornaram importantes personagens do islã. Entre eles estavam Abdallah ibn Ma'sud, um pastor dotado do particular talento de memorizar as novas revelações no momento em que eram proferidas, e que se tornou um dos mais autorizados entre os primeiros recitadores do Corão; Kabbab ibn al-Aratt, ferreiro e armeiro; os libertos Suhayb ibn Sinan e Ammar ibn Yasir, adotados como confederados pelo poderoso clã dos Makhzum; e um grupo de escravos — homens e mulheres —, do qual o mais famoso foi o abissínio Bilal, que se tornou o primeiro muezim a conclamar os fiéis à oração.

Mas nem todos os "fracos" eram miseráveis. Esse é um termo técnico tribal que faz referência ao status de vários clãs. Na época em que Maomé começou sua missão, os clãs dos coraixitas se dividiam em três grandes grupos, listados por W. Montgomery Watt como segue:

A	B	C
Hashim	Abd Shams	Makhzum
al-Muttalib	Nawfal	Sahm
Zuhrah	Asad	Jumah
Taym	Amir	Abd ad-Dar
al-Harith ibn Fihr		
Adi		

Os clãs do grupo A faziam parte da antiga Hilf al-Fudul e eram os mais fracos da cidade. As exceções eram os Adi, cuja posição declinara recentemente, e Asad (clã de Khadija), que se fortalecera. Era do grupo A que vinha a maioria dos convertidos de Maomé. Abu Bakr e Tallah, por exemplo, pertenciam ambos aos Taym; o jovem e promissor mercador Abd al-Ka'aba (cujo nome foi mudado para Abd al-Rahman) era do clã dos Zuhrah. Os membros desses clãs "fracos" podiam talvez obter sucesso em nível pessoal — Abu Bakr, por exemplo, era um homem rico —, mas o poder reduzido de seus clãs deixava-os à margem da cidade. A maioria dos inimigos mais ferrenhos de Maomé, como veremos, vinha dos mais poderosos clãs dos grupos B e C: eles estavam mais satisfeitos com o *status quo*. Mas alguns dos convertidos pertencentes aos clãs importantes — como Khalid e Uthman — devem ter sentido que não havia lugar para eles no topo e se conscientizaram de que se abria uma brecha entre os mais bem-sucedidos e os que vinham em segundo lugar. Tais hierarquias, desigualdades e divisões eram estranhas ao espírito árabe, e eles acolheram bem a mensagem de Maomé. No começo, contudo, o islã era um movimento de jovens que se sentiam empurrados para as margens da sociedade na cidade de Meca.

Isso quer dizer que um conflito estava prestes a acontecer e que o islã estava começando a dividir as famílias. Em vez de sanar a desunião dos coraixitas, o islã parecia piorar as coisas. Isso ficou evidente de forma dramática quando Maomé começou a pregar de modo mais aberto e público. Em 615, cerca de três anos após o início de sua missão, ele recebeu uma revelação ordenando que se declarasse publicamente para todo o clã e o convidasse a entrar para o islã.[30] A princípio, sentiu que a tarefa estava além de suas forças, mas foi em frente e convidou quarenta líderes dos Hashim para uma modesta refeição. O escasso repasto já era uma mensagem: Maomé se tornara muito crítico quanto à ostensiva hospitalidade que se tornara tradicional entre os árabes como sinal de poder e confiança: sentia nela o gosto da antiga presunção.[31] Anos mais tarde, Ali, que serviu a refeição, deu a ela ares do milagre da multiplicação dos pães e dos peixes: mesmo que não houvesse o bastante para uma pessoa, todos comeram mais até do que podiam.

Ao final, Maomé expôs os princípios de sua revelação. Abu Lahab, meio-irmão de Abu Talib, interrompeu-o de modo rude e acabou desfazendo a reunião. Maomé teve de convidá-los de novo no dia seguinte. Uma segunda vez explicou-lhes o islã

e, ao final, pediu que se juntassem a ele:

> Ó filhos de Abd al-Muttalib, não conheço árabe que tenha levado a seu povo mensagem mais nobre que a minha. O que lhes trago é o que de melhor há neste e no outro mundo. Deus mandou-me que os chamasse para ele. Então, qual de vocês irá cooperar comigo nesta empresa, estando entre vocês meu irmão, meu testamenteiro e meu sucessor?

Houve um desconfortável silêncio: nem mesmo Abu Talib ou os coetâneos de Maomé, Abbas e Hamzah, disseram sequer uma palavra. Passado algum tempo, Ali não se conteve e, adolescente desengonçado que era, falou diante de todos:

> Eu, embora seja o mais jovem, cujos olhos são os mais remelosos, cujo corpo é o mais gordo e as pernas as mais finas, disse: "Ó Profeta de Deus, serei seu ajudante nessa empresa". Ele pousou a mão em minha nuca e disse: "Este é o meu irmão, meu testamenteiro e meu sucessor. Ouçam-no e obedeçam-lhe".

Isso era demais. Os homens se levantaram todos para ir embora, dizendo alegremente a Abu Talib: "Ele ordenou que você ouvisse o filho e lhe obedecesse!".[32]

Mesmo que em geral as pessoas tivessem boa vontade para com Maomé, ele estava dividindo as famílias. O sobrinho de Khadija, Abu al-As ibn Rabi, do clã dos Abd Shams, casara com Zaynab, filha mais velha de Maomé, mas não se convertera ao islã e seu clã o estava forçando a divorciar-se. Mas Abu al-As e Zaynab se amavam e ele disse aos de seu clã que não tinha nenhuma intenção de repudiá-la, mesmo que não pudesse segui-la em sua nova fé. Na família de Khadija, o islã começava a provocar outras separações amargas: seu meio-irmão Nawfal ibn Khuwaylid parecia ferozmente oposto ao islã, mas seu filho Aswad tornou-se muçulmano; Hakim ibn Hizam, sobrinho de Khadija, manteve seu afeto pela tia, embora não se convertesse ao islã como seu irmão Khalid. Abu Bakr teve problemas semelhantes. Sua mulher Umm Ruman também se converteu à religião de al-Llah com seus dois filhos, Abdallah e Asma, mas seu filho Abd al-Ka'aba se opunha veementemente a isso. Como Jesus, Maomé parecia estar jogando pai contra filho, irmão contra irmão, minando os laços, as obrigações e a hierarquia da vida familiar. Logo o problema se agravaria ainda mais.

O que aquelas pessoas achavam de objetável na mensagem de Maomé naqueles anos iniciais? Ninguém parece haver criticado seus ensinamentos sociais, mesmo que os clãs mais bem-sucedidos se opusessem de fato a essa mensagem: uma coisa é

ser egoísta e avarento, outra é defender o egoísmo e o materialismo. Pelo Corão, pode-se depreender que as primeiras críticas versavam sobre a noção de Juízo Final, tomada por Maomé da tradição judaico-cristã. Essa doutrina assumia gradualmente uma posição de maior destaque nas revelações, quando enfatizava o destino eterno do indivíduo, cujos atos tinham importância essencial. O simbolismo do Juízo reforça a noção de responsabilidade individual, oposta à responsabilidade da comunidade, dando aos árabes motivo e incentivo para adquirir e fomentar esse novo conceito. O Corão alerta os coraixitas de que, no Juízo Final, sua riqueza e o poder de seus clãs, com os quais muitos contavam, não lhes serviriam de ajuda. Ao contrário, perguntar-se-ia a cada um deles por que não haviam cuidado dos órfãos ou prestado auxílio aos pobres. Por que haviam acumulado de forma egoísta fortunas pessoais em lugar de repartir sua riqueza com os membros mais necessitados da tribo? Tratava-se, obviamente, de uma idéia ameaçadora para os mais abastados, que não tinham nenhuma intenção de levar muito a sério essa ideologia igualitária, mesmo que se dessem conta, em nível subconsciente, de que tal comportamento violava as tradições de seus antepassados. Era mais fácil fazer pouco-caso da idéia do Juízo: era tão-somente um "conto de fadas dos antigos"[33] ou um truque.[34] Como podiam corpos já apodrecidos debaixo da terra retornar à vida? Estaria Maomé seriamente sugerindo que seus ancestrais havia muito mortos levantariam de suas tumbas?[35] Apegavam-se à antiga crença árabe de que não havia vida após a morte, mas o Corão apontava para o fato de que isso eles não podiam provar: não passa de mera especulação (*zanna*) humana.[36]

O Corão também assinala que as objeções foram inspiradas pela culpa e pelo materialismo que embotavam a percepção das pessoas. Os que negam a realidade do Juízo Final são aqueles que sabem que seu comportamento social está errado.[37] Ao que parece, muitas passagens que descrevem os "sinais" intentavam responder a tais objeções: se Deus pôde criar o homem a partir de uma gota de sêmen — uma maravilha que o Corão não se cansa de louvar — e todas as outras maravilhas do mundo, por que não poderia ressuscitar os mortos?

> Será que o homem não se deu conta de que o criamos de uma gota de esperma? Ei-lo um oponente declarado! E, esquecendo sua própria criação, dá-Nos uma aula: "Quem pode ressuscitar os ossos decompostos?". Dize: "Ressuscitá-los-á Aquele que os criou da primeira vez. Ele sabe criar, Ele que, da árvore verde, criou fogo para vós, e eis que o ateais, o Glorioso, o Digno de louvores". Como? Aquele que

> criou os céus e a terra não seria capaz de criar iguais a eles? Sim! Ele é o Criador, o Conhecedor. Quando deseja algo, basta-lhe dizer: "Sê" para que seja. Glória a Ele que tem na mão o domínio sobre todas as coisas. Para ele voltareis.[38]

O Juízo Final tornou-se a poderosa imagem do derradeiro Retorno que todos os seres devem fazer a Deus, seu criador, sustentáculo e origem.

Mas, apesar das objeções, Maomé parece ter obtido bastante sucesso nos anos iniciais de sua missão. A certa altura, parecia conseguir trazer todas as pessoas de sua tribo à religião de al-Llah. Mas, em 616, houve uma crise. Até aquele momento, Maomé não fizera nenhuma menção oficial às demais divindades árabes. Muitos coraixitas provavelmente supuseram que poderiam continuar a venerar al-Lat, al-Uzza e Manat do modo tradicional. Ao que parece, Maomé não havia dado ênfase ao caráter monoteísta de sua revelação, mas acabou sendo forçado a se pronunciar a respeito. Quando proibiu os convertidos de adorar as *banat al-Llah*, descobriu ter perdido a maioria de seus partidários da noite para o dia e que o Corão estava prestes a dividir a tribo dos coraixitas.

6. Os versículos satânicos

O primeiro sinal de problema veio quando menos se esperava. Alguns coraixitas seguiram um grupo de muçulmanos até os vales de Meca e os atacaram enquanto faziam a *salat*. Os muçulmanos reagiram, derramando sangue pela primeira vez em nome do islã quando o primo de Maomé, Sa'd ibn Abu Waqqas, feriu um dos agressores com uma mandíbula de camelo. O incidente provavelmente chocou a todos em Meca. Os coraixitas eram em geral um povo tolerante, mas, assim que Maomé proibiu o culto às outras divindades da Arábia, um abismo de suspeita e ódio se abriu entre a maior parte deles e a comunidade muçulmana. Como diz Ibn Ishaq:

> Quando o apóstolo expôs o islã do modo como Deus lhe havia ordenado, seu povo não se afastou dele ou se voltou contra ele, pelo que sei, até que depreciasse seus deuses. Quando o fez, eles se ofenderam muitíssimo e resolveram unanimemente tratá-lo como inimigo, com exceção daqueles a quem Deus protegeu pelo islã de tal maldade, mas estes eram uma minoria execrada.[1]

Por que os coraixitas ficaram tão ofendidos? Alguns deles já se encaminhavam para o monoteísmo ao ver o judaísmo e o cristianismo como religiões superiores ao paganismo árabe. O culto às Filhas de Deus (*banat al-Llah*) estava confinado principalmente aos santuários de Taif, Nakhlah e Qudayd, e é provável que fosse marginal à vida religiosa de Meca. É verdade que alguns dos coraixitas tinham receio de ofender as tribos beduínas, que já haviam expulsado de Meca tribos guardiãs da Caaba por impiedade, mas o problema era mais sério que isso. O Corão mostra que todos os homens influentes de Meca instintivamente se uniram contra Maomé e o declararam inimigo do povo. A idéia de que havia apenas *um* Deus era uma inovação extraordinária, exclamaram; o culto das *banat al-Llah* era uma

obrigação sagrada que unia todos os povos da Arábia.[2]

Quando Maomé convidou Abu Talib a se tornar muçulmano, ele disse que não poderia abandonar a religião de seus pais. Tal devoção instintiva ao passado é difícil de ser apreciada hoje, pois em nossa sociedade moderna institucionalizamos a mudança e esperamos o progresso contínuo. Premiamos a originalidade e não nos entristeceríamos — como se entristeceu Maomé — com a acusação de ser inovadores.[3] Mas, em sociedades mais tradicionais, a continuidade com o passado é um valor sagrado. A idéia de mudança, que hoje damos por pressuposta, exige constante revisão de infra-estrutura com que nenhuma sociedade antes da nossa podia arcar. A religião muitas vezes assume o caráter de obrigação legal em algumas sociedades pré-modernas. A civilização e a cultura eram vistas como conquistas precárias que não deviam ser ameaçadas temerariamente com ofensas aos deuses protetores. A inovação em geral está confinada a uma pequena elite. O destino de Sócrates, sentenciado à morte em Atenas no ano 399 a.C., nos mostra que pode ser perigoso deixar solto um espírito contestador no meio do povo. Ele foi acusado de blasfêmia e corrupção dos jovens. Maomé teve de se defrontar com as mesmas acusações e escapou por pouco da morte.

Quando conclamou o povo de Meca a adorar somente al-Llah e a abandonar o culto a outros deuses, Maomé estava pedindo que adotassem uma postura religiosa inteiramente nova, que muitos de seus companheiros de tribo não estavam em condições de aceitar. Vimos que a crença monoteísta não requer a simples anuência intelectual, e sim uma mudança de consciência. O pedido do Profeta inspirou um profundo medo porque desafiava divindades das quais se supunha depender a sobrevivência da sociedade. Os primeiros cristãos tiveram experiência semelhante no Império Romano, onde o "progresso" não era visto como a marcha destemida rumo ao futuro, e sim como o retorno a um passado idealizado. Os deuses pagãos de Roma eram vistos como guardiães do Estado: se seu culto fosse negado, os deuses retirariam a proteção. Isso não quer dizer que o paganismo romano fosse uma fé inerentemente intolerante: desde que os novos deuses não tentassem tomar o lugar das divindades ancestrais dos romanos, dava-se total liberdade religiosa a seus adoradores. Havia sempre lugar para um novo culto, e não raro as pessoas pertenciam a mais de uma seita. A conversão radical a uma religião e a rejeição de todas as demais era novidade. É verdade que os judeus adoravam um único Deus e

condenavam a idolatria, mas todos sabiam que o judaísmo era uma religião bastante antiga e, portanto, bastante estimada. Enquanto os cristãos foram considerados membros da sinagoga desfrutaram da mesma tolerância que os judeus, mas, ao deixarem claro que não observavam a Lei Judaica, foram acusados de impiedade — desrespeito à fé-mãe — e de ateísmo, já que se recusavam a adorar os deuses romanos. Recusando-se a dar às divindades pagãs o que lhes cabia por direito, os cristãos violaram um tabu: acreditava-se que iriam causar uma catástrofe e, para evitá-la, sucessivos imperadores ordenaram que fossem perseguidos. Os horríveis sofrimentos dos mártires mostram com que profundidade os cristãos ameaçavam o espírito romano; seus corpos dilacerados eram um sacrifício aos deuses para provar que o povo como um todo não aprovava aquele tipo de "ateísmo".

Se foi esse o caso no poderoso Império Romano, fica fácil ver que os coraixitas se sentiriam profundamente perturbados pelo "ateísmo" de Maomé, já que ele se recusava a dar às antigas deusas o que lhes era devido. A vida nômade era conservadora precisamente por ser precária. Ninguém, por exemplo, sonharia em abandonar os caminhos tradicionais para achar uma nova rota para os poços ancestrais. Os coraixitas encontravam-se havia apenas duas gerações das estepes e devem ter percebido que seus êxitos comerciais eram frágeis, apesar de seu decantado culto à auto-suficiência. Como os romanos, valorizavam a continuidade com o passado e acreditavam que o sucesso dependia da devoção e do zelo para com as tradições de seus pais. No Corão e nas primeiras fontes do islã, portanto, Maomé é constantemente acusado por seus inimigos de trazer perigo à sociedade, de negligenciar a religião de seus pais e de ateísmo; é em larga escala o mesmo conjunto de emoções que enchia de ódio e pavor as multidões dos estádios romanos.

Alguns dos primeiros apologistas cristãos tentaram mostrar que a religião dos pagãos não era uma inovação blasfema: Justino, o aclamado teólogo da Palestina, escreveu duas *apologuiæ* (*c*. 150 e 155) para provar que os cristãos seguiam os passos de Platão e de outros acatados filósofos que acreditaram num Deus único. O Corão também faz referência a um momento quando, ao que parece, Maomé tentou abordar os coraixitas e pedir que silenciassem seus medos, na esperança de estabelecer relações amigáveis. Deus lembra a Maomé:

> Pouco faltou para que te afastassem do que te revelamos e te fizessem forjar outras revelações em Nosso nome. Então, ter-te-iam tomado por amigo. E se não te tivéssemos fortalecido, ter-te-ias inclinado um pouco para eles.4

No Ocidente, alguns estudiosos acham que isso é uma referência ao agora notório episódio dos "versículos satânicos", quando, diz-se, Maomé fez uma concessão temporária ao politeísmo.

O caso, do modo como aparece em historiadores como Ibn Sa'd e Tabari, foi que certa feita Satã interferiu na recepção da Palavra divina por Maomé. Enquanto recebia a revelação da sura 53, alega essa tradição, Maomé sentiu-se inspirado a proferir dois versículos que declaravam que se podiam reverenciar as três deusas al-Lat, al-Uzza e Manat como intermediárias entre os homens e Deus. Mas, uma vez que os coraixitas consideravam as *banat al-Llah* seres divinos, acreditaram erroneamente que o Corão as estava colocando no mesmo patamar do próprio Deus. Achando que Maomé aceitara as deusas com o mesmo status de al-Llah, os pagãos coraixitas curvavam-se para fazer a *salat* ao lado dos muçulmanos, e a discórdia parecia chegar ao fim. Eles não mais viam o islã como uma ameaça sacrílega que podia trazer a catástrofe sobre o povo de Meca porque o Corão parecia ter endossado a fé ancestral e abandonado a mensagem monoteísta. A história continua, contudo, dizendo que Maomé recebeu posteriormente uma nova revelação, que indicava que a aparente aceitação do culto das *banat al-Llah* fora inspirada por Satã. Conseqüentemente, os versículos foram excluídos do Corão e substituídos por outros que diziam que as três deusas eram ficções da imaginação árabe, não sendo dignas de nenhuma adoração.

Temos de deixar bem claro que muitos muçulmanos consideram apócrifa essa história. Alegam que não há nenhuma referência clara a ela no Corão, que não é mencionada por Ibn Ishaq no mais antigo e mais confiável relato da vida de Maomé, nem na grande coleção de tradições (*ahadith*) sobre Maomé compiladas no século IX por Bukhari e Muslim. Os muçulmanos não rejeitam tradições simplesmente por serem passíveis de leitura crítica, mas por não haver provas suficientes de sua legitimidade. Os inimigos ocidentais do islã, contudo, agarraram-se a ela como uma forma de provar a insinceridade de Maomé: como pode um homem que muda a Palavra divina, no interesse próprio, ser um verdadeiro profeta? Não é evidente que nenhum profeta autêntico seria capaz de distinguir

entre a palavra divina e uma inspiração satânica? Poderia um homem de Deus adulterar a mensagem divina tão-somente para atrair mais adeptos? Recentemente, porém, estudiosos como Maxime Rodinson e W. Montgomery Watt vêm tentando demonstrar que a história, mesmo do modo como é contada, não precisa necessariamente receber uma interpretação negativa. O incidente, não obstante, continuou a ter maior importância no Ocidente que no mundo islâmico, ao menos até 1988.

Desde o conflito causado pelo romance *Os versos satânicos* de Salman Rushdie, publicado naquele ano, a história adquiriu novo significado. Os muçulmanos protestam dizendo que o romance apresenta uma paródia da vida de Maomé: ele repete os antigos mitos ocidentais sobre o Profeta, fazendo dele um impostor com intenções puramente políticas, um libertino que usou suas revelações como desculpa para tomar tantas mulheres quantas quis, e dá a entender que seus primeiros companheiros eram pessoas sem valor e desumanas. Mais dolorosamente ainda, dizem os muçulmanos, o livro denigre a imagem do Corão. Eles sentem que o incidente dos versículos satânicos, do qual o romance retira seu título, foi utilizado para mostrar que o livro sagrado não é capaz de discernir o bem do mal e afirma, como sempre sustentaram os críticos ocidentais, que inspirações puramente humanas, ou mesmo perversas, são a vontade de Deus.

Muitos dos mais eloqüentes defensores de Rushdie declararam que o islã é uma religião que veta o estudo e a liberdade artística, mesmo que os primeiros muçulmanos tenham fundado uma civilização de grande beleza e estabelecido uma tradição filosófica racionalista que serviu de inspiração aos intelectuais do Ocidente medieval. É claro que o retrato fantástico do Profeta e de seus companheiros feito por Rushdie não é apresentado como um fato, e sim como visões oníricas de um dos personagens, vítima de colapso psicótico. Gibreel Farishta, um astro de cinema indiano que perdeu suas raízes culturais, interiorizou e absorveu o imaginário de ódio e desprezo que por aproximadamente mil anos vem sendo alimentado pelo Ocidente, no qual ele tentava se integrar.

Devido ao fato de o recente conflito entre o Ocidente e o mundo muçulmano ter reaberto antigas feridas, é importante ser claro sobre o que realmente foi o incidente dos versículos satânicos, se é que de fato ocorreu. Estaria Maomé disposto a fazer concessões em sua mensagem monoteísta para atrair mais fiéis? O

Corão teria sido maculado, ainda que momentaneamente, por uma influência maligna? No contexto, podemos ver que, conforme Rodinson e Watt argumentam, a história não apresenta Maomé como um cínico impostor. Quando recorremos a Tabari, que nos dá uma versão diferente em sua história e em seu comentário sobre o Corão, vemos que ele leva em consideração as circunstâncias do rompimento definitivo de Maomé com os coraixitas. Como Ibn Ishaq, ele nos diz que no começo os coraixitas estavam prontos para aceitar a mensagem de Maomé. Tabari cita o antigo relato de um tal Urwah ibn al-Zubayr, parente distante de Maomé que escreveu cerca de setenta anos após a morte deste, que enfatiza o sucesso inicial. A princípio, diz Urwah, os coraixitas não se afastaram de Maomé, mas "quase o escutaram". Enquanto pregou o culto a al-Llah, com sua preocupação para com os pobres e os necessitados, todos em Meca estiveram dispostos a aceitar seu culto reformado ao antigo Deus Supremo. Mas assim que afirmou que o culto a al-Llah deveria excluir o dos demais deuses ancestrais, diz Urwah, os coraixitas "o refutaram veementemente, desaprovando o que dizia, incitando contra ele aqueles que o seguiam, com exceção daqueles a quem Deus protegeu, que foram poucos". Do dia para a noite, o islã se tornou um seita minoritária execrada. Urwah acrescenta um pormenor interessante: diz-nos que os primeiros coraixitas a se levantar contra Maomé foram os que possuíam propriedades em Taif, cidade de al-Lat.[5]

Muitos coraixitas gostavam de fugir do calor escaldante de Meca para Taif e tinham casas de veraneio na cidade de al-Lat, situada numa parte mais fresca e mais fértil do Hedjaz. O templo da deusa era importante para eles, pois lá realizavam os ritos em nome dela enquanto estivessem longe da Caaba. Quando Maomé proibiu sua tribo de adorar al-Lat, sentiram-se aflitos e temeram que isso prejudicasse sua posição em Taif. Tabari cita o relato de um tal Abu al-Aliyah para sugerir que os coraixitas estavam tão incomodados que tentaram um acordo com Maomé: se prometesse fazer alguns comentários conciliatórios a respeito das três *banat al-Llah*, conta essa tradição, eles o admitiriam nos altos círculos do poder em Meca. Assim, diz-se que Maomé recitou os dois versículos laudatórios que descrevem al-Lat, al-Uzza e Manat como intercessoras válidas, para se dar conta somente mais tarde de que suas palavras tinham sido inspiradas por Satã.[6] Mas esse relato entra em conflito com outras tradições e com o próprio Corão. Cabe lembrar que um

historiador muçulmano como Tabari não necessariamente endossa todas as tradições que registra: ele espera que seu leitor as compare com outras e forme a própria opinião quanto à sua validade. Nesse estágio bastante inicial de sua carreira profética, Maomé não tinha interesse em poder político. De modo que a história, tal como Abu al-Aliyah a conta, não é muito plausível. O Corão, como vimos, nega que Maomé, a essa altura, exercia funções políticas e, mais tarde, o Profeta rejeitaria sumariamente quaisquer acordos com os coraixitas.

Tabari também preserva outra tradição, que dá uma versão muito diferente. Por ela, vemos Maomé buscando sinceramente uma solução para o penoso conflito com os coraixitas. Não estava apenas tendendo a fazer referências elogiosas às *banat al-Llah* para obter vantagens materiais, como sugere ainda outra versão. Tabari mostra que Maomé estava à procura de uma solução genuinamente criativa que reconciliasse os coraixitas com sua mensagem monoteísta:

> Quando o apóstolo viu que seu povo lhe virava as costas e sentiu a dor do estranhamento com que recebiam a mensagem que lhes trazia de Deus, desejou que viesse de Deus outra mensagem, que o reconciliasse com seu povo. Devido ao amor que tinha a seu povo e à sua ansiedade, teria sido maravilhoso se fosse retirado o obstáculo que tornava sua missão tão difícil; de modo que meditou sobre o projeto e desejou-o e o projeto lhe era muito caro.[7]

Um dia, diz Tabari, enquanto meditava na Caaba, a resposta pareceu vir por meio de uma revelação que reservava um lugar às três "deusas" sem comprometer sua visão monoteísta. Muitos coraixitas estavam sentados na Caaba quando a sura 53 foi revelada. Eles teriam se levantado e escutado atentamente o que Maomé começou a dizer: "Vistes vós al-Lat e al-Uzza, os ídolos, e Manat, o terceiro entre eles?".[8]

O que Maomé dissesse a respeito das *banat al-Llah* teria conseqüências de longo alcance. Estaria prestes a mostrar que o Corão rejeitava definitivamente o culto das deusas, ou proferiria uma mensagem mais positiva a seu respeito? Foi nesse ponto, diz Tabari, que Satã pôs em seus lábios algo como estes dois versículos: "Elas são os nobres pássaros [*gharaniq*] cuja intercessão é permitida."

De acordo com essa versão, os coraixitas ficaram encantados com a nova revelação. As *gharaniq* eram provavelmente uma espécie de grou da Numídia que, segundo se dizia, voava mais alto que qualquer outro pássaro. Maomé, que pode ter acreditado na existência das *banat al-Llah*, como acreditava na existência de anjos

e de *jinn*, fazia às "deusas" um delicado elogio, sem comprometer com isso sua mensagem. As *gharaniq* não estavam no mesmo patamar de al-Llah — nem ninguém algum dia havia sugerido que estivessem —, mas, pairando como pairavam entre o céu e a terra, podiam ser intermediárias válidas entre Deus e o homem, como os anjos, cuja intercessão é aprovada na seção seguinte da sura 53.[9] Os coraixitas espalharam as boas novas pela cidade: "Maomé disse coisas esplêndidas de nossas deusas. Disse que são como nobres *gharaniq* cuja intercessão é permitida".[10]

Pessoas criadas no mundo cristão tendem a fazer uma interpretação errônea da palavra "Satã", tal como aparece nesse incidente. No mundo cristão, Satanás se tornou um ser de monstruosa maldade, mas no Corão — como nas Escrituras judaicas — ele é um personagem muito mais tratável. Em seu relato da queda do homem, o Corão nos diz que quando Deus criou a humanidade ordenou que todos os anjos se curvassem perante Adão, mas Shaitan (ou Iblis, como é freqüentemente chamado, numa arabização do grego *diabolos*) se recusou e foi levado para longe da presença divina. O Corão não vê nisso o mal primordial e absoluto, mas, ao contrário, indica que Satã será perdoado no dia do Juízo Final.[11] Alguns sufis chegam mesmo a dizer que Satã amou a Deus mais que qualquer outro anjo, por ter se recusado a prestar a uma mera criatura honras e obediência devidas somente a Deus. O controverso incidente dos "versículos satânicos", portanto, não implica que o Corão tenha sido sequer momentaneamente maculado pelo mal. O islã não acredita na doutrina da queda do mesmo modo que o cristianismo. Ele nos diz que Adão sucumbiu, sim, à tentação de Satã, mas esse exercício de livre-arbítrio é visto pelos muçulmanos, como também pela maioria dos judeus, como uma etapa necessária do desenvolvimento humano. Apesar de seu pecado, Adão tornou-se o primeiro dos grandes profetas, mesmo tendo cometido um deslize "satânico", e Shaitan nunca se tornou o inimigo da humanidade. Temos de ter essa distinção lingüística em mente quando, hoje em dia, ouvimos alguns muçulmanos se referirem aos Estados Unidos como "o Grande Satã". No xiismo popular, o Shaitan é visto como uma criatura pobre e banal, que se satisfaz com bobagens sem valor em lugar das verdadeiras dádivas do espírito. No tempo do xá, muitos iranianos viam os Estados Unidos como "o Grande Banalizador" que tenta desviar as pessoas por intermédio do materialismo decadente.[12]

Mais adiante, veremos os coraixitas pedirem a Maomé que fizesse uma concessão à monolatria: ele poderia adorar somente al-Llah ao passo que eles continuariam a adorar tanto as divindades ancestrais como o Deus Supremo. Mas Maomé sempre recusou. Na versão da história preservada por Tabari, ele substituiu os assim chamados "versículos satânicos" por uma negação absoluta de que as deusas tivessem mesmo existido. Essa tradição diz que uma noite Gabriel veio ao Profeta e perguntou: "O que foi que você fez, Maomé? Você recitou àquelas pessoas coisas que eu não trouxe de Deus até você e disse coisas que Ele não lhe disse".[13] Foram enviados novos versículos que descartavam as *banat al-Llah* como sendo "meros nomes". As deusas eram produto humano e não havia revelação de Deus a seu respeito: "Divindades que são meros nomes que vós mesmos e vossos pais inventastes sem que Deus lhes tivesse outorgado autoridade alguma. Os descrentes seguem meras conjeturas (*zanna*) e o que seus desejos lhes inspiram".[14] Essa foi a mais radical de todas as difamações corânicas a respeito das três deusas e, depois da inclusão desses versículos no Corão, não havia mais condições para um acordo com os coraixitas.

Mesmo do modo como foi registrada na narração de Tabari, a história dos versículos satânicos não sugere que Maomé tenha feito uma concessão cínica. Essa tradição diz que Maomé ficou arrasado ao ouvir que os versículos que proferira tinham sido inspirados pelo Shaitan. Mas, diz Tabari, Deus o consolou imediatamente enviando uma revelação que diz que todos os profetas anteriores cometeram semelhantes "erros satânicos". Não era um verdadeiro desastre, porque Deus sempre daria um jeito nas coisas enviando versículos muito superiores aos descartados para ocupar seu lugar. Aqui, o Corão reconhece os riscos implícitos no conceito de "revelação": "Jamais enviamos, antes de ti, Mensageiro ou Profeta algum sem que Satã procurasse misturar-lhe os desejos com algum desejo seu. Mas Deus anula o que Satã planeja e confirma Suas próprias revelações".[15] Como vimos, Adão, o primeiro profeta, sucumbiu à tentação de Satã, e futuros mensageiros também incluiriam versículos satânicos ao pregar a Palavra de Deus a seus povos. Isso não quer dizer que suas Escrituras estejam contaminadas pela presença do mal. Os árabes freqüentemente usam o termo *shaitan* para fazer alusão a tentações puramente humanas. Vimos a dificuldade de Maomé para interpretar as revelações corretamente: seria muito fácil confundir o significado profundo da inspiração com

uma idéia própria ou expressá-la por meio das palavras erradas. Mas, claro, isso não deu a Maomé o direito de fazer emendas no Corão que satisfizessem seus propósitos pessoais. O Corão deixa claro que nenhum mortal pode mudar a palavra divina e que se Maomé tomasse semelhante iniciativa as conseqüências seriam fatais.[16] Enquanto eram reveladas a um profeta, Deus podia fazer reparos nas Escrituras. Em termos humanos, isso quer dizer que Maomé esteve em constante estado de inspiração enquanto trazia o Corão aos árabes. A revelação foi progressiva, e Maomé por vezes via novas implicações em sua mensagem que modificavam idéias anteriores.

Neste ponto, a mensagem de Maomé recebeu nova ênfase no sentido de reforçar a idéia da Unidade Divina como a parte mais importante da revelação. Daqui em diante, ele se torna monoteísta ferrenho.

Começamos recentemente a apreciar a beleza do paganismo tradicional, com suas muitas divindades e seu modo corajoso e sincero de encarar a tragédia e o sofrimento, recusando-se ao luxo de uma solução final. Em contraste, o monoteísmo parece ser monolítico e ter causado todo tipo de problemas filosóficos. Enquanto o panteão pagão aponta para uma variedade de meios para se alcançar a realidade última, a insistência monoteísta de que há somente *um* Deus parece intolerante e não aberta às diferenças entre os homens. Mas, ao que tudo indica, o politeísmo pertence a um estágio da evolução da raça humana em que a consciência ainda não estava inteiramente unificada, em que o mundo e o cosmo pareciam conter um número de elementos diferentes nem sempre em perfeita harmonia uns com os outros. Quando homens e mulheres começaram a perceber que eram eles próprios, cada um deles, uma unidade indissolúvel, e o universo parecia ter se tornado uma única entidade, comandada por uma força única, começaram a se voltar para a solução monoteísta. Os antigos deuses se tornam meros aspectos da realidade ou do ser último ou — em termos tradicionalmente teístas — meros atributos de Deus.

Podemos ver isso no período da Antigüidade tardia no império romano. A experiência de viver em uma entidade política gigantesca ajudou as pessoas a ver o mundo como uma unidade: os deuses e os cultos locais, circunscritos a regiões específicas, pareciam então inadequados. Um número crescente de pessoas começava a perceber que Deus era de fato um só, conforme haviam pensado os

grandes filósofos gregos. Mas, como vimos, trata-se de uma transição dolorosa. Algumas pessoas estavam inevitavelmente mais bem preparadas que outras para a mudança radical para uma religião monoteísta, e o paganismo continuou a se desenvolver por longo tempo após o cristianismo haver se tornado a religião oficial do Império, no começo do século IV. A solução do monoteísmo, em particular, implicava deixar o passado religioso definitivamente de lado, e algumas pessoas acharam essa quebra de continuidade bastante perturbadora. A cena política afetara a psicologia espiritual e pessoal dos árabes. Eles estavam cercados por grandes impérios e tinham consciência de um mundo unificado fora da Arábia Deserta. Começavam a pensar em si mesmos como indivíduos, portadores de direitos e deveres inalienáveis. Isso quer dizer que a consciência começava a experimentar uma unidade perspicaz em relação a si mesma. O antigo sistema tribal — no qual cada tribo seguia seu próprio caminho — começava a parecer desastrosamente inadequado às condições da modernidade. A história dos *hanifs* demonstra a prontidão de alguns árabes para aceitar o monoteísmo, embora outros não estivessem ainda prontos para a ruptura radical com o passado e para a perda da continuidade, que fora fundamental para sua antiga espiritualidade.

Se é verdade que a noção que Maomé fazia de sua própria vocação começava a se expandir, ele devia ter ainda maior consciência da necessidade dos árabes de achar um enfoque comum. O monoteísmo é essencialmente contrário ao tribalismo: ele exige a formação de uma comunidade única. No fim, Maomé veria a unidade árabe como um importante ideal, mas, em 616, quando houve uma séria ruptura com os coraixitas, ele estava mais preocupado com a necessidade religiosa de encontrar uma única realidade transcendente por trás dos multiformes sinais da natureza. Os versículos que substituíram os versículos satânicos indicavam que as antigas divindades eram projeções humanas, não estando no mesmo patamar do al-Llah sublime e transcendente, que ultrapassava as limitadas concepções dos homens. Mas a maior parte da polêmica corânica contra as "parceiras" ou associadas de al-Llah enfatiza a ineficácia dos deuses pagãos, de modo semelhante ao de alguns textos das Escrituras judaicas. De nada adianta fazer delas o centro do seu mundo, pois elas nada podem fazer por você. Elas não podem prover comida e sustento a seus devotos[17] e são até intercessoras inúteis: no dia do Juízo Final, não serão capazes de ajudar aqueles que nelas confiaram.[18] Os deuses são meras

criaturas, como os homens, as mulheres, os anjos e os *jinn*, incapazes de prestar socorro em situações extremas. Nesse ponto, o Corão se aproxima dos salmos hebraicos, que Maomé não conhecia mas que empregavam os mesmos argumentos:

> Esses que invocais em vez de Deus são servos como vós. Chamai-os, e deixai que vos atendam, se sois sinceros. Possuem acaso pés para andar ou mãos para combater ou olhos para ver ou ouvidos para ouvir? Dize: "Convocai vossos associados [*shuruka*] e conspirai contra mim. E não me poupeis".
>
> Meu protetor é al-Llah, que enviou o Livro e cuida dos justos. E os que invocais em vez d'Ele não vos podem socorrer, nem podem socorrer-se a si mesmos.[19]

O Corão concebe o Deus transcendente em termos essencialmente árabes: ele é descrito em termos tribais como um chefe eficiente, capaz de dar proteção (*awliya*) e ajuda (*nasr*), ao passo que as antigas deusas eram como chefes perigosamente fracos, incapazes de cuidar devidamente dos membros de sua tribo.

A unidade divina se tornaria a base da espiritualidade muçulmana, que passa a ser uma tentativa de realizar essa unidade na própria vida do indivíduo e na sociedade. Chegar à integração pessoal é um esforço constante que, por meio da experiência de encontrar um centro e um objetivo únicos num eu verdadeiramente integrado, nos daria indícios do Deus único. A primeira parte da *shahada*, a profissão de fé muçulmana, resume o intento pessoal de cada muçulmano: "Dou testemunho de que não há outro deus senão al-Llah". Em última instância, isso proíbe os muçulmanos não somente de venerar — não importa quão restrita seja a veneração — outras divindades como al-Lat, al-Uzza e Manat, mas também de permitir que outros bens aparentes os distraiam de seu compromisso com al-Llah. As ideologias, as aspirações e as paixões humanas podem prometer algum tipo de salvação, mas, no fim da contas, estão fadadas ao fracasso. Este era, sem dúvida, o caso do dinheiro, do sucesso ou do luxo material, mas também se aplicava a outros entusiasmos laicos que pareciam atraentes, mas não podiam amenizar o desassossego e a insatisfação humanos básicos que levam tantas pessoas aos consolos da arte e da religião. Nos dias de hoje, quando muçulmanos se voltam com entusiasmo para ideologias estrangeiras como o nacionalismo ou o socialismo, os reformadores os alertam de que não trarão a satisfação que prometem. Não são maldosas, e sim inadequadas, não podendo fornecer "proteção", "ajuda" ou satisfação final nem em nível individual nem em nível social e político. Assim, o

pecado da *shirk* (associar meras criaturas com al-Llah, o bem supremo) alerta os muçulmanos a não incorrer em idolatria ao atribuir importância excessiva a ideais humanos — por melhores que sejam.

Logo após a ruptura final com os coraixitas, a sura 112 — a sura da Sinceridade — foi revelada. Ela é freqüentemente utilizada por muçulmanos nas orações diárias na mesquita e lhes recorda a unidade divina que têm de tentar sentir em suas próprias vidas por meio da integração da personalidade, da reunião de suas forças dispersas e do encontro da sua mais decisiva prioridade: "Dize: 'Ele é o único, Deus, o eterno refúgio. Não gerou nem foi gerado, Ninguém é igual a Ele'".

Mas não muitos coraixitas estavam prontos para fazer a ruptura radical com o passado e abandonar as antigas divindades. Ao que parece, muitos dos convertidos de Maomé desertaram, e alguns dos mais importantes coraixitas começaram uma campanha para se livrar dele. Eles o viam como um apóstata, um "ateu" inimigo dos valores mais sagrados e invioláveis de sua sociedade. Uma delegação foi até Abu Talib, chefe do clã de Maomé, para lhe pedir que retirasse sua proteção (*awliya*). Sem um protetor, ninguém podia sobreviver na Arábia: o sistema tribal talvez estivesse em declínio, mas a tribo ou o clã eram a base da sociedade, e a vida fora de um grupo seria impossível. Um homem sem proteção podia ser morto impunemente. Mas a delegação lembrou Abu Talib de sua obrigação para com toda a tribo dos coraixitas: "Ó Abu Talib, seu sobrinho amaldiçoou nossos deuses, insultou nossa religião, fez pouco de nosso modo de vida e acusou nossos ancestrais de terem errado; você deve ou detê-lo ou deixar que o façamos [...] e nós o livraremos dele".[20] A situação era extremamente delicada. Abu Talib gostava de Maomé, mas certamente não desejava atrair a inimizade dos demais clãs. Ele não era muçulmano e também se sentia incomodado com a condenação dos antigos deuses por Maomé, mas se simplesmente entregasse o sobrinho para que o matassem teria fracassado como chefe por não ter sido capaz de protegê-lo adequadamente. Isso abalaria o prestígio dos Hashim, que já passavam por tempos difíceis. Por ora, Abu Talib não quis se comprometer. Deu uma resposta evasiva aos chefes e Maomé continuou a pregar sob sua proteção.

Mas, dentro em pouco, os coraixitas voltaram a Abu Talib com ameaças. "Por Deus, não podemos mais tolerar que nossos ancestrais sejam injuriados, nossos costumes ridicularizados e nossos deuses insultados", disseram. "Enquanto você

não nos livrar dele, lutaremos contra vocês dois, até que um dos lados pereça." Os coraixitas sentiam que estavam lutando por seu modo de vida como um todo, que estava sendo minado diariamente. Eles já tinham percebido que não havia possibilidade de acordo e que apenas um dos lados sairia vitorioso. Abu Talib ficou consternado. Chamou Maomé à sua presença. "Poupe a si mesmo e a mim", pediu. "Não coloque sobre minhas costas um fardo maior do que posso carregar." Julgando que Abu Talib iria abandoná-lo, Maomé respondeu, com lágrimas nos olhos, que estava pronto para morrer: "Ó meu tio, por Deus, se colocarem em minha mão direita o sol e em minha mão esquerda a lua para que abandone minha missão, não a abandonarei até que Deus a faça vitoriosa ou até que eu pereça". Não conseguiu mais se conter e saiu chorando copiosamente. Mas Abu Talib o chamou de volta: "Vá e fale o que quiser, pois, por Deus, nada me fará entregá-lo".[21] Por ora, Maomé estava a salvo. Enquanto Abu Talib fosse seu protetor e pudesse fazer valer essa proteção, ninguém em Meca poderia tocá-lo.

Abu Talib era um dos mais inspirados poetas de Meca e escrevia apaixonados versos em que denunciava todos os clãs antes aliados dos Hashim, mas que agora juntavam forças contra ele por causa de Maomé. O clã dos al-Muttalib respondeu declarando solidariedade aos Hashim, com quem estava intimamente ligado, porém às boas novas seguiu-se uma triste deserção. Abu Lahab fora hostil a Maomé desde o começo, mas, para tentar emendar suas relações com o sobrinho, prometera em casamento dois de seus filhos às filhas de Maomé, Ruqqayah e Umm Kulthum. Porém, após Maomé ter se recusado a reconhecer as *banat al-Llah*, decidiu estreitar laços com os Abd Shams, clã de sua esposa, e forçou os filhos a repudiarem as duas moças. O jovem e elegante convertido Uthman ibn Affan, contudo, havia muito admirava Ruqqayah, a mais bonita das filhas de Maomé, e pôde então pedir sua mão.

Abu Lahab agora podia trabalhar tão próximo quanto possível dos principais inimigos de Maomé. O principal deles, Abu al-Hakam, apelidado pelos muçulmanos de Abu Jahl, o Pai da Ignorância, era sobrinho de Walid, o velho chefe de Makhzum. Ele tinha ambições pessoais e talvez ciúme da habilidade política de Maomé, mas também deve ter se sentido profundamente perturbado por sua mensagem religiosa. Outros importantes líderes uniram-se a ele, incluindo Abu Sufyan, chefe dos Abd Shams, um homem extremamente inteligente e outrora

amigo íntimo de Maomé. Seu sogro, Utba ibn Rab'ia, e seu irmão Shayba também compunham a frente de oposição, assim como Ummayah ibn Khalaf, o corpulento e idoso líder dos Jumah. A eles acabaria se juntando Suhayl ibn Amr, chefe dos Amir — um pagão devoto que, como Maomé, tinha o hábito de fazer retiros espirituais. Mas, por ora, Suhayl estava indeciso: talvez aprovasse algum aspecto da mensagem religiosa de Maomé. Além disso contavam com o apoio de gerações mais jovens: Amr ibn al-As, enérgico guerreiro e diplomata, Khalid ibn al-Walid e Safwan ibn Ummayah. Mas o mais zeloso dentre os jovens inimigos de Maomé era Umar ibn al-Khattab, contando apenas 26 anos quando do rompimento do Profeta com os coraixitas. Umar era filho do fervoroso pagão Khattab, que expulsara da cidade o próprio meio-irmão Zayd, o *hanif*, quando ele denegriu a antiga religião. Umar era igual ao pai, e enquanto os outros, dotados de típica astúcia coraixita, pediam cautela, ele estava pronto para a ação violenta.

Todos esses homens tinham perdido parentes que passaram para o lado muçulmano. O Corão continuava a dividir amargamente as famílias. Suhayl ibn Amr, por exemplo, perdera o filho mais velho, Abdallah, duas filhas e seus maridos, três irmãos e a prima e cunhada Sawdah. Era quase como se Maomé formasse um novo tipo de clã, composto principalmente por jovens dissidentes que abandonavam a antiga lealdade à família. Seus oponentes provavelmente viram as implicações políticas da mensagem islâmica antes do próprio Maomé. O Corão continuava insistindo que Maomé não tivesse atuação política em Meca, mas por mais quanto tempo um homem, que dizia receber mensagens vindas de al-Llah, poderia contentar-se com a liderança de simples mortais como eles? Alguns de seus inimigos mais extremados também pareciam acreditar que não havia possibilidade de acordo. Apenas um lado sairia vitorioso daquela batalha decisiva, e homens como Abu Jahl e o jovem Umar, que coincidia ser seu sobrinho, não viam possibilidade de solução pacífica.

Mas, por ora, pouco podiam fazer. Enquanto Maomé tivesse o apoio de Abu Talib não poderiam matá-lo sem provocar a vingança dos clãs de Hashim e al-Muttalib, o que prejudicaria suas próprias famílias. No começo, portanto, a oposição fez uso de sanções e deboche. Podiam atacar impunemente os escravos e os muçulmanos mais fracos, mas eram forçados a usar métodos mais sutis contra aqueles que, como Maomé, tinham proteção adequada. Ibn Ishaq nos diz da

diplomacia de Abu Jahl:

> Quando ouvia que alguém se tornara muçulmano, se fosse um homem de importância social e tivesse parentes que o defendessem, ele o repreenderia e faria pouco-caso dele, dizendo: "Você abandonou a religião de seu pai, que foi um homem melhor que você. Nós diremos que é um cabeça-dura e um tolo e destruiremos sua reputação". Se fosse um mercador, diria: "Nós boicotaremos sua mercadoria e o reduziremos à mendicância". Se fosse um homem sem nenhuma importância social, ele o espancaria e incitaria as pessoas contra ele.[22]

Os que mais sofriam eram os escravos, desprovidos da proteção de um clã. Ummayah, chefe dos Jumah, costumava levar seu escravo abissínio Bilal para fora, na hora mais quente do dia, amarrá-lo e deixá-lo exposto ao sol com uma grande pedra no peito. Bilal permanecia impávido, proclamando a unidade divina e gritando: "Um! Um!", e sua voz extraordinariamente poderosa ecoava pelas redondezas. Abu Bakr, que vivia nas proximidades, não podia tolerar o sofrimento de Bilal e o comprou de Ummayah, concedendo-lhe a liberdade. Diz-se que libertou cerca de sete outros escravos dessa forma. Alguns muçulmanos bem-nascidos, porém, sofriam nas mãos de suas famílias: Khalib ibn Sa'id, o jovem que se convertera por meio do sonho do abismo em chamas, era trancado por seu pai e privado de água e comida. O clã dos Makhzum tratava tão mal a família do liberto Ammar ibn Yasir que sua mãe acabou morrendo.

Maomé decidiu encontrar um lugar seguro para os muçulmanos expostos ao pior sofrimento e pediu ao negus da Abissínia cristã para acolhê-los. Embora, desde o Ano do Elefante, os coraixitas fossem vistos como os inimigos vindos de Meca, o negus concordou e, por volta de 616, cerca de oitenta muçulmanos deixaram Meca com suas famílias. Eram comandados por Uthman ibn Ma'zum, já monoteísta e asceta antes da conversão. Alguns membros da família de Maomé também partiram, entre eles Ja'far, filho de Abu Talib, e a filha de Maomé, Ruqayyah, com seu marido Uthman ibn Affan. Estudiosos ocidentais modernos sugerem que havia outras razões para esse êxodo, além da tentativa de buscar asilo. Talvez Maomé estivesse tentando estabelecer uma rota independente de comércio ao sul para os muçulmanos que sofriam com as sanções comerciais de Abu Jahl. Também se sugeriu que a lista dos emigrantes aponta para a existência de alguns desentendimentos dentro da comunidade muçulmana. Alguns emigrantes como Uthman ibn Ma'zum e Ubaydallah ibn Jahsh haviam trilhado seu próprio caminho

rumo ao monoteísmo, e é possível que tivessem ciúme da influência que alguém relativamente recém-chegado como Abu Bakr tinha sobre Maomé. Mas se esses desentendimentos serviram de motivo para alguns deles, não podiam ser muito sérios: Ubaydallah se converteu ao cristianismo na Abissínia e Uthman retornou para Meca tão logo tornou-se seguro, e continuou leal a Maomé e a Abu Bakr.

Pouco depois de os muçulmanos chegarem, os coraixitas enviaram dois embaixadores ao negus para lhe pedir que os mandasse de volta para casa: essa partida em massa era ameaçadora em todos os sentidos. Os embaixadores disseram ao negus que os muçulmanos haviam blasfemado contra a fé do povo de Meca e que não se podia confiar neles. O negus mandou chamar os emigrantes muçulmanos e perguntou o que tinham a dizer em sua defesa. Ja'far explicou que Maomé era o profeta do Deus verdadeiro, que confirmava sua revelação a Jesus. Para prová-lo, começou a recitar o relato corânico da concepção virginal de Cristo no ventre de Maria:

> E menciona no Livro Maria quando se isolou de sua família num lugar para o Oriente.
> E separou-se deles por um véu. E Nós lhe enviamos Nosso espírito sob a forma de um homem perfeito. E ela disse: "Refugio-me no Misericordioso contra ti! Se temes a Deus, afasta-te de mim". Ele disse: "Eu sou o Mensageiro do teu Senhor. Vim fazer-te dom de um filho santificado". Disse ela: "Como terei um filho quando homem algum me tocou, e nunca deixei de ser casta?". Respondeu: "Assim será. 'É-me fácil', disse teu Senhor. E faremos dele um sinal [*aya*] para os homens e uma misericórdia".[23]

Quando Ja'far terminou de recitar, a beleza do Corão havia feito seu trabalho. O negus chorava tanto que molhou a barba, e eram tantas as lágrimas a cair dos olhos de seus bispos e conselheiros que seus pergaminhos ficaram ensopados.

Os embaixadores tentaram causar problemas alertando o negus de que o Corão não aceitava a divindade de Cristo, mas ele se recusou a deportar os muçulmanos e enviá-los de volta a Meca. Os cristãos da Abissínia ressentiram-se do apoio dado pelo negus a pessoas que eram claramente hereges, e ele teve de recorrer a acordos duvidosos para justificar sua posição. Mas os muçulmanos tiveram liberdade de praticar sua religião por todo o tempo em que permaneceram na Abissínia. Tal como chegou a nós, contudo, a história da empreitada abissínia está incompleta: Maomé pode ter tido planos políticos ou econômicos que não deram certo, de modo que, quando historiadores como Ibn Ishaq começaram a escrever, já haviam sido esquecidos. A delegação de Meca pode ter demonstrado ao negus que os

muçulmanos não eram um grupo tão poderoso quanto ele imaginara quando os acolheu e, a partir de então, pode não ter lhes dado o apoio que esperavam.

Enquanto isso, de volta a Meca, Abu Jahl e seus colegas continuavam a ameaçar o Profeta e seus companheiros. Eles encontravam novas objeções: por que al-Llah decidira escolher Maomé e não um homem de maior importância como al-Walid? Por que Maomé não operava milagres? Por que al-Llah enviava o Corão aos poucos, em vez de fazer uma única e solene revelação, como a Moisés no monte Sinai? Por que Deus não enviara um anjo como mensageiro, em vez de usar um simples ser humano? Alguns coraixitas pensavam que Maomé estava sendo instruído por algum judeu ou cristão, e não recebia revelações do próprio al-Llah. Mas os coraixitas pouco podiam fazer além de reclamar. A perseguição estava restrita a sanções comerciais e ofensas verbais, agora que os muçulmanos mais vulneráveis tinham ido para a Abissínia. O próprio Maomé esteve sujeito a maus-tratos. Assim, Amr ibn al-As, que fora um dos dois embaixadores enviados pelos coraixitas ao negus e que, como veremos, só se tornou muçulmano bem mais tarde, relembra uma ocasião em que insultara Maomé na Caaba. Enquanto Maomé fazia as circunvoluções, os líderes dos coraixitas sentavam-se próximos e reclamavam dele: "Diziam jamais ter conhecido coisa semelhante ao tipo de problema que lhes trouxera aquele sujeito; ele declarara que o modo de vida deles era uma tolice, insultara seus ancestrais, ultrajara sua religião, dividira sua comunidade e amaldiçoara seus deuses. O que suportavam estava além de qualquer tolerância, ou, para todos os efeitos, do que as palavras são capazes de dizer". Ao terminar a terceira volta ao som desse coro, o rosto de Maomé estava transfigurado pela raiva. Parou, encarou seus críticos e disse: "Estarão dispostos a me ouvir, ó coraixitas? Em nome Daquele em cujas mãos está minha vida, eu lhes trago a carnificina [*dhabh*]". A última palavra chocou os presentes, emudecendo-os, mas, no dia seguinte, se recobraram. Aproximaram-se de Maomé quando ele apareceu na Caaba, cercaram-no de forma ameaçadora e começaram a puxá-lo pela manta. Nessa altura, Abu Bakr interveio e, chorando, disse: "Vocês teriam coragem de matar um homem porque ele diz 'al-Llah é o meu Senhor'?". Eles então deixaram-no em paz. "E isso", conclui Amr, "é o que de pior vi um coraixita fazer a ele."[24] Deve ter sido penoso e aborrecido, mas obviamente não se tratava de uma ameaça severa. Os coraixitas se intimidavam facilmente e não houve violência.

De fato, esse tipo de comportamento acabou se mostrando contraproducente, já que levou algumas pessoas a se juntar a Maomé. Um dia, por exemplo, Abu Jahl foi particularmente agressivo com Maomé, que nem sequer se deu ao trabalho de responder e passou direto por ele rumo a sua casa. Mais tarde, naquele mesmo dia, seu tio, o poderoso Hamzah, foi até a Caaba após uma caçada, com seu arco pendendo do ombro. Ele era, diz Ibn Ishaq, "o mais forte dos coraixitas e o mais inflexível".[25] Gostava de terminar um dia no campo fazendo as voltas rituais e conversando com quem quer que aparecesse na Caaba. Mas, nesse dia, uma mulher o chamou à parte e lhe contou quão agressivo Abu Jahl tinha sido com Maomé. Hamzah não era muçulmano, mas, ao ouvir isso, viu a luz num ardor de pura raiva. Com o arco às costas, ele mais que depressa se pôs a caminho para encontrar Abu Jahl e golpeá-lo com toda sua força: "Você terá coragem de insultá-lo se eu me converter à religião dele?", urrou. "Tente me bater, se conseguir!" Abu Jahl rapidamente conteve seus companheiros e disse-lhes que deixassem Hamzah em paz, "pois, por al-Llah, eu ofendi profundamente seu sobrinho", admitiu.[26] A conversão de Hamzah impressionou os coraixitas; por razões óbvias, era melhor deixar o Profeta em paz.

Mas a mais freqüente causa de conversão era o próprio Corão. Durante a peregrinação à Caaba em 616, quando peregrinos de toda a Arábia foram para Meca, Abu Jahl colocou seus companheiros de prontidão às portas da cidade para alertá-los contra Maomé. Um peregrino, um poeta chamado al-Tufayl ibn Amr, da tribo ocidental dos Daws, ficou tão alarmado pelo que ouviu que encheu as orelhas de algodão para ter certeza de que não ouviria os encantos do Profeta. Mas, ao chegar à Caaba e ver Maomé em oração ante o santuário, subitamente se sentiu ridículo: "Deus me perdoe", disse, "cá estou eu, um homem inteligente, um poeta, perfeitamente capaz de distinguir o bem do mal, o que me impedirá de ouvir o que o homem tem a dizer? Se for bom, aceitarei; se for ruim, rejeitarei". Ele seguiu Maomé, que lhe explicou a religião e recitou passagens do Corão. Tufayl estava espantado: "Por al-Llah, jamais ouvi algo que fosse mais belo ou mais justo!", exclamou.[27] Retornou à sua tribo e, durante os anos seguintes, converteu cerca de setenta famílias.

A extrema beleza do Corão parecia atravessar as reservas das pessoas. Tufayl havia voluntariamente retirado a barreira do medo ao tirar o algodão dos ouvidos.

Outros, contudo, não conseguiam permanecer incólumes e sustentar suas defesas. Um dia, os coraixitas decidiram tentar nova estratégia e enviaram Utba ibn Rab'ia, dos Abd Shams, para fazer um acordo com Maomé: se ele prometesse ficar quieto, eles lhe dariam tudo o que quisesse: dinheiro, poder — até o fariam rei. Se isso for verdade, é uma prova de seu desespero: o dinheiro era um valor quase sagrado para muitos coraixitas, e tinham aversão inata a autoridades e instituições supremas, como a realeza. Maomé esperou que Utba terminasse de falar e então disse: "Agora, você me escute". Utba recostou-se, colocou as mãos para trás e, escorado nelas, ouviu atentamente enquanto Maomé recitava a sura 41, que descreve algumas das barreiras que os coraixitas armavam em seus corações para impedir que a mensagem divina lhes penetrasse a alma:

> A maioria deles esquiva-se e não quer ouvir. E dizem: "Nossos corações estão fechados contra o que nos pregas, e em nossos ouvidos há um peso. E entre ti e nós, estende-se um véu".[28]

O Corão não raro fala de um véu que endurece o coração e o imuniza contra o poder imperativo de sua mensagem. Utba não estava pronto para baixar a guarda. Não se juntou a Maomé quando ele se prostrou ao final da recitação, mas, ao retornar para junto de seus amigos no Senado, eles viram imediatamente que Utba havia tido uma experiência poderosa. Utba achou muito difícil descrever o que lhe havia acontecido ao ouvir a beleza das palavras. Só era capaz de dizer como *não* havia sido. Era diferente de qualquer outra forma de inspiração antes conhecida pelos árabes: não era como poesia, como os encantamentos dos mágicos ou como os oráculos ininteligíveis dum *kahin*. É interessante que nenhum dos oponentes de Maomé o tenha acusado de forjar as revelações: era óbvio que algo estranho acontecia que escapava à sua compreensão. Finalmente Utba alertou os coraixitas: "Aceitem meu conselho e façam como eu faço, deixem esse homem em paz, pois, por Deus, as palavras que ouvi hão de se espalhar".[29]

Em certo sentido, pode-se dizer que Maomé descobrira uma forma literária inteiramente nova para a qual algumas pessoas estavam prontas mas que outras achavam chocante e perturbadora. Era tão nova e poderosa em seu efeito que sua própria existência parecia um milagre, além da capacidade humana. Os inimigos de Maomé eram desafiados a criar outra obra como essa; seu caráter único era prova da origem divina e seus versículos eram "sinais" que proporcionavam um encontro

sacramental com Deus.[30] Os muçulmanos ainda sentem uma presença misteriosa ao recitar o Corão ou ao se sentar diante do texto do livro sagrado que decora as paredes das mesquitas. Vimos que ele é tão fundamental para a espiritualidade muçulmana quanto Jesus, a Palavra de Deus, o é no cristianismo. Mais tarde, os muçulmanos diriam que é a expressão em linguagem humana da "Palavra Incriada", como o Logos no prólogo do Evangelho segundo são João. O Corão, portanto, é mais que informação compartilhada e privilegiada, é um símbolo semelhante à Torá, à Pessoa de Cristo ou aos sacramentos, que povos de outras tradições cultivam como "sinais" do divino em nosso meio.

A idéia de um texto, uma obra de arte ou uma peça musical que desprende uma "presença real", ou uma sensação de transcendência, inspirou recentemente os críticos ocidentais George Steiner e Peter Fuller. Quando Ibn Ishaq e os outros historiadores antigos falam do islã "entrando no coração" de alguém que ouve atentamente o Corão, baixando suas defesas de preconceito e medo, provavelmente sugerem algo semelhante à experiência estética descrita por Steiner em seu livro *Real presences: Is there anything* in *what we say?* [Presenças reais: Há algo *naquilo* que dizemos?]. É provável que aqueles entre nós que acham difícil ver alguma beleza no Corão já tenham experienciado em nossa própria tradição o que Steiner chama de "indiscrição da arte, da literatura e da música sérias", que "inquire o que há de mais privado em nossa existência". Tal arte, argumenta Steiner, com efeito, nos diz: "Mude sua vida". É um encontro com uma dimensão transcendente que invade "a pequena casa de nosso ser cheio de reservas". Uma vez ouvida a intimação dessa arte, essa casa deixa de ser "habitável do mesmo modo como antes o era".[31] Steiner não acredita em Deus e sugere que para muitas pessoas a arte representa a única possibilidade de transcendência num mundo cético. Obviamente, há importantes diferenças entre essa teoria e a experiência dos muçulmanos que sentiram que suas vidas haviam sido irrevogavelmente transformadas pela beleza do Corão, mas o testemunho desses primeiros encontros com o livro sagrado do islã sugere certo desarranjo da sensibilidade, um despertar e um perturbador vislumbre de enriquecimento que penetra barreiras preventivas. O livro de Steiner recebeu considerável aclamação ao ser publicado, o que sugere que reflete a experiência de muitos de seus leitores e que sua teoria pode nos dar alguma noção do notável efeito desse clássico da literatura árabe. Maomé foi poeta

e profeta, e o Corão, como texto e teofania, deve ser um dos exemplos mais admiráveis do parentesco entre as experiências religiosa e artística.

Sem essa invasão ou "anunciação", como Steiner a chama, seria pouco provável que a comunidade muçulmana inicial tivesse conseguido realizar a atemorizante ruptura com o passado, violar profundas religiosidades e superar os preconceitos. A beleza do Corão fazia ressoar algo enterrado fundo dentro deles e também apontava para algo além de si, como os "sinais" que descreve. Ela foi capaz de chegar a esses recantos íntimos e encorajar os muçulmanos a mudar suas vidas em um nível muito além do racional. Hoje em dia os muçulmanos dizem que o milagre do Corão consiste em seu dom de provocar ainda o mesmo efeito nas pessoas, até nas que não têm o árabe como língua materna. Assim, o eminente estudioso iraniano Sayyid Hossein Nasr aponta para o fato de o Corão ainda exigir dos muçulmanos que mudem de vida. Os versículos fragmentários e incoerentes — em especial os das suras mais antigas — demonstram a linguagem humana esmagada sob o impacto da Palavra divina e também revelam a incoerência do indivíduo. Para poder descobrir o significado profundo e simbólico do Corão, os muçulmanos devem integrar suas vidas. A leitura ou a audição do Corão não é uma experiência cerebral que visa obter informação ou receber regras claras, e sim uma disciplina espiritual. O processo da *ta'wil* (interpretação simbólica) é a busca de um sentido profundo que exige do indivíduo que entre nas profundezas de seu próprio ser. Literalmente, *ta'wil* quer dizer levar algo de volta a seu começo ou origem, e o Corão também pede que, ao se encontrarem com o texto sagrado, os muçulmanos façam igualmente a jornada do exterior (*zahir*) até a parte secreta e interior (*batin*) de seus seres para descobrir sua raiz ou origem.[32]

Naturalmente, um ocidental terá sensação completamente diferente. Não somente a beleza do árabe é inacessível em tradução, mas o texto também exige uma abordagem estranha a muitos de nós. Restringir-se a uma leitura externa e cerebral, sem ser movido pela capacidade do texto árabe de procurar o inefável para além da linguagem, é uma tentativa destinada ao fracasso, particularmente se a leitura for levada a cabo com espírito hostil ou sob o prisma de uma pretensa superioridade — como, por exemplo, foi o caso de Gibbon: esse não é o espírito criativo e receptivo do qual brota a experiência estética.

Próximo ao final do ano 616, o Corão fez sua conversão mais surpreendente.

Convencido de que chegara a hora de eliminar Maomé, Umar ibn al-Khattab saiu a passos largos pelas ruas de Meca, de espada em punho, para uma casa ao pé do monte Safa, onde sabia que o Profeta passava a tarde. Ele não sabia que sua própria irmã Fátima e seu marido Sa'id (filho de Zayd, o *hanif*) haviam se convertido e que, pensando estar seguros por Umar estar ausente, convidaram Khabbab ibn al-Aratt, o ferreiro muçulmano, para ir até lá recitar-lhes a última sura. Porém, em seu caminho para o monte Safa, outro muçulmano secreto o abordou e, para demovê-lo de seu propósito, disse-lhe que voltasse e fosse ver o que acontecia em sua própria casa. Umar voltou correndo e, ao dar a volta e entrar em sua rua, ouviu as palavras do Corão saindo pela janela de sua casa. "Que lengalenga é essa?", urrou ao entrar. Khabbab fugiu depressa para o andar de cima enquanto Umar crescia contra Fátima e Sa'id; ele bateu na irmã e derrubou-a no chão. Mas tão logo a viu sangrar, deve ter se sentido profundamente envergonhado; seja como for, seu rosto mudou. Ajuntou o manuscrito que, na pressa, Khabbab derrubara e, sendo um dos poucos coraixitas que sabia ler e escrever fluentemente, começou a ler os versículos iniciais da sura 20. "Quão rico, belo e nobre é este discurso!", disse maravilhado. Esse Saulo de Tarso muçulmano foi abatido não pela visão de Jesus, a Palavra, mas pela beleza do Corão, capaz de atravessar o ódio e o preconceito ardentes que sentia e abri-lo para uma receptividade da qual ainda não estava consciente. Imediatamente, Umar apanhou a espada de novo, correu pelas ruas de Meca até o monte Safa e irrompeu na casa em que Maomé estava. Pensando obviamente que o ataque é a melhor defesa, Maomé agarrou-o pelo manto: "O que o traz aqui, filho de Khattab?", perguntou. Umar respondeu: "Ó apóstolo de Deus, vim dizer-lhe que acredito em Deus e em seu apóstolo e no que ele trouxe de Deus até nós".[33] Maomé deu graças em voz tão alta que todos na grande casa (que haviam se escondido de medo ao ver que Umar se aproximava) se deram conta do que havia acontecido.

Ibn Ishaq registrou outra versão da conversão de Umar que também é digna de menção. Antes de se regenerar, Umar tinha sido um beberrão e, mais que tudo, gostava de farrear com os amigos no mercado. Um dia, como nenhum de seus companheiros de bebedeira apareceu, Umar achou que poderia muito bem passar o entardecer dando as voltas em torno da Caaba. Ao chegar lá, viu Maomé parado próximo ao santuário recitando baixinho o Corão e decidiu que iria ouvir suas

palavras. Então, rastejou para baixo da cortina de damasco que cobria o grande cubo de granito e deu a volta em torno do santuário até ficar em frente de Maomé. Quando ele disse: "Não há nada entre nós a não ser a cortina da Caaba", todas as suas defesas caíram por terra exceto uma. Foi então que a magia da língua árabe fez seu trabalho: "Quando ouvi o Corão, meu coração se abrandou e chorei, e o islã entrou em mim".[34]

Umar nunca foi homem de meias medidas. Na manhã seguinte, decidiu contar as novas para o tio Abu Jahl — dirigindo-se diretamente à cova do leão. "Minhas boas-vindas, sobrinho!", disse alegremente Abu Jahl ao abrir a porta, "o que o traz aqui?" Umar nos diz: "Respondi que havia ido até lá para lhe dizer que acreditava em Deus e em seu apóstolo Maomé e que via como verdadeiras as coisas que ele nos trouxera. Ele bateu a porta na minha cara e disse: 'Deus o amaldiçoe e amaldiçoe aquilo que você trouxe'".[35] Como é de se imaginar, a conversão de Umar fora a última gota, especialmente porque ele se recusava a fazer a *salat* escondido e se prostrava ante a Caaba na frente de todos. Abu Jahl e Abu Sufyan não podiam tolerar o espetáculo, mas não havia nada que pudessem fazer porque Umar era protegido por seu clã, Adi.

Abu Jahl agora tentava subjugar Maomé pela fome e impôs boicotes aos clãs de Hashim e al-Muttalib, fazendo com que os demais clãs assinassem um tratado contra a ameaça muçulmana. Ninguém poderia casar ou negociar com membros dos clãs fora-da-lei, e isso significava que ninguém devia vender-lhes comida. Por questão de segurança, todos os membros de Hashim e al-Muttalib, muçulmanos e não muçulmanos, mudaram-se para a rua de Abu Talib, que se tornou um pequeno gueto. Quando Maomé, Khadija e os membros de sua casa chegaram lá, Abu Lahab e sua família se mudaram e passaram a residir oficialmente no distrito dos Abd Shams. O Bloqueio durou dois anos. Abu Talib e os membros dos clãs de Hashim e al-Muttalib que não tinham se convertido recusaram-se a abandonar seus parentes, por questão de pura ética tribal. Mas o Bloqueio não era popular, especialmente entre os membros dos demais clãs que tinham parentes que pertenciam a Hashim e al-Muttalib e que não podiam em sã consciência deixá-los morrer de fome. Muçulmanos como Abu Bakr e Umar (pertencentes, é óbvio, a outros clãs) costumavam mandar regularmente comida e mantimentos para o gueto, como faziam os demais parentes e amigos. Um tal Hishim ibn Amr, que tinha muitos

parentes no clã dos Hashim, levava com freqüência um camelo carregado de provisões durante a noite até a rua de Abu Talib, dava-lhe uma pancada nos quadris e o mandava cambaleando viela adentro. Certa feita, Hakim ibn Hizam, sobrinho de Khadija, foi detido por Abu Jahl quando se dirigia ao gueto com um saco de farinha nas mãos. Os dois logo entraram numa discussão acirrada e um transeunte se juntou a eles em defesa de Hakim: teria mesmo Abu Jahl coragem de parar um homem que levava comida para a própria tia? Como Abu Jahl ainda se recusava a deixar Hakim passar, o transeunte irritado golpeou-o com uma mandíbula de camelo, jogando-o ao chão.

Durante os quatro meses sagrados, quando a violência era proibida em Meca, Maomé e os muçulmanos podiam deixar o gueto e ir regularmente à Caaba. Lá, ele era alvo de novos insultos. A esposa de Abu Lahab, que se imaginava poetisa, gostava de gritar versos ofensivos quando o Profeta passava. Certa feita ela jogou uma pilha de lenha espinhenta em seu caminho. É provável que tenha sido esse o momento da revelação da sura 111:

> Pereçam as duas mãos de Abu Lahab, e que ele também pereça! De nada lhe valerão suas riquezas, e tudo quanto amontoar. Será queimado num fogo flamejante com sua mulher, a carregadora de lenha, que terá no pescoço uma corda de esparto.

Pessoas criadas ao som do Sermão da Montanha talvez achem pouco edificante o fato de Maomé não ter dado a outra face. Mas, nos Evangelhos, o próprio Jesus não raro amaldiçoa seus inimigos em linguagem direta. Profetizou um destino horrível para as cidades de Betsaida e Corazim,* que não ouviram suas palavras, e, no Evangelho segundo são Mateus, é dito que insultou os fariseus e os saduceus com uma diatribe sem dúvida injuriosa.**

Por essa mesma época, uma nova intransigência aos poucos aparece no Corão. Ele constantemente prediz uma catástrofe para a cidade de Meca, que se recusa a ouvir a Palavra de Deus. Ao que parece, o conhecimento muçulmano das Escrituras judaicas começava a se expandir durante esse período. Para consolar os muçulmanos, o Corão começa a contar novas histórias a respeito dos profetas anteriores, que refletem a excitação da descoberta: tais histórias freqüentemente iniciam com as palavras "Chegou a ti a história de Moisés?" ou "Recebeste a história do Faraó?". Moisés foi o profeta mais popular durante o período do Bloqueio: o

Corão repetidamente aponta para o fato de Moisés ter alertado seu povo para que obedecesse à Palavra de Deus, mas os egípcios haviam se recusado a escutar e foram punidos. Porém outros profetas — José, Noé, Jonas, Jacó e Jesus — também alertaram seus povos de que deveriam viver de modo correto, criando uma sociedade justa e benevolente, se quisessem evitar uma catástrofe iminente. O Corão também inclui alguns profetas não bíblicos, como Hood, Shuaib e Salih, que Deus enviou aos antigos povos árabes de Ad, Midian e Thamud com a mesma mensagem. O conhecimento que Maomé tinha das Escrituras era ainda limitado. As figuras proféticas veneradas pelos árabes em suas próprias tradições eram colocadas lado a lado com os profetas da Bíblia como se tivessem o mesmo status: de fato, vimos que o Corão considera todas as religiões corretamente orientadas como emanadas de Deus. Maomé não conhecia a cronologia dos profetas bíblicos: por exemplo, ele deve ter achado que Mariam, a mãe de Jesus, era a mesma Mariam irmã de Moisés nas Escrituras judaicas. As histórias dos profetas refletem muito mais a situação de Maomé e dos primeiros muçulmanos que as versões bíblicas originais. Assim, a história de Noé nos dá uma idéia bastante clara das dificuldades que Maomé experimentou com o Senado de Meca e das várias objeções feitas à sua carreira profética:

> E enviamos Noé a seu povo. "Ó povo meu, disse-lhes, adorai Deus. Não tendes outro Deus. Não O temeis?". Então, os chefes do povo, que eram descrentes, disseram: "Quem é ele senão um homem como vós? Quer apenas prevalecer sobre vós. Tivesse Deus querido, teria enviado anjos. Nunca ouvimos coisa semelhante de nossos antepassados. É um homem possuído pela loucura".[36]

Mas, como vimos, o Corão considera todas essas histórias como "sinais", relatos antes simbólicos da relação de Deus com os homens que historicamente exatos, e tenta recontar os eventos narrados nessas antigas histórias do modo como os árabes as conheciam, para chegar ao cerne da mensagem.

Depois de Noé ter sido rejeitado por seu povo, al-Llah manda-o construir uma Arca e afoga todos os que não deram atenção às suas advertências. Nesse ponto, o dia do Juízo Final se torna um evento a ser temido, segundo o Corão: os justos são separados dos injustos nos grandes cenários simbólicos, que são "um sinal para os que temem o castigo do Além".[37] Mas o Corão deixa claro que não se trata de um castigo arbitrário: as cidades e os povos que se recusaram a prestar atenção às

advertências dos seus profetas chamaram para si a destruição.[38] A cidade de Meca experienciaria uma catástrofe porque os coraixitas se recusavam a emendar suas vidas e a criar um tipo de sociedade em concordância com a ordem verdadeira.

Mas a mensagem do Corão, a essa altura, não é toda ela apocalipse e destruição. Ele constantemente pede aos muçulmanos que sejam pacientes, que suportem os sofrimentos do momento com fortaleza e dignidade e não tirem proveito da ocasião para praticar vinganças pessoais contra seus inimigos. As histórias dos profetas do passado também os consolavam pois indicavam que sua fé não era uma monstruosa "inovação"; mesmo que parecessem estar dando as costas à fé de seus pais, tinham sua própria linhagem espiritual, que podia ser retraçada até Adão, o primeiro Profeta, que instruíra a humanidade no modo correto de se viver. Era claro, então, que Maomé se opunha diametralmente aos coraixitas, mesmo aos menos intransigentes que Abu Jahl. Pouco depois da imposição do Bloqueio, uma pequena delegação foi até Maomé na esperança de encontrar uma solução pacífica. Era comandada pelo venerável Walid, dos Makhzum, e composta por três líderes dos clãs de Sahm, Asad e Jumah. Esses clãs tinham sido membros da Hilf al-Fudul e os delegados provavelmente preocupavam-se com o fato de que o Bloqueio daria a Abu Jahl muito poder em Meca. Eles reconheciam o potencial político de Maomé e achavam que ele talvez estivesse habilitado a restaurar as fortunas dos clãs mais fracos.

A delegação propôs um acordo: os muçulmanos poderiam adorar al-Llah em sua religião e os demais poderiam continuar a adorar al-Lat, al-Uzza e Manat. Mas Maomé já havia decidido sobre isso. Ele respondeu à delegação com a sura 109 — a sura da Rejeição —, que anuncia a divisão dos caminhos:

> Dize: "Ó descrentes, não adoro o que adorais. Não adorais o que adoro. Nunca adorarei o que adorais. Nunca adorareis o que adoro. Tendes vossa religião e tenho a minha".

Após o Bloqueio ter sido imposto por dois anos, a situação de repente melhorou para Maomé, e tudo indicava que sua firmeza dera resultado. O Bloqueio tornou-se cada vez mais impopular. Esperar que as pessoas assistissem seus parentes consangüíneos morrer de fome ia contra muitas tradições árabes, e havia um fluxo regular e ilegal de comida e provisões para dentro do gueto. Finalmente, alguns coraixitas que tinham parentes próximos nos clãs de Hashim e al-Muttalib

planejaram uma campanha para dar fim ao Bloqueio. Hishim ibn Amr, o homem que com freqüência enviava um camelo carregado de comida para a rua de Abu Talib, começou a buscar apoio e encontrou outras quatro pessoas que pensavam como ele para resolver o assunto com Abu Jahl. Três deles — al-Mu'tim ibn Adi, Abu al-Bakhtar ibn Hisham e Sama ibn al-Arwad — pertenciam aos clãs da antiga Hilf e provavelmente estavam preocupados com a preponderância que os Makhzum, o clã de Abu Jahl, ganharam em Meca durante o Bloqueio. Mas o quarto homem — al-Zuhayr ibn Abi Ummayya, parente de Abu Talib — era makhzumita e ficou decidido que ele abriria a reunião.

No dia marcado, Zuhayr vestiu um longo manto branco e, solenemente, fez as voltas em torno da Caaba. Ao final, deu um passo adiante e se dirigiu publicamente aos anciãos da cidade. Como podiam assistir ao sofrimento de Hashim e al-Muttalib desse modo? Abu Jahl protestou, furioso, mas os quatro homens falaram em apoio à moção de Zuhayr. Finalmente, Mu'tim dirigiu-se a passos largos em direção à Caaba a fim de achar o documento que os clãs haviam assinado para dar início ao Bloqueio, e diz-se que as pessoas ficaram profundamente impressionadas ao descobrir que o documento havia sido todo roído por vermes, exceto um pedaço que continha a fórmula de abertura: "Em Teu nome, ó al-Llah!". Eles insistiram que o Bloqueio fosse revogado.

Uma alegria geral deve ter tomado conta da comunidade muçulmana; parecia que tempos melhores haviam começado. A comunidade exilada na Abissínia ouviu as notícias e Uthman ibn Ma'zum liderou cerca de trinta famílias de volta a Meca, deixando o resto para trás com o filho de Abu Talib, Ja'far. Maomé e Khadija ficaram encantados por poder se reunir com sua filha Ruqayyah e o marido Uthman ibn Affan. Mas os emigrantes haviam voltado cedo demais. O Bloqueio acarretava muitas dificuldades, apesar da distribuição ilegal de comida e, no começo de 619, uma morte tornou insustentável a posição de Maomé em Meca.

---

* Luccas 10: 13-4. (N. T.)

** Mateus *3*: 7-10. (N. T.)

7. *Hijra*:⋆ um novo lar

Os biógrafos às vezes chamam o ano 619 de Ano da Tristeza de Maomé. Pouco depois do fim do Bloqueio, morre Khadija: estava na casa dos sessenta e sua saúde pode ter sido prejudicada pela escassez de comida. Ela fora a companheira mais próxima de Maomé e depois de sua morte ninguém ocuparia o seu lugar. Nem mesmo o fiel Abu Bakr ou o exaltado Umar seriam capazes de dar a Maomé o mesmo apoio afetivo, e essa perda deve tê-lo afetado profundamente. Mas não muito depois, uma segunda morte teve conseqüências mais práticas. Abu Talib adoeceu gravemente e estava claro que não se recuperaria. Antes que morresse, os coraixitas fizeram uma última proposta de paz. Embora o tenham pressionado, sabiam que Abu Talib se comportara como verdadeiro *sayyid* árabe ao dar apoio incansável aos membros de seu clã. Agora, Abu Jahl chefiava uma comissão junto ao seu leito para pedir-lhe que efetuasse uma reconciliação: se Maomé reconhecesse a religião deles, eles o deixariam em paz. Mas Maomé já havia pensado no assunto dois anos antes e disse aos coraixitas que al-Llah era o *único* Deus. Eles ficaram furiosos e foram embora declarando desafiadoramente que o próprio al-Llah julgaria entre eles e Maomé.

Depois que foram embora, Maomé ficou surpreso quando Abu Talib lhe disse que tinha razão ao rejeitar o acordo e pediu ao tio que desse um passo adiante, fazendo sua própria sujeição a al-Llah. Mas Abu Talib respondeu gentilmente que se fizesse tal declaração de fé seria somente para agradá-lo. Ele morreria como tinha vivido, na fé de seus pais. No último momento, contudo, Abbas observou que os lábios do moribundo estavam se mexendo e disse a Maomé que ele parecia estar recitando a *shahada*. Mas Maomé abanou a cabeça: sabia que Abu Talib não entrara

para o islã.

O novo chefe dos Hashim era Abu Lahab, o que obviamente era muito grave para Maomé, mas no início ele ofereceu-lhe alguma proteção. Isso era de esperar, já que agora ele era o chefe, mas, de fato, não foi nem de longe uma proteção como a de Abu Talib, pois todos sabiam que era dada de má vontade, e aproveitavam a nova vulnerabilidade de Maomé. Seus vizinhos começaram a pregar-lhe peças desagradáveis com útero de ovelha: costumavam bater em Maomé com esse objeto repulsivo enquanto ele orava, e um engraçadinho chegou mesmo a colocar um na panela da família. Um dia, enquanto Maomé estava caminhando pela cidade, um jovem coraixita cobriu-o todo de esterco. Sua filha caiu em prantos quando ele voltou para casa naquele estado e chorou enquanto o lavava. "Não chore, minha menina", Maomé a consolou, "Deus protegerá seu pai." Mas pensou, aborrecido: "Os coraixitas nunca me trataram assim enquanto Abu Talib estava vivo".[1]

A nova fragilidade de Maomé pode ter afetado a posição de outros muçulmanos. Abu Bakr, por exemplo, fora praticamente à falência devido ao Bloqueio: seu capital estava reduzido de 40 mil para 5 mil dinares. Ele morava no distrito do clã de Jumah e, desde que se convertera ao islã, entrara em conflito com seu chefe, o velho e obeso Ummayah ibn Khalaf. Ummayah gostava de expor ao sol seu escravo muçulmano, Bilal, durante o período inicial da perseguição, mas agora ousava fazer o mesmo com Abu Bakr, um respeitável comerciante. Ele o amarrou junto a seu jovem primo Talhah e os deixou no calor escaldante, naquela ignominiosa posição. Isso demonstrava que Taym, seu clã, já não estava mais disposto ou em condições de proteger Abu Bakr, e Maomé concluiu que não tinha mais futuro em Meca. Com a aprovação de Maomé, deixou a cidade e foi se juntar à comunidade de emigrantes na Abissínia. Mas pela estrada encontrou Ibn Gughumma, chefe de um pequeno grupo de tribos nômades (conhecido como Ahabish), aliadas dos coraixitas. Ibn Gughumma ficou horrorizado ao ouvir que Abu Bakr tinha sido praticamente expulso de Meca; sugeriu que retornassem sem demora, e que ele mesmo o tomaria sob sua proteção. Abu Bakr concordou, feliz, e os coraixitas, ansiosos por estreitar laços com Ibn Gughumma, tiveram de aceitar a situação, mas pediram ao beduíno a garantia de que Abu Bakr não rezaria ou recitaria o Corão em público. Era um homem carismático, explicaram, e poderia fazer com que os jovens abandonassem a religião de seus pais. Ibn Gughumma aceitou a condição e

Abu Bakr prometeu que faria seu culto na intimidade de sua própria casa.

Outros recusaram-se a se curvar. Uthman ibn Ma'zum, o asceta, era membro da tribo de Makhzum e desfrutava da poderosa e eficaz proteção de Walid, mas achava intolerável estar em segurança enquanto outros sofriam. Então foi até Walid, para espanto do ancião, e renunciou à sua proteção. Parecia ser uma oportunidade esplêndida para uma penitência voluntária, mas isso é mais característico da devoção cristã que da muçulmana. Durante a perseguição romana, alguns cristãos zelotes se entregavam voluntariamente às autoridades a fim de alcançar o martírio, mas Maomé não aprovava tais excessos. Isso também ia contra a tradição árabe: a vida sempre fora dura o suficiente na Arábia, não precisando de riscos e sofrimentos suplementares. Alguns dias depois, Uthman foi a um recital de poesia dado por Labid ibn Rabi'a, o maior poeta árabe da época. Os coraixitas sentiam-se honrados por Labid estar visitando a cidade e ficaram mortificados quando Uthman começou a interrompê-lo. Enquanto Labid recitava: "Tudo é vão a não ser al-Llah", Uthman gritava, "Verdade!", mas quando Labid continuou, "e tudo o que é muito bom inevitavelmente acaba", Uthman berrou: "Você está mentindo! O encanto do paraíso nunca acaba!". Era um comportamento imperdoável para um convidado de honra, e Labid ficou profundamente ofendido. "Ó, coraixitas!", ele disse, "seus amigos nunca foram ofendidos deste modo. Desde quando este tipo de coisa acontece entre vocês?" "Não se importe com o que ele disse", alguém gritou da platéia, "este é um dos palhaços de Maomé. Eles abandonaram nossa religião." Então, Uthman ficou tão agressivo que o mesmo homem se levantou e deu-lhe um soco no olho. Walid, um velho civilizado, que deve ter presenciado com desalento a cena ultrajante, disse: "Ó, meu sobrinho, seu olho não estaria assim se você ainda estivesse sob minha segura proteção". Mas Uthman, agressivamente, deu a outra face e desafiou os presentes a esmurrarem seu outro olho.[2] Maomé fez questão de se dissociar do desagradável incidente.[3] Ele provavelmente desaprovava esse tipo de descortesia e deve ter sentido que a última coisa de que precisava era tal provocação.

Então, veio a crise. Incitado por Abu Jahl, Abu Lahab perguntou a Maomé se seu pai, Abd al-Muttalib, que gostava de Maomé e se orgulhava tanto dele quando criança, estava no inferno. Era uma pergunta capciosa. Maomé adotara a idéia judaico-cristã de que somente os que professam a verdadeira fé podem ser salvos.

Ele não tinha à mão nenhuma das belas respostas liberais que os monoteístas desenvolveram em anos recentes para se safar dessa. Se dissesse que o antigo paganismo podia salvar pessoas como Abd al-Muttalib, os coraixitas responderiam naturalmente que, assim sendo, não havia necessidade de aboli-lo. Mas se admitisse que Abd al-Muttalib não fora salvo, então Abu Lahab poderia retirar a sua proteção a alguém que denegrira a memória de um ancestral querido.

Maomé tinha de encontrar um novo protetor, e o fato de procurá-lo em Taif, a cidade de al-Lat, dá um indício de seu desespero. Taif era uma cidade de comerciantes como Meca, embora nem de longe tão próspera. Mas situava-se na parte mais fértil da Arábia e, ao se aproximar da cidade na colina amuralhada, Maomé caminharia por jardins atraentes, pomares e trigais. Muitos membros do clã de Abd Shams e Hashim, seu próprio clã, tinham casas de veraneio lá, e, portanto, Maomé talvez tivesse contatos na cidade. No entanto isso era um negócio arriscado já que os Thaqif, os guardiões do antigo santuário, poderiam se ofender com a condenação de Maomé ao culto a al-Lat. Ele visitou três irmãos e pediu-lhes que aceitassem sua religião e lhe dessem proteção, mas foi rejeitado insultuosamente. De fato, os três Thaqif ficaram tão enfurecidos com a audácia de Maomé ao propor tal acordo que mandaram seus escravos persegui-lo pelas ruas.

Para escapar da multidão, Maomé procurou abrigo no pomar que pertencia a Utba ibn Rabi'a e seu irmão Shayba, que estava sentado no jardim naquele momento e presenciou tudo. Eles estavam entre os principais opositores de Maomé em Meca, mas eram homens justos e devem ter se sentido mal ao ver um coraixita fugindo de maneira tão ignominiosa. Mandaram um menino escravo entregar-lhe um prato de uvas. Escondido no pomar, Maomé percebeu que estava chegando ao final de suas próprias forças. Naquele momento, deve ter sentido profundamente a falta de Khadija: esse era o tipo de sofrimento que ela sempre soube tratar e ele deve ter sentido muita necessidade do conselho dela. Era costume entre os árabes "buscar refúgio em" um deus ou *jinni*, numa emergência, mas agora Maomé "buscou refúgio em" Deus:

> Ó al-Llah, a Ti somente reclamo de minha fraqueza, de minha falta de recursos e de minha baixeza perante os homens. Ó Misericordiosíssimo, és o Senhor dos fracos e és o meu Senhor. A que mãos me confias? A mãos distantes que maltratarão? Às mãos de um inimigo a quem darás poder sobre mim? Se não estás zangado comigo, não me importo. Tua graça me é muito mais ampla. Busco abrigo na luz da Tua face que

> ilumina as trevas e ordena as coisas, neste e no outro mundo, temendo que Tua fúria desça sobre mim e que Tua ira se inflame sobre mim. É justo que Te satisfaças até estares saciado. Não há poder e não há força senão em Ti.[4]

Não é do feitio de Ibn Ishaq dar um relato tão detalhado do estado de espírito de Maomé, o que sugere que se tratava de uma situação de crise em seu desenvolvimento espiritual. Ele não podia mais confiar na companhia dos homens, mas constatou que não existe deus nem segurança nem "protetor" verdadeiro a não ser al-Llah.

Quase imediatamente Deus pareceu responder à sua prece com um "sinal", quando Addas, o menino escravo, chegou com o prato de uvas. Ele era cristão de Nínive, no Iraque moderno, e ficou surpreso ao ver aquele árabe abençoando o prato "em nome de Deus" antes de comer. Maomé, de sua parte, ficou surpreso e encantado ao ouvir que Addas vinha de Nínive, a cidade do profeta Jonas, e lhe disse que ele também era um profeta e, por isso, "irmão" de Jonas. Addas ficou tão emocionado que beijou a cabeça, as mãos e os pés de Maomé, para desgosto de Utba e Shayba que estavam presenciando todo o incidente: era mais um exemplo do estranho poder de Maomé sobre os jovens. Mas Maomé se sentiu menos isolado depois desse contato com um representante do Povo do Livro e com a lembrança de que todas as pessoas no vasto mundo fora da Arábia entenderiam sua vocação profética, ainda que os árabes de Hedjaz não estivessem em condições de entendê-la. No caminho para casa, diz-se que também foi consolado por uma multidão de *jinn* que o ouviu recitando o Corão e ficou maravilhada com sua beleza.[5]

Mas "buscar refúgio em al-Llah" não significava que Maomé pudesse dispensar a proteção humana. O Corão deixa claro que os muçulmanos devem usar todo o esforço humano para cuidar de si mesmos e não deixar preguiçosamente tudo para Deus: "Deus não muda o destino de um povo até que o povo mude o que tem na alma".[6] Esse é um versículo que os muçulmanos engajados nas batalhas políticas nos dias de hoje gostam de citar. Antes de Maomé entrar na cidade, mandou uma mensagem para três chefes de outros clãs, pedindo que o aceitassem como aliado. Assim que os coraixitas soubessem que ele estava cogitando fugir para Taif, sua posição na cidade certamente se tornaria mais perigosa. Os dois primeiros chefes contatados, Akhnas ibn Shariq dos Zuhrah e Suhayl ibn Amr dos Amir, recusaram por motivos ligados ao princípio tribal,[7] mas o terceiro, Mu'tim, chefe de Nawfal,

que havia feito campanha para dar fim ao Bloqueio, tomou Maomé sob sua proteção, permitindo que entrasse na cidade.

Essa não era, contudo, uma solução a longo prazo, e nessa época Maomé começou a pregar aos beduínos peregrinos que vinham para o *hajj* anual, esperando encontrar entre eles um protetor mais permanente. Estava começando a ampliar sua missão para incluir outros árabes. Mas, no início, os beduínos foram hostis e agressivos, e não demonstraram interesse pela religião de Maomé. Foi um período desolador e, talvez por ter sido empurrado para além de seu plano original e chegado ao fim de suas forças, Maomé teve a maior experiência mística de sua vida, no ano de 620.

Quando visitava sua prima Umm Hani, irmã de Ali e Ja'far, que morava perto da Caaba, levantou-se no meio da noite e foi para lá recitar o Corão. Depois, resolveu dormir um pouco no *hijr*, uma área fechada a noroeste do santuário. Foi quando sentiu ter sido acordado por Gabriel, ser colocado na garupa de um cavalo celeste chamado Buruq, e milagrosamente levado noite adentro até Jerusalém, no episódio que o Corão chama *al-masjid al-aqsa*: a mais distante mesquita.[8] Depois do Vôo Noturno (*'isra*), Maomé e Gabriel pousaram no monte do Templo e foram recebidos por Abraão, Moisés, Jesus e uma multidão de outros profetas. Eles rezaram juntos e trouxeram para Maomé três cálices contendo água, leite e vinho. Maomé escolheu o leite, como símbolo do caminho intermediário que o islã tentou tomar entre o ascetismo extremo, de um lado, e o hedonismo de outro. Então, foi trazida uma escada (*miraj*), Maomé e Gabriel subiram ao primeiro dos sete céus e começaram a ascensão ao Trono de Deus. Em cada estágio ele viu um dos grandes profetas: Adão presidia o primeiro céu, onde Maomé teve a visão do inferno; Jesus e João Batista estavam no segundo céu; José, no terceiro; Henoc, no quarto; Aarão e Moisés, no quinto e sexto e, finalmente, Abraão, no sétimo, o limiar da esfera divina.

Ibn Ishaq deixou a visão suprema numa obscuridade reverente, mas cita a tradição que apresenta uma razão prática para essa experiência, embora pareça ser uma experiência pessoal do próprio Maomé, já que não contém revelação para ser incluída no Corão. Quando Maomé chegou ao trono divino, Deus disse-lhe que os muçulmanos deveriam fazer a *salat* cinqüenta vezes ao dia, mas, no caminho de volta, Moisés lhe disse para voltar e reduzir esse número. Moisés continuou

mandando Maomé voltar até que o número de orações prescritas diminuísse para cinco, que ele ainda considerava excessivo, mas Maomé estava envergonhado demais para pedir mais uma redução. Desde a morte do Profeta, os muçulmanos rezam cinco vezes ao dia, e essa tradição mostra que a religião não deve ser um fardo esmagador, e sim uma disciplina moderada com que todos podem lidar.[9]

Essa experiência religiosa tem sido imensamente importante para a evolução da espiritualidade islâmica. É celebrada a cada ano no 27 rajab, o sétimo mês lunar, e, ao longo dos séculos, místicos, filósofos e poetas especularam sobre seu significado. Ela chegou mesmo a entrar na tradição ocidental, porque os relatos muçulmanos da *miraj*, a ascensão de Maomé ao céu, influenciaram Dante em sua viagem imaginária ao inferno, purgatório e paraíso na *Divina comédia*, apesar de, como vimos, ter colocado o Profeta num dos mais baixos círculos do inferno, num gesto representativo da típica esquizofrenia ocidental. Os sufis mostraram particular interesse por essa experiência e acreditaram que a suprema visão de Maomé foi descrita na sura 53 do Corão:

> Em verdade, ele o havia visto anteriormente junto ao Lótus da divisa, perto do jardim onde se refugiam os piedosos quando o Lótus estava coberto por aquilo que o envolvia: o olhar não se desviou, nem foi demasiadamente ousado, e presenciou alguns dos maiores sinais de Deus.[10]

Como na tradição hindu, o Lótus marca o limite do conhecimento humano. O Corão deixa claro que Maomé viu somente um dos "sinais" de Deus, não o próprio Deus e, mais tarde, os místicos enfatizaram o paradoxo dessa visão, em que Maomé viu e não viu a Essência Divina.[11]

Os sufis descrevem Maomé como o herói que abre um novo caminho para Deus com essa experiência, muito próxima da de outros místicos, em outras tradições bastante diferentes. No século XIII, os relatos persas feitos pelo grande poeta Farid ud-Din Attar, estão espiritualmente muito perto de são João da Cruz, que também enfatizou a importância de deixar todos os nossos conceitos e experiências para trás, indo além daquilo que o Corão chama o Lótus, o limite do conhecimento humano normal. Attar mostra que, no fim das contas, Maomé teve de deixar todos para trás: nem mesmo Gabriel pôde acompanhar o Profeta ao último estágio da viagem. Tendo ido além da percepção sensorial normal e além da lógica e da razão em seu vôo, Maomé entrou num novo reino da experiência. Mas ele ainda tinha de

se preparar para deixar a si mesmo para trás.

> Ele ouviu um chamado, uma mensagem do Amigo.
> O chamado veio da Essência de Tudo:
> "Abandone a alma e o corpo, ser transitório!
> Você, ó Minha meta e propósito, entre agora
> E veja Minha Essência face a face, Meu amigo!".
> Em espanto, ele perdeu a fala e se perdeu —
> Maomé não conhecia Maomé aqui,
> Ele não viu a si mesmo — Ele viu a Alma das Almas,
> A Face Daquele que fez o universo.[12]

Essa é uma experiência comum às grandes tradições místicas, uma expressão da crença de que nenhum homem pode ver Deus e viver. Mas tendo morrido para si mesmo e enfrentado a sensação da extinção, Maomé foi restabelecido num ser melhorado. Mais tarde, trouxe essa experiência de volta e ampliou a capacidade humana para o divino. A *miraj* tornou-se o paradigma da força mística do islã: os sufis sempre falaram de aniquilação (*'fana*) em Deus, que era seguida pelo seu renascimento (*baqa*) e a melhora da auto-realização.

Alguns muçulmanos sempre insistiram que Maomé fez sua viagem até o Trono de Deus corporalmente, mas Ibn Ishaq cita uma tradição de Aisha que deixa claro que a Viagem Noturna e a Ascensão foram experiências puramente espirituais. Como quer que escolhamos interpretá-la, a experiência mística é uma realidade humana e parece ter acentuada semelhança na maioria das tradições. Os budistas sustentam que tais indícios da realidade última e a expansão da consciência são antes estados puramente naturais que um encontro com o Outro. Ao que parece, em situações extremas a consciência humana produz um cenário particular, ou um panorama mítico, para descrever esse encontro — mais ou menos como, num contexto completamente diferente, pessoas em extrema debilidade física e próximas da morte parecem descrever a experiência do mesmo modo: a descida por uma longa passagem, sendo encontradas na porta por alguém que diz para voltar, e assim por diante. Em todas as religiões alguns homens e mulheres têm um dom especial para esse tipo de atividade e cultivam essas experiências por meio de certas disciplinas e técnicas que, novamente, são notavelmente similares. A *miraj* de Maomé, como foi relatada pelos escritores muçulmanos, está muito próxima da

experiência do misticismo do Trono na tradição judaica, que floresceu do século II ao século X. Os crentes se prepariam para o vôo místico e a viagem até o Trono de Deus por meio de disciplinas especiais. Jejuariam, leriam hinos especiais que induziriam a certa receptividade, e usariam técnicas físicas específicas. Muitas vezes, ao que parece, colocavam a cabeça entre os joelhos como fez Maomé, segundo dizem algumas tradições muçulmanas; em outras tradições, exercícios de respiração eram mais importantes. Tinham, então, a sensação da perigosa subida até o Trono de Deus e, como os muçulmanos, descrevem a visão suprema com expressões paradoxais que enfatizam sua essencial inefabilidade. Os místicos consideram heróis os fundadores dessas tradições, pois eles, correndo riscos pessoais, descobriram um novo caminho para Deus.

Alguns aspectos da *'isra* e da *miraj* se aproximam muito das iniciações místicas, quando as pessoas fazem uma passagem dolorosa de um modo de vida para outro. São, por exemplo, estranhamente similares à experiência da jovem senhora Perpétua, uma mártir cristã que morreu em Cartago durante a perseguição do imperador Severo em 203. Os *Atos de Perpétua e Felicidade*, coligidos e editados logo após sua morte, são considerados autênticos por muitos estudiosos. Eles nos dizem que, enquanto Perpétua estava esperando por seu julgamento na prisão, suas companheiras insistiram que pedisse a Deus uma visão que revelasse se realmente iam morrer. Pediram a Perpétua porque era conhecida por ter dons místicos especiais, e ela prometeu que teria uma resposta no dia seguinte. É provável que ela, inconscientemente, tenha se colocado num estado de espírito receptivo, mais ou menos como os pacientes de hoje produzem sonhos reveladores para seus terapeutas.[13] Sem dúvida, naquela noite Perpétua sonhou que viu uma escada (como a *miraj* de Maomé) tocando o céu; a subida era muito perigosa, ela estava com medo e por um momento achou que não conseguiria chegar ao topo mas, encorajada pelas companheiras, continuou e chegou a um enorme e bonito jardim. Lá, um pastor estava ordenhando uma ovelha e deu-lhe um pouco de coalhada; quando Perpétua acordou, pareceu-lhe que ainda estava "mastigando alguma coisa indefinível e doce". Agora, sabia que certamente morreria e instigou as amigas na prisão a "não ter mais esperança no mundo".[14] Perpétua teve vários outros sonhos, que contou a suas companheiras e que mostram que estava inconscientemente se reconciliando com a aproximação de sua própria morte e se preparando não

somente para a passagem à vida eterna, mas para o martírio, considerado a experiência religiosa suprema no começo do cristianismo. Maomé não estava à beira da morte, e sim prestes a começar nova fase de sua missão, que requeria o rompimento com o passado, uma espécie de morte. A visão era, contudo, reconfortante: ele tomou o seu leite, não do Bom Pastor, como Perpétua, mas dos grandes profetas do passado, numa visão que expressa seu senso de continuidade com as revelações anteriores.

A *miraj* também se assemelha à experiência iniciatória de um xamã, que, de acordo com o falecido estudioso americano Joseph Campbell, ainda "acontece por todo o trajeto da Sibéria à Terra do Fogo, passando pelas Américas". Ele explica que, no início de sua juventude, o xamã tem "uma experiência psicológica avassaladora que faz com que se volte totalmente para dentro. É um tipo de colapso esquizofrênico. O inconsciente todo se abre e o xamã cai dentro dele".[15] Os bosquímanos, por exemplo, induzem essa experiência numa grande maratona de dança: um xamã descreveu o que aconteceu quando entrou em transe e desmaiou:

> Ao emergir, já estou subindo, subo em cipós que ficam ao sul. Agarro-me a um, deixo-o e agarro-me a outro. Então eu o deixo e agarro-me a outro. [...] e, quando você chega à morada de Deus, você fica pequeno. Você se torna pequeno. Você chega pequeno à morada de Deus. Você faz o que tem que fazer lá. Então, volta para onde todos estão. [...] e, finalmente, entra de novo no corpo.[16]

Ele passou por uma forma de aniquilação pessoal e penetrou em regiões onde outros não podiam ir, trazendo novidades de reinos do imaginário mitológico, da sede do poder.

Do modo como chegou a nós, a Viagem Noturna mostra que Maomé estava começando a perceber que poderia ser mais que apenas um humilde Guia dos coraixitas, embora ainda estivesse procurando um novo protetor humano. Na época do *hajj* ele fazia questão de visitar os peregrinos acampados no vale de Mina, durante os três dias prescritos, indo de uma tenda a outra. Dessa forma, encontrou um grupo de seis pagãos árabes de Yathrib, durante o *hajj* de 620, instalados na quebrada de 'Aqaba, na parte do vale próxima de Meca. Maomé sentou-se com eles, falou sobre sua missão e recitou o Corão, mas agora, em vez de encontrar hostilidade e rejeição, percebeu que os árabes eram atenciosos e entusiasmados. Quando terminou, eles disseram entre si que esse devia ser o profeta de quem os

judeus de Yathrib falavam sempre. Há anos, vinham insultando seus vizinhos pagãos com a história de um profeta que poderia destruí-los, assim como as antigas tribos árabes de Ad e Iram foram destruídas. Se Maomé era, de fato, esse profeta, era importante evitar que os judeus chegassem a ele primeiro. Também logo perceberam que Maomé poderia resolver os problemas aparentemente insuperáveis de Yathrib.

A essa altura, Yathrib ainda não era uma cidade como Meca. Era um oásis, uma ilha fértil de cerca de 32 quilômetros quadrados, rodeada de montanhas vulcânicas, rochas e solo pedregoso e incultivável. Não era centro comercial, mas uma colônia agrícola onde os vários grupos tribais viviam muito próximos em suas vilas e fazendas, em estado de hostilidade mortal. A área fora originalmente cultivada por colonizadores judeus pioneiros. Não sabemos de onde esses judeus vieram. Talvez fossem refugiados da Palestina, vindos para a Arábia depois que os romanos sufocaram a rebelião de 135 d. C., ou então tribos árabes que se converteram ao judaísmo. Uma terceira possibilidade é que vários árabes independentes se juntaram a um grupo de hebreus e adotaram sua religião. No início do século VII, havia três tribos judaicas principais em Yathrib — Bani Qurayzah, Bani Nadir, e a menor e menos importante Bani Qaynuqa. Os judeus preservavam a identidade religiosa à parte mas, fora isso, eram quase indistinguíveis de seus vizinhos pagãos árabes. Tinham nomes árabes e não hebraicos, observavam as convenções do sistema tribal e freqüentemente eram tão hostis uns com os outros quanto com qualquer tribo árabe.

Durante o século VI, a tribo dos Bani Qaylah emigrou do Sul da Arábia e se estabeleceu no oásis ao lado dos judeus. Os recém-chegados dividiram-se em dois troncos — os Aws e os Khasraj — que se tornaram duas tribos distintas, com número de diferentes clãs. No início, os Aws e os Khasraj eram mais fracos que os judeus, mas gradualmente foram adquirindo sua própria terra, construíram sua própria fortaleza e se igualaram em poderio. No início do século VII, os Aws e os Khasraj estavam em posição levemente mais vantajosa que os judeus, mas começaram a brigar entre si.

A transição da vida nômade para a sedentária causou uma crise em Yathrib, sentida de maneira mais aguda ainda que o mal-estar em Meca. Os costumes tribais, que funcionavam muito bem nas estepes, não eram mais apropriados. No deserto,

os nômades defendiam as terras de seus ancestrais zelosamente, o que era possível quando se encontravam separados uns dos outros por larga distância. Mas quando se amontoaram todos dentro de um pequeno oásis, com cada tribo defendendo a ferro e fogo seu escasso pedaço de terra, o sistema entrou em colapso. Um grupo fazia um reide (*ghazu*) em território inimigo, como era costume, e isso tinha de ser vingado. Gradualmente, as vários tribos de Yathrib caíram num ciclo de violência; o estado de guerra constante estava arruinando a terra, destruindo as colheitas e minando as fontes de riqueza e poder de Yathrib. As tribos judaicas começaram a se envolver fortemente nos conflitos e se aliaram de várias formas aos Aws e aos Khasraj. Em 617 houve um impasse. Nenhum grupo conseguia se sobressair, e ambos os lados e seus aliados estavam exaustos pelo conflito. A guerra civil culminara, naquele ano, na batalha de Bu'ath, que deu uma vitória nominal aos Aws e seus aliados judeus, os Bani Nadir, mas foram completamente incapazes de capitalizá-la e consolidá-la. Todos começaram a perceber que, apesar da visceral desconfiança árabe à idéia de reinado, uma autoridade suprema era a única esperança para Yathrib. Abdallah ibn Ubbay, um dos chefes de Khasraj, recusou-se a lutar na batalha de Bu'ath, por perceber que era inútil. Desse modo, adquiriu uma espécie de reputação de imparcialidade e as pessoas começaram a vê-lo como um provável rei ou chefe supremo. Mas, naturalmente, muitos receavam essa solução. Os Aws, como era de esperar, relutavam bastante em entregar o poder supremo a um membro dos Khasraj, e os clãs menos poderosos dessa tribo também relutavam em permitir a ascensão de Ibn Ubbay.

Quando Maomé se apresentou aos seis peregrinos de Yathrib durante o *hajj* de 620, eles perceberam imediatamente que, como o profeta de al-Llah, ele poderia ser um líder muito mais imparcial que Ibn Ubbay. Não ficaram chocados com sua mensagem monoteísta. Tinham vivido tanto tempo perto de judeus que se acostumaram com a idéia de que havia somente um Deus e estavam dispostos a relegar as antigas deusas ao nível de *jinn* ou de anjos. Há muito tempo, sentiam-se inferiores aos judeus por não possuírem Escrituras próprias e serem "um povo sem conhecimento",[17] de modo que se entusiasmaram com a afirmação de Maomé de que era um profeta para os árabes e que lhes trazia um Corão árabe. Imediatamente, entregaram-se a Deus, com grande esperança para Yathrib: "Nós deixamos nosso povo, pois nenhuma tribo está tão dividida pelo ódio e pelo rancor

como eles. Talvez Deus os una por seu intermédio. Então, deixe-nos ir até eles e convidá-los para a sua religião; e se Deus uni-los por meio dela, então não haverá homem mais poderoso que você".[18] Concordaram que trariam notícias a Maomé dentro de um ano. Era essencial para Maomé conseguir maior apoio no oásis se pretendesse mudar-se para lá com seus companheiros. Ele não esperava ter problemas com os judeus, porque sempre acreditou que sua mensagem estava em sintonia com a deles, mas aqueles peregrinos eram de uma das menores tribos dos Khasraj. Teriam de atrair alguns dos Aws para a fé, se pretendiam que Maomé unisse Yathrib.

Já havia muitos anos a causa dos muçulmanos parecia estagnada, mas isso era sinal de que as coisas podiam mudar para melhor. Maomé também fizera algumas mudanças importantes em sua casa naquele ano. Ele precisava de uma esposa e desejava uma presença feminina em sua vida. Foi sugerido que casasse com Sawdah, a prima e cunhada de Suhayl, chefe dos Amir. Ela e seu marido Sakran, irmão de Suhayl, emigraram para a Abissínia em 616 e Sakran morreu logo depois de retornarem a Meca. Sawdah concordou com o casamento e Hatib ibn Amr, outro irmão de Suhayl, concedeu-a em casamento ao Profeta.

Abu Bakr também estava ansioso para forjar um vínculo mais forte com Maomé, a quem ele vinha servindo tão lealmente por todos aqueles anos com grande custo pessoal. Sua pequena filha Aisha tinha somente seis anos em 620 e tinha sido prometida em casamento para o filho de Mu'tim, chefe de Nawfal, o novo protetor de Maomé, mas ele estava disposto a desistir do acordo, porque sua esposa temia que o filho se tornasse muçulmano. Assim, Aisha se tornou formalmente noiva de Maomé numa cerimônia em que a menina não estava presente. Anos mais tarde, ela recordou que o primeiro sinal que teve de seu novo status foi quando a mãe explicou-lhe que não mais poderia brincar nas ruas como as outras crianças, mas convidar as amigas para dentro de casa.

O harém de esposas de Maomé provocou muita especulação sombria e lasciva no Ocidente, assim como uma boa dose de inveja mal escondida, como vimos no capítulo 1, quando mostrei que Maomé foi freqüentemente acusado de luxúria. Mais tarde, o Corão decretou que um muçulmano poderia ter apenas quatro esposas, mas a Maomé, como Profeta, eram permitidas muitas mais. Naquele tempo, poucas pessoas na Arábia viam a monogamia como norma particularmente

desejável e, anos mais tarde, quando Maomé estava se tornando um grande *sayyid* árabe, seu abundante harém era uma marca de seu status. Numa sociedade tribal, a poligamia tende a ser a norma. A Bíblia não tem o menor pudor em mostrar as proezas sexuais do rei Davi ou o enorme harém do rei Salomão, que faz com que o de Maomé pareça bastante mirrado. Como Maomé, ambos viveram numa época em que seus povos estavam fazendo a transição da vida tribal para a urbana. Mas seria completamente errado imaginar um Maomé em decadência deleitando-se num jardim de delícias terrenas; de fato, suas várias esposas algumas vezes foram, como veremos, uma vantagem duvidosa. Devemos simplesmente observar duas coisas. Em primeiro lugar, nem Sawdah nem Aisha foram escolhidas por seus atrativos sexuais. Aisha era apenas uma menina, e, aos trinta anos, Sawdah não estava mais na flor da juventude e começava a engordar. Não sabemos muito mais sobre ela, e isso indica que o casamento foi mais um arranjo prático que por amor. Ela podia cuidar da casa de Maomé e também ganhar status, pelo menos entre a comunidade muçulmana, por ser a esposa do Profeta. Segundo, os dois casamentos tiveram motivação política: Maomé estava estabelecendo importantes laços de parentesco. Ele ainda tinha esperanças em Suhayl, que era um homem profundamente religioso, e o casamento com Sawdah tornou-os parentes. O que era também importante para estabelecer maior vínculo com Abu Bakr: Maomé estava começando a formar um tipo de clã alternativo, não baseado no parentesco, mas na ideologia. Mesmo assim, os laços de sangue eram ainda muito importantes.

Abu Bakr devia estar feliz com esse vínculo com Maomé, porque naquele momento estava mais uma vez isolado em Meca. Quando construiu uma pequena mesquita próxima à sua casa, escandalizou o clã de Jumah. "Ele era um homem emotivo", diz Ibn Ishaq, "e quando lia o Corão comovia-se até as lágrimas. Jovens, escravos e mulheres costumavam ficar ao lado dele enquanto recitava o Corão, maravilhados com sua reação."[19] Quando Ibn Dughumma o tomara sob sua proteção, os coraixitas estipularam que não haveria mais essa reza pública, o que deu motivo a uma delegação enviada ao chefe beduíno perguntar com indignação:

> Você deu proteção a esse sujeito para que ele nos ofenda? Veja, ele reza e recita o que Maomé produziu; seu coração amolece e ele chora. E tem uma aparência tão admirável que tememos que seduza nossos jovens e mulheres e os fracos. Vá até ele e diga-lhe que vá para casa e lá fazer o que quiser.[20]

Mas Abu Bakr se recusou a abrir mão da mesquita: provavelmente sentiu que não poderia fazer mais concessões e que já era hora de dar um basta. Então, uma vez mais se tornou alvo de insultos: nas ruas, as pessoas jogavam-lhe esterco, e os chefes dos coraixitas desdenhosamente lhe diziam que aquela sujeira vinha de sua cabeça.

Durante o *hajj* de 621, os seis convertidos de Yathrib voltaram para Meca, como combinado, levando mais sete com eles, dois dos quais eram membros dos Aws. Novamente, encontraram Maomé no canal de ʾAqaba e fizeram a promessa formal de adorar somente a al-Llah e obedecer aos mandamentos. Mais tarde, um deles disse:

> Nós prometemos fidelidade ao apóstolo, prometemos não associar nada com Deus, não roubar, não fornicar, não matar nossa prole, não difamar nossos vizinhos; não devemos desobedecer [a Maomé] no que é certo; se cumprirmos isso, o paraíso será nosso; se cometermos qualquer um desses pecados, cabe a Deus punir-nos ou perdoar-nos conforme sua vontade.[21]

Nesse encontro, que ficou conhecido como Primeiro ʾAqaba, deu-se mais ênfase à religião que à política. O velho paganismo não conseguiu resolver a crise em Yathrib, e o povo estava pronto para uma nova ideologia. As exigências religiosas de Maomé podiam ajudar os muçulmanos a cultivar o respeito por outras pessoas como indivíduos com certos direitos inalienáveis; essa nova moral substituiria o antigo ideal coletivo da tribo, em que o grupo era mais importante que seus membros. O novo individualismo poderia ser a base para um novo tipo de sociedade, porque ajudaria a população de Yathrib a perceber que o ganho de uma pessoa não significa necessariamente a perda para outra, como acontecia no deserto, onde não havia o bastante para todos, nem mesmo o essencial à vida.

Quando os peregrinos retornaram a Yathrib, Maomé mandou com eles Mu'sab ibn Umayr, um muçulmano extremamente hábil que voltara havia pouco da Abissínia, para instruir as pessoas do oásis e recitar o Corão. O ódio tribal estava tão arraigado nessa ocasião que nem os Aws nem os Khasraj toleravam ouvir um membro de uma tribo inimiga lendo o livro sagrado ou conduzindo a oração, de modo que a recitação tinha de ser realizada por um estranho imparcial. Inicialmente, os líderes dos Aws foram extremamente hostis à nova religião. Um dia Sa'd ibn Muadh, chefe de um dos clãs mais importantes, ficou horrorizado ao

saber que Mu'sab estava sentado num jardim do seu território, pregando publicamente aos homens de seu clã. Mas Mus'ab era convidado do primo-irmão, Asad ibn Zurara, um dos primeiros seis convertidos, e isso significava que era impróprio para Sa'd insultar o visitante de Meca. Então, mandou Usayd ibn al-Hudayr, o segundo de seu comando, expulsar Mu'sab de suas terras. Usayd pegou uma lança e se dirigiu rapidamente para o jardim. Quando deparou com o pequeno e compenetrado círculo sentado ao redor de Mu'sab, olhou furiosamente e quis saber o que o muçulmano pretendia ao enganar seus companheiros mais fracos. Mu'sab respondeu: "Por que você não se senta e ouve? Se gostar do que ouvir, pode tomar como verdadeiro; se não gostar, pode deixar de lado". Usayd achou que aquilo parecia bastante razoável, fincou sua lança no chão e se sentou para ouvir o Corão. Como de costume, a beleza das palavras venceu a resistência, e seus companheiros de tribo perceberam que sua expressão mudou completamente, tornando-se pacífica e luminosa. Ao final da recitação, ele disse: "Que discurso maravilhoso e bonito! O que é preciso para entrar nessa religião?". Usayd disse-lhe que purificasse as roupas, proclamasse sua fé no único Deus e se prostrasse em reverência. Quando cumpriu as exigências, foi depressa ao encontro de Sa'd.

Assim que Sa'd o viu, soube pela expressão do rosto que Usayd não havia feito o que lhe pedira. Agarrou sua lança, gritando zangado: "Por al-Llah, vejo que você foi completamente ineficiente!", e se dirigiu a passos largos para o jardim. Aconteceu exatamente a mesma coisa; Mu'sab pediu-lhe que sentasse e ouvisse. Sa'd fincou sua lança no chão e foi tomado pela beleza do Corão. Essa conversão foi decisiva. Sa'd convocou o seu povo e perguntou por que eles aceitavam sua liderança. Eles responderam: "[Você é] nosso chefe, o mais diligente em defesa de nossos interesses, o de melhor juízo e o mais afortunado na liderança". Então, Sa'd disse-lhes que confiassem nele não menos implicitamente naquele assunto, acrescentando: "Não falarei a homem ou mulher entre vocês até acreditarem em Deus e em seu apóstolo".[22] Como resultado, o clã se converteu em massa ao islã. Obviamente, a história foi embelezada e romanceada ao longo dos anos, mas Sa'd se revelaria um dos mais fervorosos muçulmanos de Yathrib, e sua conversão provavelmente causou forte impressão nas pessoas que ansiavam por uma liderança forte e por uma solução para seus problemas aparentemente insolúveis.

Não demorou muito para haver muçulmanos em quase todas as famílias do

oásis. Havia um pequeno foco de resistência pagã no clã dos Aws, instigada pelo poeta e chefe Abu Qays ibn Al al-Aslat. Os poetas sempre foram fundamentais para definir e celebrar a identidade das tribos, e podiam destruir a reputação de uma pessoa tão eficaz e completamente como a mídia hoje. A propaganda poética contrária podia ser tão devastadora na Arábia quanto a maior derrota militar, e devemos levar isso em conta ao considerarmos a hostilidade de Maomé aos poetas que o ridicularizaram. Durante esse ano de provação em Yathrib, Abu Qays estimulou os árabes de seu clã a continuar fiéis à sua autêntica forma de monoteísmo árabe e não aceitar aquele Corão corrompido por influências estrangeiras. Ele se dirige a al-Llah, que o povo de Yathrib já havia percebido ser o único Deus:

> Senhor da humanidade, coisas sérias aconteceram,
> Que envolvem o difícil e o simples.
> Senhor da humanidade, se nós errarmos
> Guie-nos ao bom caminho.
> Se não fosse por nosso Senhor seríamos judeus
> E a religião dos judeus não é conveniente.
> Se não fosse por nosso Senhor seríamos cristãos
> Ao lado dos monges do monte Jalil [Galiléia].
> Mas, quando fomos criados, fomos criados
> Hanifs; nossa religião é de todas as gerações.
> Nós trazemos os camelos para o sacrifício caminhando acorrentados
> Cobertos com panos, mas de ombros descobertos.[23]

Não era uma surpresa que Abu Qays visse a nova religião de Meca como associada ao Povo do Livro porque, desde o Primeiro ʾAqaba, Maomé introduzira algumas práticas judaicas importantes. Obviamente, ele estava fazendo um ansioso apelo aos judeus no oásis, e deve ter aguardado com interesse para trabalhar e rezar com o povo dessa antiga revelação, depois de um longo período de isolamento. Ele instruiu Mu'sab para presidir um encontro especial com os muçulmanos às sextas-feiras de tarde, no momento em que os judeus estariam se preparando para o Sabbath; isso ligava a nova cerimônia ao festival judeu, mas ao mesmo tempo mantinha uma distância tática. Depois, prescreveu o jejum para os muçulmanos no Yom Kippur (Dia do Perdão) judaico, que era comemorado no dia 10 do Tishri judaico: o jejum muçulmano foi adequadamente chamado Ashura, que em

aramaico arabizado significa "o décimo". Agora, os muçulmanos deviam rezar na metade do dia, como os judeus; até então, eles somente faziam a *salat* de manhã e ao entardecer, levantando também durante a noite para a vigília. Os muçulmanos passaram ater permissão de casar com mulheres judias e comer comida judia. Contudo, eles não cumpriam todas as regras alimentares dos judeus, mas apenas uma versão modificada, que era notavelmente similar à prescrita, nos Atos dos Apóstolos, aos pagãos convertidos ao cristianismo.[24] Acima de tudo, os muçulmanos deviam começar a rezar voltados para Jerusalém, como os judeus e os cristãos o faziam. A Viagem Noturna de Maomé a Jerusalém mostrou que aquela antiga cidade sagrada era essencial também para a fé muçulmana, e a adoção de Jerusalém como *qibla*, ou a direção de oração, era uma lembrança e uma demonstração constantes da conexão da nova religião com as mais antigas revelações. Agora, os muçulmanos se voltavam em direção de Jerusalém três vezes ao dia para rezar; sua postura física lhes ensinaria uma nova orientação espiritual e, em nível fundamental, que eles tinham o mesmo objetivo que o Povo do Livro.

O Corão também adotou o nome aramaico que os judeus deram a Yathrib: *medinta*, que simplesmente significa "a cidade". Em árabe é *al-Madinat*, que nos deu Medina. Cinco anos antes, quando Maomé procurava por uma nova casa para seus companheiros, apelou para os cristãos monofisistas da Abissínia, mas aquela empresa, por razões que não entendemos completamente, parece ter sido um desapontamento. Maomé descobriu que não poderia continuar vivendo em Meca, mas era impensável para o apóstolo dos árabes deixar a Arábia. Nessa época, incitou toda a comunidade muçulmana a emigrar com ele para o oásis recém-chamado Medina, e estava pedindo apoio às tribos judias de lá.

Em 622 uma grande quantidade de peregrinos deixou Medina rumo a Meca na época do *hajj*. Alguns deles ainda eram pagãos, mas 73 dos homens e duas das mulheres eram muçulmanos e pertenciam às famílias mais influentes de Medina. Durante a viagem houve um incidente que demonstrou ser estranhamente premonitório. Al-Bara ibn Ma'rar, um dos chefes dos Khasraj, timidamente sugeriu aos outros peregrinos muçulmanos que, durante o *hajj*, eles deviam trocar a *qibla*. Todos estavam se dirigindo impacientemente a Meca, onde ficava o mais importante santuário de al-Llah e onde muitos deles encontrariam o Profeta pela primeira vez. De algum modo, parecia inadequado dar as costas a Meca enquanto

rezavam, a fim de se voltar para Jerusalém. Os outros achavam que Bara estava errado, porque pelo que sabiam a *qibla* de Maomé era Jerusalém e assim estava bem para eles. Bara insistiu e fez de Meca a sua *qibla* durante a viagem. Mas ficou preocupado com isso; então, assim que chegou, foi imediatamente até a Caaba à procura de Maomé para saber sua opinião. A resposta de Maomé foi ambígua: "Você teria uma *qibla*, se se ativesse a ela".[25] Mas ele mesmo ainda rezava voltado para Jerusalém, e Bara obedientemente fez o mesmo. Mais tarde, os homens de seu clã se lembraram da idéia de Bara. Ele morreu logo após ter voltado para Medina, e acreditava-se que as intuições dos homens que estão próximos da morte deviam ser levadas a sério.

Durante a permanência ritual no vale de Mina, aconteceu outro encontro no canal de *'*Aqaba, mas dessa vez ocorreu a altas horas da noite. A promessa que fizeram naquele ano mais tarde ficou conhecida como a Promessa de Guerra: "Nós prometemos lutar na mais completa obediência ao apóstolo, na alegria ou na tristeza, nos bons e nos maus tempos e em más circunstâncias; não ser injustos com ninguém; falar sempre a verdade; e que a serviço de Deus não temeremos a censura de ninguém".[26] A Promessa de Guerra não significava que o islã repentinamente se tornara uma religião agressiva e belicosa; era simplesmente necessária devido ao passo que Maomé estava prestes a dar. Ele estava encorajando seus companheiros a fazer a *hijra* ou emigração de Meca para Medina, mas a *hijra* não era apenas uma mudança geográfica. Os muçulmanos de Meca estavam prestes a abandonar os coraixitas e a aceitar a proteção permanente de uma tribo com a qual não tinham laços de sangue.[27] Era uma mudança sem precedentes e, a seu modo, tão ofensiva para os sentimentos árabes como denegrir as deusas pagãs. Sempre existira um sistema de "confederação" pelo qual um indivíduo ou um clã inteiro poderia se tornar membro honorário de outra tribo e aceitar sua proteção. Mas isso não implicava rompimento definitivo; os vínculos de sangue eram um valor sagrado na Arábia, e a base da sociedade. A própria palavra *hijra* mostra que essa separação era ainda mais dolorosa na mente das pessoas que decidiram migrar para Medina. O primeiro elemento do radical *HJR*, *hajara-hu*, tem sido traduzido por: "Ele se separou da comunhão ou relação amigável e amável [...] ele deixou [...] de se associar com eles".[28] Os muçulmanos de Medina teriam de prometer que dariam proteção (*awliya*) e ajuda (*nasr*) permanentes a pessoas com quem não tinham

parentesco. Daí em diante, seriam conhecidos como Ansar, o povo que deu ajuda (*nasr*) ao Profeta e a seus companheiros. "Ansar" usualmente é traduzido como "Os Ajudantes", mas isso dá uma idéia muito limitada do que está envolvido: *nasr* significava que você devia estar pronto para oferecer sua ajuda e apoio com a força, se necessário. É por isso que os muçulmanos de Medina fizeram a Promessa de Guerra.

A promessa foi feita secretamente. Não só Maomé estava prestes a tomar uma decisão sem precedentes para ele e seus companheiros de Meca como corria grande perigo. Ibn Ishaq enfatiza os aspectos positivos da *hijra* e faz com que ela pareça uma decisão voluntária. Mas o Corão diz que os muçulmanos teriam sido "expelidos" ou "expulsos" de Meca.[29] Maomé devia estar consciente de que tramavam contra sua vida.[30] Talvez Mu'tim tenha lhe dado proteção no seu retorno de Taif com a condição de que ele parasse com as conversões. O Corão nunca fala das vantagens da *hijra*, mas sugere que os muçulmanos teriam sido compelidos a partir contra sua vontade. Durante o encontro do *hajj* de 622 havia uma sensação de perigo e de pontes irremediavelmente queimadas. O encontro tinha de ser secreto; os Ansar nem sequer o mencionaram a seus companheiros pagãos de peregrinação, para que não dessem com a língua nos dentes a respeito da planejada *hijra* em Meca e fornecessem aos coraixitas uma pista do que estava por vir.

Na noite da Promessa, os Ansar deixaram seus companheiros dormindo em suas tendas e saíram "silenciosos feito galinhas-anãs" para o canal de 'Aqaba, onde encontraram Maomé acompanhado por Abbas.[31] Abbas ainda não tinha se convertido ao islã, mas gostava do seu sobrinho, e as primeiras fontes mostram que ele queria ter certeza de que Maomé estaria completamente seguro em Medina. Ele abriu a reunião alertando os Ansar que pensassem muito antes de prometer ajuda e proteção aos muçulmanos da tribo dos coraixitas: "Se vocês acham que conseguem se manter fiéis ao que lhe prometeram e conseguem protegê-lo de seus oponentes, então assumam o ônus. Mas se vocês acham que irão traí-lo e abandoná-lo, depois que ele partir com vocês, então deixem-no agora".[32] Porém os Ajudantes estavam dispostos a manter sua decisão. Bara tomou Maomé pela mão e, como representante dos Aws e dos Khasraj, jurou que os muçulmanos dariam ao Profeta exatamente a mesma proteção que davam às suas mulheres e crianças. Mas

enquanto Bara falava, outro Ajudante interrompeu-o: o povo de Medina tinha feito outras alianças e pactos e, se protegessem os muçulmanos de Meca, teriam de romper algumas delas. O que aconteceria se Maomé, mais tarde, abandonasse Medina e deixasse seu povo vulnerável a antigos aliados prontos para a vingança? Maomé sorriu e respondeu: "Eu sou um dos seus e vocês são dos meus. Lutarei contra aqueles que lutam contra vocês e estarei em paz com aqueles que estão em paz com vocês".[33] Então, como ambos os lados estavam satisfeitos, os Ajudantes fizeram a Promessa de Guerra.

Depois de retornarem a Medina, Maomé começou a persuadir os muçulmanos de Meca a fazer a *hijra*. Era um passo irrevogável e assustador. Ninguém sabia se iria funcionar, porque nada parecido jamais acontecera antes na Arábia. Maomé não obrigou os muçulmanos a emigrar. A qualquer pessoa que relutasse ou sentisse que isso estava além de suas forças era permitido ficar para trás. Alguns muçulmanos importantes permaneceram em Meca e nunca foram acusados de apostasia ou covardia. No entanto, entre julho e agosto de 622, cerca de setenta muçulmanos partiram com suas famílias para Medina, onde se alojariam nas casas dos Ajudantes até construírem suas próprias casas. Os coraixitas não parecem ter feito grande esforço para detê-los, embora algumas mulheres e crianças tenham sido mantidas à força, e um homem tenha sido levado de volta em triunfo amarrado em seu camelo. Mas os muçulmanos tomaram cuidado para não chamar a atenção e não raro combinavam de se encontrar fora da cidade. Eles viajaram em grupos pequenos e discretos. Umar partiu com sua família, Uthman ibn Affan com sua esposa Ruqayyah, e outros membros da família do Profeta foram na frente com Zayd e Hamzah. Maomé e Abu Bakr ficaram para trás até todos terem partido. Porém essa enorme deserção rapidamente deixou lacunas na cidade, simbolizando a ferida aberta que Maomé impôs à tribo dos coraixitas, tão prósperos e unidos apenas dez anos antes. O primo de Maomé, Abdallah ibn Jahsh, fez a *hijra* com sua família e irmãs: depois que partiu, a grande casa dos Jahsh no centro de Meca ficou completamente vazia. Para Utba ibn Rabi'a, era uma visão desolada e portentosa, "com suas portas balançando de um lado para o outro, vazia de moradores".[34]

Em agosto, o protetor de Maomé, Mu'tim, morreu. Mais uma vez, a vida do Profeta estava em perigo. Houve uma sessão especial sobre ele no Senado, da qual Abu Lahab, por precaução, se ausentou. Alguns chefes queriam que Maomé saísse

da cidade, mas outros compreendiam que poderia ser perigoso permitir que ele se juntasse aos outros emigrantes. Todos aqueles que tinham feito a *hijra* eram traidores desesperados e sem princípios, que romperam os vínculos sagrados de parentesco. Agora, nada os deteria e, com Maomé na liderança, poderiam ameaçar a segurança de Meca. No fim, Abu Jahl elaborou um plano que poderia eliminar Maomé sem causar uma vendeta. Cada clã escolheria um homem jovem forte e bem relacionado e, *juntos*, todos matariam Maomé. Isso implicava que todos os clãs estariam envolvidos, de modo que os Hashim teriam de se contentar com a indenização, pois não teriam condições de lutar contra todos os coraixitas.

O bando de jovens logo foi recrutado. Reuniram-se diante da casa de Maomé, mas se agitaram ao ouvir as vozes de Sawdah e das filhas do Profeta vindo da janela. Seria vergonhoso matar um homem na presença de suas mulheres e decidiram esperar até que ele saísse de casa pela manhã. Um dos conspiradores viu pela janela que Maomé estava deitado na cama, enrolado em seu manto. Não perceberam que alertado, diz-se, pelo anjo Gabriel, Maomé escapou por uma janela dos fundos, deixando Ali em seu lugar, deitado e aparentemente adormecido, usando suas roupas. Ali atrasara sua *hijra* para ajudar Maomé a pôr em ordem seus negócios, e quando saiu da casa na manhã seguinte vestindo o manto de Maomé, os jovens perceberam que tinham sido enganados. Os coraixitas ofereceram uma recompensa de cem camelas para quem trouxesse Maomé de volta, morto ou vivo.

Enquanto isso, Maomé e Abu Bakr estavam escondidos numa caverna nas montanhas fora da cidade, onde permaneceram por três dias. De tempos em tempos, seus ajudantes saíam rapidamente da cidade para levar-lhes as notícias e mantimentos. A certa altura, reza a tradição, um grupo de buscas passou pela caverna, mas nem se deu ao trabalho de vasculhá-la: uma enorme teia de aranha cobria a entrada; na frente, uma acácia brotara milagrosamente durante a noite e, exatamente no lugar onde um homem teria de colocar o pé para entrar, havia uma pomba, que obviamente chocava ali seus ovos há algum tempo. Durante esses três dias, Maomé sentiu uma calma profunda e a forte sensação da presença de Deus. O Corão se refere a essa sensação como a *sakina*, que em árabe significa "tranqüilidade", mas, neste contexto, parece ter sido influenciado pelo termo hebraico *Shekinah*, que designa a presença divina na terra.

> [Deus] o socorreu quando os descrentes o expulsaram, sendo ele o segundo de dois. Estavam ele e seu companheiro na gruta, e ele disse ao companheiro: "Não te aflijas, Deus está conosco". E Deus infundiu-lhes Sua tranqüilidade [*sakina*] e sustentou-o com tropas que vós não víeis.[35]

Quando pareceu seguro, Maomé e Abu Bakr saíram da caverna, tomando cuidado para não perturbar a pomba, e montaram dois camelos que Abu Bakr providenciou. Ele queria dar a melhor camela para Maomé, mas este insistiu em pagar: essa era sua *hijra* pessoal, sua oferta a Deus, por isso era importante que fizesse tudo por conta própria. Ele a chamou de Qaswa e permaneceu sua montaria favorita pelo resto da vida.

A viagem que começavam era extremamente perigosa, porque podia-se argumentar que, enquanto estava a caminho, Maomé ainda não tinha nenhuma proteção formal. Seu guia os levou por uma rota muito tortuosa, e eles ziguezagueavam para trás e para a frente a fim de despistar seus perseguidores. Nesse ínterim, os muçulmanos em Medina esperavam, ansiosos, a chegada deles. Vários Emigrantes estavam vivendo em Quba, o ponto mais ao sul do oásis, e todos os dias, depois da oração matinal, costumavam escalar as rochas vulcânicas próximas e vasculhar o horizonte. Na manhã de 4 de setembro de 622, um dos judeus avistou o grupo e gritou para os Ajudantes: "Filhos de Qaylah! Ele está chegando, ele está chegando!".[36] Imediatamente homens, mulheres e crianças correram para receber os viajantes e os encontraram descansando embaixo de uma palmeira.

Maomé e Abu Bakr ficaram em Quba por três dias, ao final dos quais Ali juntou-se a eles. Mas os muçulmanos na "cidade" (como era chamada a parte mais densamente povoada do oásis) estavam impacientes por vê-lo, então Maomé se pôs a caminho para encontrá-los e decidir onde iria morar. Ele estava montado na Qaswa, de que se dizia estar sob inspiração divina, e deixou que ela escolhesse o rumo. Ao longo do caminho, muitas pessoas pediram que ele descesse da camela e ficasse em suas casas, mas Maomé cordialmente recusava até Qaswa cair de joelhos, do lado de fora do depósito de tâmaras pertencente a dois irmãos órfãos, e estacar. Maomé desceu, permitiu que sua bagagem fosse carregada para dentro da casa mais próxima, e então começou a negociar com os irmãos a compra de suas terras. Assim que chegaram a um preço apropriado, deu ordens para a construção de uma mesquita, que também seria a casa de sua família. Todos os muçulmanos

trabalharam, os Emigrantes ao lado dos Ajudantes. Nem todos os coraixitas estavam acostumados ao trabalho braçal e o elegante genro de Maomé, Uthamn ibn Affan, parecia achar aquilo particularmente duro. Enquanto trabalhavam, às vezes, cantavam versos compostos para a ocasião:

> Ó Deus, não há nenhum bem como o daqui
> Então ajude os Ajudantes e os Emigrantes.[37]

Maomé costumava mudar a última linha para "Então ajude os Emigrantes e os Ajudantes". Essa mudança destruía a rima e o ritmo; era uma demonstração divertida do "analfabetismo" de Maomé: ele não era um poeta natural, e sua óbvia inépcia mostrava exatamente quão milagroso devia ser o Corão.

Mas os Emigrantes e os Ajudantes precisavam de um vínculo mais formal que uma canção e uma atividade em comum. Foi escrito um tratado que, por um golpe de sorte, foi preservado nas fontes primárias, de modo que podemos ver o projeto da primeira comunidade islâmica. Declarava que Maomé fazia uma aliança com as tribos árabes e judias de Medina. Todas as diferentes tribos do oásis deveriam sepultar antigas inimizades e formar, por assim dizer, uma nova supertribo. Muçulmanos e judeus deveriam viver em paz com os pagãos de Medina, desde que estes não fizessem um pacto à parte com Meca, na tentativa de se livrar do Profeta. A cláusula 20 da Aliança declara que "Nenhum pagão deve dar proteção a alguém dos coraixitas, nem às posses nem à pessoa, ou tomar parte contra um crente".[38] Deus era o chefe da comunidade e a única fonte de segurança (*dhimma*).[39] Quanto aos muçulmanos, formavam um tipo de grupo inteiramente novo. Todas as tribos eram "uma comunidade (*umma*) com a exclusão de todos os outros homens".[40] Até aqui, a tribo tinha sido a unidade básica da sociedade; a *umma*, contudo, era uma comunidade fundada antes na religião que no parentesco. Era algo sem precedentes na Arábia. Não fazia parte do projeto original de Maomé a formação de uma teocracia — ele provavelmente não saberia dizer o que era uma teocracia. Mas os acontecimentos o levaram para além de suas concepções originais, rumo a uma solução inteiramente nova. Por alguns anos, o islã constituíra uma força divisionista na sociedade, e Maomé fora acusado de roubar crianças de seus pais. Mas até a *hijra* ninguém sonhara em abandonar a tribo dos coraixitas. Agora, os laços tribais tinham sido anulados e os coraixitas, os Aws e os Khasraj formavam uma *umma*. O

islã estava começando a ser uma força de unidade, e não de divisão.

Inevitavelmente, porém, o conceito de tribo afetou a visão inicial que os muçulmanos tinham da *umma*. Os termos tribais ainda moldavam o modo como viam a nova comunidade. Desse modo o Corão:

> Aqueles que creram e fizeram a *hijra* e lutaram com suas posses e suas vidas na senda de Deus, e os que lhes deram refúgio e ajuda [ou seja, os Ansar], são *awliya* [protetores] uns dos outros. Quanto aos que creram, mas não fizeram a *hijra*, não tendes que lhes oferecer vossa proteção [*walaya*] até que emigrem. Contudo, se vos pedirem ajuda em defesa da religião, é vosso dever dar-lhes ajuda [*nasr*], mas não contra um povo com o qual firmastes um pacto.[41]

Para se tornar membro, era preciso fazer a *hijra*, deixar sua tribo e juntar-se à *umma*. Assim como a tribo, a *umma* era um mundo em si: "uma comunidade com a exclusão de todos os outros homens",[42] mas ela podia fazer de outras tribos suas confederadas no modo convencional. A unidade da *umma* era o reflexo da unidade divina, e pedia-se aos muçulmanos que também reproduzissem essa unidade em suas vidas pessoais. Nenhum laço de sangue, nenhuma aliança tribal antiga devia ficar no caminho ou dividir a unidade da *umma* em campos hostis: nenhum muçulmano podia lutar contra outro, qualquer que fosse sua tribo. Maomé ainda não era o chefe da *umma*. Ele tinha um status muito modesto, a princípio muito abaixo dos chefes de Medina como Sa'd ibn Muadh ou Ibn Ubbay. A única função especial que tinha era ser um árbitro imparcial das disputas entre os muçulmanos.

Era uma solução revolucionária, mas nos primeiros dias todos estavam dispostos a prová-la porque a situação em Medina era insuportável, e qualquer mudança parecia preferível ao velho estado de guerra insanável. Não havia oposição entre os pagãos. Um asceta árabe chamado Abu Amir (conhecido, às vezes, como al-Rahib, o monge) mudou-se para Meca depois que Maomé chegou, mas, após isso, cada pagão que não se converteu ao islã evitou chamar atenção. Mesmo Abu Qays se converteu ao islã e se tornou um muçulmano bom e de confiança. Os judeus, a princípio, estavam dispostos a aceitar o novo sistema, e alguns decidiram converter-se a essa nova forma de monoteísmo árabe. Mas Maomé nunca lhes pediu para aceitar a religião de al-Llah, a menos que desejassem se converter. Há uma passagem no Corão sugerindo que os judeus convertidos formaram um tipo de comunidade paralela, e se consideravam judeus antes de tudo.[43] Eles receberam uma revelação própria e perfeitamente autêntica e, em termos corânicos, não havia

necessidade de aceitarem o islã. Assim, no início, tudo parecia promissor e havia até um convertido que não era árabe. Enquanto a mesquita estava sendo construída, um escravo persa chamado Salman, propriedade de um dos judeus de Bani Qurayzah, apresentou-se a Maomé e contou-lhe sua história. Ele nascera perto de Isfahan, convertera-se ao cristianismo e viajara para a Síria, onde ouviu histórias sobre o profeta que estava prestes a surgir na Arábia. No caminho para o Hedjaz, foi feito prisioneiro e, providencialmente, trazido a Medina. Salman se tornaria uma figura venerada no islã: ele é visto como o precursor de todos os povos orientais não árabes que colocaram seus talentos a serviço do islã.

Em abril de 623, cerca de sete meses depois da *hijra*, a mesquita foi concluída. Foi construída com tijolo, mas na parede norte, voltada para Jerusalém, um vão circundado de pedras assinalava a *qibla*, a direção da oração. Havia um grande pátio para orações formais. No início, as pessoas costumavam aparecer para rezar sem convocação, mas isso obviamente era insatisfatório já que todos chegavam em horas diferentes. Maomé pensou em usar um chifre de carneiro como os judeus, ou um sino de madeira, como os cristãos orientais, mas um dos Emigrantes teve um sonho: um homem vestindo um manto verde disse-lhe que o melhor modo de chamar as pessoas à oração era pedir a um homem com voz vibrante que chamasse as pessoas gritando "Al-Llahu Akbar!" (Deus é o maior) três vezes, para lembrar aos muçulmanos que Deus está acima de todas as coisas. O chamado devia continuar assim: "Dou testemunho de que não há Deus senão al-Llah. Dou testemunho de que Maomé é o apóstolo de Deus. Venham rezar. Venham para o ofício divino. Venham para o ofício divino. *Al-Llahu Akbar*. *Al-Llahu Akbar*. Al-Llah é o único deus". Maomé gostou da idéia e indicou Bilal, o liberto de Abu Bakr, como o homem certo para o cargo. Todas as manhãs, Bilal costumava subir até o topo da casa mais alta perto da mesquita, e ficava no telhado esperando pelo amanhecer. Quando via o alvorecer chegar, costumava abrir os braços, antes de começar o chamado, e dizer "Ó Deus, eu Te louvo e peço Tua ajuda para que os coraixitas aceitem Tua religião".[44]

Maomé não tinha aposentos próprios na mesquita, mas duas construções pequenas foram adicionadas à parede oriental, uma para Sawdah e outra para Aisha. Mais tarde, cada uma de suas esposas teria seu próprio quarto construído na mesquita e Maomé se revezaria entre elas. Logo que a mesquita foi concluída, ele

mandou Zayd trazer as mulheres de sua casa, que ainda estavam em Meca, para a nova residência. Zayd voltou com Sawdah, Umm Kulthum e Fátima, as filhas de Maomé (Zaynab ficou para trás com seu marido pagão Abu al-As), e sua própria esposa Umm Ayman. Também trouxe os últimos membros da família de Abu Bakr a fazer a *hijra*: Abdallah, seu filho, Umm Ruman, sua mulher, e suas filhas Asma e Aisha.

Logo que as mulheres chegaram, aconteceram casamentos. Maomé decidiu que Zayd deveria ter outra esposa, alguém mais de sua idade que Umm Ayman e pediu em seu nome a Abdallah ibn Jahsh a mão de sua bela irmã Zaynab, que não gostou nem um pouco da idéia. Zayd era baixo, escuro, tinha o nariz arrebitado e não era um jovem muito atraente e Zaynab tinha ambições maiores, como veremos. Mas ela concordou quando percebeu que esse era o desejo de Maomé. Abu Bakr também casou sua filha Asma com o primo de Maomé, Zubayr ibn Al Awwam, para estreitar ainda mais os laços com a família do Profeta.

Finalmente, cerca de um mês depois de Aisha chegar a Medina, decidiu-se que era hora de Maomé casar com ela. Aisha tinha apenas nove anos, portanto não houve festa de casamento e a cerimônia foi modesta. De fato, foi tão discreta que a menina não fazia idéia de que estava se casando e brincava com as amigas num balanço. Abu Bakr comprou um tecido fino de listas vermelhas de Bahrein e com ele foi feito o vestido de casamento. A seguir, foi levada para seus pequenos aposentos ao lado da mesquita. Maomé estava esperando por ela lá, e gargalhou e sorriu enquanto a enfeitavam com jóias e ornamentos e penteavam seus longos cabelos. Finalmente, o leite foi trazido e ambos, Maomé e Aisha, o beberam na mesma tigela. O casamento não trouxe grandes mudanças na vida de Aisha. Tabari diz que ela era tão nova que ficou na casa dos pais, e o casamento se consumou mais tarde quando ela entrou na puberdade. Aisha continuou a brincar com suas amigas e bonecas. Maomé, às vezes, costumava ir vê-la, e, segundo Aisha, as meninas "saíam de fininho e ele ia atrás delas e as trazia de volta, pois ele, por minha causa, gostava de tê-las ali". Maomé gostava de brincar com suas filhas quando eram pequenas e, às vezes, se juntava às brincadeiras de Aisha. Um dia, ela lembrou, "o Profeta veio enquanto eu estava brincando com minhas bonecas e disse, 'Ó Aisha, que brinquedo é esse?', eu disse: 'São os cavalos de Salomão', e ele riu".[45]

Mas Aisha percebeu certa tristeza na *umma*. Um dia, ela encontrou seu pai e seus dois libertos, Amir e Bilal, deitados no chão, acometidos por uma febre que atingiu muitos dos Emigrantes quando chegaram a Yathrib. Todos os três deliravam e Bilal estava deitado sozinho num canto, cantando, em seu tom estentóreo, uma canção de saudade de Meca:

> Passarei outra vez uma noite em Fakhkh
> Com ervas doces e timo ao meu redor?
> Raiará o dia em que descerei às águas de Majanna
> Voltarei ainda a ver Shama e Taif?[46]

Aisha correu até Maomé. Ele tinha consciência da dor e do desespero que os Emigrantes sofriam. Ele tranqüilizou Aisha, mas acrescentou esta oração: "Ó Deus, faça Medina tão querida quanto Meca, ou até mesmo mais querida".[47] Maomé também notou um problema mais sério entre os Ajudantes. Nem todos os novos convertidos de Medina eram completamente leais, pois abraçaram o islã por conveniência, não por convicção. Para eles, a conversão parecia ter se tornado uma tendência irreversível, e não queriam ficar para trás; mas, por enquanto, estavam em cima do muro, esperando para ver o que aconteceria com a nova aventura. Esses descontentes reuniram-se ao redor de Abdallah ibn Ubbay, que provavelmente teria se tornado rei de Medina, não fosse a chegada de Maomé. Ibn Ubbay era muçulmano, mas, obviamente, estava longe de ser um entusiasta, e alimentava esperanças de se apoderar do movimento, se houvesse problemas. A segunda sura, a maior do Corão, foi revelada durante os poucos meses em Medina e mostra a consciência que Maomé tinha das dificuldades.[48] Por enquanto, Maomé era paciente com Ibn Ubbay; deu-lhe um lugar de honra na mesquita e, todas as sextas-feiras, podia discursar para as pessoas durante o ofício semanal. Em troca, ele era cortês com Maomé, mas vez por outra sua hostilidade vinha à tona. Depois de um incidente desagradável, um dos Ajudantes chamou Maomé à parte e pediu: "Não seja duro com ele, pois, antes de Deus nos enviar você, estávamos fazendo um diadema para coroá-lo, e, por Deus, ele pensa que você roubou o seu reino".[49]

No início, os judeus, como os árabes descontentes, estavam dispostos a conceder a Maomé o benefício da dúvida, especialmente desde que ele parecia claramente simpático ao judaísmo. Mas acabaram se unindo a Ibn Ubbay e se voltaram contra

o islã. Começaram se reunir na mesquita durante as celebrações para "ouvir as histórias dos muçulmanos e rir e zombar de sua religião".[50] Era muito fácil para eles, com seu conhecimento superior das Escrituras, ridicularizar algumas das histórias do Corão sobre os vários profetas, marcadamente diferentes da versão bíblica. Eles ostensivamente recusavam-se a aceitar Maomé como profeta genuíno e, com ironia, observavam como era estranho um homem que supostamente recebia revelações de Deus não poder sequer encontrar seu camelo quando este se perdeu.[51] Essas críticas maliciosas perturbavam tanto os muçulmanos que não raro ocorriam brigas, e houve cenas vergonhosas em que os judeus eram expulsos à força da mesquita depois de alguma zombaria particularmente maldosa. Essa rejeição tinha sólida base religiosa. Eles haviam estado à espera de um Messias, mas acreditavam que a era da profecia tinha terminado. Nenhum judeu ou cristão, nessa época, reivindicaria ser um profeta, como não reivindicaria ser um anjo ou um patriarca. Mas também havia um precedente para os judeus de Medina aceitarem Maomé, porque o judaísmo tinha uma longa tradição de aceitar "Tementes a Deus" dentro da sinagoga. Tais pessoas não cumpriam na totalidade a Lei de Moisés mas eram consideradas amigos ou associados, e os muçulmanos pareciam candidatos óbvios para tal aliança. Mas quando os judeus perceberam que a sua própria posição havia decaído sensivelmente em Medina desde a chegada de Maomé, eles o rejeitaram com veemência.

A rejeição dos judeus foi provavelmente a maior desilusão da vida de Maomé e colocava um desafio à sua posição religiosa como um todo. Mas havia judeus amigáveis em Medina, que o ensinaram como responder a seus companheiros em seus próprios termos, dando-lhe informações importantes sobre as Escrituras. A polêmica corânica contra os judeus é bem desenvolvida e mostra quão perturbadoras devem ter sido as críticas, mas com seu conhecimento ampliado Maomé foi capaz de retrucar seus comentários blasfemos. Em suas próprias Escrituras, os judeus são chamados de povo infiel, que quebrou sua aliança com Deus quando recaiu na idolatria ao adorar o Bezerro de Ouro;[52] fizeram uma "inovação" injustificada quando introduziram a Lei Oral;[53] repetidamente ignoraram as advertências de seus profetas.[54] Maomé também aprendeu a cronologia da história judaica e descobriu que judeus e cristãos, que inicialmente pensava pertencerem a uma única religião, de fato tinham sérias divergências. Para

observadores externos como os árabes, parecia haver pouco a escolher entre as duas posições, e era natural imaginar que os dois Povos do Livro devem ter acrescentado elementos novos e não autênticos à pura revelação original. Essa disputa com os judeus não afetou a relação de Maomé com o cristianismo. De fato, algumas vezes o Corão fica do lado dos cristãos contra os judeus, como quando refuta a afirmação dos judeus de que eles haviam crucificado Jesus, com a resposta docetista de que Jesus realmente não morreu na cruz: o que parecia ter morrido era somente um simulacro.[55] Mas o Corão acha escandaloso que os cristãos digam que Deus teve um Filho: não é plausível que Maomé, que sofreu tanto por causa de sua recusa em aceitar que Deus tinha filhas, simpatizasse com essa doutrina. Freqüentemente, o Corão afirma que essa crença é um exemplo de *zanna*, aquela especulação vã e divisionista sobre coisas que ninguém jamais poderá conhecer, mas que dividira o Povo do Livro em dois campos hostis.[56]

Todavia, Maomé ainda afirmava estar de acordo com as revelações anteriores dos profetas mais antigos. Nem todos os judeus eram hostis, e ele insistia que, apesar dos problemas, os muçulmanos deviam enfatizar as coisas que tinham em comum com o Povo do Livro. Também é possível que Maomé acreditasse que nem *todos* os cristãos aceitavam a idéia escandalosa de que Deus tivera um Filho. Os muçulmanos tinham divergências somente com os judeus e os cristãos que mostravam má vontade com o Corão ou que introduziram inovações inaceitáveis dentro da religião pura:

> E não disputeis com o Povo do Livro senão com moderação, salvo os que prevaricam. E dizei: "Cremos no que nos foi revelado e no que vos foi revelado. Nosso Deus e vosso Deus é o mesmo. A ele nos submetemos".[57]

Ainda que a disputa com as três principais tribos judaicas de Medina piorasse, essa continuou sendo a política oficial muçulmana.

Em Medina Maomé aprendeu mais sobre Abraão. Com seu novo conhecimento cronológico da história da salvação, pôde ver que era importante Abraão ter vivido antes de Moisés e Jesus. Era, portanto, lógico admitir que os seguidores de Moisés e Jesus, que pareciam presos a um debate infrutífero, tinham ambos introduzido inovações inúteis dentro da fé pura de Abraão, que viveu antes da Torá e dos Evangelhos:

> Não era Abraão judeu ou cristão. Era um homem de fé pura [*hanif*] e um submisso *muslim*. E não era idólatra.
> Os mais chegados a ele são os que o seguiram, e este Profeta, e os que crêem. Deus é o protetor dos crentes.[58]

Em Meca, Moisés foi o profeta favorito dos muçulmanos; em Medina, esse lugar foi ocupado por Abraão, e Maomé encontrou uma resposta perfeita para a zombaria dos judeus. Ele e seus muçulmanos estavam voltando ao espírito da fé pura (*hanifiyyah*) do homem que tinha sido o primeiro *muslim* a declarar sua sujeição a Deus. Não sabemos até onde Maomé subscrevia o desejo de alguns árabes das aglomerações urbanas de retornar à religião de Abraão; não há nenhuma menção da pequena seita dos *hanifiyyah* em Meca no Corão e pouco interesse em Abraão antes das suras de Medina. Nesse período, contudo, parece que os muçulmanos chamavam sua fé *hanifiyyah*, a religião pura seguida por Abraão.

Maomé, portanto, encontrou uma maneira de retrucar aos judeus sem abandonar sua convicção básica de que a fé significava sujeição a Deus, e não a uma expressão terrena específica de fé. De fato, sua nova apreciação da importância de Abraão possibilitou que ele aprofundasse essa percepção. Os judeus e os cristãos que compeliam as pessoas a aceitar suas revelações particulares, com exclusão de todas as demais, afastavam-se da revelação primordial de Abraão e da mensagem original dos primeiros profetas que, sem exceção, haviam confirmado as visões uns dos outros:

> Dizei: "Cremos em Deus e no que nos foi revelado e no que foi revelado a Abraão e a Ismael e a Isaac e a Jacó e às tribos, e no que foi outorgado a Moisés e a Jesus e aos Profetas pelo seu Senhor. Não fazemos distinção entre eles, e a Ele nos submetemos".[59]

Era certamente um ato de "idolatria" preferir uma expressão humana de fé ao próprio Deus. As revelações não anulam as mensagens originais dos profetas anteriores; elas as confirmam e continuam.

A menção a Ismael, o filho mais velho de Abraão, é fundamental na lista de grandes profetas. Os judeus árabes amigáveis contaram-lhe a história de Ismael pela primeira vez, acrescentando algumas lendas locais por conta própria.[60] O livro do Gênesis, Maomé acabava de aprender, dizia que Abraão teve um filho com sua concubina Agar, cujo nome era Ismael ("Deus ouviu"). Mas quando Sara deu à luz

Isaac, ficou com ciúme de Agar e Ismael e insistiu que Abraão se livrasse deles. Abraão estava aflito por perder o filho, mas Deus prometeu-lhe que Ismael também seria pai de uma grande nação. Então, Abraão, entristecido, enviou Agar e seu filho para o deserto e Ismael cresceu como um homem selvagem e grande guerreiro.[61] Os judeus árabes acreditavam que Ismael se tornara o predecessor dos árabes, e dizia-se que Abraão levou Agar e seu filho ao vale de Meca, abandonou-os lá e Deus cuidou deles. Mais tarde, Abraão visitou Ismael em Meca e juntos construíram a Caaba, o primeiro templo de Deus na Arábia. Por essa razão, os árabes eram filhos de Abraão como os judeus.

Isso deve ter soado como música aos ouvidos de Maomé. Deu novo significado à Caaba e mostrou que Deus não tinha esquecido os árabes e que estes faziam parte de seu plano desde os primeiros dias. O Corão mostra Abraão e Ismael rezando para que Deus mandasse um profeta aos árabes depois que acabassem de construir sua casa.[62] Maomé estava trazendo aos árabes o Livro; agora, trazia-lhes uma fé distintamente árabe, arraigada na sacralidade de seus predecessores.

Uma vez que ficou claro que a animosidade da maior parte dos judeus era permanente, a nova religião de al-Llah formalmente declarou sua independência da antiga religião. Ao final de janeiro de 624, durante o mês de Sha'ban, cerca de dezoito meses depois da *hijra*, Maomé estava conduzindo as orações de sexta-feira na mesquita construída no território do clã do falecido Bara ibn Mu'rar — um detalhe significativo. De repente, inspirado por uma revelação especial, Maomé fez com que toda a congregação desse meia-volta e rezasse voltada para Meca, e não para Jerusalém. Deus acabava de dar aos muçulmanos um novo foco e uma nova direção (*qibla*) para as orações:

> Víamos teu rosto virado para o céu. Doravante, orientá-lo-emos numa direção [*qibla*] que te agradará. Vira, pois, o rosto na direção da Mesquita Sagrada. E vós todos, crentes, onde quer que estiverdes, esta deverá ser vossa orientação.[63]

A mudança de *qibla* tem sido considerada o gesto religioso mais criativo de Maomé. Ao se direcionar a Meca, os muçulmanos estavam tacitamente declarando que não pertenciam às comunidades estabelecidas, mas estavam se voltando somente em direção do próprio Deus. Ao se prostrar na direção da Caaba, que era independente das duas revelações mais antigas, responsáveis por dividir a religião única de Deus

em seitas hostis, estavam retornando à fé primordial do homem que a havia construído:

> Os que se apartam de sua religião e formam seitas, afasta-te deles inteiramente. Seu caso a Deus pertence. Ele os informará sobre o que fazem. Dize: "Meu Senhor me conduziu para a senda da retidão, a religião certa, a crença de Abraão que não associava ninguém a Deus".
>
> Dize: "Minhas orações, minha devoção, minha vida e minha morte pertencem a Deus, o Senhor dos mundos, que não tem associados. Assim fui mandado, e sou o primeiro a submeter-me".
>
> Dize: Procuraria eu um Senhor que não seja Deus, quando Ele é o Senhor de tudo?".[64]

Preferir um sistema humano ao próprio Deus era idolatria (*shirk*), e os muçulmanos devem fazer de Deus, e não de uma instituição ou tradição religiosa, o foco central de suas vidas.

O Corão estava, é claro, certo de que os muçulmanos preferiam essa *qibla* à *qibla* de Jerusalém. Emigrantes e Ajudantes eram igualmente devotados à Caaba — não foi por acaso que Maomé encontrou pela primeira vez os Ajudantes durante o *hajj*. Agora, eles não precisavam mais sentir-se os parentes pobres das duas religiões mais antigas, seguindo tropegamente seus passos. Tinham sua própria orientação, que era independente das religiões que, para os árabes, apresentavam infelizes associações imperialistas. A paixão deles por Meca era um fator a mais que uniria Ajudantes e Emigrantes numa *umma* comum, e os Emigrantes acharam que a mudança amenizou o doloroso deslocamento da *hijra*.

A mudança de *qibla* era o sinal de uma nova e orgulhosa identidade muçulmana. Os muçulmanos estavam gradualmente assumindo uma identidade comum que começava a uni-los, embora viessem de três tribos separadas. Juntos, todos se erguiam, quando Bilal os conclamava à oração; juntos, todos deixavam seus trabalhos ao meio-dia e ao entardecer para fazer a *salat*. As esmolas lhes recordavam as responsabilidades para com os pobres. Agora, onde quer que estivessem, todos se prostrariam três vezes ao dia em direção a Meca, uma orientação a que todos se sentiam profundamente ligados. Mas essa nova independência foi construída numa época em que os muçulmanos estavam em posição de combate, cercados de inimigos por todos os lados. Os judeus de Medina logo interpretaram a mudança de *qibla* como um ato de provocação e estavam cada vez mais decididos a se livrar de Maomé. Também nesse momento a comunidade de Medina estava esperando um ataque da poderosa cidade de Meca.

* Hégira. (N. T.)

8. Guerra Santa

Até aqui, Maomé foi uma figura familiar. Tendo sofrido anos de perseguição e derrotas, foi um profeta incompreendido em sua própria terra. É uma imagem que pessoas educadas na tradição cristã podem entender e respeitar. Mas depois da *hijra*, obteve sucesso espetacular, tanto política como espiritualmente, e os cristãos ocidentais sempre desconfiaram desse aspecto de sua carreira. Como se transformou num líder político brilhante e carismático, que mudou não só a Arábia mas a história do mundo, seus críticos europeus o rejeitaram como o impostor que usou a religião para chegar ao poder. Visto que o mundo cristão é dominado pela imagem de Jesus crucificado, que disse que o seu reino não era deste mundo, tendemos a ver fracasso e humilhação como a marca de um líder religioso. Não esperamos que nossos heróis espirituais alcancem um deslumbrante sucesso em termos terrenos.[1]

Em especial, tendemos a achar escandaloso, e até perverso, Maomé ter tido de lutar para alcançar a paz, o poder e a vitória. O islã vem sendo chamado de religião da espada, uma fé que abandonou a verdadeira espiritualidade por meio da sacralização da violência e da intolerância. Essa é uma imagem que persegue o islã no Ocidente cristão desde a Idade Média, embora os cristãos travassem nesse período suas próprias guerras santas no Oriente Médio. Hoje, livros populares e programas de televisão freqüentemente apresentam títulos como: a Ira do Islã, a Espada do Islã, a Ira Sagrada ou o Terror Santo. Mas isso é uma distorção da verdade. Cada religião tem seu próprio caráter, uma aptidão especial que caracteriza sua busca pelo sentido e valor últimos. O cristianismo é sobretudo a religião do sofrimento e da adversidade e, pelo menos no Ocidente, demonstra

estar em sua melhor forma em tempos de provação. Os séculos de perseguição nos primórdios da Igreja reforçaram a imagem de Cristo crucificado, que marcou profundamente o espírito cristão. Conseqüentemente, desde o início, os cristãos acharam que tinham de rejeitar o "mundo",[2] de modo que a oposição ou o rompimento com o *establishment* passaram naturalmente a ser virtudes na época dos mártires. Sofrer e morrer por Cristo tornou-se a experiência religiosa suprema e era uma demonstração vívida da rejeição dos cristãos pelos poderes terrenos. A idéia cristã de que o homem pode ser deificado e transformado pelo sofrimento é inspiradora e trouxe consolo para milhões de pessoas desesperadas. No entanto também deu origem a abusos: foi-lhes dito que têm o dever de suportar a opressão e a injustiça; que Deus apoiou uma ordem hierárquica na qual o homem rico senta em seu palácio enquanto o homem pobre senta à sua porta; que o sofrimento e a perseguição neste mundo serão recompensados no céu. Ainda hoje, fundamentalistas cristãos são estimulados por certos setores do *establishment* norte-americano a pregar tal evangelho nas Américas Central e do Sul. No entanto há também cristãos que vêem como sua obrigação viver ao lado dos oprimidos e desamparados e engajar-se numa luta generosa por uma sociedade justa e decente. É por esse prisma que devemos refletir sobre a *jihad* islâmica, que os ocidentais em geral traduzem como "guerra santa".

Na tradição cristã, portanto, há uma forte tendência de ver a atividade política como extrínseca à vida religiosa: os cristãos, em geral, não vêem o sucesso terreno como triunfo espiritual.[3] Na Europa, gradualmente, reforçamos o conceito de separação entre a Igreja e o Estado e costumamos acusar o islã de "misturar" duas áreas essencialmente distintas. Mas a experiência cristã não deveria nos predispor contra outras tradições culturais e religiosas, que se desenvolveram em condições diferentes. Quando Maomé trouxe a revelação a seu povo, a Arábia situava-se fora do mundo civilizado e sua ordem política e social estava se desintegrando. O cristianismo, entretanto, nasceu no Império Romano, que impôs, ainda que brutalmente, certa paz e segurança social. Jesus e são Paulo não tinham de se preocupar com a ordem política e social, porque já estava estabelecida. De fato, as longas viagens missionárias de Paulo seriam impossíveis fora da *pax Romana*. Na Arábia, um homem desprotegido poderia ser morto impunemente na estrada. Finalmente, o cristianismo acabou se tornando a religião oficial do Império no

início do século IV, e o novo *establishment* cristão não achou necessário criar uma ordem política completamente nova: simplesmente batizou as antigas leis e instituições romanas. Portanto, a política permaneceu uma esfera separada.

Diferentemente de Jesus, contudo, Maomé não teve o luxo de haver nascido "quando o mundo todo estava em paz".[4] Nasceu em meio ao banho de sangue da Arábia do século VII, onde os velhos valores estavam sendo minados pela raiz e nada aparecia para substituí-los. No início, Maomé insistiu que não tinha missão política, embora, como os profetas hebreus, pregasse uma mensagem de justiça social. Mas acontecimentos que não pôde prever compeliram-no a aceitar um novo desafio quando foi convidado a emigrar para Medina. Talvez ele já começasse a conceber um ideal de unidade árabe, em que tribo não lutaria contra tribo, mas se juntariam num novo tipo de comunidade. Havia a necessidade urgente de uma nova solução política e no século VII tal solução inevitavelmente seria religiosa. Mas na época da *hijra*, Maomé não tinha nenhuma visão definitiva ou um plano coerente de ação para atingir um objetivo perfeitamente articulado. Ele nunca concebeu grandes esquemas, mas respondia a cada nova situação de acordo com os acontecimentos. Isso era essencial. Gradualmente, caminhava para o desconhecido e o inaudito, e qualquer idéia ou plano de ação claramente definidos pertenceriam à velha ordem decadente. Acima de tudo, Deus continuou sendo sua prioridade.

Depois da *hijra* para Medina, o Corão muda à medida que Maomé começa a tomar mais e mais decisões de natureza social e política. A poesia incoerente, as suras que gaguejam verdades inefáveis são substituídas por versículos mais práticos, esboçando uma nova legislação ou comentando a situação política do momento. Mas isso não significa, como alguns críticos ocidentais sugeriram, que a visão pura de Maomé fora contaminada pela sede de poder. No Corão, a perspectiva transcendente nunca é esquecida, qualquer que seja a discussão. Já se disse sobre o Corão que não há sequer um de seus conceitos que não seja teocêntrico: permanece surpreendentemente centrado em Deus. Em cada ponto, o Corão apresenta um grande desafio aos muçulmanos: cederão eles à vontade de Deus na fé ou cederão a seus próprios e limitados pontos de vista? Por mais triviais que possam parecer algumas afirmações em tradução, no original árabe o tom de grandeza é mantido. A musicalidade e a ordem das palavras ajudam a elevar algumas das imagens mais comuns — a do mercado, por exemplo, quando se fala

em fechar um bom negócio com Deus — incluindo-as na ordem divina. A integração constitui a principal experiência: quando os muçulmanos ouvem uma pequena passagem, ela lembra-lhes o todo. A constante repetição de frases e alusões, que pode parecer tão monótona em tradução, traz outras passagens à mente, ajudando a concentração no ponto essencial. À medida que Maomé se tornava estadista, ainda estava, em sentido profundo, inspirado, e aos poucos encontrava soluções que trariam a paz para os árabes.

Mesmo que mais tarde assumisse um papel político em sua carreira, a mensagem social era parte de sua visão religiosa e não era um acréscimo de último momento. Quando eram estimulados pelo Corão a contemplar os "sinais" de Deus no mundo natural, os muçulmanos estavam cultivando o sentido de ordem divina. Peixes, pássaros, animais, flores, montanhas e ventos não tinham escolha quanto à sua submissão ou não ao plano divino: expressavam a vontade de Deus em relação a eles em cada momento de sua existência. Assim, sem ter de tomar uma decisão pessoal, são *muslims* por natureza, entregando-se à vontade de Deus e atingindo seu potencial por meio dessa entrega. Apenas ao homem foi dado o dom e a terrível responsabilidade do livre-arbítrio. Numa maravilhosa passagem do Corão, Deus aparece oferecendo liberdade a todas as demais criaturas, mas elas a recusam. Somente o homem teve a audácia de aceitá-la:

> Oferecemos nossa confiança aos céus e à terra e às montanhas: recusaram aceitá-la e tiveram medo dela. E o homem aceitou assumi-la! Mas revelou-se pecador e tolo.[5]

Mas Deus não deixou a humanidade sem orientação. Enviou inumeráveis profetas a cada povo da face da terra, para que soubessem o que Ele lhes desejava. Desde Adão, o primeiro profeta, os povos se recusaram a ouvir as revelações da vontade de Deus. Ou não entenderam a mensagem ou não puderam implementá-la em suas vidas diárias. Repetidamente, portanto, suas sociedades entraram em colapso porque não eram construídas como deveriam ser. O Corão mostra povo após povo recusando-se a obedecer até às ordens mais simples de seus profetas.[6] Ao contrário, eles perversamente exploraram o mundo natural para satisfazer seus propósitos egoístas e fizeram dele o centro do universo. Por não aceitar o projeto divino para o comportamento humano, destruíam a ordem "natural", assim como os mares causariam destruição e caos se, subitamente, se recusassem a permanecer dentro de

seus limites. Os coraixitas se recusaram a ouvir seu profeta e sua sociedade foi condenada. Maomé previra uma catástrofe iminente, não porque imaginava Deus lançando raios e trovões sobre Meca num acesso de cólera divina, mas porque os coraixitas insistiam em perverter a verdadeira ordem.

Mas nem tudo estava perdido. Deus deu ao povo de Medina uma chance de ouvir sua própria *qu'ran* árabe e, no oásis, Maomé podia dirigir a construção de uma sociedade de acordo com o plano de Deus. Alguns profetas tiveram mais sucesso que outros: Abraão conseguiu convencer um número significativo de pessoas de que existia somente um Deus, e Moisés e Jesus foram capazes de persuadir o Povo do Livro a implementar a Torá e o Evangelho. Maomé também persuadiu não só as pessoas de Medina, mas, no fim das contas, muitas outras na Arábia a se juntarem à nova *umma*, e os muçulmanos passariam a vê-lo como o mais bem-sucedido dos profetas. Datam o início de sua era não a partir do nascimento de Maomé nem do ano da primeira revelação (afinal, não havia nada de novo nisso), mas do ano da *hijra*, porque foi quando os muçulmanos começaram a encarnar o plano divino na história humana.

Isso os envolveria numa luta intensamente perigosa. Maomé chegara a Medina em setembro de 622 como um refugiado que por pouco escapou da morte e continuaria em perigo mortal nos cinco anos seguintes, durante os quais a *umma* enfrentou a possibilidade de extinção. No Ocidente, com freqüência imaginamos Maomé como um líder militar, brandindo a espada, a fim de, pela força das armas, impor o islã a um mundo relutante. A realidade foi bem diferente. Maomé e os primeiros muçulmanos estavam lutando por suas vidas e assumiram um projeto no qual a violência era inevitável. Nenhuma mudança radical, social e política, foi alcançada sem derramamento de sangue, e como Maomé vivia num período de confusão e desintegração, só pela espada é que se poderia alcançar a paz. Os muçulmanos lembram os anos do Profeta em Medina como a Idade de Ouro, mas foram também anos de tristeza, terror e derramamento de sangue. Somente mediante um esforço incessante, a *umma* foi capaz de pôr fim à perigosa violência da Arábia.

O Corão começou a incentivar os muçulmanos de Medina a participar da *jihad*. Isso envolveria luta e derramamento de sangue, mas a raiz *JHD* abrange mais que "guerra santa". Significa um esforço físico, moral, espiritual e intelectual. Há muitas

palavras árabes denotando combate armado, como *harb* (guerra), *sira'a* (combate), *ma'araka* (batalha) ou *qital* (matança), que o Corão facilmente poderia ter usado se a guerra fosse a principal modalidade de os muçulmanos se engajarem nesse esforço. Ao contrário, escolhe uma palavra mais vaga e rica, com ampla gama de conotações. A *jihad* não é um dos cinco pilares do islã. Não é o principal alicerce da religião, apesar da visão predominante no Ocidente. Mas era e continua sendo uma obrigação para os muçulmanos empenhar-se numa luta em todas as frentes — moral, espiritual e política — para criar uma sociedade justa e decente, onde, de acordo com os desígnios de Deus, os pobres e os vulneráveis não são explorados. A luta e a guerra às vezes podem ser necessárias, mas constituíam apenas a menor parte de toda a *jihad* ou luta. Uma tradição (*hadith*) bem conhecida apresenta Maomé declarando, ao voltar de uma batalha: "Nós voltamos da *jihad* menor para a *jihad* maior", o esforço mais difícil e essencial para derrotar as forças do mal dentro de cada um e na sociedade em que se vive, em todos os detalhes da vida diária.

Assim que os muçulmanos empreenderam a *hijra*, perceberam que deveriam se preparar para a luta. Os Ajudantes fizeram a Promessa de Guerra no Segundo 'Aqaba e logo após a chegada a Medina, Maomé recebeu uma revelação dando permissão para que os Emigrantes também lutassem:

> Aqueles que forem agredidos pelo idólatras terão permissão para usar armas. Deus é capaz de socorrê-los. Pois foram expulsos de suas casas sem justificação, só por haverem proclamado: "Nosso Senhor é Deus". Se Deus não tivesse defendido certos homens pela força de outros, quantos claustros teriam sido destruídos, e igrejas, e oratórios, e mes- quitas onde o nome do Senhor é invocado com freqüência.

O Corão estava começando a elaborar uma teologia da guerra justa: às vezes, é necessário lutar para preservar valores corretos. Se as pessoas religiosas não estivessem prontas para eventualmente repelir ataques, todos os seus lugares de adoração (por exemplo) poderiam ser destruídos. Deus daria a vitória aos muçulmanos se eles "rezassem e dessem esmolas", promulgassem leis decentes e justas e criassem uma sociedade eqüitativa.[7]

Esta revelação se refere apenas aos Emigrantes, que tinham sido maltratados pelos coraixitas ao serem expulsos de seus lares em Meca: os Ajudantes ainda não tinham recebido permissão para participar da luta, porque oficialmente não estavam em conflito com Meca. Mas não se deve depreender dessa revelação que

Maomé planejasse uma guerra em larga escala contra Meca, nesse primeiro estágio. Seria loucura. Ele tinha em mente um ataque muito mais modesto: o *ghazu* ou reide, que havia sido por longo tempo uma espécie de esporte nacional na Arábia e um meio aceitável de esticar o orçamento em tempos difíceis. Os Emigrantes tinham poucas oportunidades de ganhar a vida em Medina. Eram em sua maioria banqueiros, financistas e comerciantes e, mesmo que houvesse terra disponível para que começassem seus próprios empreendimentos agrícolas, não sabiam praticamente nada sobre o cultivo de tâmaras. Dependiam dos Ajudantes para seu sustento e, a menos que encontrassem uma fonte de renda independente, tornar-se-iam um peso na *umma*. Nem todos podiam fazer o que o brilhante jovem comerciante Abd al-Rahman fez quando chegou a Medina: simplesmente perguntou onde ficava o mercado e rapidamente criou uma fonte de renda devido à sua habilidade para os negócios. Havia poucas oportunidades para o comércio em Medina, e Meca tinha o monopólio da especulação comercial em larga escala.

O *ghazu* era um modo rudimentar de garantir a circulação justa da riqueza disponível durante o período nômade. Os invasores entravam em território de uma tribo inimiga e roubavam seus camelos, rebanhos e outros bens, cuidando para evitar derramamento de sangue e, conseqüentemente, a vendeta. Medina situava-se num local ideal para atacar as caravanas de Meca, no caminho de ida e de volta da Síria, em geral protegidas por poucos comerciantes. Em 623, Maomé despachou dois grupos de Emigrantes para atacá-las. No início, ele mesmo não foi, mas encarregou da expedição homens como Hamzah ou o experiente guerreiro Ubaydah ibn al-Harith. Ninguém na Arábia ficou chocado com esses ataques, embora a audácia dos muçulmanos em atacar seus poderosos parentes talvez os houvesse surpreendido. Os primeiros ataques de 623 não foram muito bem-sucedidos. Era difícil obter informações exatas sobre o movimento das caravanas; nenhuma mercadoria foi apreendida e não houve luta. Mas os habitantes de Meca ficaram aturdidos e irritados. Agora, deveriam tomar precauções antes desnecessárias, e as tribos beduínas ao longo da costa do mar Vermelho (a rota comercial preferida) ficaram impressionadas com a coragem dos muçulmanos. Apesar de terem falhado no ataque às caravanas, fizeram tratados com tribos de vários pontos estratégicos ao longo do caminho. Em setembro de 623, Maomé decidiu liderar um *ghazu* contra uma grande caravana, dirigida por Ummayah, dos

Jumah (o antigo verdugo de Abu Bakr). Ela consistia de 2500 camelos e, já que o saque parecia tão promissor, cerca de duzentos muçulmanos se alistaram. Mas de novo a caravana esquivou-se e não houve combate.

Nos meses de inverno, os coraixitas enviaram suas caravanas apenas para o sul, na direção do Iêmen, e não precisaram passar por Medina. Mas, para mostrar que não estava de brincadeira, Maomé mandou um pequeno grupo de nove homens, sob a liderança de seu primo Abdallah ibn Jahsh, fazer um reide contra uma das caravanas em viagem para o sul. Era o fim do mês sagrado de rajab (janeiro de 624), quando todas as lutas estavam estritamente proibidas na Arábia. Maomé entregou a Abdallah instruções sigilosas, que não podiam ser abertas até a expedição estar na estrada por dois dias, e o fez prometer que não pressionaria seus companheiros: eles chegariam mais perto de Meca que qualquer reide anterior, e provavelmente haveria perigo.

Dois dias depois, Abdallah pontualmente abriu a carta. As fontes dão versões diferentes de seu texto. Ibn Ishaq conta que ela dizia aos muçulmanos que fossem a Nakhlah, entre Meca e Taif, para simplesmente espionar a caravana, mas o historiador do século IX Muhammad ibn Umar al-Waqidi afirma que a carta dizia: "Dirijam-se ao vale de Nakhlah e preparem uma emboscada para os coraixitas".[8] Isso significava que os muçulmanos teriam de violar o mês sagrado. Provavelmente Maomé tinha pouco escrúpulo a respeito: os meses sagrados faziam parte de um sistema pagão que ele estava tentando superar. Violá-los estava no mesmo nível que a rejeição às deusas. Mas dois dos invasores muçulmanos podem ter desejado se dissociar do reide, porque perderam seus camelos na parada seguinte e disseram aos outros sete para seguir sem eles. Quando Abdallah e seu grupo chegaram a Nakhlah, encontraram uma pequena caravana acampada ali perto. O que deviam fazer? Era o último dia do rajab, mas se esperassem até o dia seguinte, quando o combate seria permitido, a caravana já teria chegado à segurança do santuário de Meca. Decidiram atacar. A primeira flecha matou um dos três comerciantes e os outros imediatamente se renderam. Abdallah levou para Medina os dois homens e suas mercadorias.

Mas, em vez de saudá-los como heróis vitoriosos, o povo de Medina ficou horrorizado quando soube que o reide violara o mês sagrado. Como vimos, os árabes de Medina não se sentiram afetados por Maomé ter abolido o culto às

deusas. Os judeus os prepararam para a crença monoteísta e eles estavam dispostos a abandonar aquela parte da religião pagã. Mas, claramente, nutriam forte sentimento pelos meses sagrados e não estavam prontos para abandonar esse valor religioso. Contudo, Maomé repudiou o reide e se recusou a aceitar o butim. Embora possa parecer uma atitude um tanto cínica, não aparenta hipocrisia ou insensibilidade, mesmo sendo pragmática. Maomé não toleraria fazer concessões a respeito do essencial: ele colocara os muçulmanos em perigo, em Meca, ao recusar uma solução monolátrica no conflito com os coraixitas. Agora, estava criando uma religião reformada de al-Llah, lentamente, passo a passo, conforme o desenrolar dos acontecimentos. Não fazia uma idéia clara e detalhada da religião e, como estava trabalhando sozinho, sem a ajuda de uma tradição estabelecida, muitas vezes tinha de encontrar seu caminho por tentativa e erro. Estava disposto a descartar os meses sagrados, que não pareciam ter valor religioso essencial para ele, e devemos lembrar que as práticas pagãs e o zelo com que eram observadas provavelmente diferiam bastante em toda a Arábia. Decerto não imaginava que os medinenses fossem tão apegados a essa prática pagã, e quando viu a aflição que o reide causara aos Ajudantes, constatou que, sem perceber, ferira sua sensibilidade religiosa. Não fazia sentido teimar em seguir esse caminho. Se as pessoas quisessem manter os meses sagrados, teriam permissão para isso, porque não havia nada nessa prática que ofendesse a religião do Deus único.

Abdallah e seus companheiros ficaram profundamente deprimidos quando Maomé repudiou a emboscada: parecia que tinham tomado a decisão errada, e alguns acreditavam que sua salvação estava em perigo. Maomé tinha a obrigação de consolá-los e, deixando que sua sensibilidade indicasse uma vez mais o caminho, usou o incidente para avançar um passo na formulação de sua teologia da guerra justa. Sim, fora errado lutar durante os meses sagrados, mas havia crimes piores. Oprimir as pessoas, como os coraixitas faziam com os muçulmanos, violando o mais sagrado dos valores árabes ao expulsá-los de sua tribo, era muito mais sério. Às vezes, um homem de Deus tinha a obrigação de lutar contra um mal tão evidente:

> Interrogar-te-ão acerca do mês sagrado: haverá combates nele ou não? Responde: "Guerrear nesse mês é uma enorme transgressão. Mas afastar-se da senda de Deus, desrespeitar a Deus e à Mesquita Sagrada e expulsar dos lugares santos os seus habitantes é uma transgressão maior ainda, pois o erro é pior que a

matança".[9]

Essa revelação amenizou a situação: os judeus continuaram com suas críticas, mas os Ajudantes e o grupo que participara do reide foram tranqüilizados. Maomé pôde dividir o espólio entre os Emigrantes e começou as negociações com os coraixitas para uma troca de prisioneiros: ele libertaria os dois comerciantes de Meca em troca de dois muçulmanos que ainda estavam lá, e desejavam fazer a *hijra*. Mas Hakam ibn Kaysar, um dos prisioneiros coraixitas, ficou tão impressionado com o que viu em Medina que decidiu permanecer e se tornar muçulmano.

Esse incidente é um bom exemplo do estilo de trabalho de Maomé. Ele estava disposto a morrer por sua religião, mas também estava disposto a fazer acordos sobre questões secundárias. Na ausência de um sistema ético estabelecido de longa data, observava atentamente os acontecimentos e via neles a revelação da vontade de Deus — um princípio importante do monoteísmo histórico. Ele não esperava que o reide causasse tanto protesto, mas quando isso aconteceu, acreditou que Deus estava mostrando algo importante. O incidente motivou-o a formular um princípio que vem sendo importante para o islã. Os muçulmanos respeitam a mensagem pacifista de Jesus (embora o Corão lembre que os cristãos podem ser muito beligerantes),[10] mas aceitam que a força é, muitas vezes, necessária. Se não se fizesse oposição militar a regimes tirânicos e repugnantes, o mal tomaria conta do mundo todo. Até os profetas, algumas vezes, foram compelidos a lutar e matar, como Davi que, com a ajuda de Deus, eliminou Golias: "Se Deus não derrotasse os homens, uns pelos outros, a terra ficaria corrompida. Deus é generoso para com todos os seres".[11] A maioria dos cristãos concordaria com essa concepção de guerra justa, reconhecendo que, contra um Hitler ou um Ceausescu, a luta e o combate armado são os únicos caminhos eficazes. Em vez de ser uma religião que dá a outra face, portanto, o islã luta contra a tirania e a injustiça. Um muçulmano sente que tem o dever sagrado de ajudar os fracos e oprimidos. Hoje, quando os muçulmanos declaram uma *jihad* a seus inimigos, eles estão, em geral, respondendo a esse ideal corânico.[12]

Os Emigrantes agora podiam esperar por uma vendeta, pois os coraixitas estariam inclinados a vingar o comerciante morto em Nakhlah, mas os muçulmanos estavam ficando mais confiantes. Poucas semanas depois, durante o

mês de ramadã (março de 624), Maomé liderou um grande exército enviado à costa, a fim de interceptar uma caravana de Meca que Abu Sufyan estava trazendo de volta da Síria. Era uma das mais importantes caravanas do ano, e 350 muçulmanos se apresentaram como voluntários, dos quais setenta eram Emigrantes, e os outros, Ajudantes. A expedição dirigiu-se ao Poço de Badr, perto do mar Vermelho, onde todo ano acontecia uma das maiores feiras árabes. Lá, esperavam emboscar a caravana. A expedição de Badr estava destinada a se tornar um dos acontecimentos mais importantes e fecundos do início da história do islã, mas ninguém estava lhe dando demasiada atenção. Era apenas outro *ghazu*, e muitos muçulmanos com compromissos sérios permaneceram em casa, incluindo o genro de Maomé, Uthman ibn Affan, cuja esposa Ruqayyah estava gravemente doente.

De fato, parecia que a caravana iria escapar, como de costume. Abu Sufyan era um homem muito inteligente e capaz, e interrogando as pessoas pelo caminho logo ficou sabendo da emboscada dos muçulmanos. Em lugar de tomar a rota usual para Meca, através do Hedjaz, voltou-se rápido para a direita em direção da costa e enviou imediatamente a Meca um membro da tribo local dos Ghifar, chamado Damdam, para pedir ajuda. Damdam fez uma entrada dramática. Abbas, o tio de Maomé, recordou como a cidade inteira pareceu congelar, horrorizada, ao ouvir:

> a voz de Damdam gritando das profundezas do *wadi*; seu camelo trazia o nariz cortado e a sela ao contrário e a camisa de Damdam estava rasgada, e ele ficou de pé sobre o camelo e disse: "Ó coraixitas, os camelos de carga! os camelos de carga! Maomé e seus companheiros estão à espera de seus pertences que estão com Abu Sufyan. Não creio que vocês consigam chegar a tempo. Socorro! Socorro!".[13]

Os coraixitas ficaram furiosos. Maomé pensava que iria capturar a maior caravana do ano tão facilmente quanto emboscara o pequeno grupo de Nakhlah? Todos os líderes se prepararam para a batalha. Até o velho e corpulento Ummayah ibn Khalaf espremeu-se dentro de sua armadura. Abu Lahab teve permissão de ficar atrás, mas Abbas partiu contra seu sobrinho, com Talib e Aqil (os dois filhos de Abu Talib que não entraram para o islã). Hakim ibn Hizam, o sobrinho de Khadija, também se juntou ao exército. Naquela noite, cerca de mil homens marcharam de Meca e tomaram a estrada para Badr.

Quando Maomé ouviu essas notícias assustadoras, convocou um conselho de

guerra. Ele não era o líder militar da *umma* e não podia decidir qual o melhor modo de enfrentar a emergência sem consultar os outros chefes. Os muçulmanos haviam se oferecido para participar de um *ghazu*, não de uma batalha campal. Deveriam se retirar enquanto ainda havia tempo, ou permaneceriam e lutariam contra os coraixitas? Havia alguma esperança de capturar a caravana antes de o exército chegar? Abu Bakr e Umar fizeram discursos fervorosos, e os setenta Emigrantes prometeram ficar em Badr, para o que desse e viesse, mesmo que tivessem de lutar contra parentes próximos e ex-amigos. Maomé agradeceu-lhes, e se voltou para os Ajudantes. No Segundo ʾAqaba, eles haviam prometido apenas defender Maomé se ele fosse atacado em Medina, mas, falando em seu nome, Sa'd ibn Muadh disse:

> Nós acreditamos em você, atestamos sua verdade e damos testemunho de que o que você nos trouxe é a verdade, e nós lhe demos nossa palavra e autorização para ouvir e obedecer; então, vá onde você quiser e nós iremos com você; e, por Deus, se você nos pedisse para atravessar o mar e se lançasse nele, entraríamos nele com você; nenhum homem ficaria para trás. Não objetamos à idéia de encontrar seu inimigo amanhã. Somos experientes na guerra, dignos de confiança em combate.[14]

Eram palavras corajosas, mas, naturalmente, os muçulmanos ainda tinham esperança de não precisar lutar e de que Deus entregaria a caravana de Abu Sufyan em suas mãos antes que o exército de Meca chegasse, de modo que poderiam regressar com honra. No Poço de Badr, capturaram dois carregadores de água de Meca, que lhes disseram não estar com a caravana, e sim com o exército. Essa notícia era tão terrível para os muçulmanos que os captores começaram a bater nos prisioneiros, convencidos de que deviam estar mentindo. Maomé deu um basta naquilo e interrogou os dois homens. Quando disseram quem eram os coraixitas que marchavam contra ele, Maomé disse a seus homens que Meca jogara a flor da tribo em suas mãos.

Nesse ínterim, Abu Sufyan conseguiu se esquivar do exército muçulmano. Assim que a caravana ficou fora do alcance de Maomé, mandou uma mensagem ao exército: a caravana estava salva e eles podiam voltar para casa. Talvez receasse que Abu Jahl tirasse proveito da expedição e ganhasse ascendência em Meca. Ele também era um homem astuto e calculista e, como Maomé, parecia ter esperança de uma reconciliação final. Mas Abu Jahl não quis saber de retirada. "Por al-Llah", disse a seus homens, "nós só voltaremos depois de passar por Badr. Ficaremos três dias lá, abateremos camelos, festejando e bebendo vinho, e as moças tocarão para

nós. Os árabes saberão que estivemos lá e nos respeitarão no futuro."[15] Mas nem todos estavam tão ansiosos, agora que a caravana estava a salvo. Os clãs de Zuhrah e Adi se retiraram imediatamente, receosos do poder que uma vitória moral e militar sobre Maomé poderia dar a Abu Jahl. Talib ibn Abi Talib levou um contingente de homens dos Hashim de volta para casa, porque eles não teriam coragem de lutar contra membros de seu clã. Abbas e Hakim, contudo, ficaram com o exército.

Assim que chegaram a Badr e montaram seus acampamentos, os mequenses enviaram Umayr ibn Wahb, dos Jumah, para observar o exército de Maomé, que se escondia atrás de uma duna, e avaliar os números. Ele ficou aterrorizado quando viu a dura resolução nos rostos dos muçulmanos e aconselhou os coraixitas a não lutar, mesmo que seu exército fosse duas vezes maior que o de Maomé. Ele viu "camelos carregando a Morte — os camelos de Yathrib carregados com morte certa". Os mequenses encaravam a batalha como um esporte cavalheiresco, mas uma espiada nos muçulmanos convenceu Umayr de que nenhum deles morreria antes de matar no mínimo um dos coraixitas. Umayr perguntou desesperado: "Se para cada um deles morrer um dos nossos, de que nos servirá continuar vivos?".[16] Os árabes não corriam riscos desnecessários na guerra e sempre tentavam evitar um número grande de baixas: o incessante estado de guerra tribal e a natureza precária da vida na Arábia faziam com que desejassem preservar o maior número possível de homens. Outros coraixitas estavam compreensivelmente preocupados em lutar contra membros de sua própria tribo e família. Hakim ibn Hizam, por exemplo, ficou tão impressionado com as palavras de Umayr que imediatamente foi até Utba ibn Rabi'a e pediu-lhe que tentasse impedir a batalha. Utba fora o protetor do homem morto pelos muçulmanos em Nakhlah, e Hakim o convencera a tomar para si, individualmente, o dever de vingança, de modo a satisfazer a honra. Utba viu sentido nisso e se levantou para falar ao exército: "Ó povo de Quraysh! Por al-Llah, vocês não ganharão nada combatendo Maomé e seus companheiros. Se se lançarem sobre ele, cada um de vocês estará fadado a olhar com aversão a face do outro, que assassinou o filho de seu tio paterno ou materno, ou alguns homens de seu tio paterno ou materno".[17] Os coraixitas não eram povo guerreiro. Não eram experientes nem causavam impressão no campo de batalha e sempre preferiram negociações astutas a uma solução violenta, mas Abu Jahl não

queria dar ouvidos à razão. Utba era covarde, replicou. Estava simplesmente com medo de acabar matando o próprio filho, que se juntara a Maomé. Nenhum árabe podia suportar a acusação de covardia, e Ibn Ishaq diz que depois disso "deu-se início à guerra e tudo estava perdido e os homens seguiram teimosos pelo caminho do mal".[18]

Os muçulmanos também não queriam lutar, mas agora que a sorte fora lançada o moral estava alto. Maomé não podia ver o exército de Meca e não fazia idéia de seu tamanho, caso contrário teria pensado duas vezes antes de ficar para a luta. Para privar os coraixitas de água, posicionou seus homens junto aos poços, obrigando-os a encarar o leste com o sol em seus olhos. O chão estava duro devido à chuva, facilitando o movimento dos muçulmanos e dificultando o dos mequenses, que tinham de subir a colina.

Como sempre na Arábia, a batalha de Badr começou com combates singulares, em que três líderes muçulmanos, Hamzah, Ali e Ubaydah ibn al-Harith, lutaram com três coraixitas: Utba, Shayba e al-Walid ibn Utba, que estavam vingando o homem morto. Os três coraixitas foram mortos, e o muçulmano Ubaydah ibn al-Harith foi mortalmente ferido e conduzido ao acampamento. Então, a batalha começou de fato. Apesar do número superior, os coraixitas logo descobriram, para sua surpresa, que estavam levando a pior. Eles lutavam no velho estilo árabe, com descuidadas bravatas, e cada chefe liderava seus homens, faltando assim um comando unificado. Mas os muçulmanos eram muito disciplinados e audaciosos, e tinham sido treinados com cuidado por Maomé, que, surpreendentemente, se revelara um bom estrategista militar. Ele alinhara seus soldados em formação cerrada e começaram atacando o inimigo com flechas, desembainhando as espadas para o combate corpo-a-corpo só no último momento. Ao meio-dia, os coraixitas, que acharam que bastaria fazer uma demonstração de força, entraram em pânico e fugiram desordenadamente, deixando cerca de cinqüenta de seus líderes, incluindo Abu Jahl, mortos no campo de batalha.

Os muçulmanos estavam radiantes. Começaram a agrupar os prisioneiros e a matá-los, seguindo o tradicional costume árabe, mas Maomé deu um basta nisso. Houve uma revelação dizendo que os prisioneiros de guerra deviam ser poupados para poder ser trocados por resgate. Ele também impediu a disputa dos muçulmanos sobre o butim, e os 150 camelos, os dez cavalos e a pilha de

armaduras e equipamentos foram divididos igualmente. A seguir, o exército vitorioso começou a viagem para casa com os setenta prisioneiros de guerra, incluindo Suhayl, o chefe dos Amir, Abbas e os primos de Maomé, Aqil e Nawfal. No caminho, Maomé recebeu uma revelação para os prisioneiros:

> Ó Profeta, diz aos cativos que estão em vosso poder: "Se Deus souber de algum bem em vossos corações, outorgar-vos-á mais do que vos foi arrancado, e vos perdoará". Deus é perdoador e misericordioso. Ele vê tudo e sabe tudo.[19]

Mesmo com a euforia que se seguiu à inesperada vitória, Maomé ansiava por uma reconciliação final.

O exército foi recebido entusiasticamente quando voltou a Medina, para desespero das três principais tribos judaicas e do grupo de Ibn Ubbay. O efeito moral de Badr não poderia ter sido maior. Durante anos, Maomé fora alvo de deboche e insultos, mas depois desse espetacular e inesperado sucesso, todos na Arábia teriam de levá-lo a sério. Na história das guerras santas, nas três religiões de monoteísmo histórico, uma vitória inesperada ou uma repentina reversão da sorte parecem um ato divino e sempre enchem as pessoas de nova confiança e convicção.[20] Assim como os cruzados cristãos em situação desesperada parecida, os muçulmanos sentiram uma espécie de alucinação coletiva, durante a qual viram legiões de anjos vindos em seu auxílio. Olhando retrospectivamente, tudo parecia ter sido arranjado por Deus e que foram conduzidos à vitória quase que à revelia. Não esperavam travar uma batalha, relutaram em lutar e até o fato de desconhecerem a superioridade numérica dos inimigos parecia fazer parte do plano divino.[21] Deus parecia inspirar os muçulmanos durante a batalha. Em dado momento, Maomé atirara pedras nos inimigos, provavelmente um gesto tradicional ritualístico, mas depois da vitória o Corão descreveu Maomé e seus companheiros como agentes de Deus:

> Na realidade, não fostes vós que os matastes: foi Deus quem os matou; e não foste tu que atiraste as flechas quando atiraste: foi Deus quem atirou. Fê-lo para conferir aos crentes um justo benefício. Ele ouve tudo e sabe tudo.[22]

Até a batalha de Badr, a causa muçulmana muitas vezes parecia completamente sem esperança. Mas depois dessa vitória, os muçulmanos foram tomados por uma confiança exaltada. Parecia que nada podia detê-los:

> Se houver vinte dentre vós que sejam firmes, prevalecerão sobre duzentos, e se houver cem, prevalecerão sobre mil dos descrentes. Eles não possuem entendi-mento. Deus vos aliviou o fardo, sabendo que há fraqueza entre vós. Se, pois, há cem entre vós que sejam firmes, prevalecerão sobre duzentos; e se houver mil; prevalecerão sobre dois mil, com a permissão de Deus. Deus está com os que perseveram.[23]

Mas a ênfase era sobre a paciência, e constantemente os primeiros biógrafos ressaltam a sobriedade e a seriedade que caracterizaram a *jihad*. Não se tratava de fanatismo histérico, e sim de um teste severo de tolerância. Maomé e os mais sábios dentre seus companheiros sabiam perfeitamente que a vitória os pusera num curso perigoso, que até poderia destruir a *umma*. Para recuperar a honra e o prestígio, em que seu sucesso estava baseado, os coraixitas teriam de retaliar. Sem que os muçulmanos quisessem, Deus parecia ter lançado a *umma* numa guerra em larga escala contra a tribo mais poderosa da Arábia.

A idéia de Deus intervir na história e tomar parte numa batalha parece extraordinária e desagradável, mas tal ação divina é um componente fundamental da tradição monoteísta. Igualmente no judaísmo e no cristianismo acontecimentos presentes se tornaram teofanias, e acreditava-se que Deus se revelava nas batalhas, nas reviravoltas e conquistas políticas. Certos acontecimentos se tornaram momentos da verdade e foram mitificados a tal ponto que adquiriram significado simbólico, desfigurando completamente o fato original. Pode-se ver essa reflexão e análise do sentido mais profundo da história como um esforço da imaginação para encontrar um padrão no fluxo da vida, aparentemente sem sentido. Um dos mais influentes de todos esses acontecimentos reconstruídos foi o afogamento do faraó e de seu exército no mar Vermelho: salmistas, profetas e sábios viram-no como uma irrupção do divino na história, que se tornou um tipo de salvação. Os cristãos também meditaram sobre esse acontecimento, e viram nele o presságio simbólico da passagem de Cristo da morte para a vida; tornou-se também um tipo de batismo, marcando a migração cristã do desespero e anomia para a nova vida e a esperança. No Corão, a travessia do mar Vermelho foi denominada *furqan*, uma palavra que denota salvação e distinção entre justos e injustos; o próprio Corão também foi chamado *furqan*, pois transformou a vida dos fiéis ao mesmo tempo que os separou dramaticamente de sua parentela:

> Enviamos a Moisés e a Arão a Salvação [*furqan*], e a luz, e uma mensagem para os piedosos que temem a seu Senhor, sem O precisarem ver, e estão apavorados pela Hora. E este Corão é uma mensagem

abençoada que fizemos descer.[24]

O surgimento progressivo do Corão, que estava constantemente guiando a *umma* e interpretando os acontecimentos, era uma lembrança da presença misteriosa de Deus e de seu envolvimento com os acontecimentos deste mundo.

A batalha de Badr também se tornara uma *furqan*, um sinal de salvação. Deus separara os justos dos injustos na vitória dos muçulmanos, assim como fizera a distinção entre os egípcios e os israelitas no mar Vermelho:

> Então, os egípcios disseram: "Fujamos da presença de Israel, porque Iahweh combate a favor deles contra os egípcios". Iahweh disse a Moisés: "Estende a mão sobre o mar, para que as águas se voltem contra os egípcios, sobre os seus carros e sobre os seus cavaleiros". Moisés estendeu a mão sobre o mar e este, ao romper da manhã, voltou para o seu leito. Os egípcios, ao fugir, foram de encontro a ele. E Iahweh derribou os egípcios no meio do mar. As águas voltaram e cobriram os carros e cavaleiros de todo o exército do faraó, que os haviam seguido no mar; e não escapou um só deles. Os filhos de Israel, porém, passaram pelo meio do mar em seco; e as águas eram para eles como um muro à direita e à esquerda. Naquele dia, Iahweh salvou Israel das mãos dos egípcios, e Israel viu os egípcios mortos à beira-mar. Israel viu o grande poder que Iahweh havia mostrado contra eles. E o povo temeu a Iahweh, e creram em Iahweh e em Moisés, seu servo.[25]

Maomé nunca lera o relato bíblico, mas entendeu bem seu espírito, porque sua própria visão religiosa tinha a mesma dinâmica interna. No dia de Badr, al-Llah salvou a *umma* dos coraixitas e os muçulmanos viram os líderes coraixistas morrer no campo de batalha; a *umma* testemunhou o grande ato que al-Llah praticou contra os mequenses, e as pessoas veneravam al-Llah e Maomé, seu servo. A diferença era que, como acontece com freqüência na vida de Maomé, essa não era uma reformulação mitológica de um acontecimento histórico, mas algo que havia acontecido de fato diante dos olhos atônitos dos muçulmanos. Todo ano, os judeus comemoravam sua *furqan* na Páscoa; Maomé, contudo, pensava que era o jejum de Yom Kippur que comemorava a vitória do mar Vermelho. Como diz Tabari:

> Quando o Profeta (que Deus o abençoe) veio para Medina, ele observou os judeus jejuarem no dia de Ashura e os questionou; eles o informaram de que esse era o dia em que Deus afogara as hostes do faraó, e libertara Moisés e os que estavam com ele. Nós temos mais direito que eles, observou Maomé, e não só jejuou ele mesmo mas pediu ao povo que jejuasse naquele dia.[26]

Naquela ocasião, Maomé estava tentando modelar a vida religiosa da *umma* conforme o judaísmo, mas, algumas semanas antes de Badr, ele emancipara o islã

dos costumes da religião mais antiga ao mudar a *qibla*. Poucos dias depois da vitória, no dia 9 do ramadã, Maomé declarou que o jejum de Ashura não era mais obrigatório para os muçulmanos e que jejuariam durante o ramadã para comemorar sua própria *furqan* em Badr. O jejum de ramadã, realizado pela primeira vez em março de 625, tornou-se uma das cinco principais práticas do islã.

Mas Maomé observou que havia um lado negro na nova situação, porque a *umma* se engajara numa guerra total contra os coraixitas. Como Meca dependia de seu prestígio, os coraixitas precisavam vingar a humilhação sofrida em Badr se quisessem continuar uma grande potência árabe. Eles tinham de vingar os seus cinqüenta mortos. A *umma* entrou, mais uma vez quase a despeito de si mesma, numa nova fase de luta (*jihad*). Mas, ao contrário dos israelitas, que se engajaram numa guerra santa de extermínio depois do mar Vermelho, Maomé não pretendia eliminar os coraixitas. De alguma forma, teria de convencê-los; com esse objetivo, mesmo no calor da primeira vitória, trataria os prisioneiros de modo justo. Logo após a batalha, ordenou que dois prisioneiros fossem mortos, porque haviam lançado um vigoroso ataque intelectual antes da *hijra*: vimos que Maomé achava esse tipo de desafio crítico profundamente ameaçador. Mas os demais prisioneiros foram levados em segurança para Medina e receberam alojamento decente na casa das pessoas que os haviam aprisionado. Imediatamente, o Corão começou a elaborar uma política humana para os prisioneiros de guerra. Foi decretado que eles não devem ser maltratados em nenhum caso, e ser soltos ou devolvidos em troca de resgate. Se não há perspectiva de resgate, ao prisioneiro é permitido ganhar dinheiro para comprar sua liberdade: o captor é estimulado a ajudá-lo por meio de pagamentos saídos dos próprios recursos. Libertar os cativos é louvado como obra virtuosa e caridosa.[27] Uma tradição (*hadith*) posterior convida os muçulmanos a tratarem os prisioneiros como membros de sua própria família. Segundo ela, Maomé disse: "Vocês devem alimentá-los tão bem quanto a si mesmos, vesti-los como vestem a si mesmos e, quando lhes derem uma tarefa árdua, devem ajudá-los".[28] Essa legislação corânica e da tradição está, é claro, em triste contraste com o tratamento dado aos reféns tomados por muçulmanos hoje em dia. De fato, não há nada verdadeiramente islâmico na captura de reféns nos conflitos atuais. Os xiitas muçulmanos, que prenderam e maltrataram seus prisioneiros em Beirute e se recusaram a mandá-los para suas casas, não eram impelidos a fazer isso pelo islã;

seu comportamento, na verdade, ofende os preceitos fundamentais e sagrados de sua religião.

Os prisioneiros tomados em Badr não eram inimigos desconhecidos, e sim parentes próximos e amigos dos Emigrantes. Quando Sawdah, a esposa de Maomé, viu seu primo e cunhado Suhayl sentado ignominiosamente no canto da sala com as mãos amarradas atrás das costas, não se conteve. Os velhos instintos tribais imediatamente vieram à tona, e a nova ideologia muçulmana se dissolveu num instante. "Ó, Abu Yazid", disse-lhe com desdém, "você se entregou muito facilmente. Você deveria ter morrido uma morte honrada." Mas rapidamente foi chamada para o presente pela reprovação severa do marido, que entrara na sala atrás dela: "Sawdah! Você está criando problemas entre Deus e seu apóstolo?".[29] Mas os sentimentos do próprio Maomé por seus parentes também eram fortes. Ele não conseguiu dormir naquela noite, pensando no tio e nos primos deitados miseravelmente e sem conforto no cativeiro, e deu ordens para sua soltura. O tratamento humano e justo deu resultados. Alguns prisioneiros ficaram tão impressionados com a vida na *umma* que se converteram ao islã. A mais dramática dessas conversões talvez tenha sido a de Umayr ibn Wahb (que tentou persuadir os coraixitas a não lutar em Badr). Após ter sido libertado e voltado a Meca, seu companheiro de clã Safwan ibn Ummayah o convenceu a retornar a Medina e assassinar Maomé. Ele voltou, mas Maomé percebeu e Umayr acabou se tornando muçulmano.

Um dos prisioneiros era o genro de Maomé, Abu al-As, que permaneceu fiel à antiga religião pagã. Sua esposa Zaynab, filha do Profeta, que ainda morava em Meca, mandou seu irmão Amr até Medina com o dinheiro do resgate, que ela mesma levantara, e com um bracelete que havia pertencido a Khadija. Maomé reconheceu imediatamente o bracelete e empalideceu de emoção. Pediu aos muçulmanos que mantinham Abu al-As cativo que o libertassem sem receber o resgate em dinheiro, o que fizeram de bom grado. Maomé esperava que Abu al-As se convertesse ao islã, mas isso não aconteceu; então pediu-lhe que mandasse Zaynab e sua filha Umamah para Medina. Nesse estágio da luta, começava a ficar claro que casamentos entre pagãos e muçulmanos não eram mais praticáveis. Abu al-As concordou tristemente, sabendo que, mesmo que Zaynab não quisesse deixá-lo, sua situação em Meca agora seria impossível.

A perspectiva do reencontro com Zaynab era confortante para Maomé nessa época, pois, ao voltar de Badr, soubera que sua bela filha Ruqayyah morrera durante sua ausência. Uthman estava quase inconsolável, mas animou-se quando Maomé ofereceu-lhe a mão de sua outra filha, Umm Kulthum. Maomé visitou a sepultura de Ruqayyah com a filha mais nova, Fátima, enxugando os olhos dela com uma ponta de seu manto. Fátima tinha agora vinte anos e já estava mais que na hora de casar. Abu Bakr e Umar pediram sua mão, mas Maomé havia decidido concedê-la ao seu jovem guarda Ali, que crescera com Fátima como um irmão. Ali hesitou no início, por causa de sua extrema pobreza, pois não herdara nada de seu pai Abu Talib. Mas Maomé o incentivou, e os dois casaram umas poucas semanas depois da batalha de Badr.

Na mesma época, Maomé decidiu tomar outra esposa. A filha de Umar, Hafsah, enviuvara recentemente. Seu marido, Kuhnays ibn Hudhafah, casara com ela ao retornar da Abissínia para Meca, mas morreu pouco depois de Badr. Hafsah tinha agora dezoito anos. Era bonita e instruída: como seu pai, sabia ler e escrever, mas, também como seu pai, era mal-humorada, o que diminuía um pouco seu charme. Quando o período de luto de Hafsah acabou, Umar ofereceu Hafsah a Uthman, não imaginando que Maomé decidira casá-lo com Umm Kulthum. Depois, ofereceu Hafsah a Abu Bakr, que permaneceu quieto ao receber essa oferta um tanto embaraçosa. Quando Umar foi até Maomé reclamar da aparente descortesia dos dois companheiros próximos, imediatamente acalmou-se quando o Profeta se ofereceu para ser seu genro. Abu Bakr apressou-se em reparar a ruptura temporária com Umar, alegando que sabia da intenção de Maomé de casar com Hafsah. O casamento foi celebrado no começo de 625 e selou a aliança política de Maomé com seus dois companheiros mais próximos. Ele, agora, era genro de ambos.

Aisha estava feliz em dar as boas-vindas a Hafsah. Ela teria ciúmes das esposas posteriores de Maomé, mas os laços cada vez mais fortes entre seus respectivos pais fizeram as duas ficar amigas. Como Aisha era apenas uma garota, é provável que Hafsah tinha se tornado sua guia nesses primeiros anos. Mais tarde, ambas ficariam amigas de Sawdah, mas, de início, elas naturalmente se divertiam provocando a esposa mais velha. Um dia, decidiram pregar-lhe uma peça. Disseram-lhe que o *dajjal*, o falso profeta, uma aparição que assombrava muitos muçulmanos, chegara. Sawdah ficou tão assustada que se entranhou na tenda da cozinha para se esconder

dessa figura terrível. As duas garotas, rindo, saíram correndo para contar a Maomé a brincadeira e ele apressou-se em salvar a pobre Sawdah, que emergiu de seu refúgio toda coberta de poeira mas tão aliviada porque o *dajjal*, de fato, não chegara, que não se deu ao trabalho de repreender suas duas "irmãzinhas", como as esposas do Profeta se chamavam.

Mas a vida nem sempre era divertida para as jovens esposas. Um dia, quando Aisha ainda estava no começo da adolescência, Maomé pediu-lhe que vigiasse um prisioneiro de guerra. Aisha se distraiu e o homem escapou. Quando Maomé voltou e descobriu o que acontecera, ficou furioso: "Que al-Llah corte sua mão!", gritou zangado com Aisha, saindo às pressas para procurar o fugitivo. Após a recaptura do prisioneiro, Maomé voltou para casa e encontrou Aisha sentada abatida, fitando atentamente as mãos. Mas o que é que havia com ela?, perguntou. Por acaso estava possuída por um *jinni*? Aisha respondeu que estava querendo saber qual mão al-Llah iria cortar. Sentindo remorso e vergonha, Maomé imediatamente se desculpou e disse-lhe que rezaria para que al-Llah abençoasse todos os que ele havia amaldiçoado.

A posição de Maomé melhorou depois de Badr, mas nem todos os Ajudantes estavam satisfeitos com o aumento de seu prestígio. Apesar da euforia e do orgulho pela vitória, muitos muçulmanos mais atentos sabiam perfeitamente que não seria tão fácil derrotar os coraixitas outra vez. Assim, o ano que se seguiu à batalha de Badr foi um período de grande ansiedade, que naturalmente aumentou quando se soube que Meca estava chamando as tribos beduínas para ajudar na batalha contra Maomé. Ibn Ubbay e a facção oposta jogavam com o medo, argumentando que o islã pusera Medina em perigo mortal. Claro, o oásis estava à beira da destruição antes de Maomé chegar, mas agora a Arábia inteira começava a se voltar contra ele. Esse medo era compreensível. Ibn Ubbay declarou estar pronto para obedecer às revelações, mas se recusou a obedecer ao próprio Maomé, porque ele parecia querer mergulhar Medina numa guerra perigosa. Mas, como o Corão indicou, quando as revelações de fato vieram, endossando as decisões de Maomé e confirmando que a *jihad* era necessária, a oposição permaneceu amotinada e às vezes parecia estar morrendo de medo.[30]

Ibn Ubbay tinha o apoio das tribos judaicas, que estavam aterradas com a nova posição de Maomé em Medina, e viam Meca como uma aliada natural.

Imediatamente depois da vitória, por exemplo, Ka'b ibn al-Ashraf, um poeta judeu dos Bani Nadir, foi diretamente para Meca e começou a compor versos inflamados, incitando os coraixitas a marchar contra Maomé e vingar seus mortos.

> Ó, quando foram mortos,
> Que a terra se houvesse rasgado ao meio e tragado os dele,
> Que aquele que espalha os boatos fosse traspassado [pela espada]
> ou que viva curvado de medo, cego e surdo.[31]

Os versos de Ka'b deixavam claro para os coraixitas que nem todas as pessoas de Medina apoiavam resolutamente Maomé. As tribos judaicas eram terríveis, tinham exércitos relativamente grandes, um impressionante poder de luta e, no caso de um ataque de Meca, podiam ser persuadidas a se juntarem aos coraixitas para se livrar do arrivista. A poesia era importante na vida política da Arábia e os versos de Ka'b ajudaram os coraixitas a sair do torpor de depressão e dor em que a derrota os lançara.

Depois da catástrofe, Abu Sufyan se tornou um dos homens mais importantes de Meca. Muitos outros líderes foram mortos, e Abu Lahab, o tio de Maomé que lhe era hostil, morreu pouco depois de Badr. Daí em diante, Abu Sufyan conduziria a batalha contra Maomé. Numa reunião especial do Senado, foi decidido que os lucros da caravana que ele conseguira trazer de volta da Síria em segurança seriam empregados na guerra contra Medina e, umas dez semanas depois de Badr, o próprio Abu Sufyan liderou um *ghazu* como um sinal do que estava por vir. Ele levou duzentos homens até os arredores de Medina, onde acamparam, e à noite entrou sub-repticiamente no território dos judeus Bani Nadir, da tribo de Ka'b, e foi recebido pelo chefe Sallam ibn Mishkan, que discutiu a situação com ele e, de acordo com Ibn Ishaq, "deu-lhe informações secretas sobre os muçulmanos". No dia seguinte, ele e seus homens devastaram alguns campos, queimaram algumas palmeiras (um ato que vai profundamente contra todos os princípios árabes e sempre foi interpretado como prelúdio de guerra) e mataram dois Ajudantes que estavam trabalhando na terra. Assim que ouviu as notícias, Maomé liderou uma tropa de muçulmanos na perseguição e os coraixitas prontamente fugiram, jogando fora os mantimentos para escapar rapidamente.

As tribos judaicas obviamente se tornaram uma ameaça à segurança. Se o

exército mequense acampasse ao sul de Medina, onde as duas mais poderosas tribos tinham seus territórios, o exército judeu poderia facilmente se juntar aos coraixitas, a quem claramente tinham como aliados. Se os coraixitas cercassem a cidade pelo norte, o que seria a melhor opção, as tribos judaicas podiam atacar por trás os muçulmanos, que então estariam completamente cercados. Maomé percebeu que deveria pôr um fim a essa dissensão. Seus judeus convertidos lhe informaram que os Bani Qaynuqas, a menor das três tribos, eram particularmente hostis à *umma*. Antes da *hijra*, foram aliados de Ibn Ubbay, e depois de Badr decidiram romper o pacto com Maomé e restabelecer a antiga aliança, a fim de aumentar o grupo de oposição e expulsar o Profeta. O território deles era perto do centro da "cidade" de Medina: diferentemente das outras duas tribos, eles não eram agricultores, mas ferreiros e artesãos. Logo após a batalha de Badr e a ida de Ka'b a Meca, Maomé os visitou em seus territórios e solicitou que o aceitassem como profeta em nome da tradição religiosa comum. Os judeus da tribo dos Qaynuqas ouviram em silêncio rebelde e responderam que não tinham a intenção de permanecer na *umma*: "Ó, Maomé, você parece pensar que somos o seu povo. Não se engane, só porque [em Badr] você lutou contra um povo sem conhecimento de guerra e o venceu; por Deus, se lutarmos contra você, verá que somos homens de verdade!".[32] Depois dessa ameaça, Maomé retirou-se e aguardou os acontecimentos.

Alguns dias depois, houve um incidente no *souk* dos Qaynuqas. Um ourives judeu pregou uma peça numa muçulmana que estava fazendo negócios lá: sorrateiramente prendeu a barra da saia dela à parte de trás e de cima da roupa, de modo que, ao se levantar, ela se expusesse. A animosidade era tamanha entre os muçulmanos e os judeus da tribo dos Qaynuqas que, quando um dos Ajudantes saltou no ourives com um berro de raiva, a briga cresceu tremendamente e um judeu e um muçulmano foram mortos. O número de mortos era, portanto, igual dos dois lados, e Maomé foi chamado, na qualidade de árbitro oficial de disputas, para restaurar a paz. Mas os judeus se recusaram a aceitar a sua arbitragem e entrincheiraram-se dentro de suas fortalezas e pediram que seus aliados árabes viessem ajudá-los. Os Qaynuqas tinham cerca de setecentos guerreiros disponíveis e, se os seus velhos aliados árabes *tivessem* respondido ao chamado e trouxessem suas próprias forças para enfrentar Maomé, ele não estaria em condições de derrotá-los. Ibn Ubbay estava ansioso por ajudar os Qaynuqas e consultou seu

outro aliado, Ubadah ibn Samit. Mas Ubadah era um muçulmano convertido e observou que a antiga aliança com os judeus fora cancelada quando todos assinaram o tratado com Maomé. Ibn Ubbay percebeu que não teria condições de ajudar, porque os demais árabes permaneceram lealmente do lado do Profeta. Os Qaynuqas esperavam liderar um rebelião contra Maomé e os Emigrantes, mas em vez disso, para o horror deles, viram-se sitiados por todos os árabes de Medina. Por duas semanas, esperaram que Ibn Ubbay fizesse valer sua promessa, mas acabaram sendo forçados a se render incondicionalmente.

De Imediato, Ibn Ubbay foi até Maomé pedir que os tratasse misericordiosamente e, não recebendo resposta do Profeta, agarrou-o pelo colarinho. Maomé ficou lívido de raiva, mas Ibn Ubbay persistiu: como podiam esperar que abandonasse seus antigos confederados, que o ajudaram tantas vezes no passado? Ele sabia que Maomé teria todo o direito, de acordo com as convenções da Arábia, de massacrar a tribo inteira, mas Maomé garantiu que a vida dos Qaynuqas seria poupada desde que deixassem imediatamente o oásis. Pediu a Ibn Ubbay para escoltá-los para fora de Medina. Quando entenderam que Ibn Ubbay não tinha mais nenhum poder para ajudá-los, os Qaynuqas pareciam dispostos a partir. Fizeram uma aposta, que não deu certo, e perderam ao ter subestimado completamente o poder que Maomé adquirira; não perceberam que o velho sistema acabara para sempre, e ainda acreditavam que seus antigos aliados árabes estavam apenas esperando uma chance para trazê-lo de volta. Deixaram o oásis, aparentemente sem protestos, sabendo que tiveram sorte por escapar vivos. No período pré-islâmico, freqüentemente havia tribos expulsas dos oásis durante as guerras: todos os medinenses estavam familiarizados com essa punição e os Qaynuqas deviam saber que teriam de ir embora. Eles se refugiaram em outro grupo judeu, em Wadi al-Qura, e acabaram se estabelecendo na fronteira da Síria.

É muito difícil para nós, no Ocidente, lidar com as relações de Maomé com os judeus de Medina, porque traz à tona fantasmas vergonhosos de nosso próprio passado. Mas a luta de Maomé com as três principais tribos judaicas do oásis foi completamente diferente do ódio racial e religioso que desencadeou os pogroms na Europa cristã durante aproximadamente mil anos. O terror irracional dos cristãos encontra sua expressão final na cruzada secular de Hitler contra os judeus. Maomé não tinha tais medos ou fantasias; ele não pretendia deixar Medina *Judenrein* [livre

de judeus]. Sua disputa com os Qaynuqas era puramente política e nunca se estendeu aos clãs menores de Medina, que permaneceram leais à aliança e viviam lado a lado, em paz com os muçulmanos.

Foi uma época muito perigosa para a *umma*, cujos membros sabiam que um ataque maciço de Meca estava por vir e simplesmente não podiam se dar ao luxo de abrigar um inimigo interno. A expulsão dos Qaynuqas foi um aviso para outros dissidentes potenciais, como Ibn Ubbay e os Bani Nadir. Isso mostrou que Maomé não era um homem para se menosprezar. Poucos meses depois, quando o poeta Ka'b voltou para Medina e estava escrevendo mais versos difamatórios para provocar um motim, Maomé deu ordens para que fosse assassinado. Maomé sempre se alarmou com poetas hostis: como vimos, acreditava-se que seus pronunciamentos tinham poder quase mágico. Na Arábia, um poeta podia ser uma arma letal e Maomé não podia permitir que ele inflamasse as partes descontentes em Medina ou inspirasse as tribos beduínas que ouviam seus versos a se juntar à coalizão de Abu Sufyan. Os Bani Nadir foram devidamente castigados pela derrota dos Qaynuqas e, quando Ka'b foi assassinado, procuraram Maomé para reclamar por ele ter eliminado um de seus homens mais importantes. Maomé sabia que eles eram tão hostis quanto Ka'b, mas por ora estavam quietos em seu canto e disse-lhes que tolerava pensamentos e opiniões dissidentes, mas não atos de sedição. Propôs-lhes, então, em adição ao pacto, um tratado especial, para garantir sua segurança e silêncio. Os Bani Nadir aceitaram de bom grado a proposta. Enquanto esperava pelo ataque de Meca, Maomé conseguiu silenciar a oposição em casa.

A habilidade de Maomé em contornar a crise aumentou ainda mais seu status em Medina, mas ainda não era considerado o chefe da *umma*. Ele não teria conseguido conter a ameaça conjunta dos Qaynuqas e Ibn Ubbay sem a ajuda de Ubadah ibn Samit. Maomé recebeu a quinta parte (*khums*) dos bens deixados pelos Qaynuqas. Era costume o chefe receber um quarto dessas apreensões para usar em benefício de seu povo: esperava-se que distribuísse donativos, cuidasse dos pobres e promovesse a hospitalidade. Os *khums* distinguiram Maomé só um pouco de outros chefes, mas mostravam que agora ocupava uma posição comparável. Enquanto esperava com ansiedade pela ofensiva dos mequenses, Maomé consolidava ativamente o prestígio que ganhara em Badr. Quando ouvia que uma das tribos nômades, estimulada pela propaganda mequense, estava se preparando para invadir

o território de Medina, marchava agressivamente para prevenir o ataque, e a oposição em geral se dispersava assim que as tropas muçulmanas chegavam. No último verão, conseguiu impingir mais uma humilhação aos coraixitas. Desde Badr, as caravanas não podiam usar a rota do mar Vermelho para a Síria, e Safwan ibn Ummayah decidiu ir para o Iraque pela estrada de Nadj, viajando a leste de Medina. Essa rota era inconveniente, porque os locais onde havia água eram distantes, mas Safwan mandou camelos extras carregados de água, junto com os que transportavam uma rica carga de prata no valor de cerca de 100 mil dinares. Maomé obteve notícias dessa caravana e mandou Zayd interceptá-la. Zayd e seus homens conseguiram pegá-los desprevenidos enquanto descansavam junto ao Poço de Qarada. Os soldados muçulmanos adquiriram reputação terrível desde a batalha de Badr e assim que os mequenses os viram se aproximar, fugiram aterrorizados, deixando a caravana para trás.

Os coraixitas intensificaram a preparação para o ataque a Medina, mas esperaram até depois do inverno. Finalmente, em 11 de março de 625, 3 mil homens com 3 mil camelos e cerca de duzentos cavalos deixaram Meca e começaram a lenta viagem a Medina. Aos coraixitas se juntaram os aliados beduínos num grupo de tribos conhecido como os Ahabish, os Thaqif de Taif e a tribo dos Abd Manat. Em 21 de março, o exército chegou à fronteira de Medina e acampou numa planície em frente ao monte Uhud, a noroeste do oásis. Maomé e os medinenses souberam que o exército estava finalmente a caminho com apenas uma semana de antecedência. Não havia tempo para fazer a colheita nos campos, mas conseguiram trazer todas as pessoas de áreas afastadas do assentamento e protegê-las dentro da "cidade" com seus camelos, vacas, carneiros e cabras. Assim que o exército chegou, os chefes de Medina fizeram um conselho de guerra. Os mais experientes pediram extrema cautela: todos deveriam ficar dentro da "cidade" e não sair para enfrentrar o inimigo. Era muito difícil manter um cerco na Arábia e, quando esse plano fora adotado em ocasiões anteriores, o inimigo sempre foi forçado a desistir sem luta. Mas alguns membros da nova geração queriam ação. Sustentavam que, em Badr, Maomé derrotara um exército imenso com somente 350 homens; certamente Deus os ajudaria de novo. Foram apoiados por alguns agricultores, que não podiam suportar a idéia de os coraixitas estarem avançando pela plantação e devorando sua colheita, deixada do lado de fora da "cidade". Esses apressados se tornaram tão

beligerantes que acabaram vencendo a discussão, e as preparações para a batalha começaram.

Mais tarde, porém, os brigões se acalmaram, especialmente depois de pessoas como Sa'd Ibn Muadh dizerem que estavam brincando com fogo. Comunicaram a Maomé que agora estavam dispostos a ficar dentro da "cidade", mas ele manteve a decisão de lutar. "Quando um profeta veste a armadura", explicou, "não é conveniente que a tire antes de a batalha haver acontecido."[33] Qualquer hesitação, nessa altura, seria fatal. Então, ao fim da tarde de 22 de março, dia 6 de shawwab, Maomé montou seu cavalo favorito e comandou cerca de mil homens até Uhud, a aproximadamente 32 quilômetros de distância, para enfrentar um exército três vezes maior. Os judeus se recusaram a lutar, porque era o sabbath, mas os muçulmanos sabiam muito bem que eles estavam rezando pela vitória de Meca. O exército acampou naquela noite a meio caminho entre Medina e Uhud e pela manhã Ibn Ubbay desertou, levando trezentos homens de volta para a cidade. Ele nem sequer se deu ao trabalho de comunicar a Maomé sua decisão, mas explicou a alguns Ajudantes que queria se separar daquela operação absurda e suicida. "Ele me desobedeceu, e deu ouvidos a moleques e homens sem juízo", disse. "Eu não vejo por que devemos perder nossas vidas neste lugar mal escolhido."[34] A decisão era compreensível, embora desonrosa, mas Ibn Ubbay talvez tivesse outros interesses em jogo. Em 617, ele se retirou da batalha de Bu'ath, por acreditar que uma vitória completa era impossível, e isso o colocou em vantagem e quase o fez rei de Medina. Se Maomé fosse derrotado, como parecia bastante provável, Ibn Ubbay não teria nada a ver com isso e poderia estar lá para juntar os cacos.

Os muçulmanos enfrentaram os coraixitas na manhã seguinte, portanto com um exército perigosamente reduzido. Abun Sufyan posicionou-se no centro da linha de frente, flanqueado à direita por Khalid, o filho do finado Walid, dos Makhzum, e, à esquerda, por Ikrimah, o filho de Abu Jahl. Antes de começar a batalha, Abu Sufyan adiantou-se e pediu aos Aws e aos Khasraj que abandonassem Maomé e voltassem para casa; a briga de Meca não era com eles. Mas os Ajudantes gritaram, confiantes, que nunca deixariam seu Profeta. Depois Abu Amir, o monoteísta de Medina que se mudou para Meca após Maomé ter chegado ao oásis, tomou a dianteira para se dirigir ao seu povo. "Ó homens dos Aws", disse para sua tribo, "sou eu, Abu Amir." "Então, que Deus o deixe cego, ímpio velhaco!", gritaram de volta. Abu Amir ficou

chocado, pois, em Meca, gabara-se de que bastaria uma palavra sua para trazer a tribo dos Aws para o lado dos coraixitas. Agora, voltou murmurando: "O mal se apossou de meu povo depois que o deixei".[35]

Os exércitos começaram a avançar para o combate. Atrás das tropas mequenses, Hind, esposa de Abu Sufyan, caminhava com outras mulheres nobres, tocando pandeiros e cantando:

> Se vocês avançarem nós os abraçaremos
> Estenderemos tapetes macios a seus pés
> Se se retirarem nós os deixaremos
> Deixaremos e não mais os amaremos.[36]

Hind sempre odiou Maomé e, além disso, perdera seu pai Utba ibn Rabi'a e dois de seus filhos em Badr e havia jurado comer o fígado de Hamzah, que matou Utba em combate corpo-a-corpo. A luta começou. É difícil contar o que aconteceu em detalhe, porque as fontes são confusas. No início, os muçulmanos conseguiram se manter. Maomé alinhou as tropas na mesma formação cerrada que garantira a vitória em Badr, e parecia que puseram o inimigo para correr. Mas, então, os arqueiros muçulmanos desobedeceram às ordens, saíram da formação e foram atacados por trás por Khalid, que avançou com uma brilhante carga de cavalaria. Os muçulmanos fugiram ignominiosamente. Maomé tentou detê-los, mas estava ajoelhado, levou uma pancada na cabeça e perdeu os sentidos, e espalhou-se a notícia de que ele havia sido morto.

Na verdade, Maomé estava apenas atordoado. Foi levado para um pomar e se recuperou muito rapidamente. Mas os coraixitas não se preocuparam em comprovar a notícia; assim que ouviram dizer que ele estava morto, parece que pararam de lutar e falharam em levar a vitória até o fim, de modo que os muçulmanos puderam se retirar em razoável boa ordem. Vinte e dois mequenses e 65 muçulmanos foram mortos, mas não foi uma grande vitória para os coraixitas. Eles fracassaram em tentar matar Maomé e eliminar a *umma*. Somente três muçulmanos mortos — Hamzah, Abdallah ibn Jahsh e Mu'sab — eram Emigrantes; os outros eram Ajudantes, contra quem os mequenses não tinham interesse em lutar. Depois da batalha, perderam alguns dos aliados beduínos ao mutilar os cadáveres. Um coraixita abriu a barriga de Hamzah, tirou-lhe o fígado e levou-o

para Hind, que mordeu um pedaço para cumprir o juramento. A seguir, ela começou a cortar o nariz, as orelhas e os genitais de Hamzah, instigando as demais mulheres a fazer o mesmo com os outros corpos. Deixaram o acampamento usando braceletes, brincos e colares horríveis, para desgosto dos beduínos e de alguns de seus próprios homens, que sentiam que aquilo contaminava a sua causa.

Antes de seu exército partir, Abu Sufyan ouviu as decepcionantes notícias de que Maomé ainda não morrera. A batalha contra Medina não havia acabado. "No próximo ano, em Badr!", ele gritou, como uma provocação final. E em nome de Maomé um dos Companheiros gritou: "Sim, temos um encontro marcado!".[37] Os muçulmanos estavam em boa forma, apesar do grande número de baixas, para fazer uma perseguição simbólica. Durante três dias, seguiram os mequenses e, à noite, Maomé espalhou seus homens o mais longe possível um do outro para dar a impressão, pela quantidade de fogueiras, que um enorme exército estava acampando. O artifício dissuadiu os coraixitas, que queriam voltar para Medina e tentar mais uma vez destruir a *umma*.

Mas essa era uma pífia consolação. Depois de Uhud, a maioria dos muçulmanos ficou profundamente deprimida: se Badr havia sido um sinal de salvação, seria a derrota de Uhud um sinal de que Deus havia abandonado Maomé? O Corão respondeu a essas inquietações na terceira sura, observando que era errado considerar a derrota um ato de Deus. Ninguém além dos próprios muçulmanos era responsável pela derrota. Tinham sido briguentos, rebeldes e indisciplinados durante toda a campanha. A seu modo, Uhud fora um sinal: distinguira os muçulmanos verdadeiros dos covardes que desertaram com Ibn Ubbay.

Como era de esperar, Ibn Ubbay e os judeus estavam exultantes. Ibn Ubbay e seus partidários insistiam ruidosamente que, se sua orientação tivesse sido seguida, todas aquelas mortes teriam sido evitadas. Os judeus argumentavam que Maomé era simplesmente um homem ambicioso, sem credenciais proféticas: onde já se viu um verdadeiro profeta sofrer tamanha derrota? Umar queria matar esses detratores, mas Maomé o acalmou e jurou que os coraixitas jamais humilhariam a *umma* outra vez e que um dia eles voltariam a render culto na Caaba. Mas, apesar dessa confiança tranqüila, Uhud abalou seu prestígio e provocou uma ruptura com Ibn Ubbay. Até então a oposição aos muçulmanos fora inepta e em cima do muro, mas, depois de Uhud, Ibn Ubbay fez o possível para tirar proveito de toda e qualquer

oportunidade de destruir Maomé. Na sexta-feira seguinte à batalha, Ibn Ubbay foi humilhado publicamente na mesquita. Quando se levantou para falar, dois Ajudantes agarraram-no dizendo que, depois de sua traição, era melhor manter a boca fechada. Com passos largos, ele saiu furioso da mesquita e se recusou a pedir as orações e o perdão de Maomé. Depois de Uhud, sua facção ganhou um novo nome do Corão, que passou a chamar Ibn Ubbay e seus seguidores de *munafiqin*, que normalmente é traduzido como "hipócritas". Mas W. Montgomery Watt sugere que "rastejantes" ou "camundongos" talvez sejam traduções mais adequadas: em Uhud, rastejaram para dentro de suas tocas como bichinhos medrosos.[38]

Havia também problemas práticos urgentes que precisavam ser resolvidos. Os 65 muçulmanos mortos em Uhud deixaram mulheres e famílias que tinham de ter quem as sustentasse. Ao que parece, foi depois dessa derrota que Maomé recebeu a revelação que permitia aos muçulmanos ter quatro esposas:

> E dai aos órfãos o que lhes pertence, e não substituais o bom pelo ruim. E não junteis seus bens aos vossos. Cometeríeis grave delito.
> E se receardes não poder tratar os órfãos com eqüidade, desposai tantas mulheres quantas quiserdes: duas ou três ou quatro. Contudo, se não puderdes manter igualdade entre elas, então desposai uma só ou limitai-vos às cativas que por direito possuis. Assim ser-vos-á mais fácil evitar as injustiças.[39]

Os críticos ocidentais de Maomé tendem a ver essa aprovação da poligamia como um exemplo de puro chauvinismo masculino. Filmes populares, como *Harem*, dão um retrato absurdo e exagerado da vida sexual dos xeques muçulmanos, que revela mais as fantasias do Ocidente que a realidade. Mas, vista em seu contexto, a poligamia não visava aumentar o prazer sexual dos homens — era parte de uma legislação social. O problema dos órfãos chamara a atenção de Maomé desde o começo de sua carreira e se exacerbou com as mortes em Uhud. Os homens que morreram não deixaram somente viúvas, mas filhas, irmãs e outros parentes que precisavam de um novo protetor. Os tutores talvez não tivessem escrúpulos ao administrar as propriedades dessas órfãs: alguns até podiam mantê-las solteiras, de modo a se apossarem de seus bens. Não era incomum um homem casar com mulheres sob sua tutela a fim de incorporar suas propriedades a seu próprio patrimônio.

É provável que houvesse falta de homens na Arábia, o que deixava um excedente

de mulheres sem casar, muitas vezes cruelmente exploradas. O Corão preocupa-se muito com esse problema e recorreu à poligamia como uma maneira de lidar com ele. A poligamia tornaria o casamento possível a todas as jovens órfãs, mas o Corão insiste que um homem só pode ter mais de uma mulher se prometer administrar eqüitativamente os bens de todas elas e estipula que nenhuma jovem órfã deve casar com seu protetor contra sua vontade, como se fosse apenas uma propriedade móvel.[40] O Corão também toma providências com respeito ao divórcio. No período pré-islâmico, quando as esposas ainda viviam na casa paterna, a mulher ou seus parentes masculinos podiam terminar a relação. No Corão, o homem é autorizado a recusar um pedido de divórcio, mas há uma cláusula em favor da mulher. Na Arábia, era costume o homem dar um *mahl*, um dote, à sua noiva. Normalmente ele era apropriado por seus parentes masculinos, mas no islã o dote deve ser dado diretamente à mulher. Até hoje, às mulheres é permitido fazer o que bem entenderem com esse dinheiro: caridade, construir uma piscina ou começar um negócio. Mas em caso de divórcio, não é permitido ao homem recuperar o *mahl*, o que garante a segurança da mulher.[41]

Os críticos ocidentais freqüentemente culpam o Corão pelo tratamento dado às mulheres, que consideram injusto, mas, na verdade, a emancipação delas era cara ao Profeta. Há reclamações de que o Corão é parcial: as leis de herança, por exemplo, estabelecem que uma mulher pode herdar somente a metade do que herdam seus irmãos (que são obrigados a pagar o *mahl* para começar uma nova família). Além disso, às mulheres é permitido ser testemunha nos tribunais, mas seu testemunho vale somente a metade que o de um homem. No contexto do século XX — quando, devemos lembrar, estamos ainda lutando por direitos iguais para as mulheres — a legislação corânica parece restritiva. Mas na Arábia do século VII era revolucionária. Devemos recordar como foi a vida das mulheres no período pré-islâmico, quando o infanticídio feminino era a norma e elas não tinham direito algum. Tanto quanto os escravos, eram tratadas como uma espécie inferior, sem existência legal. Em tal mundo primitivo, o que Maomé conseguiu para as mulheres foi extraordinário. A própria idéia de que uma mulher podia ser testemunha ou herdar alguma coisa por direito próprio era surpreendente. Também devemos lembrar que, na Europa cristã, as mulheres tiveram de esperar até o século XIX antes de contar com algo similar e ainda assim a lei se manteve

bastante favorável ao homem.

Além disso, devemos colocar as regras sobre a poligamia dentro do seu contexto. Na Arábia do século VII, quando um homem podia ter quantas mulheres quisesse, prescrever somente quatro era uma limitação, não uma licença para nova opressão. Ademais, no Corão, os versículos que dão aos muçulmanos o direito de ter quatro esposas são imediatamente seguidos de requisitos que foram levados muito a sério. A menos que o homem tenha certeza absoluta de que será justo com todas as esposas, deve permanecer monógamo.[42] A lei muçulmana se assenta sobre esta base: o homem deve passar exatamente a mesma quantidade de tempo com cada uma das esposas; além de tratá-las financeira e legalmente com eqüidade, não deve demonstrar a mínima preferência por nenhuma delas, mas estimá-las e amá-las por igual. É consenso no mundo muçulmano que meros seres humanos não podem dar conta deste requisito corânico: é impossível mostrar tal imparcialidade, de modo que as restrições de Maomé, que ele não precisava ter feito, implicam que nenhum muçulmano deveria realmente ter mais que uma esposa. Em países onde a poligamia foi proibida, as autoridades justificam a inovação não por motivos seculares, mas religiosos.

Em Medina, depois da derrota em Uhud, o Corão não encorajava os homens a formar haréns exóticos. Não somente limitava o número de esposas que os muçulmanos poderiam ter, mas também lhes pedia um ato de fé no futuro. O Corão repetidamente proíbe a prática de infanticídio feminino: isso se tornou um dos mandamentos fundamentais, que todos os convertidos tinham de aceitar. Em lugar desse método brutal de controle de natalidade, o Corão incentiva os muçulmanos a acreditar em Deus numa sociedade na qual as pessoas vulneráveis — os idosos, os órfãos e os bebês — devem ter todos os direitos humanos e ser tratadas corretamente.[43] Numa das mais belas passagens dos Evangelhos, Jesus aconselha seus discípulos a observar os pássaros e os lírios do campo e a não se preocupar com o futuro: Deus proverá a todas as suas necessidades.[44] De modo muito semelhante, o Corão incentiva os muçulmanos a descobrir a confiança na benevolência de Deus nos "sinais" da natureza. Devem igualmente acreditar em Deus sem recorrer às medidas cruéis e exploradoras da *jahiliyah* e cultivar a jubilosa confiança de que ele a tudo proverá. Devem casar com mulheres pobres e ter famílias grandes, acreditando que Deus, no fim das contas, fará com que

sobrevivam:

> E casai os celibatários dentre vós e as pessoas de bem dentre vossos escravos e escravas. Se forem pobres, Deus os enriquecerá com Sua graça. Deus é vasto, onisciente.[45]

Esse ato de fé demandava considerável coragem. Maomé dera aos muçulmanos um exemplo de preocupação com as mulheres vulneráveis da *umma*. Depois de Uhud, ele tomou uma quarta esposa, provendo um lar para Zaynab bint Kuzaymah, a viúva de Ubaydah ibn al-Harith, o mártir de Badr. Ela era filha do chefe das tribos beduínas dos Amir, e assim o casamento forjou uma aliança política. Um aposento foi construído para ela ao lado da mesquita e ela se juntou a suas "irmãs" Sawdah, Aisha e Hafsah.

Maomé incentivava os muçulmanos a ter confiança no futuro e, se acreditassem poder se comportar imparcialmente, a assumir novas responsabilidades, na mesma época em que Abu Sufyan preparava uma enorme coalizão para destruir a *umma*. Mas, como de costume, também tomava precauções mais corriqueiras. Ele precisava conseguir o apoio das tribos beduínas a leste e a nordeste de Medina para impedi-las de se unir à aliança mequense. Maomé organizou reides para impressionar os beduínos, mas, no verão de 625, dois incidentes mostraram como Medina havia se tornado vulnerável.

Duas tribos beduínas de Najd pediram a Maomé instruções sobre o islã, alguns de seus membros tornaram-se muçulmanos e queriam aprender a recitar o Corão. Maomé mandou seis de seus homens mais hábeis para essa missão. Durante a viagem, descansavam no Poço de Raji, perto de Meca, e foram atacados por um dos chefes dos Hudhayl. Três foram mortos, e os outros três caíram prisioneiros. Um deles morreu apedrejado ao tentar fugir e os outros foram levados a Meca para ser vendidos aos seus inimigos coraixitas. Safwan ibn Ummayah comprou um deles para vingar a morte de seu pai, o antigo chefe dos Jumah que morreu em Badr. Os dois muçulmanos foram levados para fora da área do santuário e crucificados.

Mais ou menos na mesma época, Abu Bara, chefe da tribo beduína dos Amir e novo sogro de Maomé, também pediu missionários para instruir seu povo no islã. Mas isso era também um pedido de ajuda contra facções rivais em sua própria tribo. Enviados quarenta muçulmanos, quase todos foram massacrados no Poço de Ma'unah, próximo ao território dos Amir. Um dos rivais de Abu Bara em sua tribo

persuadiu alguns membros da vizinha tribo dos Sulaym a cometer o delito. Ali perto, contudo, dois dos muçulmanos estavam dando pasto aos camelos e só perceberam a catástrofe quando viram urubus voando sobre o acampamento. Correram até lá e encontraram os companheiros mortos; um deles foi feito prisioneiro e o outro conseguiu voltar a Medina. No caminho, encontrou dois membros dos Bani Amir dormindo tranqüilamente sob uma árvore. Supondo que os Amir fossem os responsáveis pelo massacre, desembainhou a espada, matou-os e foi depressa contar a Maomé o que fizera. Para sua surpresa, soube que cometera um erro e que a *umma* teria de pagar a multa de sangue, uma soma paga pelo sangue derramado injustamente, que começava a ser aceita por algumas tribos no lugar da vida de uma pessoa. Maomé acreditava que os amiris não deviam ter sido mortos. Era verdade que alguns membros da tribo dos Amir estavam por trás do massacre, mas, tecnicamente, ele fora cometido pelos Sulaym. Pagando a multa de sangue a Abu Bara, que ficou horrorizado com o que aconteceu, Maomé esperava ganhar toda a tribo para o islã. Seus poetas começaram a escrever poesias lamentando os mártires de Raji e Ma'unah, e a conduta decente de Maomé para com Abu Bara também fez com que alguns de seus antigos inimigos tivessem uma opinião mais favorável à *umma*. De fato, alguns sulaymitas que cometeram o massacre ficaram tão impressionados com a fé e a coragem dos muçulmanos na hora da morte que eles próprios se converteram.

Maomé começou a levantar o dinheiro da multa de sangue em Medina. Um dos grupos abordados foi a tribo judaica dos Nadir, que também era aliada de Abu Bara. Ele fez sua solicitação numa reunião do conselho da tribo, acompanhado por Abu Bakr e Usayd ibn Hudayr, um dos Ajudantes. Os judeus pareciam dispostos a colaborar, e pediram aos muçulmanos que esperassem do lado de fora enquanto consideravam a solicitação. Mas, durante a espera, Maomé de repente escapuliu de seus amigos e voltou para casa. Mais tarde, disse ter sido avisado por Gabriel que os judeus estavam tramando para matá-lo. De fato, uma revelação divina não seria estritamente necessária. Alguns membros dos Nadir ainda queriam vingar a morte do poeta Ka'b ibn al-Ashraf, e as fontes muçulmanas alegam saber exatamente quem ia deixar cair uma pedra em Maomé do alto de um telhado das proximidades.

Maomé mandou um dos Ajudantes entregar um ultimato em seu nome. Muhammad ibn Maslama, membro da tribo dos Aws, aliada dos Nadir antes da

hijra, disse-lhes: "O mensageiro de Deus enviou-me até vocês com as seguintes palavras: 'Planejando me assassinar, vocês romperam o pacto que fizemos'". Não podiam mais viver na cidade depois dessa traição. Os judeus ficaram surpresos de que um membro dos Aws pudesse transmitir tal mensagem: como os Qaynuqas no ano anterior, eles ainda pareciam incapazes de aceitar que a velha ordem fora abolida permanentemente. Ibn Maslama teve de dizer-lhes com aspereza: "As simpatias mudaram e o islã eliminou as velhas alianças".[46]

Os judeus decidiram tentar negociar com Maomé, para ver se podiam chegar a um acordo, mas Ibn Ubbay viu nisso uma excelente oportunidade para, mais uma vez, tentar livrar-se de Maomé. Disse-lhes que poderia juntar forças com eles se estivessem preparados para retirar-se da *umma*. Então, como os Bani Qaynuqas antes deles, os judeus da tribo dos Nadir se recolheram a suas fortalezas, observando os muçulmanos que os cercavam, e esperaram que Ibn Ubbay e seu grupo viessem libertá-los. Mas nada aconteceu. Mais uma vez, Ibn Ubbay julgara mal a força da posição de Maomé ao pensar que ele havia sido prejudicado por Uhud mais do que realmente o foi. Duas semanas depois, quando os Nadir perceberam que não podiam continuar resistindo, Maomé deu ordem para cortar suas palmeiras. Esse inequívoco sinal de guerra apavorou os judeus e eles se renderam, implorando somente que Maomé poupasse suas vidas. Maomé concordou, com a condição de que deixassem imediatamente o oásis, levando somente os bens que pudessem carregar em seus camelos. Os Nadir levaram todos os seus pertences, até quebrando as vergas de suas portas, para não deixá-las para Maomé, e abandonaram o oásis numa procissão orgulhosa, como se estivessem partindo em triunfo. As mulheres, usando jóias e roupas finas, tocavam tamborins e cantavam acompanhadas por flautas e tambores. Atravessando Medina, acabaram tomando a rota do norte para a Síria. Alguns permaneceram nos assentamentos judaicos perto de Khaybar e, dali, ajudaram Abu Sufyan a construir sua confederação, obtendo apoio entre as tribos do norte.

Durante o ano que se seguiu a Uhud, Maomé conseguiu recuperar um pouco do prestígio perdido, e a questão dos Bani Nadir foi mais uma derrota para Ibn Ubbay. O Profeta continuou a reprimir os reides e, em abril de 626, ganhou uma decisiva vitória moral. Ao deixar o campo de batalha em Uhud, Abu Sufyan desafiava os muçulmanos a encontrá-lo mais uma vez em Badr, durante a feira anual, e, em abril

de 626, Maomé partiu para lá com 1500 homens e acampou durante uma semana inteira. Mas Abu Sufyan não apareceu. Não imaginou que Maomé fosse ao encontro, e saiu com seu exército apenas para se exibir, planejando voltar assim que soubesse que os muçulmanos nem saíram de Medina. Era um ano de grande seca e não havia uma folha de grama sequer para alimentar os camelos durante a viagem; então, depois de alguns dias, Abu Sufyan voltou com seu exército para casa. Ele foi severamente censurado por seus concidadãos por ter faltado ao encontro, particularmente porque os beduínos tinham grande admiração pela coragem dos muçulmanos e por sua disposição de enfrentar o enorme exército mequense em Badr pela segunda vez. Não somente a posição de Maomé estava melhorando em Medina, como também a maré estava começando a mudar a seu favor no resto da Arábia.

Embora os muçulmanos soubessem que, depois da humilhação do Segundo Badr, os mequenses intensificariam as preparações para uma nova ofensiva contra a *umma*, Maomé ainda esperava por uma solução pacífica. Em janeiro de 626, sua nova esposa, Zaynab, morreu exatamente oito meses após o casamento. Poucos meses depois, ele se aproximou de Hind bint al-Mughira, a viúva de seu primo Abu Salamah, e pediu sua mão. Umm Salamah, como ficou conhecida, era irmã de um dos líderes do poderoso clã mequense dos Makhzum, o que poderia se revelar uma conexão benéfica. Tinha 29 anos e ainda era extremamente bonita; também parecia ser uma mulher inteligente e uma boa companheira para Maomé. Ele freqüentemente a levava em suas campanhas mais importantes e, pelo menos numa ocasião, foi capaz de dar um conselho valioso. No início, contudo, ela hesitou em casar com Maomé. Já não era jovem, dizia, e de natureza ciumenta: não estava certa de poder viver num harém. Sorridente, Maomé garantiu que era mais velho que ela e que Deus cuidaria de seu ciúme.

Umm Salamah tinha razão de temer a rivalidade no harém; seu casamento introduziu uma divisão entre as esposas de Maomé, refletindo as várias facções que competiam pelo poder político dentro da *umma*. Sendo makhzumita, Umm Salamah representava o grupo mais aristocrático dos Emigrantes, enquanto Aisha e Hatsah, filhas dos dois companheiros mais próximos de Maomé, representavam a facção plebéia no poder. À medida que novas esposas entravam no harém, tendiam a se juntar a um desses dois grupos rivais. Umm Salamah freqüentemente

procurava apoio junto a um terceiro grupo menor, os *ahl al-bait*, ou pessoas da família, que eram os familiares mais próximos de Maomé, e depositava em Fátima, uma mulher um tanto acanhada e tímida, suas maiores esperanças. A divisão entre as esposas de Maomé reflete as divisões importantes dentro da *umma*, que se tornariam seriíssimas depois da morte do Profeta e que, em certa medida, ainda dividem os muçulmanos hoje. Os *ahl al-bait*, que queriam Fátima e Ali e seus descendentes para liderar o mundo muçulmano, dariam origem aos xiitas. Não muito tempo depois do casamento de Umm Salamah, uma nova esposa entrou para o harém, incrementando esse grupo e unindo-se freqüentemente à facção aristocrática. Zaynab bint Jahsh, prima do Profeta, fora divorciada por Zayd e casou com Maomé. As circunstâncias desse episódio causaram assombro e vêm sendo usadas pelos críticos do islã para denegrir o Profeta.

Pessoas como Voltaire e Prideaux viram no incidente uma demonstração do insaciável apetite sexual de Maomé e de sua esperta manipulação das revelações para favorecer seus próprios desejos, e deram uma versão dos fatos ainda mais escabrosa que os muçulmanos. Uma tarde, Maomé foi visitar Zayd, que se ausentara. Sua esposa Zaynab abriu a porta e, como não esperava visitas, estava levemente vestida. Zaynab estava quase na casa dos quarenta, mas diz-se que ainda era extremamente bonita e, nessa ocasião, Maomé sucumbiu aos seus encantos. Ao despedir-se apressadamente murmurava algo como "Louvado seja Deus que muda o coração dos homens".[47] Zaynab casara contra a vontade com Zayd, e viu na admiração de Maomé sua salvação. Ela sempre comentava com Zayd, com veemência, a impressão eletrizante que causara no Profeta, o que tornava sua vida impossível. Zayd foi até Maomé e propôs divorciar-se de sua esposa se Maomé a quisesse, mas o Profeta o mandou embora, dizendo-lhe para temer a Deus e ficar com ela. Mas já não havia esperança para o casamento: as lamúrias constantes de Zaynab tornaram Zayd tão infeliz que ele se divorciou e o Profeta acabou casando com ela.

Houve críticas sobre esse pedido de casamento: alguns disseram que era ilegal porque Zaynab fora casada com o filho adotivo de Maomé, mas Maomé recebeu uma revelação dizendo que o casamento não era incestuoso.[48] Zayd era filho de criação de Maomé e a relação entre eles era artificial: casando com Zaynab, o Profeta não violava os níveis estabelecidos de parentesco. Quando veio a revelação,

Maomé estava com Aisha e ela disse com azedume: "Vejo que o Senhor se apressa em satisfazer sua vontade". Os ocidentais geralmente compartilham essa visão crítica, mas o próprio fato de ter sido preservada mostra que, em geral, os contemporâneos de Maomé adotaram uma posição mais pragmática. Eles viam em Maomé um homem apaixonado e, se era o desejo de al-Llah conceder a seu Mensageiro alguns privilégios adicionais, quem eram eles para criticar? Hoje, os muçulmanos negam que Maomé casou com Zaynab por luxúria e, de fato, parece improvável que uma mulher de 39 anos, que passou a vida toda à beira da subnutrição e exposta ao inclemente sol da Arábia, inspirasse tamanha emoção em alguém, muito menos num primo que a conhecia desde criança. Mas Maomé sempre estivera muito próximo da família Jahsh, inclusive de Zaynab. Os muçulmanos argumentam que ele teria se sentido responsável por ela depois do divórcio, e que se preocupava, como sabemos, com as mulheres desprotegidas da *umma*. Se desejasse Zaynab por seus encantos sexuais, poderia ter casado com ela anos antes. O incidente também demonstrou que uma relação de criação ou adoção não era vínculo de sangue nem obstáculo para o casamento.

Logo após a celebração do casamento com Zaynab, e possivelmente relacionada a ele, veio a revelação conhecida como os Versículos da Cortina, que decretou que as esposas de Maomé deveriam ser isoladas do resto da *umma*. A tradição muçulmana explica a introdução do *hijab*, em geral traduzido como "o Véu", de várias formas. Alguns dizem que foi Umar, que tinha uma visão agressivamente chauvinista, quem incitou Maomé a isolar suas esposas atrás de uma cortina. Recentemente* ocorreram incidentes desagradáveis em que os Hipócritas insultaram as esposas de Maomé quando saíam à noite para urinar. Outros dizem que Maomé, ao se tornar mais importante e mais atento à vida nos países civilizados, quis adotar o costume persa e bizantino de isolar as mulheres das classes altas, como marca da nova dignidade de suas esposas. Todos, contudo, indicam que a moral sexual era branda na Arábia durante o período pré-islâmico. Havia muita conversa indecente, insinuações, flertes e propostas indecorosas. Numa sociedade tradicional, um escândalo sexual pode ser extremamente sério e provocar fortes emoções na comunidade. Maomé provavelmente tinha perfeita consciência de que Ibn Ubbay e seus partidários adorariam poder prejudicar a causa muçulmana revelando um escândalo em sua própria família.

Diz-se que na festa de casamento de Zaynab alguns convidados ficaram demasiado tempo e se tornaram incômodos. Isso incitou uma revelação que colocou certa distância entre a família de Maomé e o resto da *umma*:

> Ó vós que credes, não entreis nos aposentos do Profeta, exceto quando convidados para uma refeição, e aguardai o momento próprio para entrar. Depois da refeição, retirai-vos, sem vos prolongar em conversação familiar. De outra forma, incomodaríeis o Profeta. E ele ficaria constrangido diante de vós; mas Deus não fica constrangido diante da verdade. E se pedirdes algum objeto às suas esposas, pedi-o através de uma cortina [*hijab*]: é mais limpo para vossos corações e para os delas.[49]

Maomé, como foi dito, não tinha um quarto próprio na mesquita; ele simplesmente dormia nos aposentos de suas esposas. Mas, à medida que se tornava mais importante em Medina, sua casa, inevitavelmente, se tornou um local público, e mais e mais pessoas vinham consultá-lo sobre problemas pessoais ou religiosos ou pedir-lhe que julgasse uma disputa. Alguns muçulmanos gostavam de se aproximar dele por meio de suas esposas, com a esperança de serem escutados. Sabe-se, por exemplo, que Aisha teve muitas conversas cordiais com determinado jovem, e as pessoas se lembrariam disso mais tarde, quando aconteceu um escândalo que ameaçou dividir a *umma* ao meio. O *hijab*, ou cortina, não foi planejado para ser algo opressivo. Foi pensado para prevenir uma possível situação escandalosa, passível de ser usada pelos inimigos de Maomé para desacreditá-lo.

Devemos fazer uma pausa para considerar a questão do *hijab* e a instituição muçulmana do véu. O véu é visto no Ocidente como um símbolo da opressão masculina, mas no Corão era simplesmente um protocolo que se aplicava apenas às esposas do Profeta. Às mulheres muçulmanas é solicitado, como aos homens, que se vistam com discrição, e não que se escondam da vista dos homens ou vivam segregadas deles, numa parte separada da casa. Essas são implicações posteriores e só se estabeleceram no Império Islâmico três ou quatro gerações depois da morte de Maomé. Parece que os costumes de usar véu e de segregar as mulheres foram importados pelo mundo muçulmano da Pérsia e de Bizâncio, onde havia muito eram tratadas desse modo.

De fato, o véu, ou cortina, não visava rebaixar as esposas de Maomé, mas era um símbolo de seu status superior. Depois da morte do Profeta, suas esposas se tornaram pessoas muito poderosas: eram autoridades respeitadas em assuntos religiosos e freqüentemente consultadas sobre a prática (*sunnah*) ou opiniões de

Maomé. Aisha se tornou politicamente muito importante e, em 656, liderou uma revolução contra Ali, o quarto califa. Parece que, mais tarde, outras mulheres ficaram com ciúme do status das esposas de Maomé e exigiram que lhes fosse permitido usar véu. A cultura islâmica era fortemente igualitária e parecia incongruente que as esposas do Profeta fossem distinguidas e honradas desse modo. Assim, para muitas muçulmanas que adotaram o véu no início, ele era símbolo de poder e influência, não uma marca da opressão masculina. Quando as mulheres dos cruzados viram o respeito com que as muçulmanas eram tratadas, começaram a usar o véu, certamente na esperança de ensinar seus próprios homens a tratá-las melhor. É sempre difícil entender os símbolos e as práticas de outras culturas. Na Europa, estamos começando a perceber que freqüentemente interpretamos mal e minamos outras culturas tradicionais, em nossas antigas colônias e protetorados, e muitas mulheres muçulmanas hoje, mesmo as criadas no Ocidente, acham extremamente ofensivo quando as feministas ocidentais condenam sua cultura como misógina. As religiões, em sua maioria, foram empreendimentos masculinos e são patriarcais, mas é um erro enxergar no islã mais defeitos, nesse particular, que em qualquer outra tradição. Na Idade Média, a situação era inversa: os muçulmanos ficaram horrorizados ao ver como os cristãos ocidentais tratavam suas mulheres nos Estados estabelecidos pelas cruzadas, e os intelectuais cristãos criticavam o islã por dar tanto poder a seres inferiores como escravos e mulheres. Hoje, quando algumas muçulmanas resgatam a vestimenta tradicional, não é porque sofreram lavagem cerebral de uma religião chauvinista, mas porque consideram profundamente gratificante o retorno às próprias raízes culturais. É também, não raro, uma rejeição da atitude imperialista ocidental, que julga compreender as tradições muçulmanas melhor que os próprios muçulmanos.

Em janeiro de 627, logo após a introdução do *hijab* para as esposas do Profeta, um doloroso incidente mostrou quão rapidamente qualquer insulto contra sua família poderia arruinar a posição de Maomé. Ele liderou uma expedição contra os Bani al-Mustaliq, um ramo dos Khuza'ah, que estavam se preparando para invadir Medina. Pegou-os de surpresa no Poço de Muraysi, na costa do mar Vermelho, a noroeste de Medina, colocou-os em fuga e ficou com 2 mil camelos, 5 mil ovelhas e cabras e duzentas mulheres, entre as quais Juwayriyah bint al-Harith, a filha do chefe. Fora permitido a Aisha acompanhar a expedição, e seu coração estremeceu

ao ver Juwayriyah — que veio pechinchar com Maomé seu resgate — simplesmente porque ela era muito bonita. "Por al-Llah, mal a vi na entrada de meu quarto e comecei a detestá-la", recordou mais tarde com uma franqueza desarmante. "Eu sabia que ele ia vê-la como eu a via."[50] De fato, Maomé se ofereceu para casar com Juwayriyah quando ela se converteu ao islã e, assim, transformou uma tribo inimiga em aliada.

Os muçulmanos acamparam no Poço de Muraysi por mais alguns dias. Mais Hipócritas que de costume haviam se oferecido para participar do reide, pois prometia um rico butim, e inesperadamente um incidente trivial expôs as tensões ocultas da *umma*. Surgiu uma disputa entre dois membros das tribos locais, contratados para dar água aos cavalos dos muçulmanos, e cada um recorreu aos aliados tradicionais de suas tribos: um deles aos coraixitas e o outro aos khasraj. Emigrantes e Ajudantes responderam imediatamente ao desafio tribal e brigaram por alguns minutos — outra indicação da força das antigas lealdades que poderiam facilmente destruir a nova ideologia islâmica se os muçulmanos não tomassem cuidado. Umar e os outros companheiros próximos a Maomé rapidamente intervieram e acabaram com a briga, mas Ibn Ubbay estava furioso. Como consentia o povo de Medina ser comandado por estrangeiros? "Eles disputam nossa prioridade, excedem-nos em número em nossa própria terra e nada descreve melhor, a nós e aos vagabundos dos coraixitas que o antigo ditado que diz 'Alimente um cão e ele o devorará'." "Por al-Llah, quando retornarmos a Medina o mais forte expulsará o mais fraco."[51] Um dos Ajudantes relatou essa ameaça a Maomé, e Umar imediatamente desembainhou a espada. "O quê? E dizer que Maomé mata seus companheiros?", Maomé perguntou brandamente. Mas deu ordens para levantar acampamento de imediato, embora isso significasse viajar durante a hora mais quente do dia — coisa que ele nunca fizera antes. Durante a viagem para casa, a Sura 13 — Os Hipócritas — foi revelada, mas Maomé manteve-a para si até chegar a Medina.

Durante uma das paradas, Aisha escapuliu para urinar e, quando retornou ao acampamento, que estava para partir, percebeu que perdera o colar. Ela voltou para procurá-lo, e enquanto isso os homens que estavam selando seu camelo fecharam a cortina da sela, pensando que ela ainda estivesse ali. A expedição partiu e, quando Aisha voltou ao acampamento, encontrou-o deserto. Não ficou muito

preocupada porque sabia que sentiriam sua falta e ficou esperando, deitada. Safwan ibn al-Mu'attal, o jovem que a conhecera muito bem antes de o *hijab* ser adotado, e que ficara para trás, passou por ali e a reconheceu. Aisha rapidamente se cobriu e ele a colocou na garupa do seu camelo. Sua ausência ainda não fora notada e quando ela chegou com Safwan, começaram os comentários maldosos. Rapidamente, os Hipócritas espalharam o escândalo, incitando a latente hostilidade tribal contra os Emigrantes, que haviam causado todas aquelas guerras. O poeta Hassan ibn Thabit, que lealmente celebrou os triunfos de Maomé desde a *hijra*, começou a lamentar a falta das antigas deusas, e se descreveu cercado por um mar de refugiados em Medina. Até alguns Emigrantes começaram a duvidar da inocência de Aisha, incluindo sua própria prima Mistah e Hammah bint Jahsh, irmã de Zaynab, que, por causa dela, tinha ciúme de Aisha por esta ser a favorita do Profeta. Zaynab, contudo, defendeu firmemente a jovem.

Aisha adoeceu enquanto o grupo retornava a Medina e só aos poucos ficou sabendo da fofoca. Reparou que Maomé estava frio e distante, e pediu que a levassem para a casa de seus pais, onde podia ser cuidada. Maomé se sentia perdido. Era particularmente alarmante para ele que as revelações tivessem cessado repentinamente — um sinal de sua óbvia angústia e confusão. Dessa vez, não podia pedir ajuda a seus companheiros de sempre. É claro que não podia consultar Abu Bakr sobre sua própria filha, e não pediu a opinião de Umar, provavelmente por causa de sua conhecida severidade em relação às mulheres. Assim, voltou-se para a geração mais jovem. Quando perguntou ao filho de Zayd, Usamah, o que pensava sobre ela, o moço defendeu-a energicamente, como o fez a criada Buraya, que disse a Maomé: "Só conheço coisas boas sobre ela. O único defeito que encontrei em Aisha é que, quando estou amassando a farinha e lhe peço para tomar conta, vem o carneirinho de estimação e come tudo!". Mas Ali foi hostil e cínico: "Mulher é o que não falta", disse com desdém "você sempre pode trocar uma por outra".[52] Aisha nunca o perdoou.

Ibn Ubbay continuou causando problemas, feliz com a oportunidade de desacreditar o Profeta. Maomé teve de convocar uma reunião dos chefes de Medina para pedir seu apoio, caso achasse necessário tomar providências contra um de seus membros que tentasse prejudicar sua família. Sabia que alguns muçulmanos da tribo dos Khasraj ficariam consternados se agisse contra Ibn Ubbay sem a permissão

deles. A reunião mostrou quão frágil era a nova unidade muçulmana. O problema revelou a fissura profunda que subsistia entre os Khasraj e os Aws. Alguns chefes dos Aws, sabendo muito bem que a maioria dos inimigos de Aisha eram membros dos Khasraj, pediam que os causadores do escândalo fossem decapitados. Imediatamente um khasjarita os acusou de hipocrisia e as duas tribos quase chegaram às vias de fato. Uma resolução para essa crise tinha de ser encontrada para a *umma* permanecer intacta.

Finalmente, Maomé foi confortar Aisha. Ela estava recuperada e parecia inconsolável. Chorou dois dias seguidos e seus pais não puderam consolá-la. Umm Ruman, sua mãe, simplesmente disse-lhe que todas as mulheres bonitas tinham de passar por esse tipo de problema, e Abu Bakr claramente não sabia o que pensar: no fim, aconselhou-a a voltar para a sua cabana na mesquita. Quando Maomé chegou, seus pais estavam com ela e todos os três choravam copiosamente. Mas as lágrimas de Aisha secaram como por encanto quando o Profeta apareceu. Maomé instou-a a confessar seu pecado honestamente, se fosse culpada Deus a perdoaria. Com grande dignidade, a jovem de catorze anos encarou firmemente o marido e os pais enquanto respondia. Era inútil falar, disse. Nunca admitiria algo que não fizera e se declarasse sua inocência, ninguém acreditaria nela. O que lhe restava era fazer suas as palavras daquele patriarca no Corão — desesperadamente ela procurou na memória por seu nome, mas o nome lhe escapava —, bom, ele fora o pai de José, que disse: "Meu dever é mostrar a paciência necessária e é preciso pedir a ajuda de Deus contra o que você descreve". Tendo dito sua última palavra, saiu silenciosamente e se deitou na cama.

Maomé parece ter se convencido, porque, quando ela acabou de falar, entrou no transe que freqüentemente acompanhava as revelações; desmaiou e, embora fosse um dia frio, transpirava muito. Abu Bakr colocou uma almofada de couro sob sua cabeça e o cobriu com um manto, enquanto ele e Umm Ruman esperavam com terror pelos comentários de Deus. Porém Aisha, que corria grande perigo, estava gelidamente calma: estava certa de que Deus não a trataria injustamente. Por fim, Maomé voltou a si: "Boas novas, Aisha!" exclamou. "Deus mandou uma mensagem sobre a sua inocência." Aliviados, seus pais pediram que se levantasse e fosse até Maomé. Mas Aisha simplesmente respondeu: "Não irei até ele e não o agradecerei. Tampouco vou agradecer a vocês dois que ouviram a calúnia sem reagir e não a

negaram. Eu me levantarei para agradecer somente a al-Llah".[53] Aceitando essa censura, Maomé foi para fora enfrentar a multidão que se havia juntado e recitou os novos versículos que inocentavam Aisha, e condenavam a difamação como "uma calúnia manifesta".[54]

O incidente mostrou que Aisha se tornara uma mulher orgulhosa e audaz, capaz de recuperar seu lugar no coração de Maomé. A dignidade com que lidou com a situação mostra a confiança que o islã podia dar a uma mulher. Nenhuma das esposas do Profeta parece ter se intimidado ante o marido. Estavam dispostas a enfrentá-lo, e ele sempre ouviu cuidadosamente o que elas tinham a dizer. Freqüentemente, no entanto, as outras esposas reclamavam que ele favorecia Aisha. Maomé tentou manter um regime imparcial: passava a noite com cada esposa em turnos e, quando saía para uma expedição, tirava a sorte para determinar qual delas o acompanharia. Mas ele era humano, e sua preferência real era clara para toda a *umma*. Os muçulmanos que gostavam de lhe mandar presentes costumavam mandá-los para a mesquita no dia que estava com Aisha, pensando que isso o agradaria. Isso era humilhante para as outras esposas, e Umm Salamah pediu a Maomé que dissesse aos muçulmanos que mandassem presentes a todos os aposentos. Mas Maomé pediu-lhe que parasse de importuná-lo sobre Aisha, chamando a atenção para o fato de que ela era a única de suas esposas em cuja companhia ele recebia as revelações. Então, Umm Salamah enviou Fátima, esperando que tivesse mais sucesso com seu pai. "Querida filhinha", Maomé disse gentilmente, "você não ama quem eu amo?", o que deixou Fátima na mais completa confusão. Finalmente, Zaynab veio protestar e perdeu a calma, xingando Aisha veementemente. Maomé se voltou para Aisha, pedindo que se defendesse, o que ela fez com tal paixão e eloqüência que Zaynab ficou reduzida ao silêncio. Maomé ficou impressionado: era óbvio, disse, que ela era a verdadeira filha de seu pai, Abu Bakr. Mas Aisha não podia levar a melhor em tudo. Um dia, com ciúme do lugar que Khadija ainda ocupava no coração de Maomé, chamou-a de "velha desdentada". Maomé ficou muito descontente: ninguém poderia ser mais querida a ele que Khadija, que o apoiara enquanto o resto do mundo o rejeitava.

Em março de 627, algumas semanas depois de arrefecido o escândalo sobre Aisha, os mequenses e seus aliados puseram-se em marcha com um exército de 10 mil homens. Maomé conseguiu reunir somente cerca de 3 mil homens de Medina e

seus aliados beduínos, de modo que ir ao encontro do inimigo, como havia sido forçado a fazer em Uhud, estava fora de cogitação; então mandou todos os muçulmanos construírem barricadas e se abrigaram dentro da "cidade". Medina não era difícil de ser defendida. Era cercada em três lados por rochedos e prados de rochas vulcânicas, sendo relativamente fácil guarnecer os caminhos que atravessavam esse difícil terreno dentro do oásis. Ao norte Medina era mais vulnerável e Maomé imaginou um expediente que seus contemporâneos provavelmente acharam extraordinário. Os coraixitas e seus aliados não pareciam estar com pressa, e avançavam com pompa e aos poucos rumo ao norte, de modo que os muçulmanos tiveram tempo para se preparar. Conseguiram fazer a colheita das áreas adjacentes, de forma que o exército sitiante não encontraria alimento como na última vez; então toda a *umma* se pôs a trabalhar para construir uma enorme trincheira ou fosso ao redor da parte norte do oásis. Segundo a tradição, esse plano foi sugerido por Salman, o persa convertido, que havia pouco ganhara a liberdade. A trincheira não precisava ser contínua, porque em algumas partes havia fortalezas que davam proteção adequada, mas terminá-la a tempo requeria imenso esforço concentrado. Cada família era responsável por uma parte da trincheira, e Maomé trabalhava ao lado dos outros, cantando os versos que cantavam enquanto construíam a mesquita depois da *hijra*. O moral das tropas parecia alto: alguns companheiros recordam que Maomé parecia extremamente bonito e vigoroso enquanto trabalhava, brincando e rindo com os outros homens. Dirigia os trabalhos com uma nova canção:

> Sem Ti, Senhor, não teríamos orientação,
> não daríamos esmolas nem oraríamos.
> Faze descer a serenidade sobre nós,
> faze nossos pés firmes para a batalha:
> Nossos inimigos nos oprimiram e tentaram nos derrotar,
> mas nós resistimos.[55]

Em 31 de março de 627, os coraixitas chegaram com seu exército e ficaram perplexos ao ver aquela trincheira profunda. A terra da vala foi usada para construir uma enorme escarpada, que serviu de proteção eficiente para os muçulmanos em seu campo na base do monte Sa'l e deu-lhes uma posição privilegiada de onde arremessavam seus projéteis. De fato, enquanto o exército de Meca contemplava

atônito a trincheira, uma chuva de flechas avisou-lhes que eram alvos fáceis e eles rapidamente se retiraram até ficar a salvo. De um modo quase cômico, a trincheira de Salman efetivamente bloqueou a ofensiva pesada e os líderes coraixitas não sabiam o que fazer. De novo, o exército deles era comandado por Abu Sufyan e Ikrimah (filho de Abu Jahl); Khalid ibn al-Walid comandava a cavalaria, com Amr ibn al-As, o coraixita que havia muito era inimigo ferrenho de Maomé. Mas a cavalaria, na qual depositaram tanta esperança, agora era completamente inútil, porque os cavalos não podiam passar por cima da trincheira. Nas poucas vezes em que um ou dois conseguiram saltá-la, seus cavaleiros foram imediatamente cortados em pedaços. Mandar a infantaria atravessá-la provavelmente ocasionaria demasiadas baixas, e eles não dispunham de apetrechos de cerco nem de escadas. Em todo o caso, os coraixitas desprezavam o trabalho manual e claramente consideraram a trincheira de péssimo gosto: era antiesportiva, antiárabe e ia contra todas as convenções de guerra cavalheiresca. De tempos em tempos, homens como Ikrimah tentavam uma carga intrépida mas fracassavam e eram literalmente barrados:

> Alguns cavaleiros dos coraixitas [...] vestiram as armaduras e se dirigiram ao território dos Bani Kinana, dizendo: "Preparem-se para a luta e então saberão o que são cavaleiros de verdade". Eles galoparam [rumo a Medina] até pararem em frente à trincheira. Quando a viram, exclamaram: "Esta é uma estratégia que os árabes nunca empregaram!".[56]

Decidiram experimentar um método mais astuto e pedir à tribo judaica dos Qurayzah, no sul do oásis, que os deixasse entrar na cidade. No começo do ano, Huyay ibn Akhtab, chefe da tribo judaica exilada dos Nadir, agora morando em Khaybar, visitara Abu Sufyan em Meca e prometera ajudá-lo em sua luta contra Maomé. Ele fora com Safwan e alguns outros coraixitas até a Caaba para fazer o juramento a Deus de que ambos estariam unidos até destruir a *umma*. Abu Sufyan aproveitou a oportunidade para perguntar a opinião deles sobre a pretensão religiosa de Maomé: "Vocês, ó judeus, são o povo da primeira Escritura e conhecem a natureza de nossa disputa com Maomé. Qual das duas religiões é melhor: a nossa ou a dele?". Huyay respondeu que a religião dos coraixitas era definitivamente a melhor. Os muçulmanos ficaram escandalizados quando souberam que Huyay defendera a idolatria.[57] Os judeus de Khaybar mandaram um

grande exército contra Medina depois de ter conseguido incitar as tribos árabes do norte contra ela, subornando-os quando necessário com a promessa da metade de suas safras de tâmaras. Então, as tribos de Asad, Ghatafan e Sulaym também mandaram contingentes para se juntar à confederação de Abu Sufyan. Huyay também tentou persuadir os Bani Qurayzah a atacar os muçulmanos pelas costas ou permitir a entrada de cerca de 2 mil dos Nadir e Ghatafan no assentamento, onde poderiam começar o ataque exterminando as mulheres e crianças escondidas nas fortalezas espalhadas naquela área. Os judeus estavam hesitantes: sabiam o que acontecera às tribos de Qaynuqa e Nadir que se opuseram a Maomé e alguns deles começaram a pensar que, talvez, ele fosse o tão esperado profeta. Mas quando viram o enorme exército que os coraixitas levaram para Medina, enchendo a planície que se estendia da cidade até o horizonte, Ka'b ibn Asad, chefe dos Qurayzah, concordou em ajudar a confederação.

Umar foi o primeiro a ser informado da traição dos Qurayzah e comunicou o fato imediatamente a Maomé, que ficou visivelmente aflito. Ele sempre temera essa possibilidade e sabia que o exército muçulmano não seria capaz de suportar um ataque de todos os lados. Mandou Sa'd ibn Muadh, o principal aliado árabe dos Qurayzah antes da *hijra*, efetuar uma investigação e concluiu que os judeus pareciam hostis: "Quem é o Mensageiro de Deus?", perguntaram. "Não há pacto nem acordo nenhum entre nós e Maomé."[58] Em certo momento, parece que um punhado deles começou os ataques a sudeste do oásis e cercou uma das fortalezas onde se abrigavam as mulheres e crianças muçulmanas, mas esse esforço fracassou. Maomé começou sua própria ofensiva diplomática entre os Qurayzah, tentando dissuadir os judeus e fazer com que desconfiassem dos coraixitas. Mas por cerca de três semanas era completamente incerto qual caminho os judeus tomariam. O exército muçulmano estava ficando exausto; parece que os Hipócritas também espalhavam alarme e desalento, incitando os Ajudantes a trocar Maomé por sua tribo. Alguns deles até tentaram escapar de Medina e se juntar a Abu Sufyan. O Corão deixa claro que os muçulmanos estavam à beira do desespero e alguns estavam próximos de perder a fé:

> Vossos olhos se apavoraram e vossos corações subiram às gargantas, e pensastes coisas de Deus, Os crentes foram então provados e violentamente sacudidos.[59]

Apesar de tudo, eles foram salvos dessa Noite Escura de medo. Não é claro o que aconteceu exatamente, mas parece que os judeus da tribo dos Qurayzah começaram a desconfiar dos mequenses e insistiam em tomar reféns coraixitas para assegurar a sua fidelidade: o que aconteceria se os mequenses fugissem e deixassem os judeus à mercê de Maomé? Os coraixitas também estavam ficando exaustos. Sempre foi difícil manter um cerco na Arábia; eles não tinham provisões, e os homens e os cavalos estavam famintos. Os coraixitas não eram soldados hábeis ou experientes e facilmente se impressionavam com os reveses repentinos. Parece que a determinação deles desapareceu quando o tempo mudou de repente. É certo que o Corão fala da queda de temperatura, do vento e da chuva como atos de Deus. Abu Sufyan tomou sua decisão:

> Ó coraixitas, não estamos num acampamento permanente; os cavalos e os camelos estão morrendo; os Bani Qurayzah faltaram à sua palavra conosco e ouvimos notícias alarmantes deles. Vocês podem ver a violência do vento que não poupa panelas, fogo e tendas. Vão embora, pois eu estou indo![60]

Assim dizendo, saltou sobre seu camelo e golpeou-o, sem perceber que ele ainda estava peado. Foi seguido por sua própria tribo e pelos beduínos, que há muito tempo vinham resmungando e dando sinais de impaciência. Enquanto os confederados batiam em ignominiosa retirada, Khalid disse a Abu Sufyan: "Todo homem sensato sabe que Maomé não mentiu".[61] Quando os muçulmanos despontaram no topo da escarpa na manhã seguinte, a vasta planície estava completamente vazia.

Mas que faria Maomé com os judeus de Qurayzah, que levaram a *umma* à beira da extinção? Ele não deixou seus homens repousar, e na manhã seguinte, inspirado, segundo se diz, por Gabriel, Maomé convocou o exército muçulmano para ir ao povoado dos Qurayzah. Esta é uma história macabra e terrível e tem conotações horríveis para muitos de nós hoje. Huyay se juntou aos Qurayzah em seus alojamentos depois que os coraixitas e seus aliados deixaram Medina, como prometido. Quando ouviram que Maomé estava avançando sobre seu território, os Qurayzah prontamente se entrincheiraram dentro das fortalezas e resistiram aos muçulmanos por 25 dias. Eles sabiam que, como aliados infiéis, não podiam esperar misericórdia, e Huyay e Ka'b parecem tê-los encorajado a aceitar o inevitável. Apresentaram três possibilidades a seu povo: poderiam se submeter

incondicionalmente a Maomé (seu extraordinário sucesso indicava que talvez fosse um verdadeiro profeta); poderiam matar suas mulheres e crianças e atacar o exército muçulmano: se morressem, não precisavam se preocupar com seus dependentes e, se saíssem vitoriosos, facilmente encontrariam novas esposas; ou poderiam pegar Maomé desprevenido, atacando-o durante o sabbath, quando ele não esperava que agissem.

Os judeus rejeitaram todas essas opções e pediram a Maomé para deixá-los sair do oásis nos mesmos termos que os Bani Nadir. Maomé recusou: os Nadir provaram ser mais perigosos para a *umma* depois de deixar Medina, de modo que, dessa vez, estava determinado a obrigá-los a uma rendição total e permitiu aos Qurayzah consultar um de seus primeiros aliados, Abu Lubabah ibn Abd al-Mundhir, o chefe dos Auf. Esta parte da história é obscura. Diz-se que os judeus perguntaram a Abu Lubabah o que Maomé planejava fazer e ele tocou a garganta, tacitamente dizendo que seriam sentenciados à morte. Depois sentiu tanto remorso que se amarrou a um pilar da mesquita por quinze dias até Maomé libertá-lo. Se é verdade que foi assim que comunicou aos judeus seu destino, isso não parece ter afetado a decisão deles; então sugeriu-se que Abu Lubabah talvez tivesse indicado que a antiga aliança com os Qurayzah seria respeitada. No dia seguinte, os Qurayzah concordaram em aceitar o julgamento de Maomé e abrir seus portões ao exército muçulmano, presumivelmente confiantes no apoio de seus primeiros confederados da tribo dos Aws.

De fato, os Aws imploraram o perdão de Maomé; ele não garantira a vida aos Bani Qaynuqas a pedido de Ibn Ubbay, um khasrajita? Maomé perguntou-lhes se aceitariam a decisão de um de seus próprios líderes e eles concordaram. Durante o cerco, Sa'd ibn Muadh foi gravemente ferido e carregado para o território dos Qurayzah num burro. Os demais chefes de sua tribo pediram-lhe que poupasse os seus antigos aliados, mas Sa'd percebeu que isso seria o início de algo pior, que traria o caos de volta a Medina. Poderia uma antiga lealdade ter precedência sobre a *umma*? Sa'd decidiu que todos os setecentos homens deveriam ser mortos, suas esposas e crianças vendidas como escravos e as propriedades divididas entre os muçulmanos. Maomé disse em alta voz: "Você julgou de acordo com a verdadeira sentença de al-Llah sobre os sete céus!".[62]

No dia seguinte, Maomé ordenou que outras trincheiras fossem cavadas, dessa

vez no *souk* de Medina. Alguns indivíduos foram poupados a pedido dos muçulmanos, os demais foram amarrados juntos em grupos e decapitados. Seus corpos foram jogados dentro da trincheira. Apenas uma mulher foi executada, por ter jogado uma pedra num muçulmano durante o cerco à tribo. Aisha recorda-a vivamente:

> De fato, ela estava comigo e falava comigo e ria excessivamente enquanto o apóstolo matava seus homens no mercado, quando, repentinamente, uma voz não identificada chamou seu nome. "Céus!", gritei, "qual é o problema?" "Eu serei morta", ela respondeu. "Por quê?", perguntei. "Por causa de uma coisa que fiz", ela respondeu. Então, levaram-na e decapitaram-na. Aisha costumava dizer: "Jamais esquecerei minha surpresa com o seu bom humor e sua risada solta, mesmo sabendo, o tempo todo, que seria morta".[63]

Talvez seja impossível dissociarmos essa história das atrocidades nazistas, e ela inevitavelmente afastará em definitivo muitas pessoas de Maomé. Mas estudiosos ocidentais como Maxime Rodinson e W. Montgomery Watt argumentam que não é correto julgar o incidente pelos padrões do século XX. Aquela era uma sociedade muito primitiva — muito mais primitiva que a sociedade judaica em que Jesus viveu e difundiu seu evangelho de perdão e amor seiscentos anos antes. Naquele estágio, os árabes não tinham um conceito de lei natural e universal, algo difícil — talvez impossível — para os povos alcançarem, a menos que haja um mínimo de ordem pública, tal como a imposta por um grande império no mundo antigo. Na época de Maomé, Medina provavelmente se parecia mais à Jerusalém do rei Davi, que era um poderoso assassino dos inimigos de Deus e que, numa ocasião, massacrou duzentos filisteus, castrando-os e mandando ao seu rei uma macabra pilha de prepúcios. Muitos salmos atribuídos a Davi foram, de fato, compostos séculos mais tarde — alguns tão tarde como 550 a.C. — mas ainda descrevem em repulsivos detalhes as coisas horríveis que os israelitas esperavam fazer com seus inimigos. No começo do século VII, não se esperava que um chefe árabe demonstrasse misericórdia para com traidores como os Qurayzah.

Por pouco, a *umma* dos muçulmanos escapou de ser exterminada pelo cerco, e os ânimos estavam, naturalmente, exaltados. Os Qurayzah quase destruíram Medina. Se Maomé os deixasse sair, eles iriam sem perda de tempo se juntar à oposição judaica em Khaybar e organizar outra ofensiva contra Medina. Na próxima vez, os muçulmanos poderiam não ter tanta sorte e a sanguinária luta pela sobrevivência continuaria indefinidamente com mais sofrimento e mais mortes. As execuções

sumárias teriam impressionado os inimigos de Maomé. Ninguém parecia chocado com o massacre, e os próprios Qurayzah parecem haver aceito sua inevitabilidade. As execuções foram uma macabra mensagem aos judeus de Khaybar, e as tribos árabes perceberiam que Maomé não temia os amigos ou aliados dos Qurayzah que pudessem querer vingar sua morte. Era um símbolo do extraordinário poder que Maomé conseguira depois do cerco, quando se tornou o líder do grupo mais poderoso da Arábia.

O massacre dos Qurayzah é uma prova das graves condições da Arábia durante a vida de Maomé. É claro que temos razão ao condenar esse massacre sem reservas, mas não foi um crime tão grande como seria hoje. Maomé não estava atuando num império mundial que impunha a ordem por toda parte, nem dentro de tradições religiosas já estabelecidas. Ele não tinha nada como os Dez Mandamentos (embora se diga que até Moisés deu ordem para que os israelitas massacrassem toda a população de Canaã logo após haver-lhes dito: "Não matarás"). Tudo o que Maomé tinha era a antiga moral tribal, que permitia esse expediente para preservar o grupo. O problema era agravado pelo fato de que a vitória fez dele o chefe mais poderoso da Arábia, chefe de um grupo que não era uma tribo convencional. Ele começara a transcender o tribalismo e se achava numa terra de ninguém, entre dois estágios de desenvolvimento social.

Mas é importante notar que esse trágico começo não determinou permanentemente a atitude muçulmana para com os judeus. Logo que os muçulmanos estabeleceram seu próprio império e começaram a desenvolver uma ética mais sofisticada e humana em sua Lei Sagrada, instituiram um sistema de tolerância como o que predominou durante muito tempo nas partes civilizadas do Oriente Médio. Naquela parte da *oikumene*, vários grupos religiosos viveram lado a lado. O anti-semitismo é um mal do cristianismo ocidental, não do islã, e devemos ter isso em mente quando nos sentimos tentados a fazer generalizações sobre aquele horrível incidente em Medina. Mesmo na época de Maomé, pequenos grupos judeus permaneceram em Medina depois de 627 e puderam viver em paz, sem outras represálias. Parece que a segunda parte da Aliança de Medina, que trata da população judaica do assentamento, foi composta depois dessa data. No Império Islâmico, os judeus, como os cristãos, tinham completa liberdade religiosa; os judeus viveram ali em paz até a criação do Estado de Israel em nosso século. Os

judeus do islã nunca sofreram como os judeus da cristandade. Os mitos anti-semitas da Europa foram introduzidos no Oriente Médio no final do último século pelos missionários cristãos e eram normalmente ridicularizados pelo povo. Mas, em anos recentes, alguns muçulmanos voltaram-se para as passagens do Corão que se referem às tribos judaicas rebeldes de Medina e tendem a ignorar os muito mais numerosos versículos que falam positivamente dos judeus e de seus grandes profetas. Isso é um desdobramento inteiramente novo numa história de 1200 anos de boas relações entre judeus e muçulmanos.[64]

O Corão ensina que a guerra é sempre abominável. Os muçulmanos nunca devem começar as hostilidades, pois a única guerra justa é a de autodefesa, mas, uma vez engajados, devem lutar com absoluta confiança para conduzir a luta a um final o mais rápido possível.[65] Se o inimigo propuser uma trégua ou mostrar inclinação para a paz, os muçulmanos devem, segundo o Corão, terminar imediatamente as hostilidades, providenciando que os termos de paz não sejam imorais ou desonrosos.[66] Mas o Corão também enfatiza a obrigação sagrada de se levar o conflito armado a um rápido fim e enfrentar o inimigo firmemente. Qualquer vacilação ou indecisão, que podem fazer com que o conflito se arraste indefinidamente, devem ser evitados.[67]

O objetivo de qualquer guerra deve ser restaurar rapidamente a paz e a harmonia. Por mais que estremeçamos ante o terrível espetáculo do *souk* de Medina em maio de 627, já se argumentou que, em termos estritamente políticos, foi a decisão correta. Depois dela, não houve mais atrocidades desse tipo, porque marcou o início do fim da pior fase da *jihad*: Maomé derrotou um dos maiores exércitos árabes já reunidos contra um único inimigo, na Batalha da Trincheira; neutralizou a oposição de três poderosas tribos judaicas e mostrou que não toleraria nenhuma outra traição ou complô contra a *umma*. Provara que agora era o homem mais poderoso da Arábia, que dera fim rápido e peremptório a um conflito sanguinário que poderia ter se arrastado por anos e anos.[68]

A palavra "islã" vem de uma raiz que significa paz e reconciliação. Depois do massacre dos Qurayzah, veremos uma clara mudança na política da *jihad*. Agora que não estava mais lutando por sua vida, Maomé pôde começar a impor a *Pax islamica* na Arábia. No ano seguinte, insistiu numa política de paz e reconciliação, que quase alienou seus mais próximos e leais companheiros.

* O livro foi publicado pela primeira vez em 1991, na Inglaterra.

9. Santa Paz

A vitória de Maomé sobre os coraixitas no cerco de Medina foi um triunfo magnífico. Cinco anos antes, chegara ao oásis como um refugiado cansado e exausto, perseguido quase até a morte pelo povo de Meca. Agora, revertera a situação, provando para toda a Arábia que os dias de glória de Meca haviam chegado ao fim. Falharam completamente em seu propósito de se livrar de Maomé e da *umma* e nunca recuperariam o prestígio em que baseavam seu poder e seu estilo de vida. Meca era agora uma cidade condenada, e Maomé, como até Khalid ibn al-Walid reconheceu quando os coraixitas abandonaram o cerco, era o homem do futuro. O velho sistema tribal, a ideologia da *hilm* e o capitalismo agressivo dos coraixitas provaram ser ineficientes perante o poder moral e político do islã. A fase sangrenta da *jihad* acabara. Maomé sempre quis trazê-los para o seu lado, não destruí-los, e depois do cerco tinha de começar o processo de reconciliação sem, e isso era essencial, mostrar nenhum sinal de fraqueza e indecisão.

Nessa época, a concepção de Maomé sobre sua missão parece ter mudado novamente. Desde sua vitória em Badr, começara a ver que a unidade árabe não era mais uma impossibilidade. O tratamento impiedoso dado aos Bani Qurayzah e a vitória sobre os coraixitas impressionaram as tribos beduínas, muitas das quais estavam prontas para abandoná-los e formar uma aliança com a *umma* de Medina. Agora, Maomé olhava além de Meca. Ele precisava conquistar a simpatia da cidade, porque era essencial à sua visão religiosa, mas começava a considerar a área norte de Medina uma oportunidade para a expansão do islã. Isso não significa que sonhasse conquistar o mundo. Simplesmente queria levar sua *qu'ran* árabe até as tribos do norte e talvez, também, aos árabes da Síria e do Iraque que haviam sido

absorvidos pelo sistema político e religioso dos bizantinos. Segundo uma tradição, não mencionada nas primeiras fontes, Maomé nessa época enviou cartas e ricos presentes aos imperadores de Bizâncio e da Pérsia, ao negus da Abissínia e ao muqawqis do Egito, convidando-os a aderir ao islã. É quase certo que seja uma tradição apócrifa, porque não há indícios de que Maomé visse no islã uma religião universal, que substituiria as revelações do Povo do Livro. Era ainda uma religião para os filhos de Ismael, como o judaísmo era uma religião para os filhos de Jacó. Cerca de cem anos depois da morte do Profeta, os muçulmanos continuaram a ver o islã como uma religião só para os árabes, embora possa haver um fundo de verdade na lenda das missões diplomáticas aos governantes vizinhos, que denotariam a nova confiança e uma visão mais ampla de Maomé. Ele já não era apenas o líder de uma seita perseguida ou um entre tantos outros chefes de Medina, mas um dos mais importantes *sayyids* da Arábia. Maomé também queria impedir que Meca pedisse ajuda estrangeira nessa última fase da batalha, tanto que nas cartas que nos chegaram ele pede a esses governantes somente que o aceitem como profeta. Agora, acreditava que al-Llah o enviara como profeta para *todos* os árabes. Ao mesmo tempo que escreveu aos imperadores, ao negus e ao muqawqis, diz-se que também escreveu para duas tribos árabes do norte, os Ghassam e os Hanifah, em sua maioria cristãos. Não esperava que abandonassem a cristandade, mas que entrassem na *umma* sob condições semelhantes aos clãs judeus restantes em Medina.

Nos anos de 627-8, Maomé começou a construir sua própria confederação, convidando as tribos a ficarem suas aliadas, da mesma maneira que os Ahabish se tornaram confederados dos coraixitas. Alguns beduínos haviam se convertido ao islã e parte deles participara da *hijra* para Medina, e embora as alianças que estava fazendo naquele ano fossem, com freqüência, estritamente políticas, Maomé esperava que elas acabassem levando a um compromisso religioso, mas era essencial que continuasse a apresentar uma imagem de força e determinação. Também nesse mesmo ano, despachou várias expedições contra tribos confederadas com Meca, como os Asad e os Thalabah, que estiveram um pouco mais próximos de Medina do que o usual, durante esse ano, de seca particularmente severa. O *ghazu* funcionaria como um aviso para que não tentassem nada. Também ordenou um assalto à tribo de Sa'd, que cogitava fazer

um aliança com os judeus de Khaybar. Os beduínos estavam começando a ver que era perigoso ser amigo dos inimigos da *umma*, cuja força parece ter aumentado o respeito deles por Maomé e sua religião.

Maomé não tinha planos de atacar Meca naquele ano, mas estava tentando enfraquecer seu monopólio comercial. Com mais convertidos fazendo a *hijra* e a população de Medina crescendo, tornava-se essencial para a *umma* estabelecer seu próprio comércio com a Síria e fazer as importações para o oásis. Mandou expedições para o norte, possivelmente para iniciar relações comerciais entre Medina e a Síria, assim como difundir sua mensagem religiosa. Abd al-Rahman, por exemplo, levou uma caravana para Dumat al-Jandal, no caminho para a Síria, onde todo ano acontecia uma grande feira. Gradualmente, Medina vinha impondo um bloqueio econômico a Meca desde a batalha de Badr, quando a rota do mar Vermelho se tornou impossível para os coraixitas. Durante o ano que se seguiu ao cerco de Medina, Maomé procurou estreitar esse bloqueio e, ao mesmo tempo, assegurar oportunidades comerciais para os muçulmanos. Zayd foi mandado para negociar na Síria, mas sua caravana foi atacada e ele dado por morto, embora tenha conseguido se arrastar até Medina. Logo depois, Zayd teve mais sorte com um *ghazu*, que atacou uma caravana de Meca no caminho de volta da Síria. Um dos comerciantes coraixitas nessa caravana era o genro pagão de Maomé, Abu al-As, que escapou e entrou sorrateiramente em Medina, à noite, para visitar sua antiga esposa Zaynab. Na manhã seguinte, durante as orações na mesquita, Zaynab anunciou que havia dado proteção a Abu al-As ibn al-Rabi. Maomé, que não sabia nada a respeito, defendeu o direito da filha de garantir proteção a esse homem, mas a advertiu, em particular, para não dormir com ele.

Zaynab disse a Maomé que Abu al-As se sentia muito infeliz por ter perdido a mercadoria, comprada por ele como representante de várias pessoas em Meca, que lhe haviam confiado suas posses. Imediatamente, Maomé pediu ao grupo do reide que capturara a caravana que devolvesse os bens de Abu al-As, e eles obedeceram tão escrupulosamente que restituíram até alguns velhos odres, garrafas e pedaços de madeira inúteis. Isso deu resultado. Abu al-As voltou para Meca, entregou as mercadorias a seus donos e então fez a *hijra*, convertendo-se ao islã e juntando-se a Zaynab. Abu al-As estivera disposto a renunciar a esposa e filha amadas em sua paixão pela religião pagã, mas agora seu povo estava condenado: ele tinha de

aceitar o inevitável. Algumas pessoas em Meca começaram a sentir o mesmo, Maomé devia estar ciente disso, e marcharam contra Medina em honra aos antigos deuses. Em Uhud, seu grito de guerra foi "Ó al-Uzza! Ó Hubal!", mas essas divindades não tinham poder algum contra a religião de al-Llah de Maomé. Havia, contudo, pessoas como Safwan, Ikrimah e Suhayl, chefe dos Amir, que continuaram comprometidas na luta contra Maomé.

Maomé deve ter sido informado sobre essa mudança nos ânimos por convertidos como Abu al-As e por seus próprios espiões (ele agora possuía um sistema de informação altamente desenvolvido). Mas era difícil saber exatamente como se aproximar de Meca, já que, como veremos, não tinha intenção de liderar uma ofensiva militar contra a cidade santa. Como de costume, Maomé não tinha um plano claramente definido, mas deve ter inconscientemente considerado o problema, porque, em março de 628, durante o tradicional mês do *hajj*, uma solução, ou melhor, uma visão de reconciliação e vitória, surgiu num sonho. Ele se vira com a cabeça raspada igual à de um peregrino, usando a roupa tradicional de um peregrino, parado em frente à Caaba, com sua chave na mão. O sonho parece ter-lhe dado a garantia de vitória, que mais tarde foi expressa nas palavras de Deus no Corão: "Entrareis na Mesquita Sagrada em toda segurança com a permissão de Deus, a cabeça raspada, o cabelo cortado, sem medo".[1]

Na manhã seguinte, anunciou que iria fazer a peregrinação à Caaba e convidou seus companheiros. É fácil imaginar o medo, o espanto e a alegria incerta que se apossaram dos muçulmanos quando receberam esse extraordinário convite. Maomé deixou claro que não seria uma expedição militar. Os muçulmanos usariam o tradicional manto branco dos peregrinos e não portariam armas. Era extremamente perigoso, é claro, e os aliados beduínos da *umma* declinaram o convite, mas cerca de mil Emigrantes e Ajudantes concordaram em ir com Maomé. Até Ibn Ubbay e alguns de seus defensores foram junto, o que mostra que haviam aprendido com o destino dos Bani Qurayzah e com a vitória, totalmente imprevisível, dos muçulmanos, no ano anterior. Maomé decidiu levar sua esposa Umm Salamah. Também participaram da peregrinação as duas mulheres que haviam estado presentes no Segundo 'Aqaba.

Os peregrinos começaram rapidamente os preparativos reunindo setenta camelos, que, de acordo com um antigo ritual, tinham de ser sacrificados nos

arredores do recinto sagrado. Maomé se vestiu com o tradicional traje dos peregrinos, que consistia de dois pedaços de tecido não pespontado, um dos quais era amarrado em volta da cintura, e o outro ao redor dos ombros: ainda hoje é usado pelos peregrinos que fazem o *hajj* para Meca. Umar argumentou que os coraixitas com certeza os atacariam e insistiu em que viajassem completamente armados para o caso de serem agredidos. Mas Maomé foi categórico: "Eu não vou levar armas", disse firmemente. "Não tenho outro propósito senão o de fazer a peregrinação."[2] O sonho o enchera de confiança e da certeza de que, de um ou outro modo, se aproximaria da Caaba "sem medo", embora, como veremos, não fizesse idéia do que estava para acontecer. Mas foi categórico em sua decisão de não lutar, de modo que cada peregrino levou uma pequena faca que servia apenas para caçar, e que devia ficar na bainha.

Na primeira parada, Maomé consagrou um dos camelos da maneira tradicional, fazendo-lhe marcas especiais, pendurando coroas de flores cerimoniais ao redor de seu pescoço e direcionando-o para Meca. Então, deu o velho grito dos peregrinos enquanto se aproximavam da Caaba, *"Labbayk al-Llahuma Labbayk!"*, que significa "Aqui estou, ó Deus, a seu serviço!". Alguns seguiram o exemplo, mas outros decidiram deixar a consagração formal para mais tarde, porque havia certas restrições rituais sobre a caça durante a peregrinação.

Maomé sabia perfeitamente bem que havia colocado os coraixitas em posição extremamente difícil. Como guardiões de Meca, seria vergonhoso se impedissem mil peregrinos árabes, que estavam observando meticulosamente os antigos rituais, de entrar no santuário de Meca, mas seria um enorme triunfo moral para Maomé se entrasse na cidade santa desse modo, o que simplesmente confirmaria a humilhação dos coraixitas. Suhayl, Ikrimah, Safwan e seus defensores estavam determinados a impedi-lo de entrar na cidade, mesmo se isso significasse chocar as tribos beduínas. Mas, curiosamente, Abu Sufyan parece ter ficado em silêncio. Era um homem de excepcional inteligência e provavelmente percebeu que o jogo estava no fim e que não poderiam lidar com Maomé usando os métodos convencionais.

Mas ele parecia ser a única pessoa no Senado a ter essa visão. Khalid ibn al-Walid foi mandado com uma tropa de duzentos cavaleiros para impedir que os muçulmanos entrassem na cidade e, quando os peregrinos chegaram ao Poço de

Usfan, cerca de quarenta quilômetros a nordeste de Meca, um espião trouxe a notícia de que Khalid estava a apenas treze quilômetros dali. Maomé disse, confiante: "Pobres coraixitas, a guerra os devorou! Que mal sofreriam se deixassem que eu e o resto dos árabes seguíssemos nosso caminho? [...] Por al-Llah, eu não vou cessar de lutar em prol da missão que Deus me confiou até que a faça vitoriosa ou até que eu pereça".[3] Em seguida, pediu aos peregrinos que encontrassem um guia local que pudesse conduzi-los ao santuário, a área sagrada ao redor de Meca, onde luta e violência eram proibidas. Um membro do clã dos Aslam se apresentou e os conduziu por um caminho muito irregular, fora do alcance de Khalid. Quando eles alcançaram o terreno fácil e chegaram ao limiar do santuário, Maomé recordou aos peregrinos a natureza religiosa da expedição, pois estavam para entrar num local sagrado. Estimulou-os a fazer uma transição espiritual e a deixar os pecados para trás, dizendo: "Nós pedimos perdão a Deus e nos arrependemos diante d'Ele".[4] Então, ordenou que tomassem o caminho para Hudaybiyah ao lado do santuário, dizendo-lhes que fizessem os camelos chutar a areia, para indicar a Khalid e seus homens que agora estavam fora de perigo.

O sonho de Maomé provavelmente o levou a pensar que os coraixitas cederiam à pressão e permitiriam aos peregrinos muçulmanos a entrada na cidade, mas a força armada de Khalid mostrou que preferia matar o grupo desarmado a deixar que chegasse à Caaba. Como de costume, ele reagiu à situação conforme ela se desenvolvia, embora não fizesse idéia de como tudo acabaria. Quando chegaram a Hudaybiyah, Qaswa, a camela de Maomé, que parece ter se especializado nisso, repentinamente ajoelhou-se e se recusou a sair do lugar. Os peregrinos amontoaram-se ao redor dela gritando "hal! hal!", como de hábito, mas Qaswa não se mexia, e os homens a xingaram muito por causa da teimosia. Mas Maomé disse que isso não era da natureza da camela, e lhes recordou a derrota dos abissínios no Ano do Elefante, quando o grande animal se ajoelhou em frente à Caaba: "Aquele que impediu o elefante de entrar em Meca está retendo [Qaswa]. Hoje, concordarei com qualquer condição imposta pelos coraixitas, se me pedirem para demonstrar respeito aos laços de sangue".[5] Reconciliação, não guerra, era o que caracterizava essa expedição, e ele disse aos peregrinos que desmontassem. Quando objetaram que não havia mais água, diz-se que Maomé deu uma flecha para um de seus companheiros, que a fincou num dos poços secos e a água jorrou imediatamente.

Os camelos beberam o suficiente e se deitaram, e os peregrinos, que provavelmente estavam desapontados porque não lhes fora pedido algo mais heróico, sentaram-se ao lado dos camelos. O que aconteceu foi, de fato, um *sit-in*, uma demonstração eloqüente que deve ter causado forte impressão aos beduínos. Todos os olhares se voltavam para Maomé, as notícias corriam de uma tribo a outra, e os nômades ficaram horrorizados ao ouvir que os coraixitas estavam dispostos a atacar um grupo de peregrinos árabes pacíficos, proibindo-os de chegar à Caaba, o que era um direito sagrado para todos os árabes. Sentado pacientemente no limiar do santuário, em vestes de peregrino, Maomé demonstrava que, nesse assunto, os muçulmanos estavam mais alinhados com a tradição árabe que os guardiões da Caaba. Assim que chegaram, veio uma delegação da tribo beduína dos Khuza'ah, liderada por Budayl ibn Warqa, um dos chefes que estava em visita a Meca e soubera das notícias. Quando Budayl perguntou-lhe por que viera, Maomé respondeu que os muçulmanos tinham vindo não para travar batalha, mas para visitar os lugares sagrados: se necessário, lutariam, pobremente equipados como estavam, pelo direito de visitar a Caaba, mas queriam dar tempo aos coraixitas para decidir o que iriam fazer. Budayl ficou horrorizado ao saber que era proibida a entrada a peregrinos pacíficos e prometeu que os Khuza'ah lhes dariam comida e informações enquanto permanecessem em Hudaybiyah.

Budayl retornou de imediato a Meca e repreendeu severamente a atitude dos coraixitas, que violava todas as tradições consideradas mais sagradas pelos árabes. Ikrimah recusou-se até a ouvir o que Maomé dissera, mas Safwan pediu para ouvir a mensagem. Quando Budayl enfatizou as intenções pacíficas de Maomé, alguns coraixitas mostraram-se incrédulos: "Talvez ele não queira guerrear", disseram, "mas, por al-Llah, ele não há de entrar aqui contra nossa vontade, nem os árabes jamais dirão que permitimos isso".[6] Em vez de deixá-lo entrar, juraram que impediriam Maomé de chegar à Caaba, e que lutariam até o último homem. Mas a fim de semear a discórdia entre os muçulmanos, mandaram uma mensagem a Ibn Ubbay, convidando-o a render culto diante da Caaba, porque sabiam que ele era amigo de Meca. Para surpresa dos mequenses, contudo, Ibn Ubbay respondeu que não cogitava fazer as circunvoluções antes de Maomé. Qualquer que fosse sua opinião passada — e ele voltaria a se opor a Maomé no futuro —, em Hudaybiyah Ibn Ubbay provou ser um bom muçulmano.

Outros membros dos coraixitas, incluindo Safwan e Suhayl, achavam que seria melhor negociar com Maomé. Urwah ibn Mas'ud, um confederado de Taif que estava visitando Meca, ofereceu-se para atuar como intermediário, argumentando que seria contraproducente rejeitar o justo pedido de Maomé, sobretudo porque ele declarara publicamente estar disposto a fazer concessões. Os coraixitas aceitaram a oferta de Urwah, mas primeiro mandaram um de seus aliados beduínos, al-Hulays ibn Alqama, chefe da tribo dos al-Harith e líder dos Ahabish. Ele era um pagão devoto, e assim que Maomé o viu chegando, disse a seus companheiros peregrinos: "Eis um homem piedoso, mandem os camelos preparados para o sacrifício a seu encontro". Quando Hulays viu os setenta camelos trotando em sua direção, todos lindamente enfeitados com grinaldas e marcas especiais de consagração, pensou ter visto o suficiente. Nem se deu ao trabalho de interrogar Maomé, e voltou imediatamente para contar aos coraixitas que eles realmente eram peregrinos *bona fide* e que deviam, como era seu direito, ser admitidos à Caaba. Sufwan e seus colegas ficaram furiosos com esse parecer indesejável. Disseram a Hulays para se sentar e calar a boca: ele não passava de um beduíno ignorante. Foi um grave erro, como ficou demonstrado quando Hulays prontamente se levantou e, com dignidade, disse:

> Homens de Quraysh, não foi por isso que nos aliamos e fizemos um acordo com vocês. É correto banir um homem que vem prestar honras à casa da al-Llah? Em nome daquele que tem minha vida em suas mãos, ou vocês deixam Maomé fazer o que veio fazer ou partirei com [minhas] tropas até o último homem.[7]

Os coraixitas logo se desculparam e pediram a Hulays que ficasse do lado deles até conseguirem chegar a um acordo que satisfizesse a todos.

No dia seguinte, mandaram Urwah ibn Mas'ud a Hudaybiyah. Ele se sentou com Maomé e avisou-o de que os coraixitas estavam armados até os dentes: como achava que poderia resistir a um ataque, quando estava apoiado por um grupo heterogêneo de pessoas pertencentes a diferentes tribos, algumas delas tendo lutado implacavelmente entre si no passado? Abu Bakr ficou tão enfurecido que gritou: "Vá mamar nas tetas de al-Lat!", e Urwah disse-lhe que tinha sorte de ser ele o injustiçado, do contrário seria forçado a pagar pelo insulto. Para chamar a atenção de Maomé, agarrou-o pela barba, no tradicional gesto de familiaridade árabe, mas outro muçulmano retirou sua mão com um golpe. Urwah deixou o acampamento

muito impressionado pela intensa devoção dos muçulmanos a Maomé. Como diz Ibn Ishaq, percebera que "quando fazia as abluções, eles corriam para pegar a água que havia usado; se cuspia, corriam para o cuspe; se um fio de cabelo lhe caía da cabeça, corriam pegá-lo". Urwah era um comerciante viajado, e informou aos coraixitas que nem mesmo os imperadores de Bizâncio e da Pérsia eram tratados com tal reverência. "Eu vi um povo que não o abandonará por nada, então julguem vocês mesmos", disse-lhes.[8]

Maomé decidiu despachar um mensageiro a Meca. Primeiro, mandou um dos Ajudantes, pensando que isso seria menos incendiário, mas os coraixitas detiveram o camelo do homem e o teriam matado se as tropas de Hulays não viessem em sua defesa. Depois, Maomé pediu a Umar, mas até ele se mostrava cauteloso e hesitante: nenhum homem de seu clã era suficientemente poderoso para protegê-lo, e sugeriu que Uthman ibn Affan fosse em seu lugar. Uthman tinha muitos contatos com a aristocracia da cidade, de modo que os coraixitas ouviram sua mensagem, mas permaneceram indiferentes. Disseram-lhe que, já que ele estava ali, poderia executar as *tawwaf* ao redor da Caaba se quisesse, mas, como Ibn Ubbay, Uthman recusou-se a fazê-las antes de Maomé. Os coraixitas, então, tomaram-no como refém e mandaram uma mensagem ao acampamento muçulmano dizendo que ele havia sido assassinado.

Quando Maomé ouviu essa notícia, jurou não deixar Hudaybiyah antes de enfrentar o inimigo. Era um momento de crise, e a expedição, que parecia uma idéia, sem exagero, inspirada, fracassara de forma lamentável. Nesse momento de dificuldade extrema, diz-se que Maomé entrou num transe semelhante aos desmaios que tinha quando recebia as revelações, exceto que, dessa vez, não perdeu os sentidos. Desesperadamente, deve ter buscado uma solução no fundo de sua alma. A seguir, chamou os muçulmanos e pediu-lhes que fizessem um juramento especial de fidelidade. Um por um, os mil peregrinos tomaram sua mão e fizeram um juramento que ficou conhecido como *bay'at al-ridwan*, o Pacto de Fidelidade. As fontes dão versões conflitantes sobre o conteúdo desse juramento. Alguns dizem que os muçulmanos juraram lutar contra os coraixitas até a morte, mas essa é uma opinião minoritária. Outras tradições afirmam que os muçulmanos simplesmente juraram que não fugiriam, e Waqidi disse que cada muçulmano apertou a mão de Maomé jurando seguir o que estava "em sua alma", e a ele

obedecer incondicionalmente durante a crise.[9] Todos fizeram o juramento, incluindo Ibn Ubbay e os Hipócritas, que haviam se juntado aos peregrinos.

É tentador seguir Waqidi aqui. Quando Maomé entrou naquele estado de intensa concentração, deve ter resolvido, num nível profundo e provavelmente instintivo, tomar medidas que não só iriam parecer intoleráveis, mas que poderiam até provocar uma rebelião entre seus seguidores. Seria uma inversão total de sua atitude anterior em relação aos coraixitas. Até então, era mais uma intuição que uma política racional e claramente articulada. Maomé meditava sobre a lógica profunda dos acontecimentos em Hudaybiyah, que estava tomando um rumo que ele não previra ao trazer seus peregrinos de Medina. Logo após o juramento, chegou uma mensagem dizendo que Uthman não estava morto. Maomé avistou Suhayl se aproximando do acampamento com dois companheiros e compreendeu que sua chegada significava que os coraixitas decidiram negociar. Sentou com Suhayl por longo tempo, e, depois de intensa discussão, chegaram a um acordo que consternou seus companheiros.

Maomé prometeu que, dessa vez, retornaria a Medina sem visitar a Caaba, o que significava que nenhuma das tribos árabes poderia dizer que obrigara os coraixitas a fazer sua vontade. Mas, no ano seguinte, na mesma época, os muçulmanos retornariam a Meca como peregrinos uma vez mais, e então os coraixitas sairiam da cidade por três dias, para que eles pudessem realizar em paz os ritos de *umra*, ou peregrinação menor, ao redor da Caaba. Haveria uma trégua de dez anos entre Meca e Medina, com a condição de Maomé devolver a Meca os coraixitas que se convertessem ao islã e fizessem a *hijra* sem o consentimento de seus guardiões. Mas os coraixitas não teriam de devolver os muçulmanos que passassem para o seu lado. Finalmente, as tribos beduínas estariam livres de quaisquer obrigações anteriores e poderiam escolher entre fazer aliança com Meca ou Medina. O Corão estipula que os muçulmanos sempre devem concordar com qualquer condição proposta pelo inimigo, se houver chance de trégua. Mas esses termos pareciam desonrosos para os muçulmanos. Maomé parecia estar jogando fora as vantagens obtidas durante a expedição, ao aceitar docilmente a retirada, sem insistir na peregrinação. A trégua com Meca significava que os muçulmanos não mais poderiam organizar assaltos contra as caravanas dos coraixitas: como os Emigrantes ganhariam a vida e por que Maomé estava renunciando ao bloqueio econômico

que começara a estrangular o monopólio comercial de Meca? Acima de tudo, por que razão Maomé concordara em devolver a Meca os novos convertidos se os coraixitas, por sua vez, não ficavam obrigados a devolver os muçulmanos apóstatas que deixassem Medina? Maomé parecia ter abandonado a *jihad*, na qual muitos morreram e outros arriscaram tudo, e tranqüilamente dava vantagem a Meca. Como diz Ibn Ishaq, "os companheiros do apóstolo partiram absolutamente convencidos de que ocupariam Meca devido à visão que o apóstolo tivera, mas, quando viram as negociações de paz e estavam a ponto de se retirar, e quando viram a que o apóstolo se sujeitava, ficaram deprimidos quase a ponto de morrer".[10]

Pior, a rebelião estava no ar. O pacto era mais do que Umar poderia suportar e imediatamente ele disse a Abu Bakr: "Não somos nós os muçulmanos e eles os politeístas?", perguntou. "Por que então deveríamos aceitar o que degrada nossa religião?"[11] Abu Bakr também estava abalado, mas disse a Umar ainda ter fé em Maomé. Mais tarde, Umar disse que, se encontrasse cem companheiros para segui-lo, teria deixado a *umma*. Mas Maomé via mais longe do que qualquer um em Hudaybiyah; mesmo que a peregrinação não tivesse obtido o resultado que esperava, fora uma inspiração que o colocara no caminho da paz. Ele estava prestes a conseguir algo inteiramente novo, acima da compreensão até mesmo de seus mais leais e fiéis companheiros, para não falar de soldados rasos sentados num silêncio perplexo, tentando assimilar a mudança repentina. Contudo, num nível profundo, Maomé sabia o que estava fazendo, mesmo que estivesse tateando seu caminho no escuro. Enquanto permanecesse banido da Caaba, as tribos beduínas hesitariam em se juntar a ele. Maomé tinha de provar que seus muçulmanos eram tão devotos ao lugar mais sagrado na Arábia quanto elas. Fazendo as pazes com Meca, ele ganhou acesso ao santuário, uma arma vital na guerra propagandística, e obrigou os coraixitas a reconhecer que Meca e Medina agora eram iguais, o que era importante. Isso ficava especialmente evidente na cláusula que permitia às tribos nômades abandonarem suas antigas alianças com os coraixitas e se tornarem aliadas da *umma*: a tribo dos Khuza'ah, aparentada a Maomé pelo casamento,[12] imediatamente tirou proveito da nova situação e se aliou ao Profeta. Depois da derrota dos coraixitas em Medina, o óbvio seria pressioná-los e destruí-los militarmente, mas Maomé nunca quis isso. Abandonando o bloqueio econômico,

esperava persuadi-los e conquistá-los de forma pacífica. Maomé avançava em direção a uma solução política e religiosa sem precedentes para os árabes, e isso significava que não podia lançar mão de soluções óbvias e esperadas que o prenderiam ao *status quo* insatisfatório.

Quando se sentou com Suhayl para assinar o tratado, Maomé sabia estar exigindo dos muçulmanos uma lealdade quase além do que podiam suportar. Permaneceriam fiéis ao Pacto de Fidelidade ou Maomé enfrentaria uma rebelião? As coisas ficaram ainda mais tensas quando os muçulmanos ouviram o texto definitivo do tratado. Maomé chamou Ali para escrever o que ele ditava, e quando começou com *bismallah*, a fórmula especial de abertura dos muçulmanos — "Em nome de al-Llah, o Clemente [*al-Rahman*], o Misericordioso [*al-Rahim*]" —, Suhayl imediatamente contestou. Os coraixitas sempre detestaram esses títulos divinos e ele não assinaria embaixo deles agora que Maomé parecia disposto a ceder: "Não reconheço isso, mas escreva: 'Em teu nome, ó al-Llah!'". Para horror total dos muçulmanos, Maomé imediatamente concordou e disse a Ali que mudasse a fórmula de abertura. Mas o pior estava por vir. Maomé prosseguiu: "Este é o acordo feito entre Maomé, o apóstolo de Deus, e Suhayl ibn Amr". De novo, Suhayl tinha uma objeção: "Se eu achasse que você é o apóstolo de Deus, não teria lutado contra você", disse, não sem razão. "Escreva seu próprio nome e o nome de seu pai." Ali já escrevera as palavras "o apóstolo de Deus" e disse que simplesmente não seria capaz de suprimi-las, então Maomé pediu-lhe que apontasse as palavras no pergaminho e ele mesmo as cancelaria. E continuou: "Este é o acordo feito entre Maomé ibn Abdallah e Suhayl ibn Amr".[13]

Como se a situação já não fosse difícil, o filho de Suhayl, Abu Jandal, repentinamente apareceu em cena, exatamente quando o pacto estava sendo assinado. Ele se convertera ao islã e Suhayl o aprisionou dentro de sua própria casa para impedi-lo de se juntar a Maomé, mas ele escapou e agora chegava triunfalmente, arrastando os grilhões. Suhayl foi até o filho, puxou-o pelos pés, esmurrou-lhe o rosto, agarrou suas correntes e disse: "Maomé!, o acordo entre nós foi concluído antes que este homem viesse até você". Os muçulmanos não podiam acreditar no que viam: certamente Maomé não iria trair Abu Jandal e docilmente entregá-lo a seu pai com quem sofreria humilhação e degradação. Mas Maomé permaneceu rigorosamente fiel ao pacto e se recusou a deixar que Abu Jandal

fizesse a *hijra* sem a permissão do pai. Enquanto era brutalmente arrastado por Suhayl de volta para Meca, Abu Jandal gritava a plenos pulmões: "Ó muçulmanos, é justo que eu seja entregue aos politeístas para que tentem me dissuadir de minha religião?". Como nos diz Ibn Ishaq com clássica reserva: "Isso aumentou o desânimo das pessoas". Foi um pequeno consolo quando Maomé gritou: "Ó, Abu Jandal, seja paciente e controle-se, Deus há de prover alívio e de libertá-lo e libertar aqueles que, como você, estão desamparados. Fizemos um acordo de paz com eles, no qual invocamos al-Llah, de modo que temos de manter nossa palavra".[14]

Para Umar, essa foi a última gota. Imediatamente, levantou-se e ousou desafiar o homem a quem obedecera incondicionalmente por doze anos. Ele não era o mensageiro de Deus? Os muçulmanos não estavam certos e os inimigos errados? Por que fizeram aquele acordo de paz em termos tão desonrosos? Ao deixarem Medina dias antes, Maomé lhes havia prometido, que voltariam a render culto na Caaba? Ou não? Maomé admitiu ter feito a promessa e acrescentou: "Mas por acaso disse que o faríamos este ano?". Umar foi forçado a concordar que não, e Maomé disse: "Eu *sou* o Mensageiro de Deus. Eu não vou contra seus mandamentos e ele não fará de mim um perdedor".[15] Embora ainda estivesse aflito e perplexo, Umar cedeu e concordou em assinar o tratado com Ali, Abu Bakr, Abd al-Rahman e Abdallah ibn Suhayl (irmão de Abu Jandal) e Muhammad ibn Maslama.

Mas os peregrinos ainda estavam amotinados e houve um momento perigoso em que pareceram estar à beira da rebelião. Depois da assinatura do pacto, Maomé gritou bem alto que agora eles cumpririam os ritos da peregrinação ali mesmo em Hudaybiyah, embora não tivessem chegado até a Caaba. Todos deviam raspar a cabeça e sacrificar os setenta camelos consagrados. O silêncio era total. Imóveis, os peregrinos olhavam duramente para Maomé. Desesperado, ele se retirou para a tenda, sabendo que, se não contasse com a obediência e o apoio deles nesse momento crucial, tudo estaria perdido. O que devia fazer?, perguntou para Umm Salamah, que presenciava a cena de sua tenda de couro vermelho. Ela ponderou perfeitamente a situação: Maomé devia ir até o povo outra vez, disse ela, e não proferir uma só palavra antes de sacrificar seu próprio camelo na frente de todos os peregrinos. Foi a decisão correta. O dramático espetáculo do sangue a jorrar quebrou imediatamente a tensão. Maomé saiu da tenda, sem olhar à direita ou à esquerda, foi em direção do camelo que havia consagrado e realizou o sacrifício

ritual. Era uma ação sagrada, familiar a todos os peregrinos árabes, mas era também um ato de desafio e independência, pois Maomé estava rompendo a tradição ao sacrificar o camelo fora de Meca. O ato obteve algum reconhecimento por parte da multidão silenciosa, vencendo o torpor da depressão e da incompreensão e provocando um efeito catártico. Imediatamente, os homens se levantaram e correram para os outros camelos, provavelmente aliviados por afinal poderem fazer alguma coisa. Sacrificaram os animais, gritando a velha fórmula árabe "Em teu nome, ó al-Llah!" e acrescentando o slogan muçulmano, "al-Llahu Akbar!". Quando Maomé chamou um dos Ajudantes e pediu-lhe que raspasse sua cabeça, os muçulmanos quase pularam uns sobre os outros, ansiosos para fazer o mesmo, e raspavam as cabeças uns dos outros com tal frenesi que Umm Salamah mais tarde disse ter medo que se ferissem gravemente. Reza a tradição que, justo quando começavam a deixar Hudaybiyah, um vento inesperado soprou os tufos de cabelos pretos em direção a Meca, em sinal de que Deus aceitara o sacrifício.

Os peregrinos iniciaram a viagem de volta de melhor humor, mas restara alguma mágoa e Maomé sabia que teria de compensá-los, planejando uma nova expedição que não violasse o pacto. Talvez ele mesmo ainda tivesse algumas dúvidas, pois é quase certo que esperava entrar triunfante em Meca sem ter de assinar aquele tratado difícil. Durante a viagem, parecia distante e preocupado, e Umar receou que sua rebeldia e provocação houvessem danificado, de forma permanente, a amizade entre eles. Temia que viesse uma revelação condenando sua audácia, e quando Maomé mal respondeu a um comentário, ele temeu pelo pior. Inesperadamente, um mensageiro chegou para encontrar-se com Maomé mais à frente e Umar ficou lívido. Mas, para grande alívio seu, encontrou o Profeta radiante, como se um enorme peso de ansiedade tivesse sido retirado de seus ombros. "Recebi uma sura", o Profeta anunciou, "é a mais querida para mim do que qualquer coisa sob o sol."[16] A sura 48 — a Sura da Vitória (*al-fat'h*) — revelou o significado dos acontecimentos de Hudaybiyah e trouxe complementos necessários à teologia da guerra justa. Quando os críticos ocidentais acusam o islã de ser uma religião inerentemente agressiva por causa da *jihad*, deveriam levar em conta a teologia da paz de Maomé, que foi revelada assim que conseguiu chegar até o ponto onde ele pôde começar a impor a *Pax islamica* na Arábia arrasada pela guerra.

Nos capítulos anteriores, vimos que Maomé nem sempre se expressou por meio

de imagens acessíveis, como as usadas por Jesus, mas não há tantas diferenças entre suas mensagens como pensam os cristãos. A diferença é que Maomé estava tentando implementar seus ensinamentos em termos mais práticos, ligando-os a uma situação política ou social particular. De fato, sabemos muito pouco sobre a atitude política de Jesus. Sugeriu-se recentemente que ele teria sido crucificado pelos romanos por uma tentativa de rebelião: alguns estudiosos bíblicos vêem nos relatos da expulsão dos vendilhões do Templo a versão truncada de uma ação bem-sucedida, pela qual ele e seus seguidores ocuparam o Templo por três dias. Seja como for, Jesus também parece ter pregado uma mensagem pacifista, dando a outra face, recusando a se defender mesmo verbalmente, e condenando os que viveram pela espada. Sua aparente derrota e humilhação desnorteou seus discípulos e muitos deles o abandonaram na hora da necessidade. Em Hudaybiyah, Maomé respondeu com criatividade a uma situação inesperada e também deu a outra face aos coraixitas, aceitando uma aparente humilhação, que quase fez com que seus companheiros mais próximos o abandonassem. Contudo, na Sura da Vitória, o significado profundo de sua aparente reversão foi explicado aos muçulmanos, assim como, depois da morte de Jesus, escritores como são Paulo explicaram o significado subjacente ao escândalo da cruz.

A sura começa com a declaração luminosa de que Maomé não foi derrotado em Hudaybiyah, embora parecesse o contrário:

> Demos-te uma vitória [*fat'h*] manifesta: um sinal de que Deus te perdoou os pecados passados e futuros, e completou sua graça para contigo e de que ele te guia num caminho reto e te dá seu poderoso apoio.[17]

Em Badr, Deus revelou sua presença em meio a uma batalha, que foi um sinal e uma salvação, mas Deus também esteve presente na aparente humilhação de Hudaybiyah, quando mandou sua *sakina*, o espírito da paz e da tranqüilidade: "Foi ele quem fez descer a tranqüilidade [*sakina*] no coração dos crentes para que acrescentassem fé sobre fé".[18] Deus já enviara sua *sakina* antes, quando Abu Bakr e Maomé ficaram três dias escondidos numa caverna fora de Meca, desprezados e rejeitados por sua tribo e arriscando-se a uma morte iminente e sem sentido. O termo *sakina*, é bom lembrar, parece ter relação com o termo hebraico *shekinah*, que designa a presença de Deus no mundo. Portanto, Badr e Hudaybiyah são ambos "sinais" da salvação revelando que Deus se fazia misteriosamente presente

nos acontecimentos históricos. Deus era tão ativo na paz como na guerra, e podia transformar o que parecia uma derrota numa clara vitória.

A sura prossegue dizendo que a perigosa empresa de fazer a peregrinação desarmados até Meca fora um ato de fé, para o qual os beduínos que se recusaram a ir não estavam preparados.[19] A promessa de fidelidade feita a Maomé sob a acácia fora também um ato de fé e confiança. Os coraixitas poderiam destruí-los, mas prometeram obedecer a Maomé mesmo que ele os conduzisse à mais sombria humilhação; o pacto que se seguiu também era um "sinal" que os muçulmanos tinham de interpretar, indo além das aparências para chegar a seu significado profundo.[20] Em Badr, a vitória foi um *furqan* que separou justos e injustos através da batalha; a vitória (*fat'h*) de Hudaybiyah distinguiu crentes e descrentes pelo espírito da paz :

> E quando os que descrêem eram tomados de raiva, a raiva da ignorância, Deus fazia descer a tranqüilidade [*sakina*] sobre seu mensageiro e sobre os crentes e lhes enviava a palavra da piedade.[21]

Maomé foi tomado por um imperativo que foi um ato político criativo. Intuitivamente, chegou à profunda compreensão da dinâmica da mudança na Arábia, e os acontecimentos justificariam sua visão. Agora que a *umma* não corria mais risco de extinção, a *jihad* se tornaria um esforço pela paz que exigia toda sua paciência e engenho. Portanto, Badr e Hudaybiyah, dois lados de uma mesma moeda, foram essenciais para compreeder o Corão. Às vezes, era necessário lutar para preservar valores decentes e, enquanto durasse a guerra, os muçulmanos deveriam empenhar-se com absoluta dedicação e não dar sinais de fraqueza, caso contrário ela se arrastaria interminavelmente, causando mais derramamento de sangue e mais conflitos inúteis. Mas havia também um tempo para a paz, mesmo se implicasse humilhação, porque isso poderia ser melhor a longo prazo. Não que o islã pregue total intransigência e inspire um fanatismo estúpido. Ao contrário, o Corão desenvolve uma teologia complementar da guerra e da paz que muitos cristãos não teriam dificuldade em aceitar.

Mas, como explicou o Corão, Hudaybiyah exigia fé. Se a visão religiosa de Maomé não fosse prioritária, ele não seria capaz de fazer com que seus seguidores permanecessem com ele. Se a maioria quisesse um rápido triunfo político, não estaria preparada para esse ato de fé. A Sura da Vitória termina com a serena visão

de uma comunidade caracterizada principalmente por um espírito religioso que claramente se enquadra na tradição das revelações anteriores do judaísmo e do cristianismo:

> Muhammad, o Mensageiro de Deus, e os que estão com ele, são duros para com os descrentes, mas compassivos entre si. Podes vê-los ajoelhados, prosternados, implorando a graça de Deus e Sua aceitação. Seus indícios estão nos seus rostos: os traços da prostração. A sua semelhança está na Torá e no Evangelho: tal uma semente que brota, depois cresce e fortalece, e depois se levanta firme sobre seu pé, provocando a alegria dos semeadores e a raiva dos descrentes. Deus promete o perdão e uma recompensa generosa aos que dentre eles crêem e praticam o bem.[22]

Pode-se objetar que essa devoção tem um lado agressivo e parece concebida para "provocar a raiva" dos descrentes. Mas as três tradições do monoteísmo histórico mostram essa intransigência e a recusa de fazer concessões quanto a princípios religiosos essenciais. Até o pacato Jesus disse que viera para trazer não a paz mas a espada,[23] e os Evangelhos nos dão uma imagem muito mais violenta do que, às vezes, encontramos na devoção popular.

Entretanto, para que a *umma* continuasse a prosperar e tomar seu espaço ao lado das revelações anteriores, tinha de crescer e atrair novos convertidos. Aqui, viu-se que a política conciliatória de Maomé deu resultados imediatos, porque a trégua criou uma atmosfera mais relaxada, o que estimulou a discussão entre muçulmanos e pagãos e a livre troca de opiniões. Comentando a "clara vitória" em Hudaybiyah, Ibn Ishaq diz:

> Nenhuma vitória anterior do islã foi maior que esta. Antes, os homens não se encontravam sem que lutassem entre si; mas, quando foi decretado o armistício e a guerra foi abolida e os homens se sentiam em segurança e trocavam opiniões, nenhuma conversa inteligente sobre o islã terminava sem que houvesse conversões. Naqueles dois anos [628-30], o dobro ou mais que o dobro de pessoas entrou para o islã.[24]

Em Hudaybiyah, Maomé mostrou que o islã tinha suas raízes nas tradições mais sagradas dos árabes, e seu meteórico crescimento rumo ao sucesso na Arábia provou que essa religião funcionava. Os árabes não eram fanáticos, e os anos difíceis no deserto os tornaram profundamente pragmáticos. Quando consideravam o sucesso prático da *umma*, pensavam que ali poderia estar a mudança que as pessoas procuravam havia tanto tempo.

Mas, de acordo com o tratado de Hudaybiayh, Maomé devia devolver qualquer

convertido que fizesse a *hijra* para Meca, e agora tentava encontrar uma maneira de se libertar disso. O pacto, por exemplo, não dizia nada sobre a devolução das mulheres convertidas; assim, quando a meia-irmã de Uthman emigrou para Medina logo após Hudaybiyah, Maomé se recusou a devolvê-la. Esse caso estabeleceu um precedente que tornou possível às mulheres fazer a *hijra*, mas, se viessem sem o consentimento de seus responsáveis, precisavam devolver seus dotes aos coraixitas. Por volta da mesma época, um convertido bastante obstinado apareceu em Medina. Abu Basir ibn Asid, um confederado do clã dos Zuhrah, conseguiu escapar dos seus tutores e fez a *hijra*. Os coraixitas despacharam um emissário, que levou consigo um escravo liberto, para trazer Abu Basir de volta, e Maomé, com pesar, explicou-lhe que não tinha opção, a não ser devolvê-lo a Meca. Mas Abu Basir não iria desistir tão fácil. Quando os três viajantes estavam descansando em Dhu al-Hulayfa, cerca de treze quilômetros ao sul de Medina, apossou-se da espada do emissário e o matou. O escravo liberto correu horrorizado de volta para Medina e se atirou aos pés de Maomé, gaguejando a notícia terrível, enquanto o próprio Abu Basir chegava à mesquita. Abu Basir disse que Maomé não teria de responder pelo ocorrido, porque a honra fora satisfeita quando o devolvera aos coraixitas; e já que não havia sido capaz de fazer a *hijra*, tecnicamente não era um muçulmano, de modo que Maomé não era culpado pela morte do emissário. Mesmo assim o Profeta recusou-se a aceitá-lo na *umma* e tentou entregá-lo ao pobre escravo liberto, que, assustado com a idéia de viajar trezentos quilômetros sozinho com Abu Basir, apressadamente se desculpou e fugiu para salvar a própria vida. Então, Maomé disse a Abu Basir que, embora não pudesse ficar em Medina, agora era um homem livre para ir aonde quisesse. À partida de Abu Basir, Maomé fez um comentário ambíguo: "Que agitador! Imagine o estrago que teria causado se houvesse mais pessoas com ele".[25]

Abu Basir entendeu a indireta e foi para o acampamento em al-Isa na costa do mar Vermelho, perto da rota comercial que os coraixitas voltaram a usar após o armistício. As notícias acerca do incidente chegaram a Meca, incluindo o comentário aforístico de Maomé, a que pessoas como Abu Jandal ibn Suhayl, ansioso para fazer a *hijra*, se apegaram avidamente. Desde Hudaybiyah, a vigilância dos adultos responsáveis diminuíra, e cerca de setenta jovens não tiveram dificuldade em escapar de Meca e fazer o caminho, não até Maomé em Medina,

mas até Abu Basir em al-Isa. Não havia nada no pacto de Hudaybiyah que proibisse isso, e nenhum dos jovens era membro da *umma*. Eles se tornaram ladrões de estrada e atacavam as caravanas de Meca que passavam ao longo da rota comercial para a Síria. Maomé não era responsável por eles e não podia ser acusado de romper o pacto, mas os coraixitas descobriram que, na verdade, o antigo boicote econômico fora parcialmente restabelecido. Desde sua derrota, o prestígio dos coraixitas declinara tanto que não estavam em condições de pedir ajuda aos beduínos da região, caso mandassem um exército para acabar com os jovens ladrões de estrada. Acabaram sendo forçados a pedir a Maomé que revogasse o tratado, recebendo os jovens na *umma*. Maomé ficou muito feliz em mandar chamá-los, mas já era tarde para Abu Basir, que acabara de morrer.

Maomé pôde contornar os termos do pacto valendo-se de um detalhe técnico. Era uma manobra comum na Arábia. Apenas um ano depois, os coraixitas tentariam algo parecido na luta contra ele. Hábil político árabe, Maomé sabia tirar proveito das leis do sistema tribal, e isso pode ser desconcertante para um ocidental moderno que, bem compreensivelmente, considera a ética tribal cruel e arbitrária, e acha desagradável o fato de Maomé usá-la. Há muito superamos a ética tribal ou comunitária, embora fosse o único modo de assegurar um pouco de paz e ordem em tempos mais primitivos. Durante séculos, funcionara bem na Arábia, mas agora seus dias estavam contados. Maomé, como todos os seus contemporâneos, ainda estava profundamente enraizado no sistema tribal e aceitava os seus princípios básicos. Era a única comunidade política e o único sistema de segurança social que conhecia e, durante esse período de transição, seria impossível fazer uma mudança radical. No caso de Abu Basir, Maomé usou habilmente um pormenor da lei tribal para fortalecer a *umma*, que estava procurando reformar o sistema decadente e corrigir alguns de seus piores abusos.

Portanto, na legislação social do Corão, Maomé não rompeu completamente com o tribalismo. O Corão vê a vingança como sinal de virtude e obrigação social e religiosa.[26] É difícil para pessoas acostumadas ao Sermão da Montanha aceitar isso. Consideramos abominável que um livro sagrado recomende que um ladrão tenha suas mãos cortadas, e não entendemos por que Maomé não proíbe a vingança nem prega uma mensagem de perdão. Mas devemos lembrar que Jesus não era chefe de Estado, como Maomé depois de Hudaybiyah. Jesus não teve de se preocupar com a

manutenção da ordem pública, tarefa desempenhada pelo *establishment* religioso, contra o qual diz-se que agiu, e pelos funcionários de Roma. Se fosse o responsável pela legislação social seria, com toda certeza, forçado a recorrer a métodos igualmente draconianos, porque na maioria das sociedades pré-modernas a lei tinha de ser imposta com severidade e brutalidade que hoje nos parecem terríveis. Mesmo na Inglaterra, até recentemente, não só mutilávamos os ladrões: também os matávamos por pequenos delitos ou os enviávamos às colônias como escravos. É lamentável que alguns países islâmicos, e certamente não são todos, preservem essas velhas punições, mas é injusto estigmatizar o Corão e a tradição islâmica como brutais. Já se observou que, posteriormente, os governantes muçulmanos não puderam continuar usando apenas a legislação corânica, porque era muito branda para ser eficiente em comunidades maiores; tiveram de implementar uma nova legislação que a complementasse para assegurar um mínimo de segurança social.[27]

Maomé via a *umma* como uma espécie de supertribo e deu continuidade às antigas formas de estabelecer a ordem. Não havia força policial em Medina ou na Arábia; desde tempos imemoriais eram os familiares mais próximos os responsáveis pela punição dos delitos e pela criação de medidas que inibissem a violência da melhor forma possível. O Corão preserva esse sistema e diz aos parentes que eles têm a obrigação de vingar um assassinato.[28]

A vingança deve ser estritamente limitada: *apenas* um olho podia ser exigido por outro olho, um dente por um dente, caso contrário a nova vítima, excessivamente punida, poderia "ser ajudada"; isto é, os de sua tribo teriam de lhe dar sua *nasr* e reiniciar a agressão, recomeçando novo ciclo de violência. De fato, o Corão mostra que é um ato de virtude se satisfazer com *menos* do que é devido. Recorda as normas que Deus enviou aos profetas hebreus constantes da Torá, endossadas mais tarde pelos sábios e rabinos, e vai um passo à frente:

> Na Torá, prescrevemos aos judeus: vida por vida, olho por olho, nariz por nariz, orelha por orelha, dente por dente, ferimento por ferimento. Mas quem perdoar, seu perdão será sua expiação.[29]

Quando Jesus se referiu a essas palavras da Torá, disse a seus seguidores para amar seus inimigos: ele era um homem arguto e esse paradoxo encerra uma visão religiosa profunda porém complexa, nem sempre fácil de interpretar. Maomé não

foi tão longe quanto Jesus. Quando disse aos muçulmanos que se perdoassem mutuamente e desistissem da retaliação, provavelmente estava incitando-os a contentar-se com a multa de sangue em vez de tirar outra vida. Esse ideal de perdão, por mais limitado que seja, era uma inovação na Arábia e um avanço moral em relação ao antigo sistema.

Diz-se com freqüência que, enquanto o cristianismo é uma religião do amor, o islã é uma religião da justiça social. Amar nossos semelhantes é visto pelos cristãos como um teste da verdadeira religião; a definição corânica do espírito religioso é menos ambiciosa mas, sem dúvida, mais prática:

> Piedoso é aquele que crê em Deus e no Último Dia e nos anjos e no Livro e nos profetas; que dá dos seus bens, embora apegado a eles, aos parentes, aos órfãos, aos necessitados, aos viajantes, aos mendigos; que liberta os escravos, recita as preces e paga o tributo dos pobres [*zakat*].[30]

Na *umma*, a sociedade seria organizada com base em princípios igualitários: as mesmas obrigações eram exigidas de todos e não devia haver elite ou hierarquia de padres e monges. A filantropia tentaria diminuir o abismo entre ricos e pobres, e libertar um escravo era ato virtuoso.[31] Em princípio, todos na *umma* seriam tratados do mesmo modo: se o amor não pode prevalecer nem ser forçado, pode-se legislar sobre a justiça e a igualdade. Ao que parece, o Corão e, mais tarde, a lei sagrada islâmica (*shari'a*) de fato ajudaram os muçulmanos a cultivar um espírito profundamente igualitário.[32] Não muito depois da morte de Maomé, um importante chefe beduíno chamado Jabalah ibn al-Ayham tornou-se muçulmano. Um dia, um membro humilde da *umma* golpeou uma de suas faces. O princípio islâmico não exigia que Jabalah desse a outra face, e ele estava plenamente convencido de que uma punição severa seria imposta ao agressor em virtude de sua alta posição social. Em lugar disso, disseram-lhe que teria simplesmente o direito a dar um tapa no agressor, para vingar a ofensa de forma exata e justa. Jabalah ficou tão indignado que abandonou o islã e retornou ao cristianismo.

É possível ver o ideal igualitário do islã como uma maneira prática de promover o amor fraternal pela redução de todos os homens ao mesmo nível político e social. Logo após a *hijra*, diz-se que Maomé introduziu a prática de "irmanamento", segundo a qual cada Emigrante era ligado a um dos Ajudantes, a quem devia estimar como a um irmão. Era uma tentativa de fundir os três grupos tribais numa

comunidade unida, ilustração prática da nova afinidade religiosa que transcendia os laços de sangue. Nas três religiões de tradição monoteísta o ideal da comunidade é um valor supremo e sagrado. A idéia de que, onde quer que dois ou três homens estejam reunidos, Deus está no meio deles, é fundamental tanto para o judaísmo como para o cristianismo. São Paulo escreveu que a comunidade cristã compunha o Corpo de Cristo, e veremos que a *umma* adquiriu importância quase sacramental na devoção muçulmana. Maomé estava cultivando o individualismo que começava a aparecer na Arábia: assim, o Corão decreta que os parentes de um homem morto podem punir apenas seu assassino, não qualquer membro da tribo do agressor, como no antigo sistema.[33] Mas a idéia comunitária também continuou sendo fundamental, e o sentimento da fraternidade entre todos os muçulmanos tornou-se muito profundo no islã.

Maomé baseou seu sistema moral na *muruwah*, o antigo humanismo tribal dos árabes, que se preocupava com o bem-estar comum, a cooperação e o cuidado com os pobres e vulneráveis. A principal inovação de Maomé foi estender esses princípios para incluir todos os muçulmanos na totalidade da *umma*, e não apenas os membros de cada tribo. Para ajudar seus companheiros a cultivar o sentido de que todos os muçulmanos — quer pertencessem aos Aws, aos Khasraj ou aos coraixitas — agora eram irmãos, ele deitou as fundações do que seria, no futuro, uma comunidade política distintamente islâmica. Essa é uma das razões por que tem sido difícil para os muçulmanos se adaptar ao ideal ocidental de Estado-nação, que volta a dividir a *umma* em grupos separados ou em "tribos" potencialmente hostis.[34]

De fato, Maomé estabeleceu um padrão elevado de "irmandade" por meio de seu próprio comportamento. O homem que se tornava cada vez mais temível aos seus inimigos era profundamente amado dentro da *umma*, que, apesar do perigo constante que tinha de enfrentar, parece ter sido uma comunidade muito feliz. Maomé se recusava a se distanciar dos outros muçulmanos por meio de formalidades. Não gostava que se dirigissem a ele usando títulos honoríficos pomposos, e freqüentemente era visto sentado com toda naturalidade no chão da mesquita, não raro com os membros mais pobres da comunidade. As crianças eram especialmente chegadas a ele, que sempre as tomava no colo, abraçando-as e beijando-as. Era costume as crianças da *umma* saírem para encontrá-lo na volta de

uma expedição e o conduzirem para dentro do oásis, em procissão triunfal. Se ouvia um bebê chorar na mesquita durante as orações das sextas-feiras, quase sempre as concluía antes do previsto: não suportava pensar na angústia da mãe do bebê.

As leis formuladas no Corão soam cruéis para nós hoje, mas o Profeta era conhecido por ser tolerante. Uma tradição nos conta que, uma ocasião, Maomé sentenciou um homem pobre que cometera um crime menor: seu castigo seria dar esmola. O homem respondeu que não tinha nem comida nem bens para dar. Naquele exato momento, uma grande cesta de tâmaras foi carregada para dentro da mesquita, como um presente para o Profeta. "Tome", disse Maomé, e mandou-o distribuir as tâmaras entre os pobres. O criminoso respondeu que, honestamente, não conhecia ninguém no assentamento em piores condições que ele. Maomé riu e disse-lhe que seu castigo seria comer as tâmaras.

Desde o início, o cultivo da bondade e da compaixão foi fundamental para a mensagem islâmica. A lei podia parecer um instrumento severo naquele período, mas tivera início o processo de refinamento (*tazaqqa*) das atitudes dos muçulmanos. De novo, Maomé deu o exemplo. Uma tradição diz que um dia ele viu um liberto engajado numa tarefa árdua. Foi até ele furtivamente e, por trás, tapou-lhe os olhos com as mãos, como fazem as crianças. O liberto disse que só mesmo o Profeta pensaria em aliviar seu dia com uma ação carinhosa.

Durante séculos, no Ocidente, tendemos a pensar em Maomé como figura austera, guerreiro cruel e político insensível. Mas foi homem de grande bondade e sensibilidade. Amava os animais, e se via um gato dormindo sobre seu manto não sonharia em incomodá-lo. Já se disse que uma forma de avaliar uma sociedade é ver sua atitude em relação aos animais. Todas as religiões promovem o amor e o respeito pelo mundo natural, e Maomé estava tentando ensinar isso aos muçulmanos. Durante a *jahiliyah*, os árabes trataram os animais muito cruelmente: costumavam cortar pedaços de carne para comer enquanto os animais ainda estavam vivos, e colocavam doloridas argolas no pescoço dos camelos. Maomé proibiu que se marcassem os animais de forma cruel ou que se organizassem lutas entre eles. Uma tradição nos mostra Maomé contando a história de um homem que deu água a um cachorro num dia seco e foi para o Paraíso, e de uma mulher que matou seu gato de fome e foi para o inferno. A preservação dessas tradições

mostra quão importantes eram os valores no mundo muçulmano e quão rapidamente a comunidade avançou rumo a uma visão mais humana e compassiva.

Agora, os judeus estavam prestes a ser integrados nessa Arábia mais humana. Logo após Hudaybiyah, Maomé mandou uma mensagem à Abissínia, convidando os muçulmanos de lá a se juntar a ele em Medina para ajudá-lo na luta. A seguir, voltou sua atenção novamente para o norte. O assentamento judaico de Khaybar, que desempenhara papel bastante perigoso durante o cerco de Medina, fora castigado pelo destino dos Bani Qurayzah, mas ainda incitava a hostilidade das tribos do norte. Maomé queria garantir-se de que Khaybar nunca mais ameaçaria a segurança da *umma*, e assim, não muito depois de seu retorno de Hudaybiyah, dirigiu-se para lá com uma força de cerca de seiscentos homens. Dessa vez, como o butim parecia promissor, seus aliados beduínos demonstraram bastante interesse em acompanhá-lo, mas Maomé não permitiu: queria recompensar os muçulmanos que se sentiram contrariados e frustrados em Hudaybiyah, e deixar que satisfizessem seu desejo de entrar em ação. Mas Khaybar era um poderoso assentamento, considerado inexpugnável. Como Medina, era circundada por planícies de rochas vulcânicas, e as plantações de tâmaras e os pomares estavam protegidos por sete grandes fortalezas. Os coraixitas custaram a acreditar na notícia de que Maomé partira nessa expedição imprudente: parecia, com um exército tão pequeno, estar procurando o desastre.

Mais uma vez, porém, Maomé tinha a seu favor a desunião crônica que parecia acompanhar o declínio do sistema tribal na Arábia. Diferente da *umma*, Khaybar estava profundamente dividida. Cada uma das tribos no assentamento era autônoma, e todos achavam impossível unir forças contra um adversário comum. Mandaram mensagem aos seus confederados, os Ghatafan, que não apareceram. Alguns disseram ter ouvido uma voz misteriosa chamando-os de volta para o seu território, mas Maomé talvez os tenha subornado, para que ficassem de fora, com a promessa de parte substancial da safra de tâmaras de Medina. Os muçulmanos chegaram a Khaybar à noite. Pela manhã, os trabalhadores, que caminhavam com suas pás e cestas, se depararam com um exército totalmente silencioso. Gritaram: "Maomé e seus homens!", e correram de volta ao assentamento. *"Al-Llahu Akbar*!", gritou Maomé. "Este é o fim de Khaybar."

Na verdade, o assédio de Khaybar durou um mês inteiro. Sistematicamente, os

muçulmanos cercaram os fortes, um por um, atirando-lhes flechas até que se rendessem, saqueando-os e fazendo reféns. Finalmente, os judeus se aproximaram de Maomé com uma proposta de paz, quando ficou claro que não teriam como vencer. De acordo com o preceito corânico, Maomé aceitou os termos, que não eram particularmente humilhantes para os Khaybar. Era exatamente o tipo de acordo que os árabes nas áreas assentadas muitas vezes faziam com os beduínos, que, em geral, eram melhores soldados. Em troca da metade de sua safra de tâmaras, Maomé daria proteção militar aos judeus de Khaybar, e eles se tornariam vassalos de Medina, substituindo seus antigos protetores beduínos por Maomé. Quando os judeus de Fadak, um pequeno mas rico oásis a nordeste de Khaybar, souberam do acordo, decidiram antecipar um possível ataque muçulmano e se render a Maomé nos mesmos termos. Para selar a aliança, Maomé se casou com a bela Safiyah, de dezessete anos (filha de seu velho inimigo Huyay), que havia enviuvado durante a batalha. Diz-se que ela previra em sonho a derrota dos judeus para Medina e queria muito se converter ao islã. O casamento foi celebrado durante a primeira metade da viagem para casa.

Quando retornaram, também chegavam a Medina os muçulmanos vindos da Abissínia, e Maomé abraçou seu primo Ja'far, a quem vira pela última vez quando este ainda era um jovem de 27 anos, treze anos antes. Maomé beijou-o na testa, dizendo que não sabia o que o deixava mais feliz, a vitória de Khaybar ou esse reencontro. Tomou também mais uma esposa. Antes, naquele mesmo ano, recebera a notícia de que seu primo e cunhado Ubaydallah ibn Jahsh morrera na Abissínia. Ubaydallah, convém lembrar, já era monoteísta antes da ida de Maomé, e na Abissínia, para desgosto da comunidade muçulmana de lá, abandonou o islã e se tornou cristão. Maomé decidiu casar com a esposa dele, Ramlah, em geral conhecida por seu *kunya* Umm Habibah, e, quando o período de luto acabou, o casamento foi realizado por procuração, perante o negus. Este obviamente não era um casamento por amor, mas uma inteligente jogada política, porque Umm Habibah era filha de Abu Sufyan. Um aposento foi preparado para ela ao lado da mesquita, e quando chegou a Medina mudou-se diretamente para lá, ao passo que Safiyah ficou hospedada numa residência vizinha até que seus aposentos ficassem prontos.

Aisha afligiu-se quando soube da nova esposa. Umm Habibah não era ameaça

para ela, mas a garota judia era simpaticíssima. Quando Maomé perguntou-lhe o que pensava de Safiyah, Aisha foi direta e sem-cerimônias. Não conseguia entender o porquê de tanto estardalhaço, respondeu; as judias são todas iguais. "Não diga isso", respondeu Maomé, "pois ela entrou para o islã e fez valer sua conversão." De início, Safiyah passou por momentos difíceis no harém, porque as outras esposas logo começaram a insultá-la por causa de seu pai Huyay. Um dia, ela foi aos prantos até Maomé, que a confortou. Devia dizer às demais: "Meu pai é Aarão e meu tio é Moisés".[35] Mas, afinal, Aisha e ela se tornaram boas amigas, e as três esposas mais jovens — Aisha, Hafsah e Safiyah — formaram um trio à parte.

O resto do ano foi gasto com reides rotineiros, alguns deles a pedido dos novos aliados judeus do norte. Então, no mês sagrado de *dhu al-hijja*, março de 629, era a época de Maomé conduzir os peregrinos à peregrinação menor até a Caaba, conforme o tratado de Hudaybiyah. Dessa vez, 2600 peregrinos acompanharam Maomé e quando se aproximaram do santuário de Meca, os coraixitas evacuaram a cidade, conforme prometido, para que os peregrinos muçulmanos pudessem visitar os locais sagrados em paz. Os chefes permaneceram juntos no topo da montanha Abu Qubays e assistiram, amedrontados, à extraordinária cena. A enorme multidão de peregrinos, com suas roupas brancas, enfileirava-se vagarosamente dentro da cidade sagrada, guiada por Maomé, montado em Qaswa, e seu brado ecoava por todo o vale: "Cá estou a teu serviço, ó Deus!". Quando chegaram à Caaba, Maomé desmontou e beijou a Pedra Negra, abraçando-a e afagando-a, e então deu início às circunvoluções, seguido por todos os peregrinos. Para completar o antigo ritual da peregrinação menor, que, diferentemente do *hajj*, não incluía a visita ao monte Arafat e ao vale de Mina, os peregrinos correram sete vezes entre as colinas de Safa e Marwah.

Para Maomé e os Emigrantes devia ser uma experiência muito estranha voltar àquela cidade deserta. E também devia ser terrível para os coraixitas ver Bilal, o negro da Abissínia que fora um simples escravo na cidade deles, subir até o topo da Caaba e chamar os fiéis à oração três vezes ao dia. Abbas, o tio de Maomé, veio à cidade visitar o sobrinho e oferecer sua irmã Maymunah, que recentemente enviuvara, como esposa. Maomé aceitou, possivelmente para atrair Abbas a aderir, finalmente, à sua religião, e convidou os coraixitas para a festa de casamento. Já era ir longe demais, e Suhayl desceu de Abu Qubays para dizer a Maomé que seus três

dias estavam chegando ao fim e que devia deixar a cidade imediatamente. Sa'd ibn Ubadah, um dos Ajudantes, estava com Maomé e ficou furioso com a aparente descortesia, mas Maomé rapidamente o silenciou: "Ó Sa'd, não seja rude com quem nos visita em nosso acampamento".[36] Para surpresa dos coraixitas, ao anoitecer toda a multidão de peregrinos havia deixado a cidade, com uma disciplina inconcebível para os mequenses, cuja decadência se devia, em parte, à sua própria desunião e indisciplina.

Essa peregrinação, avidamente discutida por toda a Arábia, serviu de alerta para os coraixitas mais jovens, e foi um imenso triunfo moral para Maomé. A partir de então a cidade estava condenada. Mais e mais beduínos tornaram-se confederados de Maomé e muitos jovens cidadãos de Meca fizeram a *hijra*. Duas dessas conversões foram particularmente significativas. Amr ibn al-As e Khalid ibn al-Walid tornaram-se os mais importantes guerreiros da cidade, depois de Badr, mas logo perceberam que não havia mais futuro para eles em Meca. Como disse Khalid: "O caminho ficou claro. O homem certamente é um profeta, e por al-Llah, serei muçulmano".[37] A ajuda divina parecia ser a única explicação possível para o extraordinário sucesso de Maomé. Diz-se que Khalid e Amr fizeram a *hijra* juntos e foram recebidos festivamente em Medina. Khalid receava que seu passado pesasse contra ele. Fora um dos líderes em Uhud e na Batalha das Trincheiras, sendo responsável pela morte de muitos muçulmanos, e temia uma vendeta. Mas Maomé assegurou-lhe que o ato de *islãm* apagava as velhas dívidas e representava um começo inteiramente novo. Esse era um princípio essencial da *umma*. Não somente significava o renascimento espiritual, como era o único modo de o islã impor a paz na Arábia.

Foi um ano triunfante para Maomé, mas também um ano de tristeza. Logo após a peregrinação menor, sua filha Zaynab morreu e, mais tarde, perdeu mais dois membros de sua família numa expedição na fronteira com a Síria. Durante os últimos anos de vida, o Profeta voltou de modo crescente sua atenção para o norte. Não sabemos ao certo o que o levou a isso, mas a situação política fora da Arábia mudara drasticamente. Por décadas, a Pérsia e Bizâncio estiveram engajados numa guerra exaustiva. Durante a carreira inicial de Maomé, a Pérsia estava em ascendência, invadira a Síria e cercara Constantinopla. Isso deve ter preocupado os coraixitas e feito com que repensassem sua posição de neutralidade. Mas,

recentemente, a maré mudara em favor de Bizâncio e, em 625, o ano de Uhud, Heráclio expulsou os persas e começou a invadir o território deles. Se, no norte, Maomé pudesse ocupar com tribos árabes a posição ora ocupada pelo império cristão, talvez tivesse condições de desafiar ao mesmo tempo os bizantinos e os sassânidas. Naqueles últimos anos, entretanto, ele parecia estar tentando marcar presença na fronteira, atraindo as tribos cristãs do norte para dentro da *umma*, nas mesmas bases do que acontecia com os assentamentos judaicos.

Em todo caso, Maomé enviou Zayd e Ja'far à fronteira síria como chefes de um forte exército de 3 mil homens. A expedição permanece um mistério e muitas informações essenciais foram perdidas. Aparentemente, enquanto marchavam, os muçulmanos foram informados de que Heráclio se encontrava próximo, com cerca de 100 mil homens. Mesmo assim, decidiram seguir em frente. Na vila de Mu'ta, perto do mar Morto, onde atualmente é a Jordânia, foram atacados por um destacamento de bizantinos. Zayd, Ja'far e outros dez muçulmanos foram mortos, e Khalid, que também acompanhava a expedição, decidiu levar o exército de volta para casa.

Ao saber da notícia, Maomé foi imediatamente visitar as famílias de Zayd e Ja'far. A esposa de Ja'far, Asma, lembra que estava assando pão quando Maomé chegou, e soube pela expressão de seu rosto que algo terrível acontecera. Maomé pediu para ver os dois filhos de Ja'far, ajoelhou-se ao lado deles, abraçou-os bem forte e chorou. Asma começou a chorar alto e a se lamentar, segundo o tradicional costume árabe, e as mulheres correram até ela. Ao sair, Maomé pediu-lhes que cuidassem da família e levassem comida nos dias seguintes. Quando Maomé ia voltando para a mesquita, a pequena filha de Zayd correu para fora de casa e se jogou em seus braços. Maomé pegou-a no colo e permaneceu lá, segurando-a e soluçando convulsivamente.

Não sabemos exatamente por que Khalid decidiu trazer o exército de volta, já que o número de baixas fora pequeno, mas, quando chegaram a Medina, foram vaiados, e Maomé os tomou sob sua poderosa proteção. Cerca de um mês depois, a honra foi restaurada quando Amr ibn al-As liderou outra expedição para atacar as tribos do norte, que, ao que parece, estavam se concentrando na fronteira, pondo-as facilmente em fuga.

Mas houve uma grande alegria pessoal para Maomé naquele ano. Diz-se que o

muqawqis do Egito presenteou Maomé com uma jovem escrava egípcia de cabelos encaracolados, uma cristã copta chamada Maryam, e Maomé tomou-a como concubina. Ele costumava visitá-la diariamente, passando muito tempo juntos, provavelmente aliviado por poder escapar da atmosfera ciumenta do harém. Ninguém achava isso estranho. A Torá tolerara o concubinato quando os israelitas estavam num estágio similar, passando de nômades para sedentários. O próprio Abraão tomou Agar como concubina, e Ismael, o pai dos árabes, foi fruto dessa união. Assim, pareceu propício Maryam ficar grávida e, quando seu filho nasceu no ano seguinte, Maomé o chamou Ibrahim.

No entanto, como era de esperar, as esposas de Maomé sentiam muito ciúme daquela mulherzinha que carregava o filho do Profeta. Aisha e Hafsah organizaram um protesto e uma rebelião no harém. É difícil entender esse estranho incidente, que provocou uma grande crise e que talvez tenha tido mais implicações do que podemos ver. A história é atribuída a Umar, que tinha opiniões rígidas sobre as mulheres, acreditava que elas deviam ser vistas e não ouvidas, e sentia que as esposas dos Emigrantes estavam adquirindo os maus hábitos das mulheres de Medina. Maomé, todavia, era muito mais brando e indulgente com suas mulheres e, certa vez, Umar ficou horrorizado ao ouvir uma algazarra horrível vinda dos aposentos do Profeta. As esposas estavam disputando um butim recente e insistiam que Maomé desse a sua própria família uma parte maior do que para o resto da *umma*. Umar chamou Maomé, pediu permissão para entrar, e imediatamente todas silenciaram. Quando entrou, o Profeta ria sem parar: assim que ouviram a voz de Umar, as mulheres esconderam-se apavoradas atrás do *hijab*. Umar observou, gravemente, que seria melhor se as esposas tivessem o mesmo respeito para com o Profeta e gritou para as mulheres, encolhidas atrás da cortina: "Ó inimigas de si mesmas, vocês estão com medo de mim e não do Mensageiro de Deus?". "Mas claro!", uma das esposas respondeu, "você é mais rude e severo que o Mensageiro de Deus."[38]

Umar já estava preocupado por sua filha Hafsah estar fugindo ao controle, insistiu que moderasse os ciúmes e aceitasse o fato, por exemplo, de não ser tão atraente quanto Aisha. Mas Hafsah se tornara tão intolerante com Maryam que, a certa altura, Maomé, exausto, prometeu não vê-la de novo, mas percebeu que nada mudara. Instigadas por Aisha e Hafsah, as esposas zombavam de Maryam, e

continuavam brigando e se digladiando. Finalmente, a atmosfera ficou tão pesada que Maomé afastou-se de todas as suas esposas por um mês.

Mas, como em muitas dessas histórias de harém, essa briga parece refletir um problema do resto da *umma*. Depois da vitória de Khaybar, os muçulmanos desfrutaram de nova prosperidade. Aisha disse que, antes da conquista de Khaybar, nunca comera tâmaras à vontade. Mas o novo bem-estar criara problemas. Alguns agricultores estavam ansiosos por descansar e aproveitar a situação, outros começaram com intrigas para conseguir uma fatia maior do butim das expedições e, aparentemente, a própria família de Maomé começou a querer ficar com os presentes especiais que deviam ser distribuídos aos pobres. Maomé estava extremamente preocupado com o enfraquecimento moral trazido pela riqueza, particularmente no harém. Esse assunto aparece na versão de Umar sobre a separação de Maomé de suas esposas. Todos os muçulmanos ficaram horrorizados ao ouvir que Maomé se afastara de seu harém. Ninguém falava de outra coisa e uma multidão se juntou do lado de fora da mesquita, olhando nervosamente para o pequeno quarto no sótão, onde Maomé estava sentado sozinho. Umar lembra que alguém correu até sua casa para lhe dar a notícia batendo tão insistentemente à porta que ele pensou que, no mínimo, as tribos do norte haviam sitiado a cidade. Era muito pior que isso, disse o visitante: Maomé rejeitou todas as suas esposas!

Não se tratava de mera crise doméstica. Os casamentos de Maomé eram alianças políticas cuidadosamente planejadas. Sua relação com Abu Bakr e Umar podia ser prejudicada caso se divorciasse de suas filhas. Agora, tudo estava ameaçado por causa das brigas de umas mulheres. A agitação também pode ter sido causada por conflitos internos em Medina, que afetaram as esposas de Maomé, mas nada sabemos sobre esses conflitos. Umar correu à mesquita imediatamente para ver o que poderia fazer, mas, no início, Maomé se recusou a vê-lo. Umar lembra de ter reparado, quando finalmente Maomé o deixou entrar, que no miserável quartinho não havia nada além de três peças de couro cru. Maomé estava deitado tristemente numa esteira e não havia sequer um cobertor, e as tranças do junco haviam marcado suas bochechas. Para seu imenso alívio, Umar soube que Maomé não iria se divorciar das mulheres e, gradualmente, fez um sorriso brotar dos lábios do Profeta contando histórias sobre suas próprias dificuldades com as mulheres desde que emigraram para Medina, onde os homens não pareciam capazes de controlar

suas esposas. Finalmente, quando o Profeta relaxou, Umar sentou-se no chão, a seu lado, e perguntou por que al-Llah não podia dar a seu Mensageiro um pouco mais de conforto em casa; afinal, os imperadores de Bizâncio e da Pérsia viviam em extrema opulência. Mas Maomé censurou-o: eles haviam alcançado a felicidade neste mundo.

Para nós, hoje, é uma história difícil. Há muitos elementos chauvinistas inaceitáveis. Talvez ela tenha mais a ver com o crescente materialismo na *umma* que com intrigas sexuais. Maomé manteve-se longe de suas esposas por um mês e ofereceu-lhes uma escolha: ou aceitavam seus termos e viviam uma vida islâmica decente, ou ele lhes daria um divórcio amigável. Cabe assinalar que, nos Versículos da Escolha, como ficaram conhecidos, não há menção a Maryam ou ao ciúme das mulheres; a ênfase está na relação com o luxo e os bens materiais:

> Ó Profeta, dize a tuas esposas: "Se é a vida terrena que quereis, com seus adornos, vinde: dar-vos-ei vossa provisão e libertar-vos-ei com benevolência. Mas se for Deus e seu Mensageiro e a última morada que quereis, Deus preparou para as virtuosas dentre vós uma recompensa magnífica".[39]

As mulheres concordaram com essas condições e a partir de então as esposas de Maomé se tornaram ainda mais importantes na *umma*. O Corão deu-lhes o título de Mães dos Crentes e decretou que não poderiam casar de novo depois da morte de Maomé, não porque ele sentisse ciúmes de seus futuros esposos, mas porque tais casamentos poderiam criar dinastias e conspirações que dividiriam a *umma*.

De fato, logo após os Versículos da Escolha, o Corão fornece uma imagem muito mais positiva da relação entre os sexos na *umma*, mostrando homens e mulheres lado a lado, compartilhando as obrigações e os privilégios do islã em uma sociedade igualitária:

> Os submissos e as submissas, os crentes e as crentes, os homens obedientes e as mulheres obedientes, os homens leais e as mulheres leais, os homens perseverantes e as mulheres perseverantes, os homens humildes e as mulheres humildes, os homens caridosos e as mulheres caridosas, os homens que jejuam e as mulheres que jejuam, os homens castos e as mulheres castas, os homens que invocam a Deus com freqüência e as mulheres que invocam a Deus com freqüência — para todos eles, Deus preparou a indulgência e grandes recompensas.[40]

Em épocas posteriores, os muçulmanos podem por vezes ter se afastado do ideal corânico de igualdade, mas as feministas ocidentais que denunciam o islã por sua

misoginia talvez devessem refletir no fato de que a tradição cristã também tem sido extremamente negativa para com as mulheres. No essencial, o Novo Testamento oferece uma mensagem positiva para as mulheres, mas, na verdade, através dos séculos, o Evangelho foi tudo menos a boa nova para "o segundo sexo".[41] A misoginia cristã foi particularmente neurótica, porque baseada numa rejeição da sexualidade única entre as religiões mundiais, e certamente não encontrada nem no judaísmo nem no islã. Não é justo acusar Maomé e o islã por sua misoginia. Se hoje as mulheres muçulmanas rejeitam algumas das liberdades que julgamos haver lhes oferecido, não é devido à teimosia, e sim ao fato de a visão que têm das mulheres ocidentais e da relação entre os sexos ser confusa. Pregamos igualdade e liberdade, mas, ao mesmo tempo, exploramos e degradamos as mulheres na publicidade, pornografia e divertimentos populares de um modo que os muçulmanos acham estranho e ofensivo.

Inevitavelmente, ouvimos mais sobre as tensões e facções entre as esposas de Maomé do que sobre a vida cotidiana no harém, mas seria errado imaginar que lá não havia amor ou alegria. Quando Maomé recitou os Versículos da Escolha para Aisha, disse-lhe que pensasse bem antes de tomar a decisão; aconselhou-a a pedir a opinião de seus pais. Mas Aisha rejeitou a sugestão. Ela não tinha nada para pensar: escolhia al-Llah e seu Mensageiro. Ela era extremamente ciumenta e costumava espionar Maomé para ter certeza de que ele não andava visitando outras mulheres. A gravidez de Maryam deve ter sido especialmente dolorosa para Aisha: todas as outras mulheres tinham tido filhos com os maridos anteriores, mas ela não. Há uma história tocante em que pede a Maomé que lhe dê um *kunya* como as outras, e ele lhe deu o *kunya* Umm Abdallah porque Aisha alimentava uma relação especial com seu pequeno sobrinho daquele nome. Mas seria errado imaginar que sua vida era insuportavelmente infeliz. Maomé era um marido indulgente e era muito mais gentil com Aisha do que o pai dela o fora: sabe-se que Abu Bakr batia nas filhas. Ele insistia para que suas esposas vivessem frugalmente, mas Aisha nos conta que Maomé sempre ajudava nas tarefas domésticas e fazia tudo para si mesmo: consertava suas roupas, arrumava seus próprios sapatos e cuidava das cabras. Ele estava tentando educar os muçulmanos para que tivessem uma atitude mais respeitosa com as mulheres, e o fato de essas tradições terem sido preservadas numa época em que a maioria das pessoas, na maioria das religiões, acharia

chocante um grande profeta fazer o serviço doméstico mostra que sua mensagem foi recebida, embora muçulmanos como Abu Bakr e Umar achassem impossível mudar seus hábitos.

Ninguém nunca foi capaz de substituir Khadija, mas com Aisha parece que Maomé conseguiu se soltar. Um dia, por exemplo, ele a desafiou para uma corrida. Ao vencer, triunfalmente gritou que agora estavam empatados: quando Aisha era uma garotinha em Meca, certa feita correra dele e ele fora incapaz de pegá-la. Mas também havia cenas mais íntimas. Aisha gostava de untar o cabelo de Maomé com seu perfume favorito, lavar-se na mesma bacia que ele e beber do mesmo copo. Também gostava de cuidar dele quando estava doente, embora não deixasse de provocá-lo se achasse que estava fazendo muita manha. Um dia, quando os dois estavam sentados juntos, Maomé todo ocupado emendando um par de sandálias, ela viu o rosto dele brilhar com um pensamento momentâneo. Observou-o por um instante e elogiou sua expressão luminosa e feliz. Maomé se levantou e beijou-a na testa, dizendo: "Ó Aisha, que al-Llah possa recompensá-la bem. Não sou para você a fonte de alegrias que você é para mim".[42]

Mas Aisha tinha um lado sério e era extremamente inteligente. Há uma tradição segundo a qual quando Maomé tinha de se ausentar de Medina costumava dizer aos muçulmanos que consultassem Aisha se tivessem qualquer problema de ordem religiosa. Depois da morte de Maomé, ela se tornou uma autoridade importante sobre a vida e a prática religiosa do Profeta, o que, mais uma vez, é surpreendente, sobretudo quando lembramos que califas como Abu Bakr, Umar e Ali não compartilhavam o respeito de Maomé pelas mulheres. Dessas tradições (*ahadith*), 2210 são atribuídas a Aisha, embora al-Bukhari e Muslim, que compilaram as grandes coleções de *Hadith* durante o século IX, tenham descartado a maioria. Aceitaram somente 174 das que teriam sido transmitidas a Aisha pelo próprio Profeta. Ela também foi muito importante na política turbulenta no início do império islâmico, e liderou uma revolta contra Ali durante seu califado. As mulheres não foram subjugadas pelo islã, como as pessoas tendem a imaginar no Ocidente. Algumas descobriram que o islã permitia que desenvolvessem seu potencial de um modo inconcebível durante a *jahiliyah*.

No final do ano, os mequenses romperam o pacto de Hudaybiyah e ficaram outra vez vulneráveis. A tribo dos Bakr continuou aliada dos coraixitas, mas por

décadas eles foram inimigos declarados dos Khuza'ah, que haviam se juntado à confederação de Maomé. Em novembro de 629, um dos clãs dos Bakr atacou os Khuza'ah , de surpresa, à noite e em seu próprio território, e parece que alguns coraixitas ajudaram e encorajaram aquele assalto: deram armas aos Bakr e diz-se que Safwan chegou mesmo a participar da batalha. Os Khuza'ah retaliaram prontamente e até houve luta entre as duas tribos no santuário de Meca. Então, os Khuza'ah apelaram para Maomé e ele concordou em vir ajudá-los.

Imediatamente, alguns dos coraixitas pensaram melhor quando perceberam que haviam dado a Maomé uma desculpa perfeita para atacar Meca. Safwan e Ikrimah continuaram beligerantes e hostis, mas mesmo Suhayl, cuja mãe pertencia aos Khuza'ah, era a favor de repudiar os Bakr. Maomé tinha seus próprios informantes e comentou com seus companheiros que logo veriam Abu Sufyan em Medina. Desde sua derrota na Batalha das Trincheiras, Abu Sufyan provavelmente começara a perceber que era inútil continuar a rixa com Maomé, que pouco antes se tornara seu genro em decorrência do casamento com Umm Habibah. Sem dúvida, pouco depois da ruptura do armistício, Abu Sufyan chegou a Medina para pedir paz — um acontecimento que seria impensável dois anos antes.

Há várias relatos sobre a iniciativa de paz de Abu Sufyan em Medina. Diz-se que visitou sua filha, Umm Habibah, pedindo-lhe que usasse sua influência com Maomé, mas ela nem sequer lhe teria permitido sentar-se no tapete do Profeta. Não é uma história muito plausível, porque Maomé não gostava desse tipo de veneração e reverência em vida. Supõe-se também que Abu Sufyan teria pedido conselho a Abu Bakr, Umar, Uthman e Ali, o que é um tanto duvidoso, já que essa versão o apresenta abordando os quatro primeiros califas do islã segundo a ordem de sucessão. Mas Abu Sufyan desempenhou um papel extremamente importante nessa época. Ele não conseguiria render-se ao *islãm*, mas percebeu que a vitória final de Maomé era inevitável e que os coraixitas deviam tentar negociar para obter o melhor acordo possível. Ele e Suhayl procuravam livrar os coraixitas da disputa, alegando que não tinham responsabilidade sobre o incidente com os Bakr com a mesma argúcia que Maomé empregara um ano antes na questão de Abu Basir. Mas os coraixitas estavam muito fragilizados para que isso desse certo, e Ali sugeriu a Abu Sufyan que pedisse a Maomé que lhe outorgasse a honra de ser o protetor de todos os habitantes de Meca dispostos a se render. Isso lhe permitiria salvar as

aparências e preservar suas vidas, caso os muçulmanos conquistassem a cidade, pois não teriam de se submeter diretamente a Maomé, mas a um de seus próprios homens.

Abu Sufyan concordou em pensar no assunto e voltou para Meca, onde provavelmente teve de passar um bom tempo preparando seus companheiros de tribo para aceitar o inevitável. Depois que Abu Sufyan saiu, Maomé se pôs a organizar uma nova expedição, convocando a *umma* e seus aliados para se juntarem ao exército muçulmano. O destino da expedição foi guardado a sete chaves por razões de segurança, mas havia naturalmente muito nervosismo e especulação. Em 10 de ramadã, janeiro de 630, Maomé partiu, comandando o maior exército que já saíra de Medina. Quase todos os homens da *umma* se apresentaram voluntariamente, e pelo caminho seus aliados beduínos se uniram à expedição, elevando o total para 10 mil homens. Mas ninguém ainda sabia ao certo para onde estavam indo. Podiam, claro, estar indo para Meca, mas também era possível que fossem atacar algumas tribos do sul, ou a cidade de Taif, que continuavam hostis ao islã. Essa possibilidade ocorreu à tribo sulina dos Hawazin quando soube que Maomé vinha em sua direção e começou a reunir seu próprio exército em Taif, a cidade de al-Lat e o centro do paganismo. Em Meca, os coraixitas, naturalmente, esperavam o pior. Abbas implorou para que tentassem evitar a catástrofe: "Ah, coraixitas, se o apóstolo entrar à força em Meca antes de eles virem pedir proteção, será o fim dos coraixitas para sempre".[43] Abbas saiu pela noite para encontrar Maomé e, no caminho, deparou-se com Abu Sufyan e Budayl, chefe dos Khuza'ah, que também estavam se dirigindo ao acampamento muçulmano. Os três homens passaram a noite lá e, pela manhã, Maomé perguntou a Abu Sufyan se estava disposto a fazer sua *islãm*. Abu Sufyan disse que podia concordar com a primeira parte da profissão de fé muçulmana: "Não há outro deus senão al-Llah" — as divindades pagãs haviam provado ser inúteis —, mas ainda tinha dúvidas quanto a Maomé ser mesmo um profeta. Porém, ficou chocado e pasmo ao ver todos os membros do poderoso exército se prostrarem em direção a Meca durante as orações da manhã, e quando viu as várias tribos marchando rumo a sua cidade percebeu que os coraixitas teriam de se render.

Correu de volta para Meca e convocou o povo, gritando a plenos pulmões: "Ó coraixitas, é Maomé quem vem até vocês com uma força à qual não podem

resistir". A seguir, ofereceu-lhes a opção sugerida por Ali. Quem quisesse se render devia se colocar sob sua proteção, e Maomé honraria essa atitude: deveriam ou ir refugiar-se em sua casa, ou se trancar em suas próprias casas quando o exército muçulmano chegasse. Sua esposa Hind não conseguia se controlar de tanta raiva. Agarrando Abu Sufyan pelo bigode, gritou para o povo: "Matem essa bola de sebo! Que protetor mais imprestável de seu povo!".[44] Mas Abu Sufyan pediu que não a escutassem: o tempo das bravatas acabara. Ele vira um exército que Meca não teria condições de enfrentar. Os coraixitas, pragmáticos como eram, decerto não queriam criar uma Masada árabe, então foram para suas casas e se trancaram dentro delas em sinal de submissão.

Mas alguns queriam lutar. Ikrimah, Safwan e Suhayl se juntaram a Abu Qays com uma pequena força, e atacaram o destacamento de Khalid quando entrou na cidade. Foram rapidamente derrotados, e Ikrimah e Safwan fugiram de Meca, mas Suhayl decidiu se render e foi para casa. O resto do exército muçulmano entrou na cidade sem uma única luta. A tenda vermelha de Maomé foi armada perto da Caaba e lá ele se encontrou com Umm Salamah e Maymunah, as duas esposas que o acompanharam, e também com Ali e Fátima. Pouco depois de se estabelecerem, a irmã de Ali, Umm Hani, que casara com um pagão e nunca fizera a *hijra*, veio pedir pela vida de dois parentes seus que haviam participado da luta contra Khalid. Embora Ali e Fátima quisessem a sua execução, Maomé imediatamente prometeu que estariam salvos sob a proteção de Umm Hani. Ele não desejava recomeçar represálias sangrentas. Ninguém foi forçado a aceitar o islã, nem parece ter havido nenhuma pressão nesse sentido. Maomé não queria coagir as pessoas, mas promover uma reconciliação.

Ele não viera a Meca para perseguir os coraixitas, mas para abolir a religião que não fora capaz de salvá-los. Depois de dormir um pouco, ele se levantou, fez as abluções rituais e ofereceu a oração. Então, montado em Qaswa, deu sete voltas em torno da Caaba, tocando a Pedra Negra a cada volta e gritando "al-Llahu Akbar!". O grito era secundado pelos 10 mil soldados, e logo as palavras que simbolizavam a vitória final do islã ecoavam por toda a cidade. Depois, Maomé voltou sua atenção para os 360 ídolos ao redor do santuário: amontoados nos telhados e nas sacadas de suas casas, os coraixitas assistiram-no quebrar cada ídolo enquanto recitava: "A verdade chegou e a falsidade desvaneceu-se. A falsidade está

destinada a desvanecer-se".[45]

Dentro da Caaba as paredes eram decoradas com pinturas de divindades pagãs e Maomé deu ordens para que fossem todas removidas, embora, diga-se, permitindo que os afrescos de Jesus e Maria permanecessem. O islã acabaria por proibir o uso de imagens em seu culto, por afastarem a mente de Deus ao permitir que ela se detenha em meros símbolos humanos do divino.

Alguns habitantes de Meca se arriscaram a sair de casa e foram até a Caaba, onde esperaram Maomé deixar o santuário. Parado em frente à casa de al-Llah, pediu-lhes para aceitar a nova ordem, a unidade da *umma,* e deixar de lado o orgulho e a auto-suficiência do paganismo, que levam apenas à divisão e à injustiça. Finalizou com um versículo do Corão, mais tarde interpretado pelos muçulmanos como uma condenação do racismo, um mal de que o islã tem sido relativamente isento:

> Ó coraixitas, Deus privou-os da arrogância do paganismo e da veneração dos antepassados. O homem surge de Adão e Adão surge do pó: "Ó filhos de Adão, criamo-vos machos e fêmeas e dividimo-vos em raças e tribos para que vos conhecêsseis uns aos outros. Ao olhar de Deus, o mais nobre dentre vós é o mais piedoso. Deus é informado e sabe".[46]

Finalmente, Maomé concedeu anistia geral. Somente cerca de dez pessoas foram colocadas na lista negra, que incluía Ikrimah (mas não Safwan, por alguma razão), as que haviam difundido propaganda antimuçulmana ou injuriaram a família do Profeta. Mas as desse grupo que pediram perdão parecem ter sido poupadas.

Era uma política inteligente. Maomé sabia, por exemplo, que Suhayl agora estava livre e pediu a seus companheiros para tratá-lo bem. "Se encontrarem Suhayl, nada de olhares atravessados", ordenou. "Deixem-no vir livremente pois, palavra de honra, ele é um homem de inteligência e honrado, não alguém que vá permanecer cego à verdade do islã."[47] Depois de sua fala na Caaba, Maomé foi até o monte Safa e convidou o povo de Meca a jurar-lhe fidelidade e a aceitar sua suserania política. Em fila, um por um dos coraixitas foi até Maomé, flanqueado por Abu Bakr e Umar. Uma das mulheres que foi até ele estava coberta com um véu e, quando falou, Maomé a reconheceu: era Hind, a esposa de Abu Sufyan, que estava na lista dos condenados por mutilar o corpo de Hamzah. "Você é Hind bint Utba?", ele perguntou. "Sim", respondeu ela, sem medo. "Perdoe-me pelo que passou e Deus o perdoará." Maomé prosseguiu seu catecismo. Promete não cometer

adultério e roubo? Promete não cometer infanticídio matando seus filhos? A isso Hind respondeu: "Eu os criei quando eram pequenos e você os matou em Badr depois de grandes, portanto, você é o único a saber deles!".[48] Hind decidiu fazer sua *islãm* e disse a Maomé: "Mensageiro de al-Llah, você não pode proceder contra mim agora, pois sou uma muçulmana professa". O Profeta sorriu e disse: "É claro, você é livre".[49] Em pouco tempo, ela viu marido e filhos receberem importantes cargos na *umma* em recompensa pela cooperação de Abu Sufyan. Seus descendentes acabariam fundando a dinastia omíada.

Os parentes de Safwan e Ikrimah imploraram por suas vidas e Maomé prometeu que poderiam entrar na cidade livremente, desde que aceitassem sua liderança. Ambos decidiram retornar, e Ikrimah foi o primeiro a aceitar o islã. Em troca, Maomé acolheu-o afetuosamente e proibiu qualquer pessoa de difamar seu pai Abu Jahl. Safwan e Suhayl prometeram fidelidade a Maomé, mas ainda não podiam fazer a profissão de fé muçulmana. Um dos homens condenados na lista negra foi imortalizado por Salman Rushdie nos *Versos satânicos*, embora sua versão romanceada, que apresenta Maomé como frio, cruel e vingativo, seja bem diferente da história real. Abdallah ibn Sa'id, o irmão adotivo de Uthman ibn Affan, fez a *hijra* em 622, mas parece ter perdido a fé na inspiração de Maomé. Ele se tornou seu copista e, por brincadeira ou para um teste, fez pequenas alterações no texto do Corão. Quando Maomé recitou *"alimun sami'un"* (al-Llah tudo conhece e tudo ouve), Abdallah escreveu *"alimun hakinum"*(al-Llah tudo conhece e é sábio). Ao perceber que Maomé não havia atentado para esses detalhes, Abdallah abandonou a religião e foi para Meca, onde os coraixitas tiraram proveito da história. O Corão dissera ao próprio Maomé que as conseqüências seriam devastadoras se ele tentasse alterar o texto sagrado para satisfazer a seus interesses. A insistência nesse ponto provavelmente reflete a consciência de Maomé sobre a dificuldade de preservar a integridade da mensagem: erros naturais podem ser facilmente cometidos. Quando soube que estava condenado à morte, Abdallah refugiou-se junto a Uthman, que o protegeu até que passasse o furor da conquista. Então, trouxe Abdallah diante de Maomé e pediu clemência. Diz-se que Maomé ficou calado por longo tempo antes de revogar a sentença de morte e, mais tarde, repreendeu seus companheiros por não terem interpretado seu silêncio como uma oportunidade para matar Abdallah. Mas depois de ser excluído da lista negra, Abdallah se tornou muçulmano outra vez

e exerceu um cargo importante no império islâmico após a morte de Maomé.

A conquista de Meca foi a vitória final (*fat'h*), para a qual as vitórias anteriores de Badr e Hudaybiyah haviam sido uma preparação. A palavra *fat'h* literalmente significa "abertura", e se tornou o termo oficial para designar a conquista da cidade que abriu uma nova porta para o islã. Conquistando Meca, Maomé justificava seu chamado profético. Mas essa conquista ocorreu sem derramamento de sangue, e a política pacífica de Maomé deu resultado. Em poucos anos, o paganismo estava quase extinto em Meca, e alguns inimigos mais ferrenhos de Maomé, como Ikrimah e Suhayl, tornaram-se muçulmanos devotos e fervorosos.

Contudo, Maomé não teve muito tempo para gozar sua vitória, pois soube que o exército dos Hawazin encontrava-se em Taif. Pouco depois da conquista, Maomé enviou Khalid a Nakhlah para destruir a efígie de al-Uzza e, mais tarde, Ali seria enviado a Hudhayl para destruir o santuário de Manat. Os Thaqif e seus aliados estavam determinados a impedir que al-Lat tivesse o mesmo destino, e 20 mil homens vieram lutar em sua defesa. Era um momento perigoso, no qual tudo poderia ser perdido, mas os recém-conquistados coraixitas estavam preparados para lutar ao lado de Maomé e dos muçulmanos, pois a cidade de Taif e os Hawazin eram seus antigos inimigos. Da noite para o dia, Maomé, o conquistador de Meca, se tornara o defensor da cidade. Os exércitos se encontraram para a batalha no vale de Hunayn no final de janeiro de 630, cerca de duas semanas depois da conquista. Lá, os muçulmanos quase foram quase derrotados, mas, no último momento, lançaram vigoroso ataque e provocaram a fuga do inimigo. Alguns se esconderam nas colinas e outros se refugiaram na cidade amuralhada de Taif. Maomé tentou cercar a cidade, mas logo percebeu que dessa vez não a conquistaria e se retirou.

A divisão do saque depois da batalha de Hunayn foi um caso tremendo, que expôs algumas das tensões existentes no interior da *umma*. A fim de conquistar a simpatia de antigos adversários como Abu Sufyan, Safwan e Suhayl, Maomé deu-lhes a maior parte. Safwan ficou tão emocionado que, instantaneamente, se submeteu ao islã. "Dou testemunho de que não há deus senão al-Llah e de que você é o seu Mensageiro."[50] Suhayl também se tornou muçulmano. Ele sempre fora um homem religioso e transformou-se no mais zeloso de todos os novos convertidos. Contudo, os fiéis companheiros de Maomé ficaram naturalmente ofendidos com esse aparente favoritismo. Os Ajudantes, em particular, rapidamente

interpretaram o fato como sinal de que, agora que Maomé se reconciliara com os coraixitas, ele os abandonaria e esqueceria que os Aws e os Khasraj o acolheram justamente quando era um refugiado desacreditado. Maomé salvou a situação fazendo um comovente discurso, em que reconhecia tudo o que o povo de Medina fizera por ele. Prometeu que Medina seria seu lar até o fim de sua vida, e lágrimas escorriam pelo rosto dos Ajudantes quando ele fez a oração final:

> Seus corações se inquietam por causa dos bens terrenos com os quais conquisto a simpatia de um povo para que se torne muçulmano, enquanto confio a vocês o islã? Não lhes apraz que, enquanto outros levam consigo carneiros e rebanhos, vocês levem o apóstolo de Deus? Em nome Daquele em cujas mãos está a alma de Maomé, e pela *hijra* [dos Emigrantes que o seguiram] eu mesmo serei um dos Ajudantes. Se todos os homens tomarem um caminho e os Ajudantes outro, tomarei o caminho dos Ajudantes. Deus tenha piedade dos Ajudantes, de seus filhos e dos filhos de seus filhos.[51]

Pelo menos por enquanto, os Ajudantes estavam satisfeitos, e depois de dividir os espólios, aceitar a submissão e fazer aliança com os Hawazin e agrupar seu exército, Maomé fez a peregrinação menor e voltou para Medina.

O antigo sistema tribal dependia de cada grupo preservar o equilíbrio de forças: a ética da vendeta tentava assegurar que, se um membro de uma tribo era morto, a tribo ofensora teria de ser proporcionalmente enfraquecida. Mas Maomé se tornara demasiado poderoso para se encaixar nesse sistema, o que trouxe certa paz para a Arábia. As tribos nômades tinham de escolher entre se aliar a Maomé ou se tornar alvos fáceis para a crescente *umma* ou seus aliados. Durante os dois anos seguintes, tribo após tribo mandavam delegações a Medina. Eram obrigados a destruir seus ídolos, colocar suas tropas à disposição quando necessário, não atacar a *umma* e seus aliados e pagar a *zakat*. Alguns nômades se tornaram crentes sinceros, mas outros permaneceram, no fundo do coração, fiéis à antiga religião, e Maomé sabia perfeitamente disso. Também não fez nada para impor a estrita ortodoxia teológica, esperando que a submissão política acabasse conduzindo à *islãm* religiosa. Praticamente sozinho, Maomé conseguira impor a *Pax islamica*.

Mas a luta e as expedições militares faziam parte do estilo de vida árabe, cuja agressividade era inata. Maomé percebeu que, se não quisesse ver a nova paz desintegrada, devia tentar manter algum estímulo externo. À medida que mais e mais tribos se tornavam membros ou aliadas da *umma* e, portanto, fora do alcance dos reides muçulmanos, ele tentava canalizar suas energias para um ataque às

tribos do norte, que permaneciam hostis. Algo similar aconteceu na Europa cristã durante o século XI, quando a Igreja tentou impedir os conflitos entre cavaleiros e fidalgos, promovendo, por diferentes meios, a chamada Paz de Deus. Para isso, em 1095, no Concílio de Clermont, o papa Urbano II compeliu os cristãos a se unirem contra o inimigo comum na Terra Santa, e convocou a Primeira Cruzada contra os infiéis muçulmanos: haveria a Paz de Deus no Ocidente e a Guerra de Deus no Oriente Médio.

Em outubro de 630, Maomé anunciou nova expedição e dessa vez, contrariamente ao seu costume, deixou claro que iriam até a fronteira bizantina, para que seus homens pudessem preparar adequadamente a longa viagem. Não sabemos com exatidão por que Maomé insistiu em fazer essa expedição, que era extremamente impopular. Fazia calor, a safra de tâmaras estava pronta para ser colhida e os muçulmanos tinham um saudável medo do exército bizantino. É pouco provável que Maomé já estivesse planejando a conquista da Síria e da Palestina. Talvez quisesse simplesmente vingar a derrota de Mu'ta ou se estabelecer com mais segurança na parte norte da Arábia. Muitos muçulmanos começaram a se preparar para a expedição, mas um número significativo resmungava e fazia corpo mole, alguns até recusando-se a ir. Os Hipócritas estavam relutantes, como era de esperar; alguns dos novos aliados beduínos pediam dispensa; outros muçulmanos queriam ficar em casa, cultivando suas tâmaras e ganhando a vida. Mas alguns dos que objetaram eram muçulmanos irrepreensíveis. Até Ali ficou em Medina, embora algumas fontes afirmem lealmente que Maomé pediu-lhe que cuidasse da sua família durante a ausência. Por fim, 30 mil homens saíram para a cansativa marcha até o norte. Cerca de noventa pessoas, contudo, ficaram em casa e é possível que conspirassem contra o Profeta: as pessoas naturalmente se sentiam magoadas quando viam gente como Abu Sufyan recebendo honras e ricos presentes, enquanto os Ajudantes e Emigrantes originais pareciam ter sido esquecidos. É comum em qualquer grupo que os membros mais antigos se tornem um problema, apegando-se firmemente ao idealismo original do movimento e olhando com desconfiança aqueles que são forçados, talvez por razões indignas e oportunistas, a se tornar discípulos de última hora. Maomé criara, com sensibilidade, um clima que ajudou seus velhos inimigos a pensar mais favoravelmente sobre o islã, mas isso acabou provocando problemas em casa. A desavença se tornou óbvia mesmo entre

os que se juntaram à expedição. Havia reclamações constantes no acampamento de Ibn Ubbay; algumas pessoas deliberadamente ficaram para trás, e outras reclamavam secretamente da loucura de se exporem ao poderoso exército bizantino. Quando Maomé perguntava aos descontentes sobre o que falavam, eles respondiam alegremente: "Estamos só conversando e brincando, ó apóstolo". Como mostra o Corão, Maomé não se deixou enganar.[52]

Finalmente o exército chegou a Tabuk, cerca de 250 milhas a noroeste de Medina, e Maomé conseguiu permanecer ali por dez dias. Ficar com aquele exército enorme às portas de Bizâncio não era um feito a ser menosprezado, e os beduínos na área parecem ter ficado impressionados. Enquanto esteve lá, fez pactos com os governantes locais. O rei cristão Yuhumma, de Eilat, no atual Estado de Israel, prestou-lhe seus respeitos, e o mesmo fizeram três assentamentos judaicos em Jarba e Adhruh, onde hoje estão situados a Jordânia e Maqna, na costa do mar Vermelho. Khalid, com uma pequena força, submeteu o governante de Dumal al-Jandal, que, como os outros, foi fazer as pazes com Maomé.

Era um modesto, mas significativo sucesso, e Maomé se sentiu esperançoso e confiante a caminho de casa. Estava determinado a acabar com a oposição em seu próprio acampamento, após um começo tão promissor para o Estado medinense no mundo exterior. Mas os murmúrios e as desavenças continuavam no caminho de volta; a certa altura, parece que houve uma conspiração para empurrar Maomé despenhadeiro abaixo, mas, finalmente, chegou seguro a um ponto próximo de Medina. Antes que deixasse o oásis, pediram-lhe que consagrasse uma nova mesquita recém-construída em Qu'ba, e ele prometeu fazer isso na volta. Agora, parecia ter razões para acreditar que a mesquita era um centro da desavença: até o Corão sugere que as pessoas que a construíram haviam restabelecido relações com alguns dos antigos inimigos de Maomé, que ainda não haviam se conformado com seu sucesso.[53] Antes de entrar em Medina, Maomé mandou dois de seus homens à Qu'ba para atear fogo na mesquita e, na manhã seguinte, conduziu uma investigação sobre a conduta das pessoas que ficaram na cidade. Muitos rapidamente se desculparam e ofereceram explicações plausíveis, mas Maomé ficou sem falar com três deles por cerca de dois meses.

Isso aparentemente acabou com a oposição muçulmana. Não muito depois de seu retorno de Tabuk, Maomé visitou a sepultura de seu velho adversário Ibn

Ubbay em sinal de respeito e conciliação. Era também o fim da oposição pagã. Em janeiro de 631, a cidade de Taif, último baluarte pagão, foi forçada a se render somente um ano depois de Maomé ter abandonado o cerco. Desde que os Hawazin se tornaram aliados de Maomé depois de Hunayn, a cidade estava cada vez mais isolada e era constantemente saqueada, até sua situação ficar insustentável. Os representantes de Taif pediram a Maomé um acordo com cláusulas especiais. Eram comerciantes que viajavam muito e queriam permissão para dormir com mulheres que não fossem suas esposas durante as viagens de negócios; também queriam beber o vinho de sua vinícola e, acima de tudo, manter o santuário de al-Lat por mais alguns anos. Ou, ao menos, por mais um ano. Maomé recusou todos os pedidos. Sua única concessão foi que não precisariam destruir al-Lat materialmente, evitando incitar a ira de seu povo. Assim, Maomé mandou Abu Sufyan a Taif para destruir a deusa em seu nome.

Foi um momento simbólico. Abu Sufyan lutara cinco anos contra Maomé e marchara para a batalha com o nome de al-Lat nos lábios. Era sinal evidente de que o paganismo estava condenado. Ele servira bem aos árabes, mas foi incapaz de ajudá-los a se ajustar à vida sedentária e às novas condições do século VII. A dinâmica interna das mudanças sociais estava agora do lado de Maomé. Seu feito foi extraordinário. Não confiara simplesmente na inspiração divina, mas, em conformidade com os princípios corânicos, lançara mão de todos os seus dons naturais e de seu considerável gênio para chegar à vitória. Em 631, porém, já estava velho e sua saúde começava a dar sinais de fraqueza: a *umma* sobreviveria à sua morte?

10. A morte do Profeta?

Quando Maomé fez a *hijra* em 622, a pequena comunidade islâmica deu seu primeiro passo em direção ao poder político: dez anos mais tarde, ela dominaria quase toda a Arábia e lançaria as fundações de uma nova comunidade política árabe que daria aos muçulmanos condições de governar um império gigantesco por mais de mil anos. Esse sucesso político envolvera contínuo sacrifício e esforço, e os tumultuados anos em Medina mostraram quão difícil pode ser a tentativa de reconstrução da sociedade segundo o plano de Deus. Maomé experimentou a extenuante tarefa de traduzir a inefável Palavra de Deus em linguagem humana, que por vezes parecia trincar-se e se estilhaçar sob o impacto divino. O esforço para encarnar a Palavra de Deus em uma sociedade humana também levou os muçulmanos aos limites de sua resistência e percepção, de modo que, por vezes, estiveram à beira do desespero e a ponto de abandonar definitivamente a Maomé. Mas o sucesso provou ser o melhor argumento em defesa de suas diretrizes extraordinárias e controversas. Quando Maomé tomou a decisão de lutar em Badr, de expulsar e massacrar as tribos judaicas ou de fazer o tratado de Hudaybiyah, não o fez inspirado diretamente por Deus, mas teve de buscar auxílio e conselho e fazer uso de sua própria astúcia. O Corão não espera que os muçulmanos abandonem o bom senso ou que se sentem e esperem que Deus os salve com milagres. O islã é uma fé prática e realista que vê a inteligência humana e a inspiração divina trabalhando harmoniosamente lado a lado. Por volta de 632, tudo indicava que enfim a vontade de Deus estava prestes a ser cumprida na Arábia. Diferentemente de tantos profetas anteriores, Maomé não apenas trouxera uma nova visão pessoal a homens e mulheres como indivíduos, mas também tomara para si a tarefa de

redimir a história humana e criar uma sociedade justa, que permitiria a homens e mulheres a realização máxima de seus potenciais. O sucesso político da *umma* tornara-se quase um sacramento para os muçulmanos: era um sinal externo da presença invisível de Deus em seu meio. A atividade política continuaria a ser uma responsabilidade sagrada, e o sucesso futuro do império muçulmano era um "sinal" de que a humanidade como um todo poderia ser redimida.

Em vez de vagar como extraterrestre pelas montanhas da Galiléia a pregar e a curar, como o Jesus dos Evangelhos, Maomé teve de se engajar numa árdua luta política para reformar a sociedade, e seus seguidores deviam se comprometer a continuar essa luta. Em vez de concentrar esforços na reconstrução pessoal de suas vidas dentro do contexto da *Pax romana*, como os primeiros cristãos, Maomé e seus companheiros tomaram para si a tarefa de redimir sua sociedade, sem o que não poderia haver nenhum avanço moral ou espiritual. O Corão deixa claro que o destino eterno dos indivíduos tem suma importância e precedência em relação às obrigações sociais dos muçulmanos. A história e a atividade política nunca são fins em si mesmos, mas são eclipsadas e avaliadas por uma ordem divina transcendente: o destino individual é mais importante que a reforma social, conforme deixam claro os constantes símbolos corânicos do Juízo Final, do Céu e do Inferno. Com isso, o Corão responde ao novo espírito de individualismo que começava a se fazer sentir na Arábia, e sua legislação social reflete essa preocupação. Apesar do declínio do sistema tribal, os antigos ideais comunitários ainda eram normativos, e Maomé não podia ignorar esse fato e produzir um individualismo totalmente acabado, que satisfizesse às exigências dos ocidentais liberais — mas o que fez já foi um começo. Ainda assim, não se poderia alcançar a salvação individual se, na Arábia, não se interrompesse o ciclo sem fim de derramamento de sangue e exploração. Uma sociedade corrupta e decadente produz inevitavelmente a imoralidade, o mal-estar e o desespero em todos, exceto nos verdadeiramente heróicos, de modo que as condições sociais da Arábia do século VII exigiam tanto um plano social como um plano individual de salvação.

Em Medina, Maomé foi capaz de criar uma comunidade forte e independente do caos à sua volta. Outros grupos tribais começavam a se juntar a ela, embora nem todos estivessem comprometidos com seu ideal religioso. Para poder sobreviver, a *umma* tinha de ser forte e poderosa, mas o principal objetivo de Maomé não era o

poder político, e sim a criação de uma sociedade *boa*.

O sucesso de Maomé parecia justificar os ditames corânicos de que as sociedades que recusassem essa ordem estavam fadadas a desaparecer. Mas a batalha ainda não acabara. Quando os muçulmanos retornaram de Tabuk, alguns deles haviam posto as espadas de lado, mas acredita-se que Maomé lhes tenha dito que a batalha ainda não havia chegado ao fim e que deviam estar preparados para uma nova tentativa. O desafio de concretizar a Palavra de Deus na história humana jamais teria fim: sempre haveria novos perigos e problemas por resolver. Algumas vezes os muçulmanos teriam de lutar; outras, poderiam viver em paz. Mas haviam embarcado num projeto de redenção tanto da história como dos indivíduos, para fazer daquilo que *deve* acontecer uma realidade no mundo. Até hoje, os muçulmanos levam essa vocação muito a sério.

A submissão de má vontade por parte de Taif mostrou que muitos árabes ainda relutavam em aceitar a nova ordem. A lealdade dos aliados beduínos de Maomé era apenas superficial, porém ele contava com um núcleo de muçulmanos dedicados que talvez nem sempre entenderam inteiramente o que ele tentava fazer, mas que mais tarde demonstrariam ter compreendido a essência de sua mensagem. Abu Bakr, Umar e Uthman ibn Affan haviam se tornado membros da família do Profeta pelo casamento, e isso reafirmava suas afinidades espirituais. Eles compreendiam que a religião era prioritária: primeiro os árabes teriam de se reformar e praticar os "pilares" do islã, que os ensinariam a colocar Deus no centro de suas vidas, e a zelar pelos membros vulneráveis da sociedade.

O quarto discípulo mais próximo de Maomé era seu guarda Ali, mais jovem que os outros três e por vezes impaciente com eles. Mas, por volta de 632, era o único parente próximo de Maomé que restara. Umm Kulthum morrera durante a expedição a Tabuk e isso significava que Fátima (esposa de Ali) era a única das crianças de Khadija ainda viva. Maomé era devotado aos dois filhos de Ali, Hasan e Husayn, e costumava deixá-los subir às suas costas e montá-lo como a um cavalo. Mas Maomé também tivera um filho de sua concubina Maryam, a egípcia. Ele gostava de levar o jovem Ibrahim a passear pelos arredores de Medina. Aisha, contudo, não se impressionava. "Você não acha que ele se parece comigo?", perguntava ele. "Não vejo semelhança nenhuma", respondia Aisha. "Veja como ele é gordinho e veja que belo físico!", entusiasmava-se o Profeta. "Qualquer um criado

com leite de camela pode ficar gordinho e bonito", respondia Aisha com aspereza,[1] provavelmente incomodada pelo fato de diariamente ser entregue leite especial à mãe de criação de Ibrahim. Apesar do cuidado, o bebê adoeceu em 632 e estava claro que não iria se recuperar. Maomé estava com ele quando morreu e, chorando copiosamente, tomou-o nos braços pela última vez. Confortava-se com a idéia de que não demoraria até estarem juntos novamente.

Durante o décimo ano após a *hijra*, Maomé tornava-se cada vez mais consciente de que sua morte se aproximava. Sempre que passava o ramadã em Medina, gostava de fazer retiro e, naquele ano, pediu a seus companheiros para fazer um retiro mais longo que o normal, confidenciando a Fátima que achava que sua hora havia chegado. Assim, no *dhu al-hijja*, o mês tradicional do *hajj*, Maomé anunciou que conduziria ele mesmo a peregrinação naquele ano. Seria a primeira vez que esses antigos ritos em torno da Caaba e dos santuários em volta do monte Arafat seriam executados pelos adoradores do Deus Único, e Maomé estava determinado a fazer a nova religião deitar raízes nas tradições sagradas dos árabes. No final de fevereiro de 632, ele se pôs a caminho com todas as esposas e uma enorme massa de peregrinos, chegando aos arredores de Meca no *5 dhu al-hijja*, *3* de março. Começou a pronunciar o antigo brado dos peregrinos: "Cá estou a teu serviço, ó Deus". Depois, comandou os antigos rituais pagãos, tão caros aos árabes, dando-lhes novo significado ao mesmo tempo que garantia uma essencial e inventiva continuidade com o passado.

Cada muçulmano deve tentar fazer o *hajj* ao menos uma vez na vida, desde que tenha condições para isso. Para um espectador externo, esses ritos parecem estranhos — como parecem estranhos quaisquer rituais religiosos ou sociais estrangeiros —, mas eles ainda têm a capacidade de inspirar uma intensa experiência religiosa. Os muçulmanos não raro acham que o *hajj* é o clímax de suas vidas espirituais, como indivíduos e como membros da *umma*. Os aspectos comunitários e individuais da espiritualidade islâmica estão perfeitamente enraizados nos ritos e nas práticas do *hajj*. Hoje em dia, muitos entre os milhares de peregrinos que se reúnem todos os anos em Meca para fazer juntos a peregrinação não são árabes, mas são capazes de praticar os antigos ritos árabes. Ao convergirem à Caaba vestindo a indumentária peregrina tradicional, que apaga as distinções de raça e cor, sentem como se houvessem sido libertados das limitações egoístas da

vida diária e aceitos por uma comunidade que tem um único foco e orientação. As circunvoluções da Caaba inspiraram recentemente o falecido filósofo iraniano Ali Shariati:

> Ao dar as voltas e chegar cada vez mais perto da Caaba, você se sente como um fio d'água que se junta a um grande rio. Levado pela onda, perde-se o contato com o chão. De repente, está-se flutuando, levado pela correnteza. Ao se aproximar do centro, a pressão da multidão comprime com tamanha força que se recebe uma vida nova. Você agora é parte do Povo; você agora é um Homem, vivo e eterno... A Caaba é o sol do mundo cuja face o atrai à sua órbita. Você tem de se tornar parte desse sistema universal. Dando voltas em torno de al-Llah, você logo se esquece de si mesmo... Você se transforma numa partícula que gradualmente se dissolve e desaparece. É o apogeu do amor absoluto.[2]

Judeus e cristãos também enfatizaram a espiritualidade da comunidade: a imagem expandida do Corpo de Cristo, feita por são Paulo, também nos diz que a comunidade da Igreja e a comunhão de seus membros é uma revelação do amor mais elevado. O *hajj* oferece a cada muçulmano a experiência de integração pessoal no contexto da *umma*, com Deus ao centro.

De certa maneira, o *hajj* dá aos muçulmanos uma imagem da comunidade ideal, em termos de atitude e orientação. Na maioria das religiões, a paz e a harmonia são temas importantes da peregrinação e, uma vez havendo entrado no santuário, toda e qualquer forma de violência é proibida: os peregrinos não devem matar sequer um inseto ou dizer uma palavra de impaciência. Daí a indignação no mundo muçulmano quando o *hajj* de 1987 foi violado por peregrinos iranianos que instigaram um tumulto em que 402 pessoas foram mortas e 649 feridas.

O Corão fala constantemente do retorno a Deus que todas as criaturas devem inevitavelmente fazer, e o *hajj* é uma expressão poderosa da jornada voluntária dos muçulmanos de volta ao Deus do qual vieram. O brado peregrino, que todos gritam em uníssono, recorda-lhes que, como indivíduos e como *umma*, dedicaram suas vidas exclusivamente a serviço de Deus, e que, durante os dias do *hajj*, serão capazes de viver esse compromisso com mais intensidade que normalmente, dando as costas a todas as demais preocupações. Quando Maomé conduziu o grupo de Emigrantes, Ajudantes e beduínos à Caaba em 632, eles devem ter sentido que aquela era uma jornada de retorno, em sentido profundo. A maioria das peregrinações a lugares sagrados é vista como algum tipo de aproximação de um indivíduo às raízes de seu ser, ou ao começo do mundo, e os Emigrantes devem ter

sentido um sabor especial de volta à casa. Mas Maomé lembrava a todos os árabes que eles estavam retornando a suas raízes devido ao fato de se acreditar que Abraão e Ismael, pais do árabes, haviam construído o santuário. Também hoje em dia os muçulmanos experienciam uma sensação de retorno às raízes de sua identidade muçulmana. Eles naturalmente se lembram de Maomé, mas os ritos da peregrinação foram originariamente pensados para lembrar Abraão e Ismael, pais de todos os que verdadeiramente crêem. Assim, ao correr sete vezes entre Safa e Marwah, lembram-se de como Agar correu freneticamente para a frente e para trás em busca de água para o pequeno Ismael, depois que Abraão os deixou no deserto. Mais tarde, vão ainda mais longe ao encontro de suas origens comuns ao chegarem aos declives do monte Arafat, a 26 quilômetros de Meca, para relembrar a aliança original feita por Deus com Adão, o primeiro profeta e fundador da raça humana. Em Mina, jogam pedras nos três pilares sagrados, como lembrete da constante luta contra a tentação, exigida pela *jihad* a serviço de Deus. Então, sacrificam um carneiro ou uma cabra em memória do sacrifício de um animal, feito por Abraão depois de ter oferecido seu próprio filho a Deus. Por todo o mundo, muçulmanos que não fizeram o *hajj* naquele ano executam esse rito na hora prevista, de modo que toda a *umma* demonstra sua disposição para sacrificar tudo, mesmo as coisas que lhe são mais caras, pelo serviço de Deus.

Hoje, a mesquita de Namira está situada próxima ao monte Arafat, no ponto onde se acredita que Maomé proferiu o Sermão de Despedida aos peregrinos, em 632. Ele recordou-lhes que deviam negociar de forma justa uns com os outros, tratar as mulheres de forma tão gentil quanto possível e abandonar as vendetas por ofensas cometidas durante o período pagão. A *umma* era uma só: "Saibam que todo muçulmano é irmão de outro muçulmano e que os muçulmanos são irmãos. Só é lícito aceitar de um irmão aquilo que ele lhe dá de bom grado; portanto, não se enganem. Ó Deus, não lhes disse?".[3] Este mandamento pode parecer mínimo comparado ao Sermão da Montanha ou ao hino de são Paulo sobre a caridade, mas Maomé era realista e sabia estar pedindo algo revolucionário. Em lugar de pertencerem a tribos distintas, os muçulmanos árabes eram agora uma única comunidade, assim como era único o Deus da Caaba.

Ao retornar a Medina após a Peregrinação de Despedida, Maomé começou a ter fortíssimas dores de cabeça. Aisha lembra que um dia estava deitada em seus

aposentos, também com dor de cabeça. "Ai, minha cabeça!", gemia, quando Maomé entrou. "Não, Aisha", disse, "ai, *minha* cabeça!" Mas nesse período ainda era capaz de provocá-la com ternura. O que ela acharia de morrer antes dele? Isso lhe daria a chance de tomá-la nos braços ao pé da cova e dar-lhe um lindo funeral. Aisha respondeu com sua aspereza costumeira: logo após o funeral ele iria correndo se deitar com uma das outras esposas! "Não, Aisha", disse Maomé ao sair dos aposentos, "ai, *minha* cabeça!"[4]

A dor piorou e, ao que parece, Maomé também começou a ter desmaios, mas nunca ficou de cama permanentemente. Com freqüência amarrava um pano em volta das têmporas doloridas e ia à mesquita conduzir as orações ou falar ao povo. Mas, certa manhã, parece ter rezado por tempo excessivamente longo em honra dos muçulmanos mortos em Uhud, acrescentando: "Deus deu a um de seus servos a chance de escolher entre este mundo e aquele em que Deus habita, e o servo optou pelo segundo". Mas a única pessoa que pareceu compreender a referência à morte de Maomé foi Abu Bakr, que começou a chorar copiosamente. "Calma, calma, Abu Bakr", disse com ternura Maomé.[5] Mas o Profeta acabou desmaiando na cabana de Maymunah. Suas esposas estavam todas a seu lado, notando que dizia continuamente: "Onde estarei amanhã? Onde estarei amanhã?". Percebendo que ele gostaria de saber quando poderia estar com Aisha, concordaram que deveria ser levado à cabana dela e ser assistido lá.

Maomé estava deitado e quieto com a cabeça ao colo de Aisha, mas, ao que parece, as pessoas acharam que fosse apenas uma indisposição temporária, já que ele ainda ia às orações públicas na mesquita. Talvez a *umma* achasse a idéia de sua morte tão insuportável e atemorizante que não interpretou corretamente os sinais, mesmo que Abu Bakr tivesse alertado Aisha de que Maomé não ficaria neste mundo por muito tempo. O que ele conseguira realizar na Arábia era único e sem precedentes, de modo que a vida na nova ordem sem ele parecia inconcebível. As pessoas se agarravam a qualquer fio de esperança, como quando Maomé cambaleou até a mesquita para garantir-lhes que Usamah, o jovem filho de Zayd, tinha suficiente capacidade e experiência para conduzir uma expedição ao norte. Quando a doença se agravou, pediu a Abu Bakr que conduzisse as orações em seu lugar e até Aisha parece ter resistido a essa decisão. No fim, Maomé teve de ser rude para que lhe obedecessem. Mais tarde, Aisha disse ter objetado não por achar

que seu pai não fosse digno de tal honra, e sim por achar que as pessoas o odiariam por fazer o serviço de Maomé. Ainda assim, Maomé alimentava-lhes as esperanças, pois, de vez em quando, ia às orações mesmo que estivesse doente demais para recitar, e ficasse sentado e quieto ao lado de Abu Bakr.

No dia 12 de rabi (8 de junho de 632), Abu Bakr reparou que, durante as orações, a atenção do povo estava oscilante e que olhavam em direção à entrada da mesquita. Soube imediatamente que Maomé devia ter entrado porque nada mais distrairia a congregação dessa forma. Maomé aparentava estar muito melhor; de fato, alguém disse jamais tê-lo visto tão radiante, e uma onda de alegria e alívio inundou a mesquita. Abu Bakr imediatamente se prontificou a descer, mas Maomé, pousando a mão em seus ombros, empurrou-o de novo, delicadamente, para a frente da congregação e se sentou a seu lado até o final da oração. Mais tarde, retornou aos aposentos de Aisha e deitou-se calmamente com a cabeça em seu colo. Sua aparência era tão saudável que Abu Bakr pediu licença para visitar uma esposa que recentemente tomara e que ainda morava no outro lado de Medina. Durante a tarde, Ali e Abbas fizeram-lhe uma visita e espalharam a boa nova de que o Profeta parecia estar se recuperando. Quando Abd al-Rahman chegou, Maomé reparou que ele trazia um palito de dentes e deixou claro que tinha intenção de usá-lo. Aisha amaciou-o e notou que ele o usou com um vigor nunca visto. Mas não muito tempo depois Aisha observou que ele se deitava mais pesadamente em seu colo e que parecia estar perdendo os sentidos. Ainda assim, ela não se deu conta do que estava acontecendo. Como disse mais tarde: "Foi devido à minha ignorância e juventude que o Profeta morreu em meus braços". Ela o ouviu sussurrar as palavras "Não, o mais exaltado companheiro no paraíso",[6] e então percebeu que ele se fora. Carinhosamente aconchegou sua cabeça ao travesseiro e começou a bater no peito, a esbofetear-se no rosto e a gritar alto, seguindo o consagrado costume árabe.

Ao ouvir o lamento das mulheres pelo morto, o povo acorreu lívido para a mesquita. A notícia se espalhou com rapidez pelo oásis, e Abu Bakr correu para a "cidade". Fitou Maomé, beijou-o no rosto e se despediu. A seguir, dirigiu-se à mesquita e lá estava Umar falando à multidão. Umar se recusava terminantemente a acreditar que Maomé estivesse morto: sua alma havia deixado o corpo apenas temporariamente, argumentava, e com certeza retornaria a seu povo. Ele seria o

último de todos a morrer. Devia haver uma nota de histeria na arenga compulsiva de Umar, pois Abu Bakr sussurrou-lhe: "Calma, Umar", mas Umar não conseguia parar de falar. Abu Bakr pôde apenas dar um passo à frente, com calma, e, ao que parece, a expressão de seu rosto e sua compostura devem ter impressionado as pessoas, pois elas gradualmente pararam de ouvir o falatório de Umar e se amontoaram à sua volta.

Abu Bakr recordou-lhes que Maomé dedicara toda a vida à pregação da unidade de Deus. O Corão os avisava incessantemente de que não deviam dar a uma mera criatura honras devidas somente a Deus. Maomé sempre os alertara contra honrá-lo do mesmo modo como os cristãos a Jesus; ele não passava de um mortal como outro qualquer. Recusar-se a acreditar na morte de Maomé era, portanto, recusar a verdade fundamental a seu respeito. Mas, enquanto os muçulmanos continuassem fiéis à crença de que apenas Deus é digno de adoração, Maomé viveria. "Ó homens, se adorarem Maomé, ele estará morto", finalizou eloqüentemente, "Se adorarem a Deus, Deus estará vivo e será imortal".[7] Finalmente, citou os versículos revelados a Maomé após a batalha de Uhud, quando muitos muçulmanos ficaram abalados pelos rumores de que o Profeta havia sido morto:

> Maomé não é senão um Mensageiro. Outros mensageiros vieram antes dele. Acaso, se ele morrer ou for morto, voltareis para trás? Quem assim proceder em nada prejudicará Deus. Mas Deus recompensará os agradecidos.[8]

Esses versículos causaram tamanho impacto nas pessoas como se nunca antes os tivessem escutado. Umar estava completamente abatido: "Por Deus, ao ouvir Abu Bakr recitar aquelas palavras, fiquei tão aturdido que minhas pernas não me sustiveram e fui ao chão, sabendo que de fato o apóstolo estava morto".[9]

O choque da morte de Maomé foi uma das mais sérias crises que a comunidade muçulmana teve de enfrentar. Até então, Maomé guiara cada um de seus passos. Como então poderiam continuar sem ele? Deveriam mesmo continuar? Algumas tribos beduínas, cujo compromisso era exclusivamente político, romperam com a *umma*, considerando que a morte de Maomé anulava seu pacto. Havia o risco verdadeiro de a Arábia cair novamente em sua antiga divisão tribal. Alguns muçulmanos mais comprometidos também ficaram imaginando se a morte de Maomé pusera mesmo fim à sua empreitada,[10] e os que desejavam apontar um

sucessor dividiram-se imediatamente em grupos rivais; esses grupos provavelmente refletiam a divisão na comunidade que preocupou Maomé durante seus últimos anos.

A maioria dos Emigrantes apoiava a reivindicação de Abu Bakr, que havia sido amigo íntimo de Maomé desde o começo de sua missão. Umar era da mesma opinião. Mas os Ajudantes naturalmente apoiavam Sa'd ibn Ubadah, um dos seus, para ser o primeiro califa ou representante de Maomé; e os parentes mais próximos do Profeta acreditavam que ele teria desejado que Ali o sucedesse. Abu Bakr acabou vencendo, em grande parte devido a seu tranqüilo controle da crise ter impressionado toda a *umma*. Após ter sido escolhido, Abu Bakr dirigiu-se à comunidade, estabelecendo os princípios que doravante seriam aplicados a todos os governantes muçulmanos:

> A mim foi dada autoridade sobre vocês, mas não sou melhor que vocês. Se eu desempenhar bem meu papel, ajudem-me; se eu o fizer mal, corrijam-me. A verdade depende da lealdade e a falsidade da traição. Os fracos dentre vocês serão fortes a meus olhos até que eu garanta seus direitos com a ajuda de Deus; os fortes dentre vocês serão fracos a meus olhos até que eu lhes tire à força seu direito. Se um povo se recusar a lutar ao modo de Deus, Deus fará cair sobre ele a desgraça. A maldade nunca se espalha num povo sem que Deus faça cair sobre ele a calamidade. Obedeçam-me enquanto eu obedecer a Deus e a seu apóstolo; se eu lhes desobedecer, vocês não me devem nenhuma obediência. Levantem-se para a oração. Deus tenha piedade de vocês.[11]

No começo, Ali manteve distância de Abu Bakr, mas, mais tarde, submeteu-se a seu comando. Abu Bakr morreu após governar por apenas dois anos, sendo sucedido por Umar e depois por Uthman; finalmente, em 656, Ali se tornou o quarto califa. Eles ficaram conhecidos como os *rashidun*, os califas corretamente guiados, por terem governado segundo os princípios de Maomé. Ali, em particular, enfatizara que um governante muçulmano não deve ser tirânico. Ele está, abaixo de Deus, no mesmo nível de seus súditos e deve tratar de aliviar o fardo dos pobres e desamparados. Esta é a única maneira de um regime sobreviver:

> Então, se seus súditos reclamam do peso de seus fardos, de suas dificuldades, do corte da água para irrigação, da falta de chuvas ou da transformação da terra pela ação de enchentes ou secas, alivie-lhes o fardo na medida necessária. E não deixe nada com que lhes tenha aliviado o fardo pesar contra você, pois isso é uma reserva que eles lhe darão em retorno ao trazer a prosperidade para sua terra e ao estabelecer o seu governo [...] Em verdade, a destruição da terra resulta apenas da pobreza de seus habitantes, e seus habitantes empobrecem apenas quando seus governantes se preocupam em acumular riquezas, quando

duvidam da durabilidade de seus próprios governos e quando não tiram proveito de exemplos que servem de advertência.[12]

Um governante não deve se isolar totalmente de seu povo. Deve compartilhar seus fardos, estar pronto para ouvir suas queixas e aceitar seus conselhos.

Nem todos os governantes muçulmanos estiveram à altura desses elevados padrões. Na verdade, o fato de os muçulmanos olharem para o período dos *rashidun* como uma Era Dourada nos mostra que os futuros califas não aderiram com o mesmo entusiasmo aos princípios do igualitarismo e da justiça. Mas houve casos em que um muçulmano seria capaz de construir um império ao dar mostra de que vivia e governava segundo esses princípios. Como vimos, durante o período das cruzadas, tanto Nur ad-Din como Saladino fizeram o possível para dar aos pobres, reformar a cobrança de impostos segundo os preceitos islâmicos e se tornarem acessíveis ao povo. Nos dias de hoje, vimos muçulmanos deporem líderes como o xá do Irã e o presidente Sadat do Egito porque seus governos não eram islâmicos.[13] Os ideais que inspiraram Maomé e os *rashidun* continuam a ser uma poderosa força na sociedade muçulmana, e o governante que os ignora o faz por sua conta e risco.

O cristianismo nutriu a paixão pela discussão teológica e as maiores divisões da cristandade foram causadas por disputas doutrinárias. Como o judaísmo, o islã não possui um conceito como o de "heresia" teológica. Suas disputas mais formativas e suas divisões mais cruciais foram causadas por diferenças políticas. A unidade da *umma*, tão cara a Maomé, foi rompida quando da divisão entre o principal grupo de muçulmanos, conhecidos como sunitas, e o grupo dos *Shiah-i Ali*, o partido de Ali, que acreditava que a *umma* devia ser governada apenas pelos seus descendentes. Como uma facção minoritária, os xiitas desenvolveram uma devoção de protesto exemplificada pelo neto de Maomé, Husayn, que se recusou a aceitar o califado omíada e, com seu pequeno grupo de companheiros, foi cruelmente assassinado pelo califa Yazid na batalha de Kerbala. As disputas intensas entre os vários grupos xiitas e sunitas acerca da liderança da comunidade muçulmana e do tipo de sociedade que ela deveria ser foram tão formativas e importantes quanto os grandes debates cristológicos no cristianismo. Esse fato por si só nos mostra que a realidade política da *umma* é considerada um valor sagrado do islã. Não há diferenças doutrinárias entre xiitas e sunitas, embora cada grupo tenha desenvolvido um tipo

particular de devoção. Vimos que o Corão vê tais divisões teológicas como não edificantes e fúteis. Mas a política é importante para o islã não apenas porque os governantes muçulmanos a utilizaram para ampliar seu poder político, mas porque a empresa islâmica tem sido uma tentativa dinâmica de redimir a história da desintegração e do caos que resultam de uma sociedade não governada por leis justas e eqüitativas. Os esforços políticos não são extrínsecos à vida espiritual pessoal dos muçulmanos, e a *umma* é de importância sacramental. Pode-se considerar que ocupa o mesmo lugar que uma opção teológica particular (católica, protestante, metodista, batista) na vida espiritual de cada cristão.

Após a morte de Maomé, o sucesso contínuo da empresa muçulmana justificou seu esforço político e pareceu demonstrar que, se uma sociedade se reorganiza segundo a vontade de Deus, ela prevalecerá. Os exércitos árabes rapidamente estabeleceram um império que se espalhou do Himalaia aos Pireneus. Originalmente, isso foi inspirado menos pelo Corão que pelo imperialismo árabe. Não houve tentativa de forçar a conversão dos novos súditos à nova religião. O islã continuou sendo visto como a religião dos árabes, assim como o judaísmo era a religião de Israel; houve mesmo um curto período por volta do ano 700 quando as conversões foram proibidas por lei. Mas, cerca de cem anos após a morte de Maomé, os califas de fato passaram a estimular as conversões e as pessoas começaram a se converter em massa ao islã, provando que o Corão satisfazia uma necessidade religiosa dos povos do Oriente Médio e da África do Norte. Ele foi capaz de assimilar a sabedoria de outras culturas antigas e rapidamente estabeleceu sua própria e inconfundível tradição cultural. O islã não era uma força divisória ameaçadora; ao contrário, provou ser capaz de integrar a sociedade.

Juristas muçulmanos desenvolveram a teologia da *jihad* para dar conta de novas condições, ensinando que, já que só havia um Deus, o mundo todo devia se unir numa única comunidade política, sendo obrigação de todo muçulmano engajar-se numa luta contínua para fazer o mundo aceitar os princípios divinos e criar uma sociedade justa. A *umma*, a Casa do Islã, era a área sagrada onde a vontade de Deus havia sido imposta; o resto do mundo, a Casa da Guerra, era a área profana que se deveria sujeitar ao mando de Deus. Até que se atinja esse objetivo, o islã deve se engajar num esforço bélico perpétuo. Essa teologia marcial foi deixada de lado na prática e se tornou letra morta quando, cerca de cem anos após a morte de Maomé,

ficou claro que o império islâmico atingira os limites de sua expansão e os muçulmanos estabeleceram relações diplomáticas e econômicas normais com seus vizinhos da Casa da Guerra. Não houve pressão sobre judeus, cristãos ou zoroastristas para que se convertessem ao islã; os muçulmanos mantiveram o antigo pluralismo religioso do Oriente Médio e aprenderam a coexistir com os membros de outras religiões que, segundo o Corão, eram revelações anteriores e perfeitamente válidas.

A ascensão e a queda de diversas dinastias e impérios, a expansão posterior do islã na Índia e na Indonésia e o desenvolvimento de novos modos e interpretações do Corão podem ser vistos como a continuação do diálogo islâmico com a história. Os muçulmanos continuaram a responder de forma criativa ao desafio da modernidade até há pouco tempo. Foram capazes de sobreviver a tragédias, como a devastação pelos mongóis no século XIII, e se erguer novamente para um novo poder e novas realizações. O Corão continuou a dar a pessoas de muitas raças e de períodos diferentes os meios para superar catástrofes e encontrar coragem para seguir em frente. Por vezes, o novo esforço seria uma resposta especialmente espiritual. Assim, o grande místico Jalal ad-Din Rumi escreveu o *Mathnawi* [Masnavi], talvez o maior clássico da tradição sufi, poucos anos após a destruição de Bagdá, capital do império islâmico, pelas hordas mongóis. Os sufis nos mostram quão profundamente os elementos políticos e sociais afetam a espiritualidade muçulmana. A devoção à *umma* sempre foi um importante componente da vocação mística. Como explica Louis Massignon, o grande especialista do misticismo sufi: "O chamado místico é, em geral, resultado de uma rebelião interior da consciência contra as injustiças sociais, não somente as cometidas por outros, mas principal e particularmente contra as próprias faltas, com o desejo, intensificado pela purificação interior, de encontrar Deus a qualquer custo".[14] A vocação sufi é essencialmente ascética: eles se engajam numa campanha de esforço espiritual a que chamam a "*jihad* maior" (em oposição à "*jihad* menor", o combate físico). Até hoje, contudo, a espiritualidade intensa facilmente se transforma em ativismo político no mundo muçulmano. Os sufis estiveram à frente de muitos movimentos de reforma ou na vanguarda da oposição a tudo o que ameaçasse a *umma*, fosse um inimigo externo, como o exército mongol, ou um governante incapaz de governar de acordo com os princípios islâmicos. Os sufis não se retiram do mundo como os

monges cristãos: o mundo é o cenário de sua campanha em busca de Deus.

Essa espiritualidade é baseada no exemplo do próprio Profeta, que não se retirou do mundo, e sim trabalhou incessantemente para reorganizar sua sociedade. Em vez de esperar pela utopia ou pela vinda de um messias, Maomé tentou criar sua própria sociedade ideal em Medina. Desde o começo, os muçulmanos moldaram a si mesmos baseados em sua vida: sua *hijra* foi o prelúdio de uma campanha política e, desde o tempo da seita kharaji, que rompeu com a *umma* no século VII, até o grupo dos *takfir wa'l hijra* no Egito de Sadat, os muçulmanos que desejam reformar a *umma* retiram-se do que consideram uma sociedade corrupta e declaram guerra à ordem estabelecida. Abu Bakr disse aos muçulmanos que tinham obrigação de depô-lo, caso ele fracassasse em governar corretamente, e os muçulmanos levam isso muito a sério. O bem-estar da *umma* é parte integral de suas vidas espirituais de tal forma que não vêem o afastamento do mundo como a mais alta obrigação espiritual. Devem se engajar na *jihad*, não no sentido de uma fúria atávica ou fanática, mas com espírito de sacrifício, coragem e persistência. Como explicou o falecido Ali Shariati ao povo do Irã durante o governo do xá, a morte do eu não consistia no solitário exercício do monasticismo, mas na luta dedicada a defender o povo de Deus, mesmo que isso implique sofrimento e morte:

> [...] Seu monasticismo não é no mosteiro, mas na sociedade; [é através d]o sacrifício, [d]a sinceridade, [d]a abnegação, [d]a tolerância ao cativeiro, às privações, às torturas, às angústias e [d]a aceitação da morte nas arenas de embates em favor do povo que se chega a Deus. O Profeta disse: "Cada religião tem seu tipo de monasticismo, e o monasticismo da minha é a *jihad*".[15]

Cada religião tem sua própria ênfase, mas essa preocupação social é importante para a espiritualidade das três tradições monoteístas. Se os cristãos acham estranha a concepção dos muçulmanos de sua vocação essencialmente política, deveriam refletir sobre suas próprias preocupações doutrinárias e sua paixão por formulações teológicas abstrusas de verdades inefáveis que parecem grotescas tanto aos judeus como aos muçulmanos.

Um dos principais meios pelos quais os muçulmanos construíram esse senso profundo de irmandade e solidariedade foi a devoção ao profeta Maomé. Os muçulmanos continuaram a enfatizar que Maomé é apenas um homem como qualquer outro, mas, através dos séculos, acrescentaram uma qualificação. Sim,

Maomé é um homem como qualquer outro, mas é "como uma jóia entre pedras".[16] Enquanto pedras comuns são opacas e pesadas, a jóia é translúcida, traspassada pela luz que transfigura. A vida de Maomé tornou-se um "sinal", como os outros sinais que o Corão compele os muçulmanos a ver no mundo natural. Sua carreira profética foi um símbolo, uma teofania, que não só mostra a atividade de Deus no mundo, mas também ilustra a perfeita sujeição humana a Deus. O desenvolvimento do ideal da santidade de Maomé é um intento criativo de penetrar o significado de sua vida e aplicá-lo às circunstâncias da vida diária. Os cristãos também desenvolveram uma imagem de Jesus, o homem, que também é o Logos, a planta baixa do plano de Deus para a criação. Diferentemente da devoção a Jesus, contudo, a devoção muçulmana a Maomé não é ao personagem pessoal e histórico, e sim ao símbolo ou sacramento que, como o simbolismo da grande arte, ilumina a vida e dá a ela um novo significado ao apontar para outra dimensão da realidade, além dela própria.

Maomé é, portanto, simbolicamente, o Homem Perfeito, o arquétipo humano e a imagem da perfeita receptividade a Deus. Daí a importância imaginária da crença no analfabetismo de Maomé, porque torna patente sua total abertura à Palavra Divina: como a Viagem Noturna, ela é vista como exemplo da *'fana*, ou aniquilação em Deus, de que falam os sufis. Assim como os cristãos incrementaram a prática da imitação de Cristo, os muçulmanos procuram imitar Maomé em suas vidas quotidianas para se aproximarem de sua perfeição tanto quanto possível, e assim chegar o mais próximo que puderem do próprio Deus. Como é de esperar, esse processo de imitação é mais prático e concreto que a imitação do Cristo. Durante os séculos VIII e IX, estudiosos muçulmanos começaram o processo de pesquisa para compilar a grande coleção dos dizeres de Maomé (*hadiths*: tradições) e de suas práticas costumeiras (*sunnah*). Viajaram através do império islâmico para descobrir o maior número possível de relatos autênticos das coisas que Maomé disse ou fez em dada ocasião, e tais relatos, juntamente com o Corão, constituem a base tanto da Lei Santa islâmica (*shari'a*) como da vida diária e da espiritualidade de cada muçulmano. A *sunnah* ensinou os muçulmanos a imitar o modo como Maomé falava, comia, amava, se lavava e adorava, de forma que, mesmo nos menores detalhes, reproduzissem sua vida na terra e, em sentido real embora simbólico, o trouxessem de volta à vida.

Os cristãos não têm nada equivalente à Torá ou a *shari'a* e tendem a pensar que sua minuciosa observância deve ser penosa e proibitiva. É o tipo de espiritualidade duramente criticada pelo Novo Testamento, onde Paulo investe contra a Torá como parte de sua polêmica contra os judeus cristãos que desejavam manter a religião de Jesus como simples seita do judaísmo. Mas nem os muçulmanos nem os judeus vêem a Lei como um fardo. Os muçulmanos vêem a *sunnah* como um tipo de sacramento: ela os ajuda a desenvolver a consciência de Deus prescrita no Corão nos interstícios de sua vida quotidiana. Ao se modelarem no Profeta de modo tão próximo quanto possível, não somente o internalizam em nível bastante profundo mas também tentam cultivar a postura interior de Maomé e se aproximar do Deus que se encontra nas profundezas de seus seres. Algumas das *hadith* são, na verdade, dizeres do próprio Deus colocados nos lábios do Profeta. Essas *hadith qudsi*, tradições sagradas, enfatizam que Deus não é um ser metafísico "lá em cima", mas que está, em algum sentido, identificado com o fundamento do ser. Uma famosa tradição lista os estágios pelos quais essa presença interior é apreendida: deve-se começar pela observação dos mandamentos e então evoluir para atos espontâneos de devoção:

> Meu servo aproxima-se de mim através de nada que me seja mais caro que aquilo que estabeleci como sua obrigação. E meu servo continua a se aproximar de mim através de atos super-rogatórios até que eu o ame: e ao amá-lo, torno-me o ouvido com que ouve, o olho com que vê, a mão com que segura e o pé com que anda.[17]

As ações externas, como os elementos físicos dos sacramentos cristãos, são sinais exteriores da graça interna e devem ser observadas e guardadas com reverência. Essa preocupação faz com que todos os muçulmanos espalhados pelo mundo compartilhem um modo de vida comum e, sem prejuízo de suas diferenças, exibam uma identidade muçulmana bastante definida, que prontamente os une. O modo como oram ou se lavam, suas maneiras à mesa ou sua higiene pessoal seguem um padrão comum e próprio. Muçulmanos na China, na Indonésia e em várias partes do Oriente Médio farão, por exemplo, a *salat* do mesmo modo e exatamente com a mesma duração de tempo.

Os muçulmanos que reverenciam Maomé dessa forma simbólica não têm interesse pela busca do Maomé histórico, assim como os cristãos que têm

semelhante compromisso inventivo com Cristo se sentem incomodados pelas pesquisas existentes sobre a vida terrena de Jesus. Mas o caso Salman Rushdie mostrou que o que foi percebido como um ataque ao Profeta violou uma área sagrada da psique muçulmana em todo o mundo. No império islâmico denegrir Maomé ou sua religião sempre foi uma ofensa suprema, mas hoje o impacto sobre os muçulmanos é particularmente forte devido à humilhação sofrida pela *umma* nas mãos do mundo ocidental. Durante o século XVIII o império islâmico entrou em declínio, e foi particularmente difícil se levantar outra vez e começar vida nova. Sua decadência e queda coincidiram com a ascensão do Ocidente com um tipo de sociedade jamais antes vista e, portanto, difícil de combater. Isso não foi apenas uma humilhação política, mas tocou o cerne da identidade muçulmana. Se o islã, pela primeira vez na história, não é mais bem-sucedido, como podem suas premissas ser verdadeiras? As prescrições sociais do Corão tinham até então provado ser infalíveis, mas se a sociedade muçulmana se esfacelou, mesmo que a *umma* estivesse dando o melhor de si para implementar o plano divino, alguma coisa deu radicalmente errado na histórica islâmica.

Novamente, deve-se enfatizar que o sucesso da *umma* é essencial e de importância quase sacramental na vida religiosa pessoal de cada muçulmano. Sua queda produziu um tipo de crise religiosa no mundo islâmico cuja gravidade assemelha-se à experimentada na Europa quando as descobertas científicas de Lyell e Darwin pareciam minar as fundações da fé cristã. O desespero de um poema como o "Dover Beach" [Praia de Dover], de Matthew Arnold, e a desolação do *In Memoriam*, de Alfred Tennyson, dão-nos uma idéia do pânico e do desalento que alguns muçulmanos experimentam hoje. Como explicar a aparente impotência do islã perante o Ocidente e seu secularismo triunfante? A essência dos ensinamentos sociais do Corão está em que uma sociedade baseada nos princípios corretos não tem como falhar, por estar em harmonia com o modo como as coisas devem ser. O sucesso da *umma* sob a liderança de Maomé e seus sucessores provou que tal sociedade funcionava; seu sucesso tinha um valor sacramental. O cristianismo, em geral, está em sua melhor forma em tempos de adversidade; o islã tem o problema oposto.

No começo do livro, ao considerarmos a visão ocidental de Maomé, vimos brevemente o ódio e o desespero dos mártires de Córdoba no século IX. Hoje em

dia, no mundo islâmico, muitas pessoas estão se voltando para uma forma radical do islã, por vezes alimentada por um pavor semelhante. Como os cordobeses, muitos muçulmanos estão tentando descobrir uma nova identidade e retornar às próprias raízes. Este vem sendo em anos recentes o tema dos assim chamados movimentos fundamentalistas. Os muçulmanos se sentiram não só humilhados e degradados perante o poder do Ocidente, como desorientados e perdidos porque suas próprias tradições pareciam estar sendo submersas pela cultura ocidental dominante. O secularismo que cuidadosamente cultivamos no Ocidente surgiu de nossas próprias tradições, mas no mundo islâmico ele parece estranho e estrangeiro — uma importação antes negativa que positiva. Cresceu uma geração de pessoas no mundo islâmico que não se sente em casa nem no Oriente nem no Ocidente, e a resposta que muitos encontraram foi um retorno a suas raízes islâmicas. Assim como Maomé procurou inserir sua religião nas tradições sagradas da Arábia ao redefinir o significado do *hajj*, os muçulmanos radicais tentam se enraizar com maior segurança no passado islâmico.

Outro tema do novo fundamentalismo vem sendo a tentativa de colocar a história islâmica de volta nos eixos e tornar a *umma* forte e eficiente outra vez. A revolução iraniana não foi somente um retorno ativista ao passado, mas uma tentativa de impor novamente valores decentes ao Irã. O ideal do Estado islâmico no Paquistão e no Irã despertou esperanças profundas que parecem estranhas ao Ocidente, onde se desenvolveu a concepção secular de governo, mas ambos representam profundos imperativos religiosos e culturais e a oportunidade de fazer o islã voltar a funcionar de forma eficiente. A história de ambos os esforços nos mostra quão problemática e cheia de dificuldades insuperáveis está sendo, no século XX, semelhante tentativa de tornar realidade a Palavra de Deus. Enquanto, no passado, os muçulmanos foram capazes de se levantar novamente após diversas crises e catástrofes — a morte do Profeta, a devastação pelos mongóis etc. — desta vez isso está mostrando ser muito mais difícil, e certo desespero frenético penetrou na religião.

O fenômeno do fundamentalismo islâmico é complexo; ele brotou de uma grande dor e vem imbuído da necessidade desesperada de muitos muçulmanos de tomar novamente as rédeas de seus destinos, à tradicional maneira islâmica. Algumas das novas formas radicais do islã não parecem salutares, e sim cheias da

mesma insegurança e desalento que alimentou o culto suicida aos mártires de Córdoba, impulsionados por muitas das mesmas necessidades e medos. Vimos, quando da crise do canal de Suez, que o estudioso do islã Wilfred Cantwell Smith escreveu que um islã saudável e operante era essencial porque ajudava o povo muçulmano a cultivar valores e ideais decentes que nós, no Ocidente, compartilhamos porque surgiram de uma tradição comum. Desde Suez, o Ocidente vem alienando ainda mais as pessoas do Oriente Médio e desacreditou o secularismo liberal que estava tão ansioso por disseminar. No Ocidente, nunca fomos capazes de lidar com o islã: nossas idéias a seu respeito têm sido brutais e desdenhosas, e hoje parecemos desvirtuar nosso próprio e jurado compromisso com a tolerância e a compaixão por meio de nosso desprezo pela dor e pela angústia que o mundo muçulmano começa a sentir. O islã não vai desaparecer ou definhar; seria melhor se continuasse forte e saudável. Só nos resta esperar que não seja tarde demais.

As pessoas no mundo islâmico têm muitos problemas no final do século XX, mas, como Wilfred Cantwell Smith destacou em 1956, o Ocidente também tem um problema. A "fraqueza fundamental" da civilização ocidental e do cristianismo no mundo moderno

> é sua incapacidade de reconhecer que dividem o planeta não com inferiores, mas com iguais. A menos que a civilização ocidental, intelectual e socialmente, política e economicamente, e a Igreja cristã, teologicamente, aprendam a tratar outros homens com um mínimo de respeito, terão, cada um a seu turno, falhado em se conciliar com as novas exigências do século xx. Os problemas daí decorrentes têm, claro, profundidade igual em tudo o que dissemos sobre o islã.[18]

O fato é que o islã e o Ocidente compartilham uma tradição comum. Os muçulmanos a reconhecem desde o tempo do profeta Maomé, mas isso é algo que o Ocidente não consegue aceitar. Hoje, alguns muçulmanos começam a se voltar contra as culturas do Povo do Livro, que os humilhou e desprezou. Elas começam a islamizar seu novo ódio. A amada figura do profeta Maomé tornou-se central nos últimos embates entre o islã e o Ocidente durante o caso Salman Rushdie. Se os muçulmanos precisam, hoje em dia, de uma compreensão mais apurada de nossas tradições e instituições ocidentais, nós, no Ocidente, precisamos nos desvencilhar de nosso antigo preconceito. Talvez um bom ponto de partida seja a figura de Maomé: um homem complexo e apaixonado, que por vezes tomou atitudes para

nós difíceis de aceitar, mas foi um homem genial e fundou uma religião e uma tradição cultural baseada não na espada — apesar do mito ocidental — e cujo nome, "islã", quer dizer paz e reconciliação.

Notas

No original, as citações do Corão foram extraídas da tradução de Arthur J. Arberry, *The Koran interpreted* (Oxford, 1964), exceto quando indicado pela autora. Em português, servimo-nos da tradução de Mansour Challita, *O Alcorão* (Acigi, Rio de Janeiro, 2001). Citações das Escrituras judaico-cristãs extraídas, em inglês e em português, das respectivas traduções da *Bíblia de Jerusalém*.

I. MAOMÉ, O INIMIGO

1. Jean de Joinville, *The life of st Louis* [A vida de são Luís], trad. René Hague e ed. Natalis de Wailly (Londres, 1955), p. 36.

2. Paulo Álvaro, *Inductus luminosus*, citado em R. W. Southern, *Western views of islam in the Middle Ages* [Visões ocidentais do islã na Idade Média] (Londres, 1962), p. 21.

3. Perfectus era provavelmente o equivalente latino do nome árabe al-Kamil (o Completo); outros mártires eram chamados de *servus Dei*, que deve ser uma tradução de Abdallah (o escravo de Deus).

4. Paulo Álvaro, *Vita Eulogii*, citado em Norman Daniel, *The Arabs and medieval Europe* [Os árabes e a Europa medieval] (Londres e Beirute, 1975), p. 29.

5. II Tessalonicenses 1: 4-8. O autor da carta não é são Paulo; ela foi escrita anos após sua morte.

6. Apocalipse 19:19.

7. *Gesta francorum or the deeds of the Franks and other pilgrims to Jerusalem* [*Gesta francorum* ou os feitos dos francos e de outros peregrinos em Jerusalém], trad. Rosalind Hill (Londres, 1962), p. 29.

8. Southern, *Western views of islam*, p. 29.

9. Citado em Daniel, *The Arabs and medieval Europe*, p. 165.

10. Dante Alighieri. *A divina comédia — Inferno*. Ed. bilíngüe: tradução e notas de Eugênio Mauro (São Paulo, 2000), Cântico 1: Inferno, Canto XXVIII: 22-7. [Edição utilizada no original: *The comedy of Dante Alighieri*, Cantica 1: Hell, trad. Dorothy L. Sayers (Londres, 1949), p. 156.]

11. *Gesta regum*, citado em *Southern, western views of islam*, p. 35.

12. *Chronicon*, in ibid. , p. 36.

13. Citado em Benjamin Kedar, *Crusade and mission: European approaches to the muslims* [As Cruzadas e as missões: abordagens européias aos muçulmanos] (Princeton, 1984), p. 99.

14. Ibid. , p. 101.

15. Citado em Régine Pernoud, *The crusaders*, trad. Enid Grant (Edimburgo e Londres, 1963), p. 221.

16. Ibid.

17. Kedar, *Crusade and mission*, pp. 125-6.

18. Citado em Pernoud, *The crusaders*, pp. 222-3.

19. Umberto Eco, "Dreaming of the Middle Ages" [Sonhando com a Idade Média], in *Travels in hyper-reality* [Viagens pela hiper-realidade], trad. William Weaver (Londres, 1987).

20. Citado em Southern, *Western views of islam*, pp. 79-80.

21. Daniel, *The Arabs and medieval Europe*, p. 302.

22. Norman Daniel, *Islam and the west: The making of and image* [O islã no Ocidente: A construção de uma imagem] (Edimburgo, 1960), pp. 284-5.

23. Citado em Edward W. Said, *Orientalism: western conceptions of the Orient* [Orientalismo: concepções ocidentais do Oriente] (Nova York e Londres, ed. de 1985), p. 66.

24. Humprhy Prideaux, *The true nature of imposture, fully displayed in the life of Mahomet* [A verdadeira cara da impostura, totalmente exposta na vida de Maomé] (7ª ed. , Londres, 1708), p. 80.

25. Daniel, *Islam and the west*, p. 297.

26. Ibid. , p. 300.

27. Ibid. , p. 290.

28. *The decline and fall of the Roman Empire* [Declínio e queda do Império Romano], org. Dero E. Saunders, compactada em um volume (Londres, 1980), pp. 657-8.

29. *On heroes and hero-worship* [Dos heróis e do culto aos heróis] (Londres, 1841), p. 36.

30. Citado em Said, *Orientalism*, p. 172.

31. Ibid.

32. Ibid, p. 171.

33. *Histoire générale*, citado em ibid. , p. 149.

34. M. Baudricourt, *La guerre et le gouvernement de l'Algérie* [A guerra e o governo da Argélia] (Paris, 1853), p. 160.

35. Citado em Said, *Orientalism*, p. 38.

36. *Holy war: the crusades and their impact on today's world* [Guerra santa: as cruzadas e seu impacto no mundo de hoje] (Londres, 1989).

37. Rana Kabbani, *Letter to christendom* [Carta à cristandade] (Londres, 1989), p. 54.

38. Fay Weldon, *Sacred cows* [Vacas sagradas] (Londres, 1989), pp. 6, 12.

39. Conor Cruise O'Brien, *The Times*, 11 maio 1989.

40. *Islam in modern history* [O islã na história moderna] (Princeton e Londres, 1957), pp. 304-5.

2. MAOMÉ, O HOMEM DE AL-LLAH

1. Após as revelações, diz-se que Maomé reforçou o "l" na pronúncia de "al-Llah", para distinguir a forma islâmica do conceito pagão de Deus. Esse uso é mais correto que o mais conhecido "Alá" [em inglês "Allah"].

3. *JAHILIYAH*

1. O zoroastrianismo foi pregado pelo profeta Zoroastro no Irã nos séculos VII e VI a. C. , mais ou menos durante o mesmo período em que Jeremias e Isaías pregavam em Jerusalém. É uma fé dualista que vê uma eterna luta entre dois poderes supremos, os princípios do Bem e do Mal.

2. A. J. Toynbee, *A study of history* [Um estudo da história] (Londres, 1951), vol. III, pp. 7-22.

3. W. Montgomery Watt, *Muhammad's Mecca: history in the Qu'ran* [A Meca de Maomé: história no Corão] (Edimburgo, 1988).

4. Parece, contudo, que alguns pagãos de Yathrib tinham efígies de Manat em seus lares.

5. Ver árvore genealógica dos coraixitas à página 25.

6. Tradicionalmente, acredita-se que Maomé tenha nascido no Ano do Elefante, mas estudiosos ocidentais datam a invasão abissínia cerca de dez anos antes, em 560.

7. Citado em Muhammad ibn Ishaq, *Sirat Rasul Allah* 38, em A. Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad* [A vida de Maomé] (Londres, 1955), p. 21.

8. Sura 29: 61.

9. Sura 10: 22-4; ver também 29: 65, 31: 31, 17: 69.

10. *Sira* 143, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 99.

11. Ibid. , 145, p. 100.

4. REVELAÇÃO

1. Sura 93: 6-8.

2. Hoje em dia muitos muçulmanos acreditam que Maomé foi o arquétipo do homem perfeito, sendo, portanto, incapaz de cometer erros. Essa discussão é feita em maior detalhe no capítulo 9.

3. Muhammad ibn Ishaq, *Sirat Rasul Allah* 150, in A. Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 104.

4. Sura 61: 6. Ver também Tor Andrae, *Muhammad: the man and his faith* [Maomé: o homem e sua fé], trad. Théophil Menzel (Londres, 1936), pp. 44-5.

5. Muhammad ibn Ishaq, *Sira* 136, in A. Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 94.

6. Ibid. , 134, p. 93. Ad e Iram são antigos povos árabes cuja destruição é mencionada pelo Corão.

7. *Kitab al-Tabaqat al-Kabir*, citado em Andrae, *Mohammad*, pp. 43-4.

8. Há controvérsias sobre a tradução de Hilf al-Fudul como Liga dos Virtuosos ou Cavalheiros [em inglês "League of Virtous" ou "Chivalrous"].

9. Ibn Ishaq, *Sira* 104-5, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 71.

10. Abu Bakr Ahmad at-Baihaqi (m. 1606), *Dala'il an nubuwwa*, 1. 12, citado em Annemarie Schimmel, *And Muhammad is his messenger: the veneration of the Prophet in islamic piety* [E Maomé é o seu mensageiro: a veneração ao Profeta na devoção islâmica] (Chapel Hill e Londres, 1985), p. 68.

11. Ibn Ishaq, *Sira* 116-7, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 81.

12. Segundo Andrae, *Mohammed*, pp. 50-1.

13. Ibn Ishaq, *Sira* 121, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 83.

14. Ibid. , 120, p. 82.

15. Ibid. , 155, p. 111.

16. Alguns árabes desta história são quase sempre chamados por seus *kunyas* nas fontes, por ex. Abu Talib, Abu Sufyan e Umm Salamah.

17. Ibn Ishaq, *Sira* 124-5, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, pp. 85-6.

18. Sura 28: 86.

19. Muhammad ibn Isma'il al-Bukhari, citado em Martin Lings, *Muhammad: his life based on the earliest sources* [Maomé: sua vida baseada nas primeiras fontes] (Londres, 1983), pp. 43-4.

20. Sura: 96: 1-5.

21. Ibn Ishaq, *Sira* 153, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 106.

22. Isaías 6: 1-9.

23. Jeremias 20: 7-9.

24. Andrae, *Mohammad*, p. 59.

25. Ibn Ishaq, *Sira* 153, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 106.

26. Ibid. , 154, p. 107. *Namus* vem do grego *nomos*, lei, ou seja, a Lei de Moisés ou Torá, revelada ao povo de Israel. Esse termo, usado por Waraqa, era novo para os árabes. Os muçulmanos o identificaram com Gabriel. Waraqa quis dizer que essa era uma das grandes revelações que Deus periodicamente fazia aos homens.

27. Sura 35: 22.

28. Ver, por exemplo, Sura 6: 160 ss.

29. Sura 3: 76.

30. Sura 61: 6.

31. Sura 81: 19-24.

32. Ibn Ishaq, *Sira* 151, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 105.

33. Jalal al-Din Suyuti, *al-itqan fi'ulum al-aq'ran*, citado em Maxime Rodinson, *Mohammed*, trad. Anne Carter (Londres, 1971), p. 74.

34. Bukhari, Hadith 1. 3. , citado em Lings, *Muhammad*, pp. 44-5.

35. Sura 75: 16-8.

36. Challita traduz a última palavra por "divulga" [*declare it* na tradução utilizada no original], mas em árabe ela que dizer, na verdade, algo como "dê glórias a Deus" ["give glory to God"].

5. O GUIA

1. Sura 42: 7.

2. Sura 88: 21-2.

3. Sura 74: 1-5, 8-10. Alguns estudiosos acham que foi esta, e não a sura 96, a primeira parte do Corão a ser revelada.

4. Sura 80: 17-32.

5. Suras 51: 19, 70: 24. Nos primórdios do islã, a *zakat* foi estabelecida como princípio, mas se tornou um imposto regular só após a morte de Maomé.

6. W. Montgomery Watt, *Muhammad at Mecca* [Maomé em Meca] (Oxford, 1953), excurso D: "Tazakka", pp. 165-9.

7. Suras 92: 18, 9: 103, 63: 9, 102: 1.

8. Suras 4: 2, 5, 10, 6: 152, 17: 34, 51: 19, 70: 24.

9. Sura 96: 6-8.

10. Sura 104: 1-3.

11. Sura 70: 11-14.

12. Sura 105.

13. Sura 80: 11.

14. Sura 106.

15. Sura 55: 1-13.

16. Sura 36: 33-40.

17. Sura 36: 41-4.

18. Isaías 55: 8-9.

19. Sura 2: 164

20. Sura 6: 96-9.

21. Sura 10: 69, 21: 26-30.

22. Sura 8: 2-4.

23. Suras 2: 89, 27: 14.

24. Muhammad ibn Sa'd, *Kitab al-Tabaqat al-Kabir*, 8: 102, citado em Martin Lings, *Muhammad: his life based on the earliest sources* (Londres, 1983), p. 51.

25. Muhammad ibn Ishaq, *Sirat Rasul Allah* 162, in A. Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad* (Londres, 1955), p. 116.

26. Ibid. , 161, p. 115.

27. Ibn Sa'd, *Tabaqat*, 3: 1, 37, citado em Lings, *Muhammad*, p. 47.

28. Cidado em Watt, *Muhammad at Mecca*, p. 87.

29. Ibn Ishaq, *Sira* 166, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 177.

30. Sura 26: 214.

31. Sura 17: 28-31.

32. Abu Já'fah at-Tabari, *Tariq ar-Rasul wa'l-Muluk* 1171, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, pp. 117-8.

33. Sura 83: 13.

34. Sura 37: 15.

35. Sura 37: 12-9.

36. Sura 45: 23.

37. Sura 83: 9-14.

38. Sura 36: 77-83.

6. OS VERSÍCULOS SATÂNICOS

1. Muhammad ibn Ishaq, *Sirat Rasul Allah* 166-7, in A. Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad* (Londres, 1955), p. 118.

2. Ver sura 38: 4-8.

3. Ver, por exemplo, sura 46: 8.

4. Sura 17: 73-4.

5. Citado em W. Montgomery Watt, *Muhammad at Mecca* (Oxford, 1953), p. 100.

6. *Tafsir*, XVII, 119-21, citado em Watt, *Muhammad at Mecca*, p. 102.

7. *Tariq ar-Rasul wa'al Muluk* 1192, citado in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 165.

8. Sura 53: 19-20.

9. Sura 53: 26, embora mesmo aqui a intercessão dos anjos seja minimizada.

10. Tabari, *Tariq*, citado in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 166.

11. Ver sura 7: 9-15.

12. William O. Beeman, "Images of the Great Satan: representations of the United States in the Iranian Revolution" [Imagens do Grande Satã: representações dos Estados Unidos na revolução iraniana], in Nikki R. Keddie (org.), *Religion and Politics in Iran: shi'ism from quietism to revolution* [Religião e política no Irã: o xiismo do quietismo à revolução] (New Haven, 1983), pp. 191-217.

13. *Tariq* 1192, citado in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 166.

14. Sura 53: 19-26.

15. Sura 22: 52.

16. Sura 2: 100; cf. 13: 37, 16: 101, 17: 41, 17: 86.

17. Ver sura 69: 44-7.

18. Suras 29: 17, 10: 18, 39: 43.

19. Sura 7: 194-7, 25: 17 ss. , 16: 86, 10: 28.

20. Sura 36: 74.

21. Ibn Ishaq, *Sira* 167-8, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 119.

22. Ibid.

23. Ibid. , 206-7, p. 145.

24. Sura 19: 16-22.

25. Citado em Ibn Ishaq, *Sira* 183-4, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, pp. 130-1.

26. Ibid. , 185, p. 131.

27. Ibid. , p. 132.

28. Sura 41: 1-6.

29. Ibn Ishaq, *Sira* 186-7, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, pp. 132-3.

30. Suras 52: 34, 2: 23, 10: 38.

31. George Steiner, *Real presences: is there anything* in *what we say?* (Londres, 1989), pp. 142-3.

32. Seyyed Hossein Nasr, *Ideas and realities of islam* [Idéias e realidades do islã] (Londres, 1966), pp. 47-8.

33. Ibn Ishaq, *Sira* 227, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 157.

34. Ibid. , 228, p. 158.

35. Ibid. , 230, p. 159.

36. Sura 23: 23-5.

37. Sura 11: 103.

38. Sura 11: 102-3.

7. *HIJRA*: UM NOVO LAR

1. Citado em Muhammad ibn Ishaq, *Sirat Rasul Allah* 278, em A. Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad* (Londres, 1955), p. 191.

2. Ibid. , 244, pp. 169-70.

3. Muhammad ibn Isma'il al-Bukhari, *Ahadith*, 63:26, citado em Martin Lings, *Muhammad: his life based on the earliest sources* (Londres, 1983), p. 94.

4. Ibn Ishaq, *Sira* 280, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 193.

5. Sura 46: 28-32.

6. Sura 13: 11.

7. Nenhum dos dois recusou dar proteção a Maomé especificamente por causa de sua religião. Aknas recusou porque, embora fosse considerado o chefe do clã, era na verdade um de seus confederados e, por essa razão, não estava autorizado a dar proteção a forasteiros. Suhayl respondeu que não podia dá-la a Maomé porque ele vinha de um ramo errado dos coraixitas.

8. Sura 17: 1.

9. Ibn Ishaq, *Sira* 271, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 186.

10. Sura 53: 13-8.

11. Ver Annemarie Schimmel, *And Muhammad is his messenger: the veneration of the Prophet in islamic piety* (Chapel Hill e Londres, 1985), pp. 161-75.

12. *Ilahinama* [O livro da sabedoria], citado em ibid. , pp. 167-8.

13. Em *The making of late Antiquity* [A construção da Antigüidade tardia] (Cambridge, Mass. , e Londres, 1978), Peter Brown mostra que o transe e o êxtase eram norma no início do cristianismo. O sonho revestia de particular importância a vida religiosa da época — tanto pagã como cristã. "Era um paradigma da fronteira aberta entre o humano e o divino: quando um homem estava adormecido e os sentidos corpóreos em repouso, a fronteira entre ele e os deuses se abria de par em par" (p. 65).

14. *Acts of Perpetua and Felicitas* [Atos de Perpétua e Felicidade], IV, citado em Peter Dronke, *Women writers of the Middle Ages: A critical study of texts from Perpetua (d. 203) to Marguerite Porete (d. 1310)* [Escritoras medievais: um estudo crítico de textos de Perpétua (m. 203) a Marguerite Porete (m. 1310)] (Cambridge, 1984), p. 2.

15. *The power of myth* [O poder do mito] (com Bill Moyers) (Nova York, 1988), p. 85.

16. Ibid. , p. 87.

17. Ibn Ishaq, *Sira* 134, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 93.

18. Ibid. , 287, p. 198.

19. Ibid. , 246, p. 171.

20. Ibid.

21. Citado em Ibn Ishaq, *Sira* 289, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 199. O mandamento que proibiu os muçulmanos de "assassinar suas crianças" proibiu o costume do infanticídio feminino, que era comum na Arábia pré-islâmica.

22. Ibid. , 291-2, pp. 200-1.

23. Citado em ibid. , 293, p. 201.

24. Sura 5:5-7. Os muçulmanos são proibidos de comer porco, carne putrefata, carne de animal estrangulado e daqueles que morreram naturalmente, o sangue e a carne de animais sacrificados a ídolos.

25. Ibn Ishaq, *Sira* 295, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 202.

26. Ibid. , 304-5, p. 208.

27. Alguns muçulmanos tinham parentes em Medina: o próprio Maomé tinha conexões em Medina através de sua mãe Amina. Mas a *hijra* exigia que os muçulmanos trocassem a tribo e o grupo sangüíneo por outros de que não fossem parentes.

28. W. Montgomery Watt, *Muhammad's Mecca: history in the Qu'ran* [A Meca de Maomé: a história no Corão] (Edimburgo, 1988), p. 25.

29. Sura 60: 1, 9, 47-13.

30. Sura 8: 0, 28: 9, 27: 8-51.

31. Os estudiosos ocidentais questionam o papel de Abbas no Segundo 'Aqaba. Assinalam que Abbas foi o fundador da dinastia abássida e que esta e outras referências elogiosas eram uma tentativa de restaurar sua reputação. Como veremos, Abbas parece ter lutado contra Maomé e não se converteu ao islã quase até o último momento.

32. Ibn Ishaq, *Sira* 296, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 203.

33. Ibid. , 297, p. 204.

34. Ibid. , 316, p. 215.

35. Sura 9:40.

36. Ibn Ishaq, *Sira* 334, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 227.

37. Ibid. , 337, p. 229.

38. Ibid. , 342, p. 232.

39. Ibid.

40. Ibid. , 341, pp. 231-2.

41. Sura 8: 72. [No original, a tradução utilizada foi feita por W. Montgomery Watt em *Muhammad's Mecca*, p. 20.]

42. Ibn Ishaq, *Sira* 341, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 232.

43. Sura 3: 109.

44. Ibn Ishaq, *Sira* 247, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 236.

45. Muhammad ibn Sa'd, *Kitab a' Tabaqat al-Kabir*, VIII, 42, citado em Lings, *Muhammad*, pp. 133-4.

46. Ibn Ishaq, *Sira* 414, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 280. Fakhkh é um local fora de Meca; Majanna era um mercado na parte baixa da cidade; Shama e Tafil são duas montanhas de Meca.

47. Ibid.

48. Sura 2: 6-14.

49. Ibn Ishaq, *Sira* 413, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 279.

50. Ibid. , 362, p. 246.

51. Ibid. , 361, p. 246.

52. Sura 2: 25, 4: 153, 5: 15,

53. Sura 3: 72, 3: 87. Os judeus também são acusados de distorcer o significado de textos, adaptando-os para satisfazer a seus propósitos (4: 48, 5: 6). Mais tarde, os muçulmanos usaram esses versículos para argumentar que as escrituras judaicas estão corrompidas. O texto, contudo, diz que os judeus "alteraram as palavras de seus próprios significados".

54. Sura 2: 79, 5: 82.

55. Ver, por exemplo, 4: 156-7. Isto não é um ataque a Jesus ou contra o cristianismo, mas é parte da polêmica contra os judeus. A idéia de que Jesus realmente não sofreu e morreu na cruz era defendida por várias seitas docetas do cristianismo oriental e do maniqueísmo, que parece ter penetrado na Arábia.

56. Ver Sura 2: 110.

57. Sura 29: 46.

58. Sura 3: 67-8.

59. Sura 2: 136.

60. Ver D. Sidersky, *Les origines des légendes musulmanes dans le Coran et dans les vies des prophètes* (Paris, 1993), pp. 51-3.

61. Gênesis 21: 8-21

62. Sura 2: 122-4.

63. Sura 2: 144. Ver também 2: 140-6.

64. Sura 6: 159, 161-4.

8. GUERRA SANTA

1. Estas observações se aplicam somente ao cristianismo ocidental. A Igreja Ortodoxa Oriental não cultiva a imagem do Cristo vulnerável, mas do Cristo Pantocrater, imperador do universo. O imperador de Bizâncio foi seu representante na terra e sua esplêndida corte modelada na de Cristo no céu.

2. Esta atitude sempre está presente no Novo Testamento: I João 2: 2-17.

3. Mesmo os puritanos vêem a prosperidade terrena antes como *recompensa* que como realização espiritual em si.

4. *The roman martyrology* [O martirológio romano]: verbete Dia de Natal.

5. Sura 33: 72.

6. Ver, por exemplo, Sura 11: 28-125.

7. Sura 22: 39-40.

8. Tor Andrae, *Muhammad: the man and his faith*, traduzido por Theophil Menzel (Londres, 1936), p. 197.

9. Sura 2: 217.

10. Sura 5:17, mas em 5:85 o Corão sugere que os cristãos são muito mais caridosos que os judeus.

11. Sura 22: 251.

12. Discuti a *jihad* moderna mais integralmente em *Holy war: the crusades and their impact on today's world* (Londres, 1988), pp. 223-84.

13. Citado em Muhammad ibn Ishaq, *Sirat Rasul Allah* 430, em A. Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad* (Londres, 1955), p. 291.

14. Ibid. , 435, p. 294.

15. Ibid. , 438, p. 296.

16. Ibid. , 441, p. 298.

17. Ibid.

18. Ibid. , 442, p. 298.

19. Sura 8:70.

20. Armstrong, *Holy war*, do começo ao fim.

21. Sura 8: 45.

22. Sura 8: 17.

23. Sura 8: 65-6.

24. Sura 21: 48-50.

25. Êxodo 14: 25-31.

26. *Tariq ar-rasul wa'l-Muluk* 1281, citado em W. Montgomery Watt, *Muhammad at Medina* [Maomé em Medina] (Oxford, 1956), p. 205.

27. Ver Sura 47: 5, 24: 34, 2: 178.

28. Citado em Muhammad Zafrulla Khan, *Islam: its meaning for modern man* [Islã: seu significado para o homem moderno] (Londres, 1962), p. 182.

29. Ibn Ishaq, *Sira* 459, em A. Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad,* p. 309.

30. Sura 47: 22.

31. Ibn Ishaq, *Sira* 543, em A. Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad,* p. 361.

32. Ibid. , 545, p. 363.

33. Muhammad ibn Ummar al-Waqidi, *Kitab al-Maghazi* 214, citado em Martin Lings, *Muhammad: his life based on the earliest sources* (Londres, 1983), p. 176.

34. Ibn Ishaq, *Sira* 559, em A. Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad,* p. 372.

35. Ibid. , 562, p. 374.

36. Ibid.

37. Ibid. , 583, p. 386.

38. *Muhammad at Medina*, p. 184.

39. Sura 4: 2-3.

40. Sura 4: 23.

41. Sura 2: 225-40; 65: 1-70.

42. Sura 4: 3.

43. Sura 6: 152.

44. Mateus 6: 26.

45. Sura 24: 32.

46. Citado em Maxime Rodinson, *Mohammed*, trad. Anne Carter (Londres, 1961), p. 192. Não há indicação de fonte.

47. Muhammad ibn Sa'ad, *Kitab at-Tabaqat al-Kabir*, VIII, 71-2, citado em Martin Lings, *Muhammad*, p. 213.

48. Sura 33: 36-40.

49. Sura 33: 53.

50. Ibn Ishaq, *Sira* 729, p. 493.

51. Ibid. , 726, p. 491.

52. Ibid. , 735, p. 496.

53. Ibid. , 735, p. 496, e *Ahadith* de Ahmad ibn Hanilal VI: 60, 197, e Muhammad ibn al-Bukhari, III: 108, 296; citado em Nabia Abbot, *Aishah, the beloved of Muhammad* [Aisha, a amada de Maomé] (Chicago, 1942), p. 36. O patriarca cujo nome Aisha não conseguia lembrar era, claro, Jacó. Ver Corão, sura 12: 18.

54. Sura 24: 11.

55. Waqidi, *Kitab al-Maghazi*, 448-9; Ibn Sa'd, *Tabaqat*, 2: 51, citado em Lings, *Muhammad*, p. 218.

56. Ibn Ishaq, *Sira* 677, p. 454.

57. Sura 33: 10-1.

58. Ibn Ishaq, *Sira* 675, p. 453.

59. Sura 33: 10-1.

60. Ibn Ishaq, *Sira* 683, p. 460.

61. Waqidi, *Kitab*, 488-90, citado em Lings, *Muhammad*, p. 227.

62. Ibn Ishaq, *Sira* 689, p. 464.

63. Ibid. , 689, pp. 464-5.

64. Ver Bernard Lewis em *Semites and anti-semites, an inquiry into conflict and prejudice* [Semitas e anti-semitas: uma investigação sobre conflito e preconceito] (Londres, 1986), pp. 117-39, 164-259.

65. Sura 2: 191, 251.

66. Sura 8: 62-3.

67. Sura 3: 147-8.

68. Watt, *Muhammad at Medina*, pp. 215-7; Rodinson, *Mohammed*, p. 214.

9. SANTA PAZ

1. Sura 48: 27.

2. Muhammad ibn Umar al-Waqidi, *Kitab al-Maghazi* 587, citado em Martin Lings, *Muhammad: his life based on the earliest sources* (Londres, 1983), p. 247.

3. Muhammad ibn Ishaq, *Sirat Rasul Allah* 741, in A. Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad* (Londres, 1955), p. 500.

4. Ibid.

5. Ibid.

6. Ibid, 743, p. 501.

7. Ibid. , p. 502.

8. Ibid. , 745, pp. 503.

9. W. Montgomery Watt, *Muhammad at Medina* (Oxford, 1956), p. 50.

10. Ibn Ishaq, *Sira* 748, in A. Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 505.

11. Ibid. , 747, p. 504.

12. Trata-se de seu casamento com Juwayriyah, filha de al-Mustaliq, chefe dos Khuza'ah, depois do ataque de al-Mustaliq em janeiro de 627.

13. Ibn Ishaq, *Sira* 747, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 504.

14. Ibid. , 748, p. 505.

15. Citado em Lings, *Muhammad*, p. 254. Não há indicação de fonte.

16. Ibid. , p. 255.

17. Sura 48: 1-3.

18. Sura 48: 4.

19. Sura 48: 10-7.

20. Sura 48: 20.

21. Sura 48: 26.

22. Sura 48: 29.

23. Mateus 10: 34-6.

24. Ibn Ishaq, *Sira* 751, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 507.

25. Ibid. , 752, p. 507.

26. Sura 2: 174-5.

27. Marshall G. S. Hodgson, *The venture of islam: conscience and history in a world civilization* [A empresa do islã: consciência e história na civilização mundial] (Chicago, 1974), vol. I, p. 339.

28. Sura 17: 35.

29. Sura 5: 49. Cf. 16: 127, 42: 37.

30. Sura 2: 177.

31. Sura 2: 177. Maomé foi criticado por não abolir a escravidão, mas é um julgamento anacrônico. A instituição também é dada como pressuposta pelos escritores do Novo Testamento. De fato, Maomé reduziu a escravidão na Arábia impondo a *Pax islamica*, que reduziu os reides e a violência na península.

32. Também é verdade que o espírito de igualdade foi profundamente fixado na cultura do Oriente Médio e que o islã é, em parte, uma resposta a isso.

33. Watt, *Muhammad at Medina*, p. 268.

34. William and Fidelity Lancaster, "The Gulf crisis and Arab disenchantment" [A crise do Golfo e o desencantamento árabe], *Middle East International*, 385, 12 de outubro de 1990 (Para as visões árabes sobre a divisão entre muçulmanos).

35. Muhammad ibn Sa'd, *Kitab al-Tabaqat al-Kabir* VII, 147, citado em Lings, *Muhammad*, p. 271.

36. Citado em Lings, *Muhammad*, p. 282. Não há indicação de fonte.

37. Ibn Ishaq, *Sira* 717, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 485.

38. Muhammad ibn Isma'if al-Bukhari, *Ahadith* LXIII, 6, citado em Lings, *Muhammad*, p. 275.

39. Sura 33: 28-9.

40. Sura 33: 35.

41. Discuti isso com mais detalhes em *The Gospel according to woman: christianity's creation of the sex war in the West* [O Evangelho segundo as mulheres: a criação cristã da guerra entre os sexos no Ocidente] (Londres, 1986).

42. Tradição de Abu Na'im al-Isfahani, *dala'il an nubuwwa*, II, 45, citada em Nabia Abbott, *Aisha, the beloved of Muhammad* (Chicago, 1942), p. 67.

43. Ibn Ishaq, *Sira* 812, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 546.

44. Ibid. , 815, p. 548.

45. Sura 17: 82.

46. Ibn Ishaq, *Sira* 821, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 553. O versículo do Corão está na sura 49: 13.

47. Citado em Lings, *Muhammad*, p. 304. Não há indicação de fonte.

48. Abu Ja'far ar-Tabari, *Tabari ar-Rasul wa'l-Muluk* 1642, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 553.

49. Muhammad Zafrulla Khan, *Islam: its meaning for modern man* (Londres, 1962), p. 60.

50. Citado em Lings, *Muhammad*, p. 311. Não há indicação de fonte.

51. Ibn Ishaq, *Sira* 886, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, pp. 596-7.

52. Sura 9: 66.

53. Sura 9: 108. Sugeriu-se que os muçulmanos rebeldes estavam em contato com Abu Amir, o monoteísta conhecido como O Monge que se mudara para Meca após a chegada de Maomé a Medina.

10. A MORTE DO PROFETA?

1. Citado em Martin Lings, *Muhammad: his life based on the earliest sources* (Londres, 1983), p. 317. Não há indicação de fonte.

2. Ali Shariati, *Hajj*, trad. Laleh Bakthiar (Teerã, 1988), pp. 54-6.

3. Muhammad ibn Ishaq, *Sirat Rasul Allah* 969, in A. Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad* (Londres, 1955), p. 651.

4. Ibid. , 1000, p. 678.

5. Ibid. , 1006, p. 679.

6. Ibid. , 1011, p. 682.

7. Ibid. , 1012, p. 683.

8. Sura 3: 144.

9. Ibn Ishaq, *Sira* 1013, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 683.

10. Wilfred Cantwell Smith, *Islam and modern history* (Princeton e Londres, 1957), p. 32. Ele sugere isso, mas alerta que não são muitos os muçulmanos que endossam essa idéia.

11. Ibn Ishaq, *Sira* 1017, in Guillaume (org. e trad.), *The life of Muhammad*, p. 687.

12. Instruções dadas por Ali a Malik al-Ashtar quando este foi nomeado governante do Egito. In William C. Chittick (org. e trad.), *A shi'ite anthology* (Londres, 1980), p. 75.

13. Discuto isso em *Holy war: the crusades and their impact on today's world* (Londres, 1988), pp. 223-84.

14. *Encyclopædia of islam* [Enciclopédia do islã] (1ª ed. , Leiden, 1913). Informação sob o verbete "Tasawwuf" citada também em Malise Ruthven, *Islam and the world* [O islã e o mundo] (Londres, 1984), p. 230.

15. Shariati, *Hajj*, p. 54.

16. Seyyid Hossein Nasr, *Ideas and realities of islam* [Idéias e realidades do islã] (Londres, 1966), p. 88.

17. Seyyid Hossein Nasr, "The significance of the *sunnah* and the *hadith* in islamic spirituality" [O significado da *suna* e do *hadith* na espiritualidade islâmica], in *Islamic spirirituality: foundation* [Espiritualidade islâmica: fundações], organizado também por ele (Londres, 1987), pp. 107-8.

18. Smith, *Islam and modern history*, p. 305.

Bibliografia selecionada

ABBOTT, Nabia. *Aishah, the beloved of Muhammad* [Aisha, a amada de Maomé]. Chicago, 1942.

ALIGHIERI, Dante. *The divine comedy* [*Divina comédia*], Cantica I: Hell (trad. Dorothy L. Sayers). Londres, 1949.

ANDRAE, Tor. *Muhammad. The man and his faith* [Maomé: o homem e sua fé] (trad. Theophil Menzel). Londres, 1936.

ARBERRY, Arthur J. *The Koran interpreted* [O Corão interpretado]. Oxford, 1964.

_____ *Sufum: An account of the mystics of islam* [Sufismo: um relato sobre o misticismo do islã]. Londres, 1950.

ARMSTRONG, Karen. *The Gospel according to woman: christianity's creation of the sex war in the West* [O Evangelho segundo as mulheres: a criação cristã da guerra entre os sexos no Ocidente]. Londres e Nova York, 1986.

_____ *Holy war: The crusades and their impact on today's world* [Guerra santa: as cruzadas e seu impacto no mundo atual]. Londres, 1988; Nova York, 1991.

BAUDRICOURT, M. *La guerre et le gouvernement de l'Algérie* [A guerra e o governo da Argélia]. Paris, 1853.

BELL, Richard. *The origin of islam in its christian environment* [A origem do islã em arredores cristãos]. Londres, 1926.

_____ *Qu'ran. Translated with a critical re-arrangement of its suras* [Corão. Tradução e reorganização crítica das suras], 2 vols. Edimburgo, 1937-9.

BOULARES, Habib. *Islam: the fear and the hope* [Islã: o medo e a esperança] (trad. de Lewis Ware). Londres, 1990.

BROWN, Peter. *The making of late Antiquity* [A construção da Antigüidade tardia]. Cambridge, Mass., e Londres, 1978.

CAMPBELL, Joseph (com Bill Moyers). *The power of myth* [O poder do mito]. Nova York e Londres, 1988.

CARLYLE, Thomas. *On heroes and hero-worship* [Dos heróis e do culto aos heróis]. Londres, 1841.

CHITTICK, William C. (org. e trad.). *A shi'ite anthology* [Antologia xiita]. Londres, 1980.

CORBIN, Henri. *Creative imagination in the sufism of Ibn Arabi* [Imaginação criativa no sufismo de Ibn Arabi] (trad. Ralph Manheim). Londres, 1970.

_____ *Spiritual body and celestial Earth: from mazdean Iran to shi'ite Iran* [Corpo espiritual e terra celeste: do Irã mazdeísta ao Irã xiita] (trad. Nancy Pearson). Londres, 1990.

CRONE, Patricia & COOK, Michael. *Hagarism: The making of the islamic world* [Agarismo: a construção do mundo islâmico]. Cambridge, 1977.

CUPITT, Don. *Taking leave of God* [Despedindo-se de Deus]. Londres, 1980.

DAN, Joseph. "The religious experience of the *Merkavah*" [A experiência religiosa da *merkavah*], in Arthur Green

(org.), *Jewish spirituality* [Espiritualidade judaica]. 2 vols. Londres, 1986. vol. I.

DANIEL, Norman. *Islam and the West: The making of and image* [O islã no Ocidente: a construção de uma imagem]. Edimburgo, 1960.

_____ *The Arabs and medieval Europe* [Os árabes e a Europa medieval]. Londres e Beirute, 1975.

DESHTI, Ali. *Twenty-three years* [Vinte e três anos] (trad. F. R. C. Bagley). Londres, 1985.

DRONKE, Peter. *Women writers of the Middle Ages: A critical study of texts from Perpetua (d.203) to Marguerite Porete (d.1310)* [Escritoras medievais: um estudo crítico de textos de Perpétua (m. 203) a Marguerite Porete (m. 1310)]. Cambridge: 1984.

ECO, Umberto. *Travels in hyper-reality* [Viagens pela hiper-realidade]. Londres, 1987.

ELIADE, Mircea. *The sacred and the profane: The nature of religion* [O sagrado e o profano: a natureza da religião] (trad. Willard R. Trask). Nova York, 1959.

FREND, W. H. C. *Martyrdom and persecution in the early church: A study of a conflict from the Maccabees to Donatus* [O martírio e a perseguição na Igreja primitiva: estudo de um conflito dos macabeus até Donato]. Oxford, 1965.

FULLER, Peter. *Images of God: The consolations of lost illusions* [Imagens de Deus: os consolos das ilusões perdidas]. Londres, 1982.

GABRIELI, Francesco. *Muhammad and the conquests of lslam* [Maomé e as conquistas do islã] (trad. Virginia Luling e Rosamund Linell). Londres, 1968.

GIBBON, Edward. *The decline and fall of the Roman Empire*. [Declínio e queda do Império Romano], org. Dero E. Saunders, reunida em um volume. Londres, 1980.

GILSENAN, Michael. *Recognizing islam, religion and society in the modern Middle East* [Reconhecendo o islã: religião e sociedade no Oriente Médio]. Londres e Nova York, 1982.

GREEN, Arthur (org.). *Jewish spirituality* [Espiritualidade judaica], 2 vols. Londres, 1986-8.

GUILLAUME, A. (org. e trad.). *The life of Muhammad: A translation of Ishaq's Sirat Rasul Allah* [A vida de Maomé: uma tradução das *Risat Rasul Allah*, de Ibn Ishaq]. Londres, 1955.

HESCHEL, Abraham J.. *The prophets* [Os profetas], 2 vols. Nova York, 1962.

HILL, Rosalind (org. e trad.). *Gesta francorum or the deeds of the Franks and the other pilgrims to Jerusalem* [*Gesta francorum* ou os feitos dos francos e de outros peregrinos em Jerusalém]. Londres, 1962.

HODGSON, Marshall G. S. *The venture of islam: conscience and history in a world civilization* [A empresa do islã: consciência e história na civilização mundial], 3 vols. Chicago, 1974.

IQBAL, Sir Mohammad. *Six lectures on the reconstruction of religious thought in islam* [Seis palestras sobre a reconstrução do pensamento religioso no islã]. Lahore, 1930.

JEAN de Joinville. *The life of st Louis* [A vida de são Luís] (trad. René Hague e Natalis de Wailly). Londres, 1955.

KABBANI, Rana. *Europe's myths of the Orient* [Mitos europeus sobre o Oriente]. Londres, 1986.

_____ *Letter to christendom* [Carta à cristandade]. Londres, 1989.

KEDAR, Benjamin. *Crusade and mission: European approaches towards the muslims* [As cruzadas e as missões: abordagens européias aos muçulmanos]. Princeton, 1984.

KEDDIE, Nikki R. (ed.). *Religion and politics in Iran: shiism from quietism to revolution* [Religião e política no Irã: o xiismo do quietismo à revolução]. New Haven e Londres, 1983.

KEPEL, Gilles. *The Prophet and pharaoh: muslim extremism in Egypt* [O Profeta e o faraó: extremismo muçulmano no Egito] (trad. Jon Rothschild). Londres, 1985.

KHAN, Muhammad Zafrulla. *Islam: its meaning for modern man* [Islã: seu significado para o homem moderno]. Londres, 1962.

LEAMAN, Oliver. *An introduction to medieval islamic philosophy* [Uma introdução à filosofia islâmica medieval]. Cambridge, 1985.

LEWIS, Bernard. *The Arabs in history* [Os árabes na história]. Londres, 1950.
_____ *Islam from the prophet Mohammad to the capture of Constantinople* [O islã do profeta Maomé até a conquista de Constantinopla], 2 vols. vol. I: *Politic and war* [Política e guerra], vol. II: *Religion and society* [Religião e sociedade]. Nova York e Londres, 1976.
_____ *The Muslim discovery of Europe* [O descobrimento da Europa pelos muçulmanos]. Nova York e Londres, 1982.
_____ *The Jews of islam* [Os judeus do islã]. Nova York e Londres, 1982.
_____ *Semites and anti-semites: an inquiry into conflict and prejudice* [Semitas e anti-semitas: uma investigação sobre conflito e preconceito]. Londres, 1986.
LIEBESCHUETZ, J. H. W. G. *Continuity and change in roman religion* [Continuidade e mudança na religião romana]. Cambridge, 1979.
LINGS, Martin. *Muhammad: his life based on the earliest sources* [Maomé: sua vida baseada nas primeiras fontes]. Londres, 1983.
MANSFIELD, Peter. *The Arabs* [Os árabes]. 3ª. ed. Londres, 1985.
MASSIGNON, Louis. *La passion d'Hallaj* [A paixão de Hallaj], 2 vols. Paris, 1922.
NASR, Sayyid Hossein. *Muhammad: man of Allah* [Maomé: homem de al-Llah]. Londres, 1982.
_____ (org.). *Islamic spirituality: foundation* [Espiritualidade islâmica: fundações]. Londres, 1987.
_____ *Ideals and realities of islam* [Idéias e realidades do islã]. Londres, 1966.
NICHOLSON, R. A. *The mystics of lslam* [Os místicos do islã]. Londres, 1914.
_____ *Eastern poetry and prose* [Poesia e prosa do Oriente]. Cambridge, 1922.
PARRINDER, Geoffrey. *Sex in the world's religions* [O sexo nas grandes religiões mundiais]. Londres, 1980.
PERNOUD, Régine. *The crusaders* [Os cruzados] (trad. Enid Grant). Edimburgo e Londres, 1963.
PRIDEAUX, Humphry. *The true nature of imposture, fully displayed in the life of Mahomet* [A verdadeira cara da impostura, totalmente exposta na vida de Maomé]. 7ª. ed. Londres, 1708.
RODINSON, Maxime. *Mohammed* (trad. Anne Carter). Londres, 1971.
_____ *Europe and the mystique of islam* (trad. Roger Veinous). Londres, 1988.
RUTHVEN, Malice. *Islam in the world* [O islã no mundo]. Londres, 1984.
_____ *A satanic affair: Salman Rushdie and the rage of islam* [Um caso satânico: Salman Rushdie e a raiva do islã]. Londres, 1990.
SAID, Edward W. *Orientalism: Western conceptions of the Orient* [Orientalismo: concepções ocidentais do Oriente]. Nova York e Londres, 1978.
_____ *Covering islam: how the media and the experts determine how we see the rest of the world* [Cobrindo o islã: Como a mídia e os especialistas determinam o modo como vemos o resto do mundo]. Nova York e Londres, 1981.
SARDAR, Ziauddin & DAVIES, Merryl Wyn. *Distorted imagination: lessons from the Rushdie affair* [Imaginação di[]storcida: lições do caso Salman Rushdie]. Londres, 1990.
SAUNDERS, J. J. *A history of medieval islam* [Uma história do islã medieval]. Londres e Boston, 1965.
SCHIMMEL, Annemarie. *And Muhammad is his messenger. The veneration of the Prophet in islamic piety* [E Maomé é seu mensageiro: a veneração ao Profeta na devoção islâmica]. Chapel Hill e Londres, 1985.
SCHOLEM, Gershom G. *Major trends in Jewish mysticism* [Principais tendências no misticismo judaico]. 2ª. ed. Londres, 1955.
SCHUON, Frithjof. *Understanding islam* [Compreendendo o islã]. Londres, 1963.
SHARIATI, Ali. *Hajj* (trad. Laleh Bakhtiar). Teerã, 1988.
_____ *What is to be done?: The enlightened thinkers and an islamic Renaissance* [O que fazer?: Os pensadores do Iluminismo e uma Renascença islâmica]. ed. Farhang Rajaee. Houston, 1986.

SIDERSKY, D. *Les origines des légendes musulmanes dans le Coran et dans les vies des prophètes* [As origens das lendas muçulmanas no Corão e na vida dos profetas]. Paris, 1933.

SMITH, Wilfred Cantwell. *Islam in modern history* [O islã na história moderna]. Princeton e Londres, 1957.

_____ *Towards a world theology* [Rumo a uma teologia mundial]. Londres, 1981.

SOUTHERN, R. W. *Western views of islam in the Middle Ages* [Visões ocidentais do islã na Idade Média]. Cambridge, Mass., 1962.

STEINER, George. *Real presences: is there anything in what we say?* [Presenças reais: há algo naquilo que dizemos?]. Londres, 1989.

TORREY, C. C. *The commercial-theological terms in the Koran* [Palavras teológico-comerciais no Corão]. Leiden, 1892.

TOYNBEE, A. J. *A study of history* [Um estudo da história]. Londres, 1951.

TRIMINGHAM. J. Spencer. *Christianity among the Arabs in pre-islamic times* [O cristianismo entre os árabes durante o período pré-islâmico]. Londres, 1979.

VON GRUNEBAUM, G. E. *Classical islam: a history 600-1258* [O período clássico do islã: de 600 a 1258]. (trad. Katherine Watson). Londres, 1970.

WATT, W. Montgomery. *Muhammad at Mecca* [Maomé em Meca]. Oxford, 1953.

_____ *Muhammad at Medina* [Maomé em Medina]. Oxford, 1956.

_____ *Islam and the integration of society* [O islã e a integração da sociedade]. Londres, 1961.

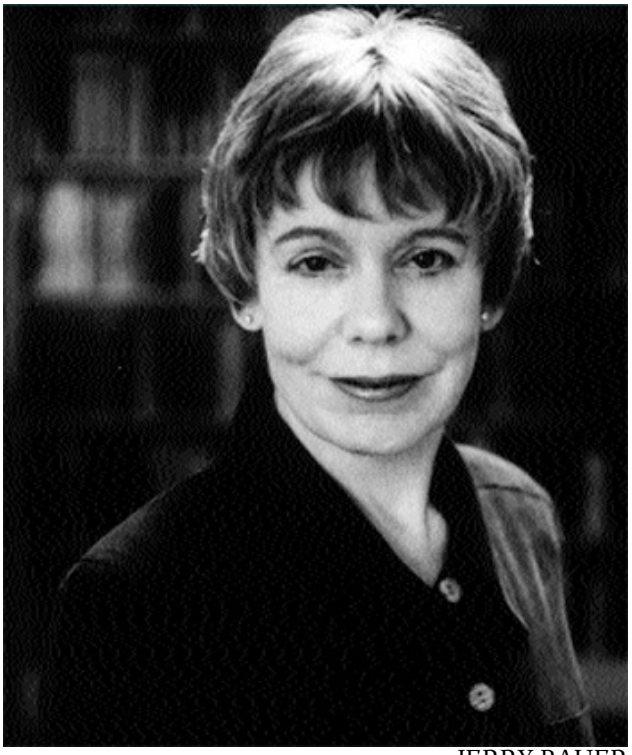
_____ *Muhammad's Mecca: history in the Qu'ran* [A Meca de Maomé: a história no Corão]. Edimburgo, 1988.

WELDON, Fay. *Sacred cows* [Vacas sagradas]. Londres, 1989.

WENSINCK, A. J. *The muslin creed: its genesis and historical development* [O credo muçulmano: origem e desenvolvimento histórico]. Cambridge, 1932.

Agradecimentos

Agradeço a Liz Knights, minha editora em Gollanez, e a Peter James, meu revisor, pelo trabalho cuidadoso com os manuscritos e pelas valiosas sugestões. Meus agradecimentos especiais a Rana Kabbani, por sua inestimável colaboração.



JERRY BAUER

Karen Armstrong nasceu na Inglaterra, em 1945. Viveu uma vida monástica durante sete anos, como freira católica. Bacharel pela Universidade de Oxford, foi professora de literatura moderna na Universidade de Londres. Leciona no Leo Baeck College for the Study of Judaism and the Training of Rabbis and Teachers e é membro honorário da Association of Muslim Social Sciences. Em 1999 recebeu o Muslim Public Affairs Council Media Award. Em 2000 o Islamic Center of Southern California rendeu-lhe homenagem por promover o entendimento entre as três religiões monoteístas. Suas obras mais prestigiadas incluem Uma história de Deus (1994), Jerusalém, uma cidade, três religiões (2000) e Em nome de Deus (2001), todas publicadas pela Companhia das Letras.

Copyright © 1991 by Karen Armstrong

Título original
Muhammad: a biography of the prophet

Capa
Raul Loureiro

Foto da capa
Jonathan M. Bloom e Sheila S. Blair

Preparação
Wladimir Araújo

Revisão
Ana Maria Barbosa
Cláudia Cantarin
ISBN 978-85-438-0265-7

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3167-0801
Fax: (11) 3167-0814
www.companhiadasletras.com.br